



Os Bridgertons: Felizes Para Sempre

1

Querido leitor,

Alguma vez já se perguntou o que acontece com seu personagem favorito, depois de fechada a página final? Já quis um pouco mais de seu romance favorito? Eu sim, e se minhas conversas com leitores são uma indicação, eu não sou a única.

Então depois de inúmeros pedidos, revisei os romances "Os Bridgertons" e dei a cada uma das histórias, um segundo epílogo - A história que vem depois da história;

Para aqueles que não leram ainda os romances anteriores "Os Bridgertons" eu devo advertir que esses 2º Epílogos podem acabar não fazendo muito sentido, se não acompanharam a história toda.

Para aqueles que já leram os anteriores romances "Os Bridgertons"

eu espero de coração que apreciem a leitura, tanto quando eu apreciei os escrever.

Afetuosamente,

Julia Quinn

Nota da tradutora: *Busquei ansiosa esse último livro logo quando terminei o 8º dos Bridgertons, mas sem sucesso. Como é difícil ler diretamente em inglês, resolvi traduzir, a princípio somente para que eu pudesse entender melhor a história e não perder a sagacidade da Júlia em sua narrativa. Mas confesso que me empolguei quando vi que a tradução não estava tão mal, e pensei: Por que não compartilhar com quem também deseja ler esse último livro, onde Julia nos agracia com mais um epílogo para cada uma das histórias anteriores? Então gostaria de salientar: Não sou uma tradutora experiente e tão pouco domino o inglês, se encontrarem erros gravíssimos, peço perdão. Meu objetivo é acima de todos, poder compartilhar esse maravilhoso trabalho que a autora criou, com as histórias mais belas que já li: Os Bridgertons.*

Isabella Oliveira

2

O Duque e Eu

O Visconde que me amava

Um perfeito cavalheiro

Os segredos de Colin Bridgerton

Para Sir Phillip, com amor

O Conde enfeitado

Um beijo inesquecível

A caminho do altar

***Violet em flor**

3

2º epílogo:

O Duque e Eu

4

***Nota da autora:** No meio do livro O Duque e eu, Simon se recusa a aceitar um pacote de cartas escritas a ele por seu pai que sempre fora distante. Daphne, prevendo que ele pudesse algum dia mudar de ideia, guarda as cartas consigo, mas quando ela as oferece para Simon, no final do livro, ele decide não abri-las. Eu não tinha previsto inicialmente que ele fizesse isso; Eu sempre imaginei que haveria algo de grande e importante nessas cartas. Mas quando Daphne as estendeu para ele, tornou-se claro para mim que Simon não precisava ler as palavras do pai. Porque finalmente já não importava o que o pai havia pensado dele.*

Os leitores queriam saber o que estava nas cartas, mas devo confessar: eu não. O que me interessava era o que seria necessário para fazer Simon querer lê-las. . .

***Nota da tradutora:** É tão divertido vê-los depois de tantos anos de casados, e ver como Simon se tornou um homem extremamente*

confortável em família. Não me esqueço nunca de como os dois eram inexperientes quando se casaram e os problemas começaram, e de como sofri junto ao Simon por todos os seus problemas de infância.

Nessa pequena história a autora nos lembra como Daphne foi e ainda continua sendo o divisor de águas na vida dele, e em como o amor dos dois foi forte o suficiente para deixar os fantasmas de toda uma vida para trás.

É lindo ver que o contato com o verdadeiro amor foi capaz de neutralizar todo ressentimento por não ter sido amado antes. E Simon continua sendo aquele terrível (e encantador) sedutor nato.

5

Matemática nunca tinha sido uma das melhores matérias para Daphne Basset, mas ela podia contar até trinta, e como trinta é geralmente o número máximo de dias corridos em um mês, o fato de ela estar olhando seu calendário de mesa e contando até quarenta e três, era motivo para alguma preocupação.

"-Isso é impossível!" ela disse para o calendário, meio que esperando que ele respondesse. Sentou-se então lentamente, tentando recordar os acontecimentos das últimas seis semanas. Talvez tivesse

contado errado. ela tinha sangrado a última vez quando visitava a sua mãe, o que tinha sido em 25 e 26 de março, o que significava que....

Ela contou de novo, fisicamente dessa vez, tocando cada quadradinho com o dedo indicador.

43 dias

Ela estava grávida

"-Bom Deus!" e mais uma vez o calendário tinha pouco a falar sobre o assunto.

Não, não, não podia ser. Ela tinha 41 anos de idade, e com isso não dá pra dizer que nenhuma mulher no mundo tinha dado a luz aos 42 anos de idade, mas já havia passado 17 anos desde a última vez em que concebeu. 17 anos de maravilhosas relações conjugais com seu marido, dos quais eles não tinham feito nada, absolutamente nada para evitar uma gravidez;

Daphne tinha assumido que seu período fértil tinha simplesmente terminado. ela teve seus quatro filhos em uma rápida sucessão, um por ano nos 4 primeiros anos de casamento. e então, depois, nada. Ficou surpresa quando seu caçula fez seu primeiro aniversário e ela não estava grávida, e então depois o segundo aniversário, e o terceiro e sua barriga manteve estável e olhou para sua ninhada: Amelia, Belinda, Caroline, e David e decidiu que ela tinha sido abençoada além da conta, quatro filhos fortes e saudáveis, um deles, um garotinho que um dia tomaria o lugar do seu pai como o Duque de Hastings.

Além disso, Daphne não apreciava particularmente o estado de grávida.

Seus tornozelos inchavam e suas bochechas inchavam e seu trato

digestivo fazia coisas que ela absolutamente não desejava experimentar novamente. Pensou na sua cunhada Lucy, que brilhava positivamente em cada gravidez, o que era uma boa coisa, já que Lucy estava

atualmente no seu 14º mês de gestação de seu 5º filho. Ou nove meses, 6

conforme deve ser; Mas Daphne tinha a visto há alguns dias atrás e agora aparenta estar com pelo menos 14º meses de barriga crescida.

Enorme. Espantosamente enorme. Mas ainda brilhando e com os

tornozelos incrivelmente delicados.

"-Eu não posso estar grávida!" - Disse Daphne passando a mão em sua barriga lisa. Talvez estivesse passando pela *mudança*. 41 anos de idade pode parecer muito jovem para isso, mas novamente, não é uma

daquelas coisas em que as pessoas nunca ouviram falar.

Ela deveria estar feliz, agradecida. Sangrar é um terrível incômodo.

Ouviu passos vindo em sua direção no corredor e ela rapidamente deslizou um livro sobre o calendário, embora não tinha ideia do que poderia estar escondendo. Era apenas um calendário. Não era nenhum

"x" grande e vermelho, seguido pela a anotação: "Sangrou esses dias"

Seu marido entrou na sala. "-Oh, ótimo, aí está! Amélia está procurando por você."

"-Por mim?"

"-Se há um Deus misericordioso, ela não está procurando por mim"

Simon retrucou

"-Oh querido!" Daphne murmurou. Normalmente ela teria uma resposta mais inteligente, mas sua mente ainda estava na possível gravidez, na possivelmente crescente barriga em sua idade de 41 anos.

"-Algo sobre um vestido" - ele comenta

"-O Verde ou o rosa?"

"-Sério??"

"-Não, é claro que você não sabe" Diz ela distraidamente.

Ele pressionou seus dedos nas têmporas e se afundou na cadeira mais próxima. "-Quando ela irá se casar?"

"-Não até ela ficar noiva"

"-E quando será isso?"

Daphne sorriu. "-Ela recebeu cinco propostas o ano passado. Você foi aquele que disse que ela não deveria se casar se não fosse um casamento por amor."

7

"-Eu não ouvi você discordar"

"-Eu não discordo"

Ele suspirou. "-Como nós conseguimos ter três meninas na sociedade, ao mesmo tempo?"

"-A laboriosidade da procriação no início do nosso casamento" Daphne respondeu em seguida e então se lembrou do calendário em sua mesa.

Aquele com o "X" vermelho que ninguém podia ver, além dela.

"-Laboriosidade, hmmm?" Ele olhou para a porta aberta "-Uma escolha de palavras interessante"

Ela deu uma olhada em sua expressão e sentiu-se tornar pink "-Simon, estamos no meio do dia!"

Seus lábios deslizaram em um sorriso lento "-Não me lembro de que isso nos impedisse quando estávamos no auge de nossa laboriosidade"

"-Se as meninas subirem aqui..."

Ele se pôs de pé "-Eu vou trancar a porta"

"-Oh, Deus do céu, assim que elas saberão"

Ele trancou com um clique decisivo e se voltou para ela com uma sobrancelha arqueada "-E de quem é a culpa?"

Daphne recuou. Apenas um pouquinho. "-De nenhuma maneira eu enviaria qualquer uma de minhas filhas para um casamento,

irremediavelmente ignorante tal como eu era.

"-Encantadoramente ignorante" ele murmurou cruzando a sala para pegar a mão dela.

Ela permitiu que Simon a arrastasse para ele. "-Você não achou tão charmoso quando presumi que você era impotente"

Ele fez uma careta "-Muitas coisas na vida são mais charmosas em retrospecto"

"-Simon..."

Ele acariciou sua orelha "-Daphne..."

Sua boca deslizou ao longo da linha da garganta, e ela sentiu que iria derreter. Vinte e um anos de casamento e ainda...

8

"-Pelo menos as cortinas" ela murmurou. Não que alguém pudesse ver alguma coisa com o sol brilhando de forma tão intensa, mas eles estavam no meio de Mayfair, afinal, e possivelmente com todo seu círculo de amizades passeando do lado de fora.

Ele correu para a janela, mas para fechar somente a tela de musselina

"-Eu gostaria de vê-la" ele disse lhe dando um sorriso de menino.

E então, com notável rapidez e agilidade, ajustou a situação de modo que ele já estava vendo-a toda, e ela estava na cama, gemendo baixinho enquanto ele beijava o interior dos joelhos.

"-Oh, Simon", ela suspirou. Ela sabia exatamente o que ele ia fazer a seguir. Ele moveu-se para cima, beijando e lambendo o caminho ao longo de sua coxa.

E ele fez isso tão bem.

"-O que você está pensando?", Ele murmurou.

"-Agora?", Ela perguntou, tentando voltar de seu estado de entorpecimento. Ele estava com sua língua no vinco entre sua perna e seu abdômen e perguntou no que ela poderia pensar?

"-Você sabe o que eu estou pensando?", ele perguntou.

"-Se não é sobre mim, eu vou ficar terrivelmente decepcionada."

Ele riu, moveu a cabeça para que ele pudesse soltar um leve beijo em seu umbigo, em seguida, subiu até escovar os lábios suavemente contra os dela. "-Eu estava pensando como é maravilhoso conhecer uma pessoa, tão completamente. "

Ela estendeu a mão e abraçou-o. Não podia evitar isso. Ela escondeu o rosto na curva quente do seu pescoço, inalou o cheiro familiar dele, e disse: "-Eu te amo".

"-Eu te adoro."

Oh, ele faria disso uma competição, então? Ela afastou-se somente o suficiente para dizer "-Eu sou louca por você!"

Ele arqueou uma sobrancelha "-Você é louca por mim?"

"-Foi o melhor que pude imaginar em tão pouco tempo" ela encolheu os ombros "-E além do mais, eu sou"

"-Muito bem" e então seus olhos escureceram "-Eu a venero!"

9

Os lábios de Daphne se separaram. Seu coração bateu, em seguida, capotou, e ficou sem fala, sem conseguir pensar em qualquer réplica à altura. "-Eu acho que você ganhou", disse ela, com a voz tão rouca que ela mal reconheceu.

Ele a beijou novamente, longo e quente, e penosamente doce. "-Oh, eu sei que sim."

Sua cabeça caiu para trás quando ele fez o caminho de volta para sua barriga. "-Você ainda tem que

me venerar", ela disse.

Ele se prostrou. "-Nisso, Vossa Graça, eu serei sempre seu servo."

E essa foi a última coisa que qualquer um deles disse por um bom tempo.

Alguns dias depois, Daphne se viu olhando para o calendário uma vez mais. Fazia 46 dias agora, desde seu último período, e ela ainda não tinha dito nada a Simon. Ela sabia que deveria, mas achou que fosse prematuro. Não poderia haver outra explicação para a falta de seu período -bastava só lembrar sua última visita a sua mãe. Violet Bridgerton estava constantemente abanando-se, insistindo que o ar estava abafado, embora Daphne tinha achado que estava perfeitamente agradável.

A única vez que Daphne pediu para alguém acender uma lareira, Violet tinha revogado ela com tal ferocidade que Daphne quase teve certeza de que ela fosse guardar a grelha com se pudesse por si só criar o fogo.

"-Nem pense em riscar um fósforo," Violet tinha rosnado.

Para que Daphne sabiamente respondeu: "-Acredito que eu deva buscar um xale." Ela olhou para a criada de sua mãe, tremendo ao lado da lareira. "-Er, e talvez você deve também."

Mas ela não se sentia acalorada agora. Ela sentia. . .

Ela não sabia o que sentia. Perfeitamente normal, realmente. O que era suspeito, como ela nunca tinha sentido nem um pouco normal,

enquanto estivera grávida antes.

"-Mamãe!"

Daphne deitou seu calendário e olhou por cima de sua escrivadinha a tempo de ver sua segunda filha, Belinda, parada na entrada sala.

"-Entre", disse Daphne, acolhendo a distração. "-Por Favor."

10

Belinda se sentou em uma confortável cadeira próxima, seus brilhantes olhos azuis encontrou os de sua mãe com sua franqueza habitual. "-

Você deve fazer algo a respeito de Caroline."

"-**Eu** devo?" Daphne interrogou, sua voz persistente, ligeiramente mais longa sobre o "eu"

Belinda ignorou o sarcasmo. "-Se ela não parar de falar sobre Frederick Snowe-Mann-Formsby, vou ficar louca."

"-Você não pode simplesmente ignorá-la?"

"-Seu nome é Frederick Snowe. . . Mann. . . Formsby! "

Daphne piscou.

"-Boneco de neve, Mamãe! Boneco de neve! "

"-É lamentável", Daphne concordou. "-Mas, Lady Belinda Basset, não se esqueça que você poderia ser comparada a um cão de orelhas caídas. "

O olhar de Belinda ficou muito cansado, e tornou-se imediatamente claro que alguém tinha de fato comparado-a a um basset hound.

"-Oh", disse Daphne, um pouco surpresa de que Belinda nunca tinha contado a ela sobre isso. "-Eu sinto muito."

"Foi há muito tempo", disse Belinda com uma fungada. "E eu lhe asseguro, que não foi dito mais de uma vez."

Daphne apertou os lábios, tentando não sorrir. Ele definitivamente não foi do tipo de incentivar socos, mas como ela tinha lutado durante sua vida adulta com sete irmãos, quatro deles homens, ela não podia deixar de pronunciar um tranquilo "-Bem-feito."

Belinda deu-lhe um aceno régio, em seguida, disse: "-Você vai ter uma conversa com Caroline?"

"-O que é que você quer que eu diga?"

"-Eu não sei. Seja o que for que você costuma dizer. Isso sempre parece funcionar. "

Não foi um elogio de qualquer forma, Daphne estava bastante certa, mas antes que pudesse dissecar a sentença, seu estômago deu uma cambalhota desagradável, seguido pelo tipo mais estranho de aperto, e então-11

"-Desculpe-me!", Ela gritou, e correu para o banheiro a tempo de alcançar o penico.

Oh meu Deus. Isso não era a menopausa. Ela estava grávida.

"-Mamãe?"

Daphne sacudiu a mão para trás para Belinda, tentando mandá-la embora.

"-Mamãe? Você está bem? "

Daphne vomitou novamente.

"-Vou chamar o papai", Belinda anunciou.

"-Não!" Daphne relativamente uivou.

"-Foi o peixe? Porque eu achei que o peixe estava com um gosto duvidoso. "

Daphne assentiu, esperando que seria o fim de tudo.

"-Oh, espere um momento, você não comeu o peixe. Eu me lembro perfeitamente. "

Oh, droga Belinda e sua maldita atenção aos detalhes.

Não era o mais maternal de sentimentos, Daphne pensou com ela, e mais uma vez soltou suas entranhas, mas ela não estava se sentindo particularmente caridosa no momento.

"-Você comeu pombo. Eu comi o peixe, e assim o fez David, mas você e Caroline comeram apenas pombo, e eu acho que papai e Amelia

também, e todos nós comemos a sopa, embora- "

"-Pare!" Daphne implorou. Ela não queria falar sobre comida. Mesmo a simples menção. . .

"-Eu acho que é melhor eu chamar o Papai", disse Belinda novamente.

"-Não, eu estou bem", Daphne engasgou, ainda sacudindo a mão atrás dela em um movimento pedindo para se calar. Ela não queria que

Simon visse-a assim. Ele saberia imediatamente do que se tratava.

Ou, talvez, mais ao ponto, o que estava prestes a acontecer. Em sete meses e meio, então daria mais algumas semanas.

"-Muito bem", admitiu Belinda ", mas, pelo menos, deixe-me ir buscar sua criada. Você deveria estar na cama. "

12

Daphne vomitou novamente.

"-Depois que você tiver acabado," corrigiu Belinda. "Você deveria estar na cama quando você tiver terminado a. . . ah

. . . isso. "

"0Minha criada", Daphne finalmente concordou. Maria iria deduzir a verdade instantaneamente, mas ela não diria uma palavra a ninguém, funcionários ou familiares. E talvez o mais urgente, Maria saberia exatamente o que levar, como um remédio. Ele teria um sabor vil e um cheiro pior, mas iria resolver o problema de seu estômago.

Belinda saiu correndo, e Daphne- uma vez que estava convencida de que não poderia haver mais nada no estômago - Cambaleou até sua cama. Mantinha-se extremamente quieta; até mesmo o menor movimento a fazia sentir como se estivesse no mar. "-Estou velha demais para isso", ela gemeu, porque ela estava. Certamente, ela estava. Se ela manteve-se fiel ao que era, por que esse confinamento não seria diferente dos quatro anteriores, ela iria ter náuseas por pelo menos mais dois meses. A falta de comida iria mantê-la magra, mas que duraria apenas até meados do verão, quando ela ia dobrar de tamanho, principalmente durante a noite. Seus dedos iriam inchar a ponto de que ela não poderia usar seus anéis, ela não entraria em qualquer um de seus sapatos, e até mesmo um único lance de escadas iria deixá-la ofegante.

Ela seria um elefante. Um, elefante de duas pernas e de cabelos castanhos.

"-Vossa Graça!"

Daphne não podia levantar a cabeça, então ela levantou a mão em vez disso, em uma saudação silenciosamente patética para Maria, que estava agora de pé ao lado da cama, olhando para ela com uma

expressão de horror. . .

. . . que estava deslizando rapidamente para a suspeita.

"-Vossa Graça", disse Maria de novo, desta vez com inflexão inconfundível. Ela sorriu.

"-Eu sei", disse Daphne. "-Eu sei."

"-O duque já sabe?"

"-Ainda não."

13

"-Bem, você não será capaz de esconder por muito tempo."

"-Ele nos deixa esta tarde e vai passar algumas noites em Clyvedon", disse Daphne. "-Eu vou dizer, quando ele voltar."

"-Você deveria dizer a ele agora", disse Maria. Vinte anos de emprego fez dar a uma empregada alguma licença para falar livremente.

Daphne moveu-se cuidadosamente para cima em uma posição

reclinada, parando uma vez para acalmar uma onda de náusea.

"-Pode não ser", disse ela. "-Na minha idade, muitas vezes acontece."

"Oh, eu acho que isso é ", disse Maria. "-Você já se olhou no espelho?"

Daphne balançou a cabeça.

"-Você está verde."

"-Pode não-"

"-Você não vai vomitar o bebê."

"-Maria!"

Maria cruzou os braços e espetou Daphne com um olhar. "-Você sabe a verdade, excelência. Só não quer admitir isso. "

Daphne abriu a boca para falar, mas não tinha nada a dizer. Ela sabia que Maria estava certa.

"-Se o bebê não fosse vingar", disse Maria, um pouco mais suavemente,

"você não estaria se sentindo tão mal. A minha mãe teve oito bebês depois de mim, e quatro derrotas. Ela nunca passava mal, nem mesmo uma vez, com o os que não vingaram. "

Daphne suspirou e assentiu, admitindo o ponto. "-Eu ainda vou esperar, no entanto," disse ela.

"-Só um pouco mais." Ela não tinha certeza por que queria manter isso para si mesma por mais alguns dias, mas fez. E como ela era a pessoa cujo corpo estava atualmente tentando transformar-se de dentro para fora, ela pensou bem que era sua decisão a tomar.

"-Oh, eu quase esqueci", disse Maria. "-Recebemos um recado de seu irmão. Ele está vindo para a cidade na próxima semana. "

"-Colin?", Perguntou Daphne.

Maria assentiu. "-Com a sua família."

14

"-Eles devem ficar com a gente", disse Daphne. Colin e Penelope não possuíam uma casa na cidade, e para economizar eles tendiam a ficar tanto com Daphne ou o seu irmão mais velho, Anthony, que tinha

herdado o título e tudo o que ia com ele. "-Por favor, peça para Belinda escrever uma carta em meu nome, insistindo para que venham a

Hastings House."

Maria deu um aceno de cabeça e partiu.

Daphne gemeu e foi dormir.

No momento em que Colin e Penelope chegaram, com seus quatro filhos queridos a tiracolo, Daphne estava vomitando várias vezes ao dia.

Simon ainda não sabia sobre sua condição; ele tinha sido retido na propriedade -algo sobre um campo inundado, e agora ele não deveria voltar até o final da semana.

Mas Daphne não ia deixar uma barriga enjoada ficar em seu caminho e impedir de cumprimentar seu irmão favorito.

"-Colin!", Exclamou ela, seu sorriso crescendo de forma vertiginosa na visão familiar de seus brilhantes olhos verdes. "-Há quanto tempo."

"-Concordo plenamente", disse ele, dando-lhe um abraço, enquanto Penelope tentava empurrar seus filhos para dentro da casa.

"-Não, você não pode perseguir aquele pombo!", Ela disse com firmeza.

"-Sinto muito, Daphne, mas-" Ela correu de volta para os degraus da frente, ordenadamente puxando seu filho de sete anos de idade, Thomas, pelo colarinho.

"-Seja grata que seus pirralhos estão crescidos", disse Colin com uma risada dando um passo para trás. "-Nós não podemos manter...- Bom Deus, Daff, o que há de errado com você?"

Confie em um irmão para dispensar o tato.

"-Você parece horrível", disse ele, como se não tivesse feito isso bem claro com sua primeira declaração.

"-Apenas estou um pouco indisposta", ela murmurou. "-Eu acho que foi o peixe."

"-Tio Colin!"

A atenção de Colin foi felizmente distraída por Belinda e Caroline, que estavam correndo e descendo as escadas com uma decidida falta de graça que as damas deveriam ter.

15

"-Você!", Ele disse com um sorriso, puxando uma para um abraço. "-E

você!" Ele olhou para cima. "-Onde está a outra 'você'?"

"- Amelia foi fazer compras", disse Belinda, antes de voltar sua atenção para seus priminhos. Agatha tinha acabado de completar nove anos, Thomas tinha sete anos, e Jane tinha seis anos. O Pequeno Georgie faria três no próximo mês.

"-Você está crescendo tão rápido!", Disse Belinda para Jane, sorrindo para ela.

"-Eu cresci duas polegadas no último mês!", Ela anunciou.

"-No ano passado", Penelope corrigiu suavemente. Ela não conseguia dar a Daphne um abraço, então ela se inclinou e apertou sua mão. "-Eu sei que as tuas meninas eram bastante crescidas na última vez que as vi, mas eu juro, eu ainda fico surpresa por isso o tempo todo."

"-Eu também," Daphne admitiu. Ela ainda acordava algumas manhãs com um pouco de esperança de que suas meninas vestiam ainda

pinafores. O fato de que elas eram moças, totalmente crescidas. . .

Era desconcertante.

"-Bem, você sabe o que eles dizem sobre a maternidade", disse Penélope.

"-Eles'?" Daphne murmurou.

Penelope fez uma pausa apenas o tempo suficiente para atirar-lhe um sorriso irônico. "-Os anos voam, e os dias são infinitos."

"-Isso é impossível", Thomas anunciou.

Agatha deixou escapar um suspiro afetado. "-Ele é tão literal."

Daphne estendeu a mão para despentear o cabelo castanho claro de Agatha. "-Você tem realmente apenas nove anos?" Ela adorava Agatha, sempre adorou. Havia algo sobre aquela menina, tão séria e determinada, que sempre tocou seu coração.

Agatha, sendo Agatha, imediatamente reconheceu a questão de retórica e apareceu nas pontas dos pés para lhe dar um beijo na tia.

Daphne devolveu o gesto com um beijo na bochecha, em seguida, virou-se para a jovem ama da família, de pé perto da porta segurando o pequeno Georgie. "-E como você está, querida coisinha?", Ela murmurou, estendendo a mão para pegar o menino em seus braços. Ele 16

era gordo e loiro com bochechas rosadas e um cheiro celestial de bebê apesar do fato de que ele não era realmente mais um bebê já há algum tempo. "-Você está ótimo," disse ela, fingindo tomar uma mordidela de seu pescoço. Ela testou o peso dele, balançando um pouco para trás, dessa forma tão instintivamente maternal.

"-Você não precisa mais ser balançado, não é?", Ela murmurou, beijando-o novamente. Sua pele era tão macia, e levou-a de volta a seus dias como uma jovem mãe. Ela teve amas e babás, é claro, mas ela nem mesmo poderia contar o número de vezes que penetrou nos

quartos das crianças para roubar um beijo na bochecha e vê-los dormir.

Ah bem. Ela era sentimental. Isso não era nada novo.

"-Quantos anos você tem agora, Georgie?", Perguntou ela, pensando que talvez pudesse enfim fazer isso de novo. Não que ela tivesse muita escolha, mas ainda assim, sentia-se mais calma, de pé aqui com este menino em seus braços.

Agatha puxou a manga de seu vestido e sussurrou: "-Ele não fala."

Daphne piscou. "-Perdão, querida?"

Agatha olhou para seus pais, como se ela não tivesse certeza de poder dizer algo. Eles estavam ocupados conversando com Belinda e Caroline e não perceberam. "-Ele não fala", disse ela novamente. "-Nem sequer uma palavra."

Daphne se afastou um pouco para que ela pudesse olhar para o rosto de Georgie novamente. Ele sorriu para ela, seus olhos enrugando nos cantos exatamente do mesmo modo que Colin fazia.

Daphne olhou para Agatha. "-E será que ele entende o que as pessoas dizem?"

Agatha assentiu. "-Cada palavra. Eu tenho certeza disso. " -Sua voz caiu para um sussurro. "-Acho que minha mãe e meu pai estão preocupados."

Uma criança perto do seu terceiro aniversário sem dizer uma palavra?

Daphne não tinha dúvidas de que estavam preocupados. De repente, a razão para a inesperada viagem à cidade de Colin e Penelope tornara-se clara. Eles estavam à procura de orientação. Simon tinha sido

exatamente assim quando criança. Ele não tinha falado uma palavra sequer até os quatro anos. E então tinha sofrido uma gagueira

debilitante por anos. Mesmo agora, quando ele ficava particularmente chateado com alguma coisa, o problema da fala o rondava, e ela

17

percebia em sua voz. Uma pausa estranha, um som repetido, uma

hesitação. Ele ainda era autoconsciente sobre isso, embora não tanto como tinha sido quando se conheceram.

Mas ela podia ver isso em seus olhos. Um flash de dor. Ou talvez a raiva. De si mesmo, de sua própria fraqueza.

Daphne supôs que algumas coisas as pessoas nunca superavam, não completamente.

Relutantemente, Daphne entregou Georgie de volta para sua ama e chamou Agatha em direção às escadas. "-Venha, querida", disse ela. "-

O berçário está esperando. Pegamos todos os brinquedos antigos das meninas. "

Ela observava com orgulho como Belinda tomava Agatha pela mão. "-

Você pode brincar com a minha boneca favorita", disse Belinda com gravidade.

Agatha olhou para sua prima com uma expressão que só poderia ser descrita como reverência e depois a seguiu até as escadas.

Daphne esperou até que todas as crianças subissem e, em seguida, virou-se para seu irmão e cunhada.

"-Chá?", Perguntou ela. "-Ou desejam trocar a roupa de viagem?"

"-Chá", disse Penelope com o suspiro de uma mãe exausta. "-Por Favor."

Colin assentiu com a cabeça, e juntos foram para a sala de desenho.

Assim que estavam sentados, Daphne decidiu que não deveria ser outra coisa, além de direta. Era seu irmão, afinal de contas, e ele sabia que podia falar com ela sobre qualquer coisa.

"-Você está preocupado com Georgie", disse ela. Era uma afirmação, não uma pergunta.

"-Ele não disse uma palavra", Penelope respondeu calmamente. Sua voz era a mesma, mas sua garganta engoliu desconfortavelmente.

"-Ele nos entende", disse Colin. "-Eu tenho certeza disso. Outro dia mesmo pedi a ele para pegar seus brinquedos, e ele assim o fez.

Imediatamente. "

"-Simon era do mesmo jeito", disse Daphne. Ela olhou de Colin para Penelope e continuou. "-Eu suponho que é por isso que vieram? Para falar com Simon? "

18

"-Nós esperávamos que ele pudesse nos dar alguma dica", disse Penélope.

Daphne balançou a cabeça lentamente. "-Tenho certeza que ele vai. Ele foi detido no campo, eu acredito, mas é esperado que volte antes do final da semana ".

"-Não há pressa", disse Colin.

Pelo canto do olho, Daphne viu os ombros de Penélope caírem. Era um pequeno movimento, mas qualquer mãe iria reconhecer. Penelope sabia que não havia pressa. Eles esperaram quase três anos

para ver Georgie falar; mais alguns dias não faria diferença. E ainda assim ela queria desesperadamente fazer alguma coisa. Para tomar uma atitude, para fazer a criança completa.

Chegaram de tão longe só para descobrir que Simon tinha ido embora. .

. Tinha que ser desanimador.

"-Acho que é um bom sinal que ele consegue nos entender", disse Daphne. "-Eu ficaria muito mais preocupada se não fosse assim."

"-Em todo o resto ele é completamente normal", disse Penelope apaixonadamente. "-Ele corre, ele pula, ele come. Ele até lê, eu acho. "

Colin virou-se para ela com surpresa. "-Ele lê?"

"-Eu acredito que sim", disse Penélope. "-Eu o vi com a cartilha de Willian na semana passada."

"-Ele estava, provavelmente, só olhando para as ilustrações", disse Colin suavemente.

"-Isso é o que eu pensei, mas depois eu vi seus olhos! Eles estavam se movendo para trás e para a frente, seguindo as palavras. "

Os dois se viraram para Daphne, como se ela pudesse ter todas as respostas.

"-Eu acho que ele pode estar lendo", disse Daphne, sentindo-se bastante inadequada. Ela queria ter todas as respostas. Ela queria dizer algo para os outros do que -eu suponho ou Talvez-. "-Ele é muito jovem, mas ele poderia mesmo estar lendo."

"-Ele é muito inteligente", disse Penélope.

Colin deu um olhar principalmente indulgente. "-Querida. . . "

"-Ele é! E William já lia aos quatro anos. Agatha, também. "

19

"-Na verdade," Colin admitiu pensativo, "-Agatha começou a ler aos três.

Nada terrivelmente alarmante, mas eu sei que ela estava lendo palavras curtas. Lembro-me muito bem. "

"-Georgie está lendo", disse Penelope com firmeza. "-Eu tenho certeza disso."

"-Bem, então, isso significa que temos ainda menos com o que nos preocupar", disse Daphne com determinado bom ânimo. "-Qualquer criança que está a ler antes de seu terceiro aniversário não terá nenhum problema para falar quando estiver pronto."

Ela não tinha ideia se esse era realmente o caso. Mas pensou que deveria ser. E parecia razoável. E se Georgie tivesse gagueira, assim como Simon, sua família ainda iria amá-lo e adorá-lo e dar-lhe todo o apoio que precisava para crescer como pessoa maravilhosa que ela sabia que ele seria.

Ele teria tudo que Simon não teve como criança.

"-Vai dar tudo certo", disse Daphne, inclinando-se para pegar a mão de Penélope na dela. "-Você vai ver."

Penélope pressionou os lábios, e Daphne viu sua garganta apertar. Ela se virou, querendo dar a sua cunhada um momento para se recompor.

Colin estava mastigando seu terceiro biscoito e estendendo a mão para uma xícara de chá, então Daphne decidiu direcionar sua próxima

pergunta a ele.

"-Está tudo bem com o resto das crianças?", Perguntou ela.

Ele engoliu o chá. "-Muito bem. E as suas? "

"-David tem sido um pouco travesso na escola, mas parece estar se acalmando."

Ele pegou outro biscoito. "-E as meninas não estão dando a você ataques?"

Daphne piscou com surpresa. "-Não, claro que não. Por que pergunta? "

"-Você parece horrível", disse ele.

"-Colin!" Penelope interrompeu.

Ele deu de ombros. "-Ela parece. Eu perguntei sobre isso assim que chegamos. "

"-Mas, ainda assim," sua esposa advertiu, "-você não deveria -"

20

"-Se eu não puder dizer alguma coisa para ela, quem pode?", Ele disse claramente. "-Ou, mais ao ponto, quem o dirá?"

Penelope baixou a voz em um sussurro urgente. "-Não é o tipo de coisa que se deve falar."

Ele olhou para ela por um momento. Então ele olhou para Daphne. Em seguida, voltou para sua esposa. "-Eu não tenho ideia do que você está falando", disse ele.

Os lábios de Penélope se separaram, e suas bochechas coraram. Ela olhou para Daphne, como se dissesse: Bem, então?

Daphne apenas suspirou. Sua condição estava tão óbvia?

Penelope deu a Colin um olhar impaciente. "-ela está-" Ela se virou para Daphne. "-Está, não está?"

Daphne deu um pequeno aceno de confirmação.

Penélope olhou para o marido com um certo grau de presunção. "-Ela está grávida."

Colin congelou por cerca de metade de um segundo antes de continuar com seu jeito sereno de costume. "-Não, ela não está."

"-Ela está," Penelope respondeu.

Daphne decidiu não falar. Ela estava se sentindo enjoada, de qualquer forma.

"-Seu mais novo tem dezessete anos," Colin apontou. Ele olhou para Daphne. "-Ele tem, não é?"

"dezesseis", Daphne murmurou.

"dezesseis", ele repetiu, direcionando isso a Penelope. "-Ainda".

"-Ainda?"

"-Ainda".

Daphne bocejou. Ela não podia evitar. Ela estava exausta demais por estes dias.

"-Colin", disse Penélope, em um paciente ainda vagamente tom condescendente que Daphne adorava ouvir dirigida a seu irmão, "-a idade de David quase não tem nada a ver com-"

21

"-Eu sei disso," interrompeu ele, dando-lhe um olhar vagamente irritado. "-Mas você não acha que, se ela fosse. . . " Ele acenou com a mão na direção de Daphne, deixando-a a se perguntar se ele não

conseguia pronunciar a palavra grávida em relação ao suas próprias irmãs.

Ele limpou a garganta. "-Bem, não teria uma lacuna de dezesseis anos."

Daphne fechou os olhos por um momento, em seguida, deixou a cabeça se estabelecer contra o encosto do sofá. Ela realmente deveria se sentir envergonhada. Este era seu irmão. E mesmo que ele estivesse usando termos bastante vagos, ele estava falando sobre os aspectos mais íntimos de seu casamento.

Ela soltou um ruído um pouco cansado, algo entre um suspiro e um zumbido. Ela estava com muito sono para estar envergonhada. E talvez muito velha, muito. As mulheres devem ser capazes de dispensar

ataques virginais de modéstia quando já passaram quarenta.

Além disso, Colin e Penélope estavam brigando, e isso era uma coisa boa. Tiraram um pouco de suas mentes a preocupação sobre Georgie.

Daphne achou bastante divertido, realmente. Era lindo assistir

qualquer um dos seus irmãos presos em um impasse com a esposa.

Quarenta e um e definitivamente não estava velha demais para sentir um pouco de prazer com o desconforto dos próprios irmãos. Embora -

bocejou de novo, -seria mais divertido se ela estivesse um pouco mais alerta para apreciar. Ainda. . .

"-Será que ela adormeceu?"

Colin olhou para sua irmã em descrença.

"-Eu acho que sim", respondeu Penelope

Ele se contorceu em direção a ela, esticando o pescoço para ver melhor.

"-Há tantas coisas que eu poderia fazer com ela agora", ele meditou. "-

Sapos, gafanhotos, rios tornando-se sangue."

"-Colin!"

"-É tão tentador."

"-E isso também só comprova", disse Penelope com uma sugestão de um sorriso.

"-Comprova?"

22

"-Que ela está grávida! Assim como eu disse." Quando ele não concordou rápido o suficiente com ela, acrescentou, "-Você já a viu alguma vez cair no sono no meio de uma conversa? "

"-Não desde-" Ele se interrompeu.

O sorriso de Penelope cresceu, significativamente menos sutil. "-

Exatamente."

"-Eu odeio quando você está certa", ele resmungou.

"-Eu sei. Uma pena para você que isso acontece tantas vezes. "

Ele olhou por cima de Daphne, que estava começando a roncar. "-Acho que devemos ficar com ela", disse, com certa relutância.

"-Vou chamar sua criada", disse Penélope.

"-Acha que Simon sabe?"

Penelope olhou por cima do ombro depois de puxar o cordão da campainha. "-Eu não faço ideia."

Colin apenas balançou a cabeça. "-Pobre sujeito, está para descobrir a surpresa de sua vida."

Quando Simon finalmente retornou a Londres, toda uma semana de

atraso depois, estava exausto. Ele sempre foi um proprietário de terras mais envolvido do que a maioria de seus pares, mesmo quando viu se aproximar dos cinquenta. E assim, quando vários de seus campos

foram inundados, incluindo um que fornecia a única fonte de renda para uma família de inquilinos, ele arregaçou as mangas e começou a trabalhar ao lado de seus homens.

Figurativamente, é claro. Todas as mangas definitivamente estavam baixas. Fazia um frio sangrento em Sussex. Pior quando se estava molhado. Que, naturalmente, tudo praticamente tudo estava, com a inundação e tudo mais.

Então, ele estava cansado, e com frio, e ele não tinha certeza de que seus dedos um dia iriam recuperar a sua temperatura normal e sentia muita falta de sua família. Ele teria pedido-lhes para se juntar a ele no campo, mas as meninas estavam se preparando para a temporada, e Daphne parecia um pouco pálida quando ele se foi.

Ele esperava que ela não estivesse pegando um resfriado. Quando ela ficava doente, toda a família sentia.

23

Ela pensava que era como um inabalável estóico. Ele tentou uma vez salientar que um verdadeiro estóico não rodearia a casa várias vezes, dizendo: "Não, não, eu estou bem", afundando em uma cadeira.

Na verdade, ele havia tentado apontar isso duas vezes. A primeira vez que ele disse algo, ela não tinha respondido.

Na época, ele pensou que ela não tinha o ouvido. Em retrospecto, no entanto, era muito mais provável que ela tinha escolhido não ouvi-lo, porque a segunda vez que ele disse algo sobre a verdadeira natureza de um estóico, sua resposta tinha sido tal que. . .

Bem, que seja dito que, quando se tratava de sua esposa e de um resfriado comum, seus lábios nunca mais formavam outras palavras do que essas: "-Oh minha pobre, pobre esposa" e "-Posso buscar-lhe um pouco de chá?"

Havia algumas coisas que um homem aprendia após duas décadas de casamento.

Quando entrou no saguão, o mordomo estava esperando, com o rosto em seu modo, que o normal é dizer, completamente desprovido de expressão.

"-Obrigado, Jeffries," Simon murmurou, entregando-lhe o chapéu.

"-Seu cunhado está aqui", Jeffries disse a ele.

Simon fez uma pausa. "-Qual?" Ele tinha sete.

"-Sr. Colin Bridgerton, Vossa Graça. Com sua família. "

Simon inclinou a cabeça. "-Sério?" Ele não ouvia nem caos e tumulto.

"-Eles estão fora no momento, Vossa Graça."

"-E a duquesa?"

"-Ela está descansando."

Simon não conseguiu reprimir um gemido. "-Ela não está doente, não é?"

Jeffries, de uma forma mais antinatural a Jeffries de ser, corou. "-Eu não poderia dizer, Vossa Graça."

Simon considerou Jeffries com um olhar curioso. "-Ela está doente, ou não?"

24

Jeffries engoliu a seco, limpou a garganta, e então disse: "-Eu acredito que ela está cansada, Vossa Graça."

"-Cansada", Simon repetiu, mais para si mesmo, uma vez que ficou claro que Jeffries iria expirar de um constrangimento inexplicável se prolongasse ainda mais a conversa. Balançando a cabeça, ele subiu as escadas, acrescentando: "-É claro que ela está cansada. Colin está aqui com quatro filhos com idade inferior a dez anos, e ela provavelmente pensa muito como mãe enquanto eles estão aqui. "

Talvez ele poderia se deitar ao lado dela. Ele estava exausto também, e ele sempre dormia melhor quando ela estava por perto.

A porta do quarto estava fechada quando chegou, e ele quase bateu, era um hábito fazer isso diante de uma porta fechada, mesmo que fosse a do seu próprio quarto, mas no último momento, em vez disso, segurou a maçaneta da porta e deu um empurrão suave. Ela poderia estar

dormindo. Se ela realmente estava cansada, ele deveria deixá-la descansar.

Pisou levemente, entrando no quarto. As cortinas estavam parcialmente fechadas, mas ele podia ver Daphne deitada na cama. Ele na ponta dos pés, chegou mais perto. Ela parecia pálida, embora fosse difícil dizer na penumbra.

Ele bocejou e sentou-se no lado oposto da cama, inclinando-se para tirar as botas. Afrouxou a gravata e então deslizou-a inteiramente, Correndo em direção a ela. Ele não iria acordá-la, apenas aconchegar-se em seu calor.

Tinha saudades dela.

Estabelecendo-se com um suspiro de satisfação, colocou seu braço ao redor dela, descansando seu peso logo abaixo da caixa torácica, e-

"-Grughargh!"

Daphne disparou como uma bala e praticamente se atirou da cama.

"-Daphne?" Simon sentou-se, a tempo de vê-la correndo para o penico.

Para o penico ????

"-Ah, meu Deus", disse ele, fazendo uma careta quando ela vomitou. "-

Foi o peixe?"

"-Não diga essa palavra", ela engasgou.

25

Deve ter sido o peixe. Eles realmente precisavam encontrar outro peixeiro na cidade.

Ele se arrastou para fora da cama para encontrar uma toalha. "-Posso te fazer alguma coisa?"

Ela não respondeu. Ele não esperava que ela respondesse. Ainda assim, ele estendeu a toalha, tentando não se mover quando ela jogou-se para o que já deveria ser a quarta vez.

"-Oh minha pobre, pobre querida", ele murmurou. "-Eu sinto muito que isso esteja acontecendo com você. Você não tem estado assim desde- "

Desde. . .

Oh, meu Deus.

"-Daphne?" Sua voz tremeu. Inferno, todo o seu corpo tremia.

Ela assentiu com a cabeça.

"-Mas. . . como. . . ? "

"-Da maneira usual, eu imagino", disse ela, agradecida, tomando a toalha.

"-Mas isso foi, isso foi há-" Ele tentou pensar. Ele não conseguia pensar. Seu cérebro tinha parado completamente de trabalhar.

"-Eu acho que acabei", disse ela. Ela parecia exausta. "-Você poderia me dar um pouco de água?"

"-Você tem certeza?" Se ele se lembrava corretamente, a água iria aparecer de volta logo, dentro do penico.

"-Está ali", disse ela, apontando fracamente a um jarro sobre a mesa. "-

Eu não vou beber"

Serviu-lhe um copo e esperou enquanto ela fazia um bochecho.

"-Bem", ele disse, limpando a garganta várias vezes: "-Eu. . . ah. . . " -

Ele tossiu novamente. Ele não poderia dizer uma sequer palavra se precisasse salvar sua vida. E ele não podia culpar sua gagueira neste momento.

"-Todo mundo sabe", disse Daphne, colocando a mão em seu braço como apoio, enquanto voltava para a cama

"-Todo mundo?", Ele repetiu.

26

"-Eu tinha planejado não dizer nada até que você voltasse, mas eles adivinharam."

Ele balançou a cabeça lentamente, ainda tentando absorver tudo isso.

Um bebê. Na sua idade. Na idade dela.

Era. . .

Era. . .

Era incrível

Tão estranho que isso apoderou-se dele tão de repente. Mas agora, após o choque inicial, tudo o que ele podia sentir era pura alegria.

"-Esta é uma notícia maravilhosa!", Exclamou. Ele estendeu a mão para abraçá-la, então pensou melhor quando viu sua aparência pastosa. "-

Você nunca deixa de me encantar", disse ele, e em vez disso, deu-lhe um tapinha desajeitado no ombro.

Ela estremeceu e fechou os olhos. "-Não balance a cama", ela gemeu. "-

Você está me fazendo enjoar."

"-Você não enjoa", lembrou ele.

"-Eu enjoo quando estou esperando..."

"-Você é muito esquisita, Daphne Basset", ele murmurou, e depois recuou para -A) parar de balançar a cama e - B) afastar-se de perto dela imediatamente pois ela deveria tomar a comparação à um pato.

(Havia uma certa história sobre isso. Enquanto grávida de Amelia, ela lhe perguntou se ela estava radiante ou se ela apenas se parecia com um pato gingando. Ele disse a ela que ela parecia um pato radiante.

Essa não tinha sido a resposta correta.)

Ele limpou a garganta e disse: "-Oh minha pobre, pobre esposa."

Em seguida, ele fugiu.

Várias horas depois, Simon estava sentado em frente à mesa de

carvalho maciço, os cotovelos apoiados sobre a madeira lisa, seu dedo indicador direito tocando a parte superior da taça com conhaque que ele já havia reabastecido duas vezes.

Era um dia muito importante.

Uma hora ou mais depois que ele deixou Daphne descansando, Colin e Penelope voltaram com seus descendentes, e eles todos tomavam chá e 27

biscoitos na sala do chá. Simon tinha sugerido a sala de visitas, mas Penelope tinha solicitado uma alternativa, em algum lugar, sem "tecidos caros e estofados."

O pequeno Georgie tinha sorrido para ele, com o rosto ainda manchado com uma substância da qual Simon esperava que fosse chocolate.

Quando Simon percebeu o cobertor de migalhas que derramaram da

mesa para o chão, juntamente com o guardanapo úmido que tinha

usado para enxugar chá virado de Agatha, lembrou-se que ele e Daphne sempre tomavam o chá ali, quando os filhos eram pequenos.

Engraçado como tinha esquecido tais detalhes.

Uma vez que a festa do chá tinha já se dispersado, Colin solicitou uma conversa particular. Eles foram até o estúdio de Simon, e foi lá que Colin confidenciou a ele sobre Georgie.

Ele não estava falando.

Seus olhos eram afiados. Colin pensava que ele estava lendo.

Mas ele não estava falando.

Colin tinha pedido o seu conselho, e Simon percebeu que ele não tinha nenhum. Ele tinha pensado sobre isso, é claro.

Isso o havia assombrado cada vez que Daphne ficava grávida, sobre cada um de seus filhos até que eles começavam a formar frases.

Ele supôs que iria assombra-lo agora. Haveria um outro bebê, outra alma para amar desesperadamente. . . e para preocupar sobre isso.

Tudo o que ele podia dizer a Colin era para amar o menino. Para falar com ele, e elogiá-lo e levá-lo para andar a cavalo e pescar e todas aquelas coisas que um pai deve fazer com um filho.

Todas essas coisas que seu pai nunca tinha feito com ele.

Ele não pensava nele frequentemente nesses dias, no seu pai. Ele tinha Daphne -Graças à Deus por isso. Antes deles se conhecerem, Simon tinha sido obcecado com sua vingança. Ele queria tanto ferir seu pai, fazê-lo sofrer do jeito que ele tinha sofrido como um menino, com toda a dor e angústia de saber que tinha sido rejeitado e considerado

deficiente.

Não importava que seu pai estava morto. Simon tinha sede de vingança do mesmo jeito, e isso tinha sido levado pelo amor, primeiro por Daphne 28

e, em seguida, pelos filhos, banindo esse fantasma. Ele finalmente percebeu que estava livre quando Daphne lhe tinha dado o pacote de cartas de seu pai que havia sido confiado aos seus cuidados. Ele não queria queimá-las; ele não queria rasgá-las em pedaços.

Ele particularmente nem queria lê-las, também.

Ele olhou para a pilha de envelopes, firmemente atadas com uma fita vermelha e dourada, e percebeu que ele não sentia nada. Nem raiva, nem tristeza, nem mesmo arrependimento. Tinha sido a maior vitória que poderia sequer imaginar.

Ele não tinha certeza de quanto tempo as cartas tinham ficado na mesa de Daphne. Ele sabia que ela iria colocá-las em sua gaveta, e de vez em quando ele tinha espiado para ver se elas ainda estavam

lá.

Eventualmente, até que gradualmente reduzido. Ele não tinha

esquecido as cartas, de vez em quando algo iria acontecer que faria brotar-las na mente, mas ele se esquecia sobre elas constantemente. E

elas provavelmente tinham ficado ausentes em sua mente por meses quando ele abriu a gaveta de baixo da mesa e viu que Daphne lhes havia colocado lá.

Isso tinha sido há vinte anos.

E, embora ele ainda não tinha o desejo de queimar ou rasgar, ele também nunca sentiu a necessidade de abri-las.

Até agora.

Bem, não.

Será?

Ele olhou para elas de novo, ainda amarradas nesse laço. Será que ele quer abri-las? Poderia haver algo nas cartas de seu pai que pudesse ser de ajuda para Colin e Penelope em como eles poderiam guiar Georgie através do que poderia vir a ser uma infância difícil?

Não. Era impossível. Seu pai tinha sido um homem duro, insensível e implacável. Ele tinha sido tão obcecado com sua herança e título que ele virou as costas para seu único filho. Não podia haver nada -nada, que ele pudesse ter escrito que poderia ajudar a Georgie

29

Simon pegou as cartas. Os papéis estavam secos. Eles cheiravam coisa velha.

O fogo na lareira estava novo. Quente, e brilhante, e redentor. Ele olhou para as chamas até a sua visão ficar turva, apenas ficou lá por minutos intermináveis, agarrando as palavras finais de seu pai para ele.

Eles não se falavam há mais de cinco anos, quando seu pai morreu. Se houvesse alguma coisa que o velho duque queria dizer a ele, estaria aqui.

"-Simon?"

Ele olhou para cima lentamente, mal capaz de puxar-se de seu torpor.

Daphne estava de pé na soleira da porta, com a mão descansando

levemente na borda da porta. Ela estava vestida com seu roupão de dormir azul pálido, o favorito.

Ela o tinha há anos; toda vez que ele perguntava se ela queria substituí-lo, ela se recusava. Algumas coisas eram melhores, macias e confortáveis.

"-Você vai para a cama?", Perguntou ela

Ele balançou a cabeça negando. "Em breve. Eu estava só-" Ele limpou a garganta, porque a verdade era, que ele não sabia o que estava fazendo.

Ele não tinha certeza no que ele estava pensando.

"-Como você está se sentindo?", Perguntou a ela.

"-Melhor. É sempre melhor à noite." Ela deu alguns passos a frente. "-

Eu comi um pouco de pão, e até mesmo um pouco de geléia, e eu -" Ela parou, o único movimento em seu rosto foi um piscar rápido dos olhos.

Ela estava olhando para as cartas. Simon não tinha percebido que ele ainda estava segurando-as enquanto permanecia ali.

"-Você vai lê-las?", Ela perguntou em voz baixa.

"-Eu pensei. . . talvez. . . " -Ele engoliu em seco.- "Eu não sei."

"-Mas por que agora?"

"-Colin me contou sobre Georgie. Eu pensei que poderia haver algo aqui. " Ele moveu a mão um pouco, segurando a pilha de cartas levantando-as um pouco. "-Algo que pode ajudá-lo."

Os lábios de Daphne se separaram, mas vários segundos se passaram antes que ela fosse capaz de falar. "-Eu acho que você deve ser um dos mais amáveis e generosos homens que já conheci."

Ele olhou para ela em confusão.

30

"-Eu sei que você não as quer ler", disse ela.

"-Eu realmente não me importo-"

"-Não, você se importa", ela interrompeu suavemente. "-Não o suficiente para destruí-las, mas elas ainda significam algo para você."

"-Eu quase nunca penso sobre elas", disse ele. Era a verdade.

"-Eu sei." Ela estendeu a mão e pegou a mão dele, com o polegar se movendo levemente sobre os nós dos dedos. "-Mas só porque você se libertou do seu pai, isso não significa que ele nunca te

importou."

Ele não falou. Ele não sabia o que dizer.

"-Eu não estou surpresa que se você finalmente decidir lê-las, vai ser para ajudar outra pessoa."

Ele engoliu em seco, em seguida, agarrou a mão dela como uma tábua de salvação.

"-Você quer que eu as abra?"

Ele assentiu com a cabeça, sem dizer nada entregando-lhe a pilha.

Daphne se mudou para uma cadeira próxima e sentou-se, puxando a fita até o laço se soltar. "-Elas estão em ordem?", Perguntou ela.

"-Eu não sei", admitiu. Ele sentou-se atrás de sua mesa. Foi longe o suficiente para que não pudesse ver as páginas.

Ela fez um gesto de reconhecimento, então, cuidadosamente quebrou o selo no primeiro envelope. Seus olhos se moveram ao longo das linhas, ou pelo menos ele achava que sim. A luz era muito fraca para ver sua expressão de forma clara, mas ele tinha visto ela lendo cartas vezes suficiente para saber exatamente o que ela estava fazendo.

"-Ele tinha uma terrível caligrafia", Daphne murmurou.

"-Tinha?" Agora que pensava sobre isso, Simon não tinha certeza de que ele já tinha visto a letra de seu pai.

Ele deve ter visto, em algum momento. Mas não se lembrava.

Ele esperou um pouco mais, tentando não prender a respiração quando ela virou a página.

"-Ele não escrevia no verso", disse ela com alguma surpresa.

31

"-Ele não faria isso", disse Simon. "Ele nunca faria qualquer coisa que cheirasse a economia".

Ela olhou para cima, com as sobrancelhas arqueadas.

"-O Duque de Hastings não precisa economizar", disse Simon secamente.

"-Sério?" Ela virou-se para a próxima página, murmurando: "-Você ter que me lembrar disso na próxima vez em que visitar a costureira"

Ele sorriu. Ele amava o fato de que ela pudesse o fazer rir em um momento como esse.

Depois de mais alguns instantes, ela redobrou os papéis e olhou para cima. Ela fez uma breve pausa,

talvez no caso de que ele quisesse dizer alguma coisa, e depois, quando ele não o fez, disse: "-É um pouco chato, na verdade."

"-Chato?" Ele não tinha certeza do que ele estava esperando, mas certamente, não isso.

Daphne deu de ombros. "-É sobre a colheita, e uma melhoria para a ala leste da casa, e vários inquilinos que ele suspeita estarem o

enganando." Ela apertou os lábios em desaprovação. "-Eles não estavam, é claro. É o Sr. Miller e Sr. Bethum. Eles nunca iriam enganar ninguém. "

Simon piscou. Tinha pensado que as cartas de seu pai podiam incluir um pedido de desculpas. Ou se não isso, então mais acusações de inadequação. Nunca tinha ocorrido a ele que seu pai poderia ter simplesmente enviado uma prestação de contas da propriedade.

"-Seu pai era um homem muito desconfiado", Daphne murmurou.

"-Oh, sim."

"-Quer que eu leia a próxima?"

"-Por favor, sim."

Ela o fez, e foi a mesma coisa, só que desta vez foi sobre uma ponte que precisava de reparo e uma janela que não tinha sido feita como tinha mandado.

E nisso foi. Aluguéis, contas, reparações, reclamações. . . Houve a abertura ocasional, mas nada mais pessoal do que "-Estou

considerando uma festa de tiro no próximo mês, deixe-me saber se está 32

interessado em participar". Foi surpreendente. Seu pai não tinha só negado sua existência quando considerava Simon como um idiota gago, mas ele conseguiu negar a sua própria negação, uma vez que Simon estava falando normalmente. Ele agiu como se nunca tivesse

acontecido, como se nunca tivesse querido alguma vez que seu filho estivesse morto. "-Bom Deus", Simon disse, porque alguma coisa tinha de ser dito.

Daphne olhou para cima. "-Hmmm?"

"-Nada", ele murmurou.

"-É a última", disse ela, levantando a carta.

Ele suspirou.

"-Você quer que eu a leia?"

"-É claro", disse ele sarcasticamente. "-Pode ser sobre as rendas. Ou contas. "

"-Ou uma má colheita", Daphne brincou, obviamente, tentando não sorrir.

"-Ou isso", respondeu ele.

"-Rendas", disse ela, quando terminou de ler. "-E as contas."

"-A colheita?"

Ela sorriu levemente. "-Foi uma boa temporada."

Simon fechou os olhos por um momento, como se uma estranha tensão aliviava-se em seu corpo.

"-É estranho", disse Daphne. "-Eu me pergunto por que ele nunca enviou estas cartas para você."

"-O que você quer dizer?"

"-Bem, ele não o enviou. Você não se lembra? Ele segurou a todos elas, em seguida, deu-as a Lorde Middlethorpe antes de morrer. "

"-Acho que foi porque eu estava fora do país. Ele não saberia para onde enviá-las ".

"-Ah, sim, é claro." Ela fez uma careta. "-Ainda assim, eu acho interessante que ele iria tomar seu o tempo para escrever-lhe cartas, sem esperança de enviá-las para você. Se eu fosse escrever cartas para 33

alguém que eu não poderia enviá-las, seria porque eu tinha algo a dizer, algo significativo que eu quero que eles saibam, mesmo depois que eu tivesse morrido. "

"-Um dos muitos motivos pelos quais você é diferente do meu pai", disse Simon.

Ela sorriu com tristeza. "-Bem, sim. Eu acho " Ela se levantou, colocando as cartas numa pequena mesinha.

"-Podemos ir para a cama?

Ele assentiu com a cabeça e caminhou para o lado dela. Mas antes que ele a pegasse pelo braço, ele se abaixou, pegou as cartas, e jogou-as no fogo. Daphne soltou um pequeno suspiro quando ela se virou a tempo de vê-las denegrirem e murcharem.

"-Não há nada que vale a pena salvar", disse ele. Ele se inclinou e beijou-a, uma vez no nariz e, em seguida, na boca. "-Vamos para a cama."

"-O que você vai dizer a Colin e Penelope?", Ela perguntou, enquanto caminhavam de braços dados em direção à escada.

"-Sobre Georgie? A mesma coisa que eu disse a eles esta tarde. "Ele a beijou novamente, desta vez em sua testa. "Apenas o amem. Isso é tudo o que eles podem fazer. Se ele fala, ele fala. Se ele não o fizer, ele não faz. Mas de qualquer forma, tudo vai ficar bem, enquanto eles o cercarem de amor."

"-Você, Simon Arthur Fitzranulph Basset, é um maravilhoso pai."

Ele tentou não inchar de orgulho. "-Você esqueceu o Henry."

"O Quê?"

"-Simon Arthur Henry Fitzranulph Basset".

Ela fez uma careta - pfffted. "-Você tem muitos nomes."

"-Mas não são muitas as crianças." Ele parou de andar e puxou-a para si até que estivessem cara a cara. Ele descansou uma mão levemente em seu abdômen. "-Você acha que pode fazer tudo isso de novo?"

Ela assentiu com a cabeça. "-Contanto que eu tenha a você."

"-Não", ele disse suavemente. "-Contanto que *eu* tenha a você."

34

2º Epílogo:

O Visconde

que

me amava

35

Nota da autora: Sem dúvida, a cena favorita dos leitores em *O*

Visconde que me amava (e, talvez, em todos os meus livros) é quando os Bridgerton se reúnem para jogar Pall Mall, a versão do críquete do século XIX. Eles são ferozmente competitivos e desconsideram completamente as regras, tendo há um bom tempo decidido que a única coisa melhor do que ganhar é ter certeza de que seus irmãos irão perder. Quando chegou a hora de visitar os personagens deste livro, eu sabia que tinha que ser em uma revanche Pall Mall

Nota da tradutora: Meu Deus, nunca me diverti tanto lendo uma história!

Tinha me esquecido como Kate e Anthony eram competitivos e briguentos, um dos meus tipos favoritos de relacionamento.

Ri do início ao fim, e aposto que você também vai fazer o mesmo.

Colin mais uma vez é o coadjuvante na história, ele não é um maravilhoso intrometido, sempre dando o ar da graça nas histórias alheias? Obrigada por isso, querido Colin!

Lendo, me veio mais uma vez a certeza de que Kate era e sempre será a mulher perfeita para passar o resto da vida ao lado de Anthony. Tirando os momentos onde ele está no papel de Visconde, cheio de

responsabilidades, carregando o peso de uma enorme família, imagino que sua vida foi repleta de diversão. Graças a ela. Graças as constantes competições. Graças ao amor... é inevitável sentir aquela tensão sexual que se mostrara tão forte desde o início. Realmente estavam destinados um ao outro.

36

Dois dias antes. . .

Kate caminhava no gramado, olhando por cima do ombro para se

certificar de que seu marido não estava a seguindo. Quinze anos de casamento tinham ensinado uma coisa ou outra, e ela sabia que ele estaria lá, observando cada movimento seu.

Mas ela era inteligente. E ela estava determinada. E ela sabia que por uma libra, o valete de Anthony poderia fingir o mais maravilhoso desastre sobre a sua indumentária. Algo envolvendo geléia sobre o ferro, ou talvez uma infestação de aranhas no guarda-roupa, ratos,

realmente, não importava exatamente o quê - Kate estava mais do que feliz em deixar os detalhes para o criado enquanto Anthony ficava distraído tempo suficiente para que ela pudesse fazer a sua fuga.

"-É meu, todo meu", ela riu, no mesmo tom que tinha usado durante a produção de Macbeth da família Bridgerton no mês anterior. Seu filho mais velho tinha escalado os papéis; ela tinha sido nomeada a Primeira bruxa.

Kate fingiu não perceber quando Anthony tinha recompensado o filho com um novo cavalo.

Ele pagaria agora. Suas camisas seriam manchadas de rosa com geléia de framboesa, e ela-Ela estava rindo tão forte que gargalhava.

"-Meu, meu, meeeeeeeu, meeeeeeeu", ela cantou, abrindo a porta do galpão e na última sílaba, como uma profunda nota como na 5º de Beethoven

"-Meu, meu, meeeeeeeu."

Ela o teria. Seria dela. Ela praticamente podia sentir o gosto. Ela até mesmo teria provado o sabor, se isso de alguma forma melhorasse a situação para o lado dela. Kate não tinha nenhum gosto

especial pela 37

madeira, é claro, mas isso não era nenhuma "qualquer" madeira. Este era. . .

O taco de morte.

"-Meu, meu, meu, meu, meu meeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeu", continuou ela, movendo-se em saltos, seguindo com o refrão familiar.

Ela mal podia conter a si mesma quando jogou o cobertor de lado. O

conjunto de Pall Mall estaria descansando no canto, como sempre ficava, e em apenas um momento-

"-Procurando por isso?"

Kate virou. Lá estava Anthony, de pé na porta, sorrindo diabolicamente Enquanto girava o taco preto de Pall Mall em suas mãos.

Sua camisa era extremamente branca.

"-Você. . . Você. . ."

Ele levantou uma das sobrancelhas, perigosamente. "-Você nunca foi muito hábil em recuperar seu vocabulário quando fica atravessada, tsc, tsc."

"-Como você fez. . . Como você fez. . ."

Ele se inclinou para frente, seus olhos se estreitaram. "-Eu pago-lhe cinco libras."

"-Você deu a Milton £ 5?" Bom Deus, esse era praticamente o seu salário anual.

"-É uma visão diabolicamente mais barata do que a substituição de todas as minhas camisas", disse ele com uma carranca. "-Geléia de framboesa. Realmente, você não se preocupa com nossas economias? "

Kate olhou ansiosamente para o taco.

"-O jogo será em três dias," Anthony disse com um suspiro satisfeito "-e eu já ganhei."

Kate não contradisse-o. Os outros Bridgertons poderiam pensar que a revanche anual de Pall Mall começava e terminava em um dia, mas ela e Anthony sabiam melhor.

Ela tinha superado ele com o taco por três anos consecutivos. Estaria condenada se ele se desse melhor sobre ela dessa vez.

"-Desista agora, querida esposa," Anthony provocou. "-Admita a derrota, e seremos todos mais

felizes."

Kate suspirou baixinho, quase como se ela consentisse.

Os olhos de Anthony se estreitaram.

Kate preguiçosamente tocou com seus dedos o decote de seu vestido.

Os olhos de Anthony se arregalaram.

"-Está quente aqui, você não acha?", Ela perguntou, sua voz suave e doce, e terrivelmente sem fôlego.

"-Você, sua pequena descarada", ele murmurou.

Ela deslizou o tecido de seus ombros. E ela não estava usando nada por baixo.

"-Sem botões?", Ele sussurrou.

Kate balançou a cabeça. Ela não era estúpida. Até mesmo os melhores planos poderiam dar errado. E sempre se deve estar vestida para a ocasião. Havia ainda um ligeiro frio no ar, e ela sentiu seus mamilos retraírem-se como pequenos botões.

Kate estremeceu, em seguida, tentou esconder isso com uma arfar ofegante, como se ela estivesse desesperadamente excitada.

O que ela poderia ter estado, se não estivesse obstinadamente focada em tentar não focar o taco na mão do marido.

Já para não falar do frio.

"-Adorável", Anthony murmurou, estendendo a mão e acariciando a lateral de seu seio.

Kate fez um som, choramingando. Ele jamais poderia resistir a isso.

Anthony sorriu lentamente, em seguida, moveu a mão para a frente, até que ele pudesse roçar o mamilo entre os dedos.

Kate deixou escapar um suspiro, e seus olhos voaram para os dele. Ele parecia - não calculista exatamente, mas ainda assim, muito no

controle. E ocorreu a ela que- ele sabia exatamente o que ela nunca conseguiria resistir.

39

"-Ah, querida esposa," ele murmurou, enterrando a mão no seio, e levantando-o mais elevado até que jazia completamente arredondado em sua mão.

Ele sorriu.

Kate parou de respirar

Ele se inclinou para frente e tomou o mamilo em sua boca.

"-Oh!" Ela não estava fingindo nada agora.

Ele repetiu a tortura do outro lado.

Em seguida, ele deu um passo para trás.

E mais um.

Kate ficou imóvel, ainda ofegante.

"-Ah, como queria uma pintura disso", disse ele. "-Gostaria de pendurá-la em meu escritório."

A boca de Kate caiu.

Ele levantou o taco em triunfo. "-Adeus, querida esposa." Anthony saiu do galpão e em seguida, voltou a cabeça para trás ao virar da esquina.

"-Tente não pegar um resfriado. Você odiaria perder a revanche, não é?"

"

Ele teve sorte, Kate refletiu mais tarde, por ela não ter pensado em jogar uma das bolas de Pall Mall nele enquanto revirava o conjunto. Embora pensando bem, a cabeça dele era dura demais para que ela conseguisse amassar.

Um dia antes.

Havia alguns poucos momentos, Anthony decidiu, tão deliciosos como quando superando total e completamente sua própria esposa. Isso dependia da esposa, é claro, mas como ele tinha escolhido se casar com uma mulher de um intelecto soberbo e grande sagacidade, seus

momentos, ele tinha certeza, eram mais deliciosos do que a maioria.

Ele saboreava o seu chá no seu escritório, suspirando de prazer enquanto contemplava o taco preto, que estava sobre a mesa como um cobiçado troféu. Ele estava lindo, brilhando na luz da manhã, ou pelo menos reluzente onde não foi arrastado e espancado por décadas de jogo duro.

Principalmente ele adorava o fato de o possuir, mas ele era mesmo afeiçoado ao taco. Quando Anthony foi capaz de esquecer o fato de que ele tinha brilhantemente o arrancado de debaixo do nariz de Kate, ele lembrou que, na verdade, o taco era marcado por algo mais-O dia em que ele se apaixonara.

Não que ele percebeu isso na época. Nem Kate, ele imaginou, mas estava certo de que aquele era o dia em que tinham sido destinados a ficarem juntos, o dia do infame jogo de Pall Mall.

Ela o deixou com o taco rosa. Ela jogou a bola dele dentro do lago.

Deus, que mulher!

Tinham sido os mais excelentes 15 anos.

Ele sorriu, satisfeito, em seguida, deixou cair o olhar para o taco preto novamente. Todo ano eles repetiam a partida. Todos os jogadores originais, -Anthony, Kate, seu irmão Colin, sua irmã Daphne e seu marido Simon, e a irmã de Kate, Edwina,- todos eles marchavam

obedientemente para Aubrey Hall a cada primavera e assumiam seu lugar no constante - inconstante curso. Alguns concordaram em

participar com zelo e alguns por mera diversão, mas eles estavam todos lá, a cada ano.

E este ano-

Anthony riu com alegria. Ele tinha o taco e Kate não.

A vida era boa. A vida era muito, muito boa.

"-Kaaaaaaaaaaaaate!"

Kate ergueu os olhos do livro.

"-Kaaaaaaaaaaaaate!"

41

Ela tentou medir a distância em que ele estava. Depois de quinze anos ouvindo seu nome berrado da mesma forma, ela se tornou bastante experiente no cálculo do tempo entre o primeiro rugido até a chegada do marido.

Não era assim um cálculo tão simples como possa parecer. Sua

localização a se considerar, se ela estava no andar de cima ou no debaixo, visível a partir da entrada, et cetera, et cetera.

Em seguida, tinha que adicionar as crianças. Estavam em casa?

Possivelmente em seu caminho? Eles o atrasariam, com certeza, talvez até mesmo por um minuto inteiro, e-

"-Você!"

Kate piscou com surpresa. Anthony estava na porta, ofegando com o esforço e olhando para ela com um surpreendente grau de veneno.

"-Onde ele está?", Perguntou ele.

Bem, talvez não tão surpresa.

Ela piscou, impassível. "-Você gostaria de se sentar?", Ela perguntou. "-

Você parece um pouco cansado."

"-Kate. . . "

"-Você não é tão jovem como costumava ser", disse ela com um suspiro.

"-Kate. . . " O volume da voz foi aumentando.

"-Eu posso pedir chá", disse ela docemente.

"-Estava trancado", ele rosnou. "-Meu escritório estava trancado."

"-Estava?", Ela murmurou.

"-Eu tenho a única chave."

"-Tem?"

Seus olhos se arregalaram. "-O que é que você fez?"

Ela virou uma página, mesmo que não estava olhando para o livro.

"-Quando?"

"-O que quer dizer, quando?"

42

"-Quero dizer. . . " Ela fez uma pausa, porque este não era um momento para deixar passar sem uma comemoração interna adequada. "-

Quando. Esta manhã? Ou no mês passado? "

Levou um momento. Não mais do que um ou dois segundos, mas foi

apenas o tempo suficiente para Kate assistir a sua mudança de

expressão de confusão à suspeita de indignação.

Foi glorioso. Encantador. Delicioso. Ela teria gargalhado com isso, mas isso só incentivaria mais um mês de duplo trabalho árduo e - gracejos e problemas, e ela conseguiu apenas agora que ele cessasse.

"-Você fez uma chave para o meu escritório?"

"-Eu sou sua esposa", disse ela, olhando para as unhas. "-Não deve haver segredos entre nós, você não acha?"

"-Você fez uma chave?"

"-Você não gostaria que eu tivesse segredos, não é mesmo?"

Seus dedos agarraram a moldura da porta até que ficou com os nós brancos. "-Pare de olhar como se você estivesse gostando disso", ele grunhiu.

"-Ah, mas isso seria uma mentira, e é um pecado mentir para o marido."

Sons estranhos de asfixia começaram a emanar da garganta dele.

Kate sorriu. "-Eu não lhe prometi honestidade em algum momento?"

"-Era obediência", ele rosnou.

"-Obediência? Certamente que não. "

"-Onde está?"

Ela encolheu os ombros. "-Não falarei."

"-Kate!"

Ela deslizou em uma cantada. "-Não falareeeeeeeei."

"-Mulher. . . " - Ele se moveu para a frente. Perigosamente.

Kate engoliu a seco. Havia uma chance pequena, bastante pequena, na verdade, mas ainda assim muito real de que ela poderia ter ido um pouquinho longe demais.

"-Eu vou amarrá-la na cama", ele alertou.

"-Sim", disse ela, reconhecendo o seu ponto enquanto avaliava a distância até a porta. "-Mas poderia não me importar com isso, precisamente."

Seus olhos queimavam, não exatamente com o desejo, ele ainda estava muito focado no taco de Pall Mall para isso, mas ela, pensou ter visto um flash de. . . interesse lá.

"-Ihe amarrar, você diz," ele murmurou, movendo-se para frente "- e você iria gostar disso, é?"

Kate pegou o que ele quis dizer e engasgou. "-Você não faria isso!"

"-Oh, eu o faria."

Ele almejava repetir o feito. Ele iria amarrá-la e deixá-la ali, enquanto procurava o taco.

Não se ela tivesse alguma coisa a dizer sobre isso.

Kate jogou-se sobre o braço da cadeira e, em seguida, fugiu por trás dela. É sempre bom ter um físico como estes.

"-Oh, Kaaaaate", ele zombou, movendo-se em direção a ela.

"-É meu", declarou ela. "-Foi meu há 15 anos atrás, e ele ainda é meu."

"-Foi meu antes de ser seu."

"-Mas você se casou comigo!"

"-E isso faz com que seja seu?"

Ela não disse nada, apenas trancou os seus olhos com os dele. Ela estava sem fôlego, ofegante, apanhada na correria do momento.

E, em seguida, rápido como um relâmpago, ele pulou para a frente, alcançando a cadeira, agarrando seu ombro por um breve momento

antes de ela se contorcer e se afastar.

"-Você nunca vai encontrá-lo", ela praticamente gritou, fugindo para atrás do sofá.

"-Não pense que você vai escapar agora", avisou, fazendo uma espécie de manobra lateral que o colocou entre ela e a porta.

Ela olhou para a janela.

"-A queda iria te matar", disse ele.

"-Oh, pelo amor de Deus", disse uma voz vinda da porta.

Kate e Anthony se viraram. O irmão de Anthony, Colin estava parado lá, olhando para eles com ar de desgosto.

"-Colin", Anthony disse firmemente. "-Como é bom te ver."

Colin apenas arqueou uma sobrancelha. "-Eu suponho que você está procurando por isso."

Kate engasgou. Ele estava segurando o taco preto. "-Como é que você-"

Colin acariciou a extremidade embotada, cilíndrica, quase

amorosamente. "-Eu só posso falar por mim, é claro", disse ele com um suspiro feliz, "-mas até onde me diz respeito, eu já ganhei."

O dia do jogo

"-Eu não consigo compreender," a irmã de Anthony, Daphne comentou:

"-por que é sempre você que arruma os arcos."

"-Porque essa porcaria de gramado é meu", ele esbravejou. Anthony levantou a mão para proteger os olhos do sol enquanto inspecionava seu trabalho. Ele tinha feito um trabalho brilhante, desta vez, disse para si mesmo. Foi diabólico.

Pura genialidade.

"-Qualquer chance de você ser capaz de abster-se de palavrões na companhia das ladies?" Isso, disse o marido de Daphne, Simon, o Duque de Hastings.

"-Ela não é uma lady," Anthony resmungou. "-Ela é minha irmã."

"-Ela é minha esposa."

Anthony sorriu. "-Mas é antes disso, minha irmã."

Simon se virou para Kate, que estava batendo com o taco verde (que ela declarou-se contente por ele, mas Anthony sabia que não) contra a grama.

"-Como", ele perguntou: "-você consegue tolerá-lo?"

45

Ela encolheu os ombros. "-É um talento que poucos possuem."

Colin pisou com confiança, segurando o taco preto como se fosse o Santo Graal. "-Vamos começar?", Perguntou ele com ar de grandiosidade.

Os lábios de Simon abriram com surpresa. "-O taco da morte?"

"-Eu sou muito inteligente", confirmou Colin.

"-Ele subornou a empregada," Kate resmungou.

"-Você subornou meu criado", Anthony apontou.

"-Então você fez!"

"-Eu não subornei ninguém", disse Simon, para ninguém em particular.

Daphne bateu em seu braço com condescendência. "-Você não nasceu nessa família."

"-Nem tão pouco ela", ele voltou, apontando para Kate.

Daphne ponderou isso. "-Ela é uma aberração", finalmente concluiu.

"-Uma aberração?" Kate perguntou.

"-É o mais alto de elogios", Daphne informou. Fez uma pausa e acrescentou: "-Neste contexto".

Ela então se virou para Colin. "-Quanto?"

"-Quanto o quê?"

"-Quanto você deu a empregada?"

Ele deu de ombros. "-Dez libras."

"-Dez libras?" Daphne quase gritou.

"-Você está louco?" Anthony exigiu.

"-Você deu ao seu criado, cinco", Kate lembrou.

"-Eu espero que não era uma das minhas melhores empregadas", Anthony resmungou, "-pois ela certamente vai sair no final do dia tendo todo esse dinheiro em seu bolso."

"-Todas as empregadas domésticas são boas", disse Kate, com certa irritação.

46

"-Dez libras", Daphne repetiu, sacudindo a cabeça. "-Eu vou dizer a sua esposa."

"-Vá em frente", disse Colin indiferentemente acenando em direção ao morro que descia o curso do Pall Mall. "-Ela está bem ali."

Daphne olhou para cima. "-Penelope está aqui?"

"-Penelope está aqui?" Anthony vociferou. "-Por quê?"

"-Ela é minha esposa", Colin devolveu.

"-Ela nunca frequentou o jogo antes."

"-Ela queria me ver ganhar", Colin atirou de volta, recompensando seu irmão com um sorriso longo e doentio.

Anthony resistiu à vontade de esganá-lo. Por muito pouco. "-E como sabe que você vai ganhar?"

Colin acenou com o taco preto diante dele. "-Eu já ganhei."

"-Bom dia, a todos", disse Penélope, indo a passos lentos encontrá-los.

"-Sem torcida," Anthony advertiu.

Penelope piscou em confusão. "-Perdão?"

"-E sob nenhuma circunstância", continuou ele, porque realmente, alguém tinha que ter certeza de que o jogo mantivesse alguma

integridade, "-você pode ficar a distância de dez passos do seu marido."

Penélope olhou para Colin, balançando a cabeça nove vezes enquanto ela estimava os passos entre eles, e deu um passo para trás.

"-Não haverá trapaças," Anthony alertou.

"-Pelo menos não algum tipo novo de fraude", acrescentou Simon. "-As técnicas de trapaças previamente estabelecidas são permitidas."

"-Posso falar com meu marido durante o curso do jogo?" Penelope perguntou suavemente.

"-Não!" Um coro retumbante, três vozes fortes.

"-Você vai notar," Simon disse-lhe, "-que eu não fiz nenhuma objeção."

"-Como eu disse", disse Daphne, roçando nele em seu caminho para inspecionar um dos arcos, "-você não nasceu nesta família."

"-Onde está Edwina?" Colin perguntou bruscamente, olhando para a casa.

"-Ela logo descerá," Kate respondeu. "-Ela estava terminando o café da manhã."

"-Ela está atrasando o jogo."

Kate virou-se para Daphne. "-Minha irmã não compartilha a nossa devoção ao jogo."

"-Ela pensa que somos todos loucos?", Perguntou Daphne.

"-Muito."

"-Bem, ela é um anjo por vir todos os anos", disse Daphne.

"-É tradição", Anthony vociferou. Ele conseguiu se apossar do taco laranja e estava balançando-o contra uma bola imaginária, estreitando os olhos enquanto ensaiava seu objetivo.

"-Ele não tem praticado o decurso, né?" Colin exigiu.

"-Como ele faria?", Perguntou Simon. "-Ele apenas configurou o decurso esta manhã. Todos nós vimos ".

Colin ignorou e virou-se para Kate. "-Será que ele fez algum estranho desaparecimento noturno recentemente?"

Ela ficou boquiaberta. "-Você acha que ele está esgueirando-se para jogar Pall Mall a luz da lua?"

"-Eu não duvidaria," Colin resmungou.

"-Nem eu", Kate respondeu, "-mas eu lhe asseguro, ele dorme em nossa cama, todas as noites."

"-Não é uma questão de camas", Colin informou. "-É uma questão de competição."

"-Isso não pode ser uma conversa apropriada a se ter em frente a uma lady ", disse Simon, mas ficou claro que ele estava se divertindo.

Anthony atirou a Colin um olhar irritado, então, enviou um na direção de Simon para uma boa medida. A conversa estava ficando ridícula, e já se tinha passado um bom tempo que deveria ter começado a partida. "-

Onde está Edwina?", Perguntou ele.

"-Eu estou vendo-a descer o morro", Kate respondeu.

48

Ele olhou para cima para ver Edwina Bagwell, irmã mais nova de Kate, caminhando ladeira abaixo. Ela nunca tinha sido muito para atividades ao ar livre, e ele bem poderia imaginá-la suspirando e revirando os olhos.

"-Pink para mim este ano", declarou Daphne, arrancando um dos tacos restantes da pilha. "-Estou me

sentindo feminina e delicada." Ela deu a seus irmãos um arqueamento de sobrancelhas. "-Uma ilusão é claro."

Simon chegou por trás dela e selecionou o taco amarelo. "-Azul para Edwina, é claro."

"-Edwina sempre fica com o azul", disse Kate para Penelope.

"-Por quê?"

Kate fez uma pausa. "Eu não sei."

"-E quanto ao roxo?", Perguntou Penelope.

"-Oh, nós nunca usamos esse."

"-Por quê?"

Kate parou de novo. "-Eu não sei."

"-Tradição", Anthony colocou.

"-Então, por que o resto de você trocam de cores a cada ano?" Penelope persistiu.

Anthony voltou-se para o seu irmão. "-Ela sempre faz tantas perguntas?"

"-Sempre".

Ele se voltou para Penelope e disse: "-Nós gostamos de fazer desta maneira."

"-Cheguei!" Edwina gritou alegremente enquanto se aproximava do restante dos jogadores. "-Oh, azul novamente."

"-Quanta consideração". Ela pegou o equipamento, então virou-se para Anthony. "-Vamos jogar?"

Ele deu um aceno com a cabeça, em seguida, virou-se para Simon. "-

Você é o primeiro, Hastings."

"-Como sempre", ele murmurou, e colocou a bola na posição inicial. "-

Afastem-se", advertiu, embora ninguém estava dentro da distância do 49

lance. Ele sacou o taco para trás e, em seguida, trouxe-o para frente, com uma magnífica batida. A bola foi velejar pelo gramado, reta e certa, desembarcando a meros metros do próximo arco.

"-Oh, muito bem!" Penelope vibrou, batendo palmas.

"-Eu disse sem torcida," Anthony resmungou. "-Será possível que ninguém mais obedece as

instruções nos dias de hoje?"

"-Mesmo para Simon?" Penelope retrucou. "-Eu pensei que era apenas Colin."

Anthony colocou sua bola abaixo com cuidado. "-Isso distrai."

"-Como se o resto de nós não distraísse", comentou Colin. "-Pode torcer, querida."

Mas ela se manteve em silêncio enquanto Anthony fazia sua pontaria.

Seu balanço foi ainda mais poderoso do que o do duque, e sua bola rolou ainda mais longe.

"-Hmmm, que má sorte", disse Kate

Anthony se virou para ela, desconfiado. "-O que você está querendo dizer? Foi uma jogada brilhante."

"-Bem, sim, mas-"

"-Saia do meu caminho", Colin ordenou, marchando para a posição inicial.

Anthony prendeu o olhar com sua esposa. "-O que você quer dizer?"

"-Nada", disse ela sem constrangimento "-só que ali está um pouco, bem... enlameado."

"-Enlameado?" Anthony olhou em direção a bola, depois de volta para sua esposa, em seguida, de volta para a bola. "-Não chove há dias."

"-Hmmm, não."

Ele olhou de volta para sua esposa. Sua enlouquecedora, diabólica, e tão-logo-a-ser-presa-em-um-calabouço-esposa.

"-Como se tornou lamacento?"

"-Bem, talvez não lamacento. . . "

"-Não lamacento", repetiu ele, com muito mais paciência do que ela merecia.

50

"-Iodoso poderia ser mais apropriado."

As palavras falhavam à ele.

"-Iodoso?" Ela franziu o rosto, tocando-o com a mão. "-Iodoso é um adjetivo para uma poça d'água?"

Ele deu um passo em sua direção. Ela correu e se escondeu atrás de Daphne.

"-O que está acontecendo?", Perguntou Daphne, contorcendo-se.

Kate levantou a cabeça e sorriu triunfante. "-Eu acredito que ele vai me matar."

"-Com tantas testemunhas?", Perguntou Simon.

"-Como", Anthony perguntou, "-se formou uma poça d'água durante a primavera mais seca de que eu tenho lembrança?"

Kate atirou outro de seus sorrisos irritantes. "-Eu derramei meu chá."

"-Toda uma poça de chá?"

Ela encolheu os ombros. "-Eu estava com frio."

"-com frio".

"-E com sede."

"-E aparentemente desajeitada, também" Simon fez a colocação.

Anthony olhou para ele.

"-Bem, se você realmente for matá-la", disse Simon, "-você se importaria de esperar até que a minha mulher não esteja mais como obstáculo entre vocês?" Ele virou-se para Kate. "-Como você sabia onde exatamente colocar a poça?"

"-Ele é muito previsível", ela respondeu.

Anthony esticou os dedos e mediu o tamanho da garganta dela.

"-Todos os anos", disse ela, sorrindo diretamente para ele. "-Você sempre coloca o primeiro arco no mesmo lugar, e sempre acerta a bola, exatamente da mesma maneira."

Colin escolheu esse momento para voltar. "-Sua vez, Kate."

Ela correu e saiu de trás de Daphne fugindo em direção ao pólo da partida. "-Tudo é justo, querido marido", ela gritou alegremente. E então 51

se inclinou para a frente, com o objetivo, e mandou a bola verde voando

- Direto para a poça.

Anthony suspirou feliz. Houve justiça neste mundo, depois de tudo.

Trinta minutos mais tarde, Kate estava esperando por sua bola perto do terceiro arco.

"-Sinto pela poça d'água", disse Colin, lembrando o acontecimento passado.

Ela olhou para ele.

Daphne passou logo depois. "-Você tem um pouco de. . ." Ela apontou para seu cabelo. "-Sim, tem", acrescentou ela, Kate esfregava furiosamente contra a têmpora. "-Embora haja um pouco mais, também..." -Ela limpou a garganta.- "-Er, em todos os lugares."

Kate olhou para ela.

Simon deu um passo para se juntar a elas. Bom Deus, será que todo mundo precisa passar pelo terceiro arco em seu caminho para o sexto?

"-Você está um pouco suja de lama", disse ele prestativamente Os dedos de Kate envolveram-se mais firmemente em torno de seu taco.

A cabeça de Simon estava muito, muito perto.

"-Mas pelo menos está misturado com chá", acrescentou.

"-O que tem isso a ver com alguma coisa?", Perguntou Daphne.

"-Eu não estou certo", Kate ouviu ele dizer a Daphne enquanto se direcionavam ao arco número cinco", mas parecia que eu devia dizer mais alguma coisa."

Kate contou até dez em sua cabeça, e em seguida, para sua certeza, Edwina apareceu em frente a ela, com Penelope se arrastando três passos atrás. O par havia se tornado uma espécie de equipe, com Edwina fazendo os lances e Penelope sendo a consultora de estratégia.

"-Oh, Kate", Edwina disse com um suspiro de pena.

"-Não diga isso", Kate rosnou.

"-Mas foi você quem fez a poça", Edwina apontou.

"-Que tipo de irmã é você?" Kate perguntou.

52

Edwina deu-lhe um sorriso brejeiro. "-Devoção de irmãs não obscurece o meu senso de jogo limpo."

"-Isso é Pall Mall. Não há jogo limpo".

"-Aparentemente não," Penelope observou.

"-Dez passos," Kate avisou.

"-Longe de Colin, não de você", Penelope retrucou. "-Embora eu acredito que devo permanecer, pelo menos, o comprimento de um taco de distância sempre."

"-Vamos?" Edwina perguntou. Ela se virou para Kate. "-Acabamos de terminar com o quarto arco."

"-E você precisava tomar o caminho mais longo de volta?" Kate murmurou.

"-Parecia apenas esportivo eu pagar-lhe uma visita," Edwina objetou.

Ela e Penelope viraram-se para ir embora, e, em seguida, Kate deixou escapar, não podia mais se conter:

"-Onde está Anthony?"

Edwina e Penelope viraram-se. "-Você realmente quer saber?", Perguntou Penelope.

Kate forçou-se a assentir com a cabeça.

"-No último arco, receio dizer", respondeu Penélope.

"Antes ou depois?" Kate grunhiu entre dentes.

"-Perdão?"

"-Ele está atrás do arco ou na frente?", Ela repetiu, impaciente. E então, quando Penelope não respondeu de imediato, ela acrescentou: "-Será que ele já atravessou o maldito arco?"

Penelope piscou com surpresa. "-Er, não. Ele está atrás a umas duas ou três tacadas, acredito "

Kate observou-as sair com os olhos apertados. Ela não ia ganhar, não havia chance disso agora. Mas se ela não poderia ganhar, então por Deus, muito menos Anthony. Ele não merecia nenhuma glória neste dia, não depois de fazê-la cair na poça de lama.

53

Oh, ele alegou que foi um acidente, mas Kate achou altamente suspeito que a bola dele tinha sido cuspidada para fora da poça no exato momento em que ela deu um passo adiante para alcançar sua própria bola. Ela teve que fazer um pequena salto para evitar a bola e estava felicitando-se em seu quase acidente quando Anthony se virou com um

patentemente falso "-Eu digo, você está bem?"

Seu taco se balançou com ele, convenientemente a nível do seu

tornozelo. Kate não tinha sido capaz de saltar sobre ele, e ela tinha ido voando para lama.

Diretamente com a cara no chão.

E, em seguida, Anthony tinha tido a ousadia de oferecer-lhe um lenço.

Ela iria matá-lo.

Matar.

Matar matar matar.

Mas primeiro precisava garantir que Anthony não ganharia esse jogo.

Anthony estava sorrindo amplamente - até mesmo assobiando-

enquanto esperava a sua vez. Estava demorando muito para que

voltasse a ser a vez dele, com Kate tão atrás de todos que alguém tinha que correr de volta para trás e avisá-la de que era sua vez, para não mencionar Edwina, que pareceu nunca entender a virtude de o jogo rápido. Tinha sido ruim o suficiente nos últimos 14 anos, com seu jogo como se tivesse o dia todo para a jogada mas agora ela ainda por cima tinha Penelope, que não permitiria que ela batesse na bola sem uma análise e aconselhamento.

Mas, por uma vez, Anthony não se importa. Ele estava na liderança, até o momento, de modo que ninguém poderia alcançá-lo.

E só para fazer a sua vitória mais doce, Kate estava em último lugar.

Tão atrás que ela não poderia ter esperanças de ultrapassar ninguém; Estava quase feliz pelo fato de que Colin tinha arrebatado o taco da morte.

Virou-se para o último arco. Ele precisava de uma tacada para obter a sua bola no ponto, e mais uma para empurrá-la completamente. Depois disso, ele precisava apenas conduzi-la ao pólo final e terminar o jogo com um toque.

54

Uma brincadeira de criança.

Anthony olhou por cima do ombro. Ele podia ver Daphne em pé no

velho carvalho. Ela estava no topo de uma colina, e, portanto, poderia ver até onde ele não podia.

"-De quem é a vez?", Ele gritou.

Ela esticou o pescoço, enquanto observava os outros jogadores para baixo do morro. -"Colin, eu acredito", disse ela, dando um giro "-o que significa que Kate é a próxima."

Ele sorriu para isso.

Ele teve que definir o caminho um pouco diferente este ano, em uma forma circular. Os jogadores tinham que seguir um padrão girando, o que significava que, como o corvo voou, ele estava realmente mais perto de Kate do que estavam os outros. Na verdade, ele só precisava se mover cerca de dez

metros ao sul, e seria capaz de vê-la empurrando em direção ao quarto arco

Ou seria apenas o terceiro?

De qualquer maneira, ele não podia perder isso.

Assim, com um sorriso no rosto, ele correu. Se ele gritasse? Iria irritá-la muito mais se gritasse. Mas isso seria cruel. E por outro lado ...

CRACK!

Anthony olhou por cima de suas ponderações bem a tempo de ver a bola verde arremessada em sua direção.

O que o diabo?

Kate deixou escapar uma gargalhada triunfante, pegou suas saias, e começou a correr de novo.

"-O que em nome de Deus você está fazendo?" Anthony exigiu. "-O

quarto arco é pra lá." Ele apontou o dedo na direção adequada, mesmo sabendo que ela sabia onde estava.

"-Eu estou ainda no terceiro arco", disse ela maliciosamente "- e de qualquer maneira, eu já desisti de vencer. É impossível, neste momento, você não acha? "

Anthony olhou para ela, então ele olhou para a bola, descansando pacificamente perto do último arco.

55

Então ele olhou para ela novamente.

"-Oh não, você não", ele rosnou.

Ela sorriu lentamente.

Maliciosamente.

Como uma bruxa.

"-Observe-me", disse ela.

Só então Colin veio correndo sobre a ascensão. "-Sua vez, Anthony!"

"-Como isso é possível?", Perguntou ele. "Kate acabou de jogar, então tem Daphne, Edwina, e Simon entre eu e ela."

"-Nós já jogamos, muito rapidamente", disse Simon, caminhando para a frente. "-Nós certamente não iríamos perder isso."

"-Oh, pelo amor de Deus", ele murmurou, observando como o resto deles correram para perto. Ele caminhou até a sua bola, estreitando os olhos enquanto preparava sua tacada.

"-Tenha cuidado com a raiz da árvore!" Penelope gritou.

Anthony cerrou os dentes.

"-Eu não estava torcendo", disse ela, com o rosto magnificamente sem graça. "-Certamente um aviso não se qualifica como uma torc-"

"Cale a boca", Anthony grunhiu.

"-Todos nós temos o nosso lugar neste jogo", disse ela, os lábios se contraindo.

Anthony se virou. "-Colin!", Ele vociferou. "-Se você não deseja encontrar-se viúvo, gentilmente amordace sua esposa."

Colin se aproximou de Penélope. "-Eu amo você", disse ele, beijando-a na bochecha.

"-E eu"

"-Pare com isso!" Anthony explodiu. Quando todos os olhos se voltaram para ele, ele acrescentou, em vez de um grunhido: "-Estou tentando me concentrar."

Kate dançou um pouco mais perto dele.

"-Fique longe de mim, mulher."

56

"-Eu só quero ver", disse ela. "Eu quase não tive a chance de ver alguma coisa deste jogo, estando assim tão atrás o tempo todo."

Ele estreitou os olhos. "-Eu poderia ser responsável pela lama, e observe a minha ênfase na palavra poderia, o que não implica qualquer tipo de confirmação da minha parte."

Ele fez uma pausa, muito claramente ignorando o resto da reunião, todos os quais estavam boquiabertos diante dele.

"-No entanto", ele continuou, "-Eu não consigo ver como a sua posição em último lugar é minha responsabilidade."

"-A lama fez minhas mãos escorregadias", ela grunhiu. "-Eu não conseguia pegar corretamente no taco."

Do seu lado, Colin fez uma careta. "-Fraco argumento, Receio, Kate.

Vou ter que conceder este ponto para Anthony, tanto quanto me dói. "

"-Tudo bem", disse ela, depois de jogar a Colin um olhar fulminante. "-

Não é culpa de ninguém, mas a minha própria. No entanto... "

E então ela não disse nada.

"-Er, no entanto o quê?" Edwina finalmente perguntou.

Kate parecia uma rainha com o seu cetro parada daquela forma, toda coberta de lama. "-No entanto", continuou ela regamente, "-Eu não tenho que gostar disso. E sendo isso Pall Mall, e sendo nós os

Bridgertons, eu não tenho que jogar limpo. "

Anthony balançou a cabeça e se curvou para baixo para continuar com o seu objetivo.

"-Ela tem um bom ponto neste momento", disse Colin, ótimo para irritar como ele era. "-Bom espírito esportivo nunca foi altamente valorizado neste jogo."

"-Fique quieto", grunhiu Anthony.

"-Na verdade," Colin continuou, "-pode-se fazer o argumento que-"

"-Eu disse para ficar quieto."

"-O oposto é verdadeiro, e que o mau espírito esportivo -"

"-Cale-se, Colin."

57

"-é De fato para ser elogiado, e-" Anthony decidiu desistir e dar um giro.

A este ritmo eles estariam ali de pé até o dia de São Miguel.

Colin nunca iria parar de falar, não quando ele achava que tinha uma chance de irritar o irmão.

Anthony se obrigou a não ouvir nada, apenas o vento. Ou pelo menos tentou.

Ele apontou.

Ele recuou.

e "crack!"

Não tão forte, não tão forte.

A bola rolou para a frente, infelizmente, não muito longe o suficiente.

Não estaria no arco em sua próxima tentativa. Pelo menos não sem a intervenção divina o suficiente para mandar a bola ao redor de uma pedra do tamanho de um punho.

"-Colin, você é o próximo", disse Daphne, mas ele já estava correndo de volta para a sua bola. Ele deu-lhe um toque casual, em seguida, gritou:

"-Kate!"

Ela deu um passo para a frente, piscando enquanto ela avaliava a disposição do terreno. Sua bola estava cerca de um pé de distância da dele. A pedra, no entanto, estava do outro lado, o que significava que, se ela tentasse sabotá-lo, ela não podia mandá-lo muito longe, sem dúvida, a pedra iria parar a bola.

"-Um dilema interessante", Anthony murmurou.

Kate circulou em torno das bolas. "-Seria um gesto romântico", pensou,

"-se eu lhe permitisse ganhar."

"-Oh, não é uma questão de você permitir", ele provocou.

"-Resposta errada", disse ela, traçando seu objetivo.

Anthony estreitou os olhos. O que ela estava fazendo?

Kate bateu na bola com um pouco de força, visando não diretamente em sua bola, mas no lado esquerdo. Sua bola bateu na dele, enviando-a em espiral para a direita. Por causa do ângulo, ela não podia enviar a bola tão longe, tanto quanto ela poderia ter com uma tacada direta, mas ela conseguiu enviá-la direto para o topo da colina.

58

Direto ao topo.

E, em seguida, para baixo dele - do outro lado.

Kate soltou um grito de prazer que não teria sido fora de lugar em um campo de batalha.

"-Você vai pagar", disse Anthony.

Ela estava muito ocupada pulando para cima e para baixo para dar-lhe qualquer atenção.

"-Quem você acha que vai ganhar agora?", Perguntou Penelope. "-Você sabe," Anthony disse

calmamente: "-Eu não me importo." E então ele foi até a bola verde e mirou.

"-Espera, não é a sua vez!" Edwina disse.

"-E não é a sua bola", acrescentou Penelope.

"-É mesmo?", Ele murmurou, e depois esmagando a bola de Kate com seu taco enviando-a arremessando pelo gramado, para baixo da encosta, e até o lago.

Kate bufou de indignação. "-Isso não foi muito esportivo de sua parte!"

Ele deu um sorriso enlouquecedor. "-Tudo é justo, tudo isso, querida esposa."

"-Você vai pegá-la", ela respondeu.

"-Você é a única que precisa de um banho."

Daphne soltou uma risada, e depois disse: "-Eu acho que deve ser a minha vez. Devemos continuar? "

Ela partiu, Simon, Edwina, e Penelope em seu rastro.

"-Colin!" Daphne vociferou.

"-Oh, muito bem", resmungou ele, arrastou-se juntamente depois.

Kate olhou para seu marido, seus lábios começam a se contorcer. "-

Bem", disse ela, coçando um ponto em seu ouvido, que estava particularmente cheio de lama, "-Eu acho que esse é o fim do jogo para nós."

"-Eu diria que sim."

59

"-Brilhante trabalho este ano."

"-Você também", acrescentou, sorrindo para ela. "-A poça foi uma grande ideia."

"-Eu também achei", disse ela, sem pudor algum. "-E, bem, sobre a lama... "

"-Não foi muito de propósito," ele murmurou.

"-Eu deveria ter feito o mesmo", ela se permitiu dizer.

"-Sim eu sei."

"-Eu estou imunda", disse ela, olhando para si mesma.

"-O lago está bem ali", disse ele.

"-Mas está tão frio."

"-Um banho, então?"

Ela sorriu sedutoramente. "-Você vai se juntar a mim?"

"-Mas é claro."

Ele estendeu o braço e juntos eles começaram a caminhar de volta para a casa.

"-Deveríamos ter dito a eles que perdemos?", Perguntou Kate.

"-Não."

"-Colin vai tentar roubar o taco preto, você sabe."

Ele olhou para ela com interesse. "-Você acha que ele vai tentar levá-lo de Aubrey Hall?"

"-Você não acha?"

"-Absolutamente", respondeu ele, com grande ênfase. "-Teremos que unir forças."

"-Oh, de fato."

Eles caminharam por mais alguns metros, em seguida, Kate disse: "-

Mas uma vez que o temos de volta. . . "

Ele olhou para ela com horror. "-Oh, então será cada um por si novamente. Você não acha que- "

60

"-Não", ela disse apressadamente. "-Absolutamente não."

"-Então estamos de acordo", disse Anthony, com algum alívio.

Realmente, onde estaria a diversão se ele não pudesse trucidar Kate?

Eles caminharam por alguns segundos a mais, em seguida, Kate

continuou: "-Eu vou ganhar no próximo ano."

"-Eu sei que você *acha* que vai."

"-Não, eu vou. Eu tenho ideias. Estratégias.

Anthony riu, depois inclinou-se para beijá-la, com lama e tudo. "-Eu tenho ideias, também", disse ele com um sorriso.

"-E muitas, muitas estratégias."

Ela lambeu os lábios. "-Nós não estamos mais falando de Pall Mall, não é mesmo?"

Ele negou com a cabeça.

Ela colocou os braços ao redor dele, com as mãos puxando sua cabeça para baixo até a dela. E então, no momento antes que seus lábios capturassem os dela, ele a ouviu suspirar - "ótimo".

61

2º Epílogo:

Um perfeito

62

cavalheiro

***Nota da autora:** "Um perfeito cavalheiro" é a minha homenagem a Cinderela, mas logo se tornou evidente que a história teve uma irmã demasiada malvada. Onde Rosamund era maliciosa e cruel, Posy tinha um coração de ouro, e quando a história chegou ao seu clímax, ela foi aquela que arriscou tudo para salvar o dia. Parece justo que ela também deveria receber seu final feliz. . .*

Nota da tradutora Tenho que confessar que me decepcionei pelo fato da história não tratar diretamente de Benedict e Sophie, porque eles são meus favoritos. Esperava que a autora retratasse a família tendo que lidar com algum burburinho sobre o passado de Sophie, um reencontro desagradável de Sophie com o filho do ex-patrão que tentou a estuprar ou com a madrasta, ou algum baile de máscara mágico que os fizesse reviver o primeiro encontro, ou Sophie descobrindo algo sobre a própria família....até algo engraçado relacionado aos quadros de Benedict.

Enfim, a história deixou os meus pombinhos favoritos um pouco de lado, mas o pouco de diálogo entre os dois, foi esplêndido, e o fato de Benedict ainda ter essa certa obsessão por ela...eu amo Benedict do fundo da minha alma....Mas a história não deixou de ser divertida, e 63

fico feliz que Posy também teve seu final feliz. E que Sophie e Benedict se divertiram com isso.

A os vinte e cinco, a senhorita Posy Reiling era considerada quase uma solteirona. Havia quem considerasse que ela tinha passado do ponto de corte de *jovem mocinha* para *encalhada* e sem esperança; vinte e três foi muitas vezes citado como a fronteira cronológica indelicada, o ponto de

corte. Mas Posy foi, como Lady Bridgerton (sua tutora não oficial) freqüentemente observava, um caso único.

Nos anos de debutantes, Lady Bridgerton insistiu, Posy tinha apenas vinte, talvez vinte e um.

Eloise Bridgerton, a mais velha filha solteira da casa, colocou isso um pouco mais sem rodeios: Os primeiros anos de Posy na sociedade

tinham sido inúteis e não deveriam ser contados contra ela.

A irmã mais nova de Eloise, Hyacinth, nunca o tipo a ser verbalmente superado, simplesmente declarou que os anos de Posy entre as idades de dezessete e vinte e dois tinham sido "podridão absoluta."

Foi neste ponto que Lady Bridgerton tinha suspirado, serviu-se de uma bebida forte, e afundou-se em uma cadeira. Eloise, cuja boca estava tão afiada quanto da Hyacinth (embora felizmente temperada por algum critério), havia comentado que era melhor que casassem Hyacinth rapidamente ou sua mãe poderia estar a caminho de se tornar uma alcoólatra. Lady Bridgerton não tinha apreciado o comentário, embora ela pensou em particular que pudesse mesmo ser verdade.

64

Mas esta é uma história sobre Posy. E, como Hyacinth tem uma

tendência a assumir qualquer coisa em que ela está envolvida. . . por favor esqueça-a até o resto do conto.

A verdade foi, que os primeiros anos de Posy nos negócios do casamento tinham sido mesmo uma podridão total. Era verdade que ela fez sua estreia em uma idade adequada de dezessete anos. E, de fato, ela era a enteada do falecido conde de Penwood, que tão prudentemente fez arranjos para seu dote antes de sua morte prematura, vários anos antes.

Ela era perfeitamente agradável de se olhar, se talvez um pouco rechonchudinha, ela tinha todos os dentes, e que tinha sido comentado mais de uma vez, que ela tinha um tipo incomum de olhos bonitos .

Qualquer um que visse a avaliação dela em um papel, não iria entender por que ela tinha estado tanto tempo sem sequer uma única proposta.

Mas qualquer avaliador dela em papel poderia não ter conhecimento sobre a mãe de Posy, Araminta Gunningworth, a viúva condessa de Penwood.

Araminta foi esplendidamente bonita, mais ainda do que a irmã mais velha de Posy, Rosamund, que havia sido abençoada com cabelo louro, uma boca botão de rosa, e os olhos de azul celeste.

Araminta era ambiciosa, também, com um enorme orgulho de sua

ascensão da pequena nobreza à aristocracia. Ela tinha ido de Senhorita Wincheslea a Sra Reiling para Lady Penwood, apesar de quem ouvi-a falar sobre isso, de sua boca pingavam colheres de prata desde o dia do seu nascimento.

Mas Araminta tinha falhado em um contexto; ela não tinha sido capaz de fornecer ao conde com um herdeiro. O que significava que, apesar do Lady antes de seu nome, ela não empunhava uma grande quantidade de poder. Ela também não tinha acesso ao tipo de fortuna que ela sentia que lhe era devido.

E assim ela alfinetou as suas esperanças em Rosamund. Rosamund, ela tinha certeza, faria um casamento esplêndido.

Rosamund era belíssima. Rosamund poderia cantar e tocar o piano, e se ela não era talentosa com uma agulha, então ela sabia exatamente como espetar Posy, que era. E uma vez que Posy não gostava que se repetissem as pulsações cutâneas do tamanho de uma agulha nela, eram os bordados de *Rosamund* que sempre pareciam requintados.

65

Os de Posy, por outro lado, em geral, não prosseguiram.

E uma vez que o dinheiro não era tão abundante como Araminta queria que suas colegas acreditassem, ela derramou o que elas tinham no guarda-roupa de Rosamund, e nas aulas de Rosamund, e tudo sobre Rosamund.

Ela não ia deixar Posy parecer embaraçosamente gasta, mas, realmente, não havia nenhum ponto em gastar mais do que precisava sobre ela.

Você não pode transformar uma orelha de porco em uma bolsa de seda, e você certamente não poderia transformar uma Posy em uma

Rosamund.

Mas. (E isso é um bem grande, MAS.)

As coisas não saíram tão bem para Araminta. É uma terrível história longa, e provavelmente merecedora de um livro próprio, mas basta dizer que Araminta enganou outra mocinha de sua herança, uma Sophia

Beckett, que por acaso era filha ilegítima do conde. Ela teria escapado com isso completamente, porque quem se preocupa com uma

bastarda?, exceto que Sophie tinha tido a ousadia de se apaixonar por Benedict Bridgerton, segundo filho da já mencionada (e extremamente bem relacionada) família Bridgerton.

Isto não teria sido suficiente para selar o destino de Araminta, exceto que Benedict decidiu que ele também amava Sophie. Amava-a

loucamente por assim dizer. E enquanto ele poderia ter esquecido o peculato, ele certamente não poderia fazer o mesmo por ela ter levado Sophie para a cadeia (com acusações fraudulentas).

As coisas pareciam sombrias para a querida Sophie, mesmo com a intervenção por parte de Benedict e de sua mãe, a também acima mencionada Lady Bridgerton. Mas, então, quem poderia aparecer para salvar o dia, se não Posy? Posy, que tinha sido ignorada durante maior parte de sua vida.

Posy, que passou anos se sentindo culpada por não levantar-se contra a mãe.

Posy, que ainda estava um pouco gordinha e nunca iria ser tão bonita quanto sua irmã, mas que sempre teve os olhos mais amáveis.

Araminta tinha deserdado-a lá naquele mesmo lugar, mas antes de Posy tivesse sequer um momento para saber se isso constituía boa ou má sorte, Lady Bridgerton a convidou para morar em sua casa, durante o tempo que quisesse.

66

Posy poderia ter passado 22 anos sendo cutucada e furada por sua irmã, mas ela não era tola.

Ela aceitou de bom grado, e nem sequer se deu ao trabalho de voltar para casa para recolher seus pertences.

Quanto a Araminta, bem, ela rapidamente assegurou-se de que estava em seu melhor interesse não fazer qualquer comentário público sobre a prestes- a- ser Sophia *Bridgerton*, a menos que fosse para declarar-lhe uma alegria absoluta e grande deleite.

O que ela não fez. Mas ela não saiu por aí chamando-a de bastarda, tampouco, o que qualquer um poderia esperar vindo dela;

Tudo isso explica (em um carrossel dando muitas voltas) por que Lady Bridgerton era a guardiã não oficial de Posy, e por que ela considerava a mesma como um caso único. Em sua mente, Posy não tinha

verdadeiramente estreado até que ela veio morar com ela. Com o dote de Penwood ou não, quem na Terra teria olhado duas vezes para uma

menina em roupas tão mal ajustadas, que sempre esteve fora, num canto, tentando o seu melhor para não ser notada por sua própria mãe?

E se ela ainda era solteira aos vinte e cinco anos por isso, era certamente igual a um mero *vinte* para qualquer outra. Ou assim Lady Bridgerton disse.

E ninguém realmente queria contradizê-la.

Quanto a Posy, muitas vezes ela disse que sua vida não tinha realmente começado até ter ido aquele dia em direção a cadeia.

Isso tendia a exigir alguma explicação, mas a maioria das declarações de Posy realmente o fez.

Posy não mentiu. O Bridgertons realmente gostaram de suas explicações. Eles gostavam dela.

Ainda melhor, ela gostava de si mesma.

O que era mais importante do que ela jamais podia imaginar.

Sophie Bridgerton considerava a sua vida a ser quase perfeita. Ela adorava seu marido, amava sua casa aconchegante, e estava certa de que seus dois filhos pequenos eram as mais bonitas, brilhantes criaturas que poderiam ter nascido em qualquer lugar, a qualquer hora, em qualquer. . . bem, em qualquer das situações possíveis.

67

Era sim verdade que eles tiveram que viver no campo, porque mesmo com a importante influência da família Bridgerton, Sophie era, por conta de seu nascimento, não susceptível de ser aceita por alguns dos recepcionistas mais *particulares* de Londres.

(Sophie chamou-os de *particulares*. Benedict chamou-os de algo completamente diferente.)

Mas isso não importava. Não realmente. Ela e Benedict preferiam a vida no campo, então não foi uma grande perda. E mesmo que seria sempre sussurrado que o nascimento de Sophie não era o que deveria ser, a história oficial é que ela era uma completamente-legítima parente distante do falecido conde de Penwood. E mesmo que ninguém

realmente acreditava em Araminta quando ela confirmou a história, confirmando que sim.

Sophie sabia que até que seus filhos já estivessem crescidos, os rumores seriam velhos o suficiente para que nenhuma porta fosse fechada para eles, se quisessem tomar seus lugares na sociedade de Londres.

Tudo estava bem. Tudo era perfeito.

Quase. Realmente, tudo o que ela precisava fazer era encontrar um marido para Posy. Não bastava *qualquer* marido, é claro.

Posy merecia o melhor.

"Ela não é para a maioria," Sophie tinha admitido a Benedict no dia anterior "mas isso não significa que ela não é uma brilhante escolha."

"Claro que não", ele murmurou. Ele estava tentando ler o jornal. fazia apenas três dias, mas na sua mente era tudo novidade ainda para ele.

Ela olhou para ele bruscamente.

"Eu quero dizer, é claro", disse ele rapidamente. E então, quando ela não entendeu imediatamente, ele emendou: "Eu quero dizer, conforme você queria dizer, que ela vai ser para alguém uma esplêndida esposa."

Sophie soltou um suspiro. "O problema é que a maioria das pessoas não parecem perceber o quão linda ela é."

Benedict deu um aceno obediente. Ele entendeu seu papel neste quadro em particular. Essa era o tipo de conversa que não era realmente uma conversa. Sophie estava pensando em voz alta, e ele estava lá para fornecer o assentimento verbal ocasional ou um gesto.

68

"Ou pelo menos é o que sua mãe relata", continuou Sophie.

"Mmm-hmm".

"Ela não foi convidada para dançar tão frequentemente como deveria."

"Os homens são muito bestas" - Benedict concordou, lançando-se para a próxima página.

"É verdade", disse Sophie com alguma emoção. "o que está em minha companhia está excluído, é claro."

"Oh, é claro."

"Na maioria das vezes", acrescentou ela, um pouco, irritada.

Ele fez-lhe um sinal de agradecimento. "muita gentileza de sua parte."

"Você está me ouvindo?", Ela perguntou, estreitando os olhos.

"Cada palavra", ele garantiu a ela, na verdade, baixando o papel suficiente para vê-la acima da borda superior. Ele não tinha visto os olhos estreitos, mas ele a conhecia bem o suficiente para ouvir exatamente isso em sua voz.

"Precisamos encontrar um marido para Posy."

Ele considerou isso. "Talvez ela não quer um".

"É claro que ela quer um marido!"

"Foi-me dito", Benedict opinou, "que toda mulher quer um marido, mas na minha experiência, isso não é exatamente verdade."

Sophie apenas o encarou, o que ele não achou surpreendente. Foi uma declaração bastante longa, vindo de um homem com um jornal.

"Considere Eloise", disse ele. Ele balançou a cabeça, o que era sua tendência habitual, sempre que pensava em sua irmã. "Quantos homens ela recusou até agora?"

"Pelo menos três", disse Sophie, "mas esse não é o ponto."

"Qual é o ponto, então?"

"Posy."

"Certo", ele disse lentamente.

69

Sophie se inclinou para frente, com os olhos assumindo uma estranha mistura de perplexidade e determinação. "Eu não sei por que os cavalheiros não vêm como ela é maravilhosa."

"Ela é para um gosto mais apurado", disse Benedict, esquecendo momentaneamente que ele não deveria emitir um parecer real.

"O Quê?"

"Você disse que ela não é para todos."

"Mas você não deveria..." Ela caiu em seu assento.- "Não importa."

"O que você estava querendo dizer?"

"Nada."

"Sophie", ele a cutucou.

"Só que você não deveria concordar comigo", ela murmurou. "mesmo que eu possa reconhecer o quão ridículo que isso é."

Era uma coisa esplêndida, Benedict há muito havia percebido, ter uma esposa tão sensata.

Sophie não falava há algum tempo, e Benedict teria retomado à sua leitura do jornal, exceto que era muito interessante observar o rosto dela. Ela mastigou o lábio, depois soltou um suspiro cansado, então, se endireitou um pouco, como se ela tivesse conseguido enfim um bom pensamento, em

seguida, franziu a testa.

Realmente, ele poderia ficar observando ela durante toda a tarde. Ele amava observar Sophie.

"Você consegue pensar em alguém?" De repente, ela perguntou.

"Para Posy?"

Ela deu-lhe um olhar. Um olhar " *De-quem-mais-poderia-eu-estar-falando*".

Ele soltou um suspiro. Benedict deveria ter previsto a pergunta, mas ele começou a pensar na pintura em que ele estava trabalhando em seu estúdio. Era um retrato de Sophie, o quarto que ele tinha feito em seus três anos de casamento. Ele estava começando a pensar que não tinha conseguido capturar a boca muito corretamente. Não eram os lábios, talvez os cantos de sua boca. Um bom retratista precisava entender os músculos do corpo humano, mesmo aqueles na face, e-70

" *BENEDICT* !"

"Que tal o Sr. Folsom?", Ele disse muito rapidamente.

"O advogado?"

Ele assentiu com a cabeça.

"Ele parece matreiro."

Ela estava certa, ele percebeu, agora que pensava sobre isso. "Sir Reginald?"

Sophie deu-lhe um outro olhar, visivelmente desapontada com a sua seleção. "Ele é gordo."

"Assim é-"

"Ela não é", Sophie cortou. "Ela é agradavelmente rechonchuda".

"Eu ia dizer que assim é o Sr. Folsom", disse Benedict, sentindo a necessidade de se defender "mas que esperava que você tivesse escolhido comentar sobre a sua inconstância."

"Oh."

Ele se permitiu o menor dos sorrisos.

"Inconstância é muito pior do que o excesso de peso", ela murmurou.

"Eu não poderia estar mais de acordo", disse Benedict. "E o Sr.

Woodson?"

"Quem?"

"O novo vigário. O que você disse- "

"-que tem um sorriso brilhante!" Sophie terminou a frase dele animadamente. "Oh, Benedict, ele é perfeito! Oh, eu te amo te amo te amo!" - Com isso, ela praticamente pulou através da mesinha entre eles e diretamente para os braços de seu Benedict.

"Bem, eu também te amo", disse ele, e ele parabenizou-se por ter tido a precaução de fechar a porta da sala de desenho quando entraram.

O jornal voou por cima do ombro, e tudo estava bem com o mundo.

A temporada chegou ao fim algumas semanas mais tarde, e assim Posy decidiu aceitar o convite de Sophie para uma visita prolongada. Londres era quente e pegajosa e malcheirosa no verão, e uma estadia no campo 71

parecia apenas a coisa certa. Além disso, ela não tinha visto qualquer um dos seus afilhados fazia vários meses, e ela ficou horrorizada quando Sophie tinha escrito a dizer que Alexandre já havia começado a perder um pouco da sua gordura de bebê.

Oh, ele era apenas a coisa mais adorável de espremer. Ela tinha que ir vê-lo, antes que ele crescesse e ficasse magrinho.

Ela simplesmente tinha.

E seria bom ver Sophie, também. Ela tinha escrito dizendo que ainda estava se sentindo um pouco fraca, e Posy gostava de lhe ser uma ajuda.

Alguns dias após a visita, ela e Sophie estavam tomando chá e a conversa girou, como ocasionalmente fazia, para Araminta e Rosamund, a quem Posy ocasionalmente esbarrou em Londres. Depois de mais de um ano de silêncio, a mãe finalmente tinha começado a reconhecer a ela, mas, mesmo assim, a conversa foi breve e afetada. Que, Posy tinha decidido, era mesmo o melhor. Sua mãe poderia não ter tido nada a dizer a ela, mas ela não tinha nada a dizer à sua mãe, também.

Na medida em que a epifania passou, tinha sido bastante libertador.

"Eu a vi em frente a modista," Posy disse, ajeitando o chá do jeito que ela gostava, com bastante leite e sem açúcar. "Ela estava descendo os degraus, e eu não podia evitá-la, e então eu percebi que eu não queria evitá-la. Não que eu quisesse falar com ela, é claro." Ela tomou um gole.

"Pelo contrário, eu não queria gastar a energia necessária para me esconder."

Sophie assentiu com aprovação.

"E então nós nos falamos, e não dissemos nada, realmente, embora ela conseguiu entrar em um dos seus inteligentes pequenos insultos."

"Eu odeio isso."

"Eu sei. Ela é tão boa nisso. "

"É um talento", Sophie comentou. "Não é a melhor, mas um talento, no entanto."

"Bem", Posy continuou: "Eu devo dizer, eu fui bastante madura sobre todo o encontro. Eu deixei-a dizer o que ela desejava, e então eu dei-lhe meu adeus. E então eu tive a noção mais surpreendente. "

"Qual?"

72

Posy deu um sorriso. "Eu gosto de mim mesma."

"Bem, é claro que sim", disse Sophie, piscando em confusão.

"Não, não, você não entende", disse Posy. Foi estranho, porque Sophie deveria ter entendido perfeitamente. Ela era a única pessoa no mundo que sabia o que significava viver como criança desfavorecida por Araminta. Mas havia algo tão ensolarado sobre Sophie. Sempre tinha havido. Mesmo quando Araminta a tratava como uma escrava em

potencial, Sophie nunca parecia abatida. Sempre houve um espírito singular nela, uma faísca. Não era provocação; Sophie era a pessoa menos desafiadora que Posy conhecia, exceto, talvez, ela mesma.

Não provocava. . . era resiliente. Sim, era isso exatamente.

De qualquer forma, Sophie deveria ter entendido o que Posy quis dizer, mas ela não o fez, por isso Posy disse: "Eu nem sempre gostei de mim mesma. E por que eu deveria gostar? Minha mãe não gostava de mim. "

"Oh, Posy", disse Sophie, com os olhos cheios de lágrimas, "você não deve..."

"Não, não", disse Posy, bem-humorada. "Não penso em nada disso. Isso não me incomoda. "

Sophie apenas olhou para ela.

"Bem, não mais", Posy emendou. Ela olhou para o prato de biscoitos que pairava na mesa entre elas. Ela realmente não devia comer mais um. Ela tinha comido três, e ela queria mais três, então talvez isso significava que, se comesse mais um, ela estava realmente muito perto de comer mais dois....

Ela girou os dedos contra sua perna. Provavelmente ela não deveria comer mais um. Provavelmente ela deveria deixá-los para Sophie, que tinha acabado de ter um bebê e precisava recuperar sua força. Embora Sophie parecia perfeitamente recuperada, e o pequeno Alexander já tinha quatro meses de idade. . .

"Posy?"

Ela ergueu os olhos.

"Há algo de errado?"

Posy deu de ombros. "Eu não consigo decidir se desejo mais um biscoito."

73

Sophie piscou. "Um biscoito? Sério? "

"Há pelo menos duas razões por que eu não deveria, e, provavelmente, mais do que isso." Ela fez uma pausa, franzindo a testa.

"Você parecia muito séria", comentou Sophie. "Quase como se estivesse conjugando Latim."

"Oh, não, eu deveria parecer muito mais em paz se eu estivesse conjugando Latim", Posy declarou. "Isso seria bastante simples, já que eu não sei nada sobre isso. Sobre biscoitos, por outro lado, eu pondero infinitamente." Ela suspirou e olhou para o seu meio. "Para meu grande desapontamento."

"Não seja boba, Posy," Sophie repreendeu-a. "Você é a mulher mais linda de que tenho conhecimento."

Posy sorriu e pegou o biscoito. A coisa maravilhosa sobre Sophie era que ela não estava mentindo.

Sophie realmente achava ela a mulher mais bela de seu conhecimento.

Mas, novamente, Sophie tinha sido sempre esse tipo de pessoa. Ela via bondade onde outros não viam. . . Bem, onde os outros nem sequer se preocuparam em olhar, para ser franca.

Posy deu uma mordida e mastigou, decidindo que absolutamente valia a pena. Manteiga, açúcar e farinha. O que poderia ser melhor?

"Eu recebi uma carta de Lady Bridgerton hoje", comentou Sophie.

Posy olhou para cima, em interesse. Tecnicamente, Lady Bridgerton poderia significar a cunhada de Sophie, a esposa do visconde atual.

Mas ambas sabiam que ela se referia à mãe de Benedict. Para elas, ela seria sempre Lady Bridgerton. A outra era Kate. Que era perfeito, já que essa era a preferência de Kate dentro da família.

"Ela disse que o Sr. Fibberly apareceu." Quando Posy não comentou, Sophie acrescentou: "Ele estava procurando por você."

"Bem, é claro que ele estava", disse Posy, decidindo comer o quarto biscoito depois de tudo. "Hyacinth é muito jovem e Eloise o assusta."

"Eloise me aterroriza", Sophie admitiu. "Ou, pelo menos, ela costumava me aterrorizar. Hyacinth Tenho certeza de que vai me aterrorizar no túmulo".

"Você só precisa saber como gerenciar a ela," Posy disse com um aceno.

Era verdade, Hyacinth Bridgerton era aterrorizante, mas as duas 74

sempre se deram muito bem. Foi, provavelmente, devido ao firme

(alguns podem dizer inflexível) senso de justiça de Hyacinth. Quando ela descobriu que a mãe de Posy nunca tinha a amado, bem como

Rosamund...

Bem, Posy nunca tinha contado contos, e ela não ia começar agora, mas deixe-me dizer que Araminta nunca mais comeu peixe novamente.

Ou frango.

Posy tinha o controle dos criados, e sempre teve a fofoca mais precisa.

"Mas você estava prestes a me dizer sobre o Sr. Fibberly", disse Sophie, ainda bebericando seu chá.

Posy deu de ombros, embora ela não estava a ponto de fazer tal coisa.

"Ele é tão chato."

"Bonito?"

Posy deu de ombros novamente. "Eu não posso dizer".

"Geralmente é só olhar para o rosto."

"Eu não suporto o quanto é entediante. Eu não acho que ele alguma vez ri. "

"Não pode ser tão ruim assim."

"Oh, pode, eu lhe garanto." Ela estendeu a mão e pegou mais um biscoito antes que ela percebesse que não tinha a intenção. Oh bem, ele já estava em sua mão agora, ela não poderia muito bem colocá-lo de volta. Ela acenou com ele no ar enquanto falava, tentando fazer seu ponto. "Ele às vezes faz esse barulho terrível como, 'Ehrm ehrrm ehrrm', e eu acho que ele pensa que ele está rindo, mas ele claramente não está."

Sophie riu, embora ela olhou para Posy como se ela achasse que não deveria.

"E ele nem sequer olhou para os meus peitos!"

"Posy!"

"É a minha melhor característica."

"Não é!" Sophie olhou envolta da sala de desenho, mesmo que não houvesse precisamente ninguém lá. "Eu não posso acreditar que você disse isso."

75

Posy soltou um suspiro frustrado. "Eu não posso dizer ' *peitos* ' em Londres e agora eu não posso dizer em Wiltshire, tampouco?"

"Não quando eu estou esperando o novo vigário", disse Sophie.

Um pedaço de biscoito de Posy desprendeou, caindo em seu colo. "O

Quê?"

"Eu não te disse?"

Posy olhou desconfiada. A maioria das pessoas pensaria que Sophie seria uma péssima mentirosa, mas isso era só porque ela tinha um olhar tão angelical. E ela raramente mentia. Então, todo mundo achava que se o fizesse, ela seria péssima nisso.

Posy, no entanto, sabia melhor. "Não", ela disse, limpando as saias,

"você não me disse."

"O que é bem inesperado de minha parte," Sophie murmurou. Ela pegou um biscoito e deu uma mordida.

Posy olhou para ela. "Você sabe o que eu não estou fazendo agora?"

Sophie sacudiu a cabeça.

"Eu não estou rolando meus olhos, porque eu estou tentando agir de uma maneira que convém a minha idade e maturidade."

"Você parece muito grave."

Posy olhou-a um pouco mais. "Ele não é casado, eu assumo."

"Er, correto."

Posy ergueu a sobrancelha esquerda em um bom arqueamento, uma

expressão possivelmente recebida como o único presente útil herdado de sua mãe. "Quantos anos tem este vigário?"

"Eu não sei", Sophie admitiu, "mas ele ainda tem todos os fios de cabelo."

"Então já chegamos a isso", Posy murmurou.

"Eu pensei em você quando eu o conheci", disse Sophie, "porque ele sorri."

Porque ele sorri? Posy estava começando a pensar que Sophie era um pouco doida. "Perdão?"

76

"Ele sorri com tanta frequência. E tão bem." Nisso Sophie sorriu. "Eu não podia deixar de pensar em você."

Posy fez revirar os olhos desta vez, em seguida, seguiu-o com um imediato "Eu decidi abandonar a maturidade."

"De qualquer forma."

"Vou conhecer o seu vigário," Posy disse, "mas você deve saber que eu decidi aspirar a excentricidade."

"Desejo-lhe o melhor com isso", disse Sophie, não sem sarcasmo.

"Você acha que eu não consigo?"

"Você é a pessoa menos excêntrica que eu conheço."

Era verdade, é claro, mas se Posy tivesse que gastar a sua vida como uma solteirona, ela queria ser a pessoa excêntrica com o grande chapéu, e não a desesperada que comprimia os lábios.

"Qual o nome dele?", Perguntou ela.

Mas antes de Sophie pudesse responder, elas ouviram a abertura da porta da frente, e era o mordomo dando a ela sua resposta ao anunciar,

"Sr. Woodson está aqui para vê-la, Sra Bridgerton. "

Posy escondeu seu meio-devorado biscoito sob um guardanapo e cruzou as mãos graciosamente no colo. Ela estava um pouco ofendida com Sophie por convidar um solteirão para o chá sem alertá-la, mas ainda assim, parecia haver pouca razão para não causar uma boa impressão.

Ela olhou com expectativa para a porta, esperando pacientemente enquanto os passos de o Sr. Woodson se aproximava.

E, em seguida. . .

E, em seguida. . .

Honestamente, não tentaria recontar isso, porque ela não se lembrou de quase nada do que se seguiu.

Ela o viu, e foi como se, depois de vinte e cinco anos de vida, seu coração finalmente começasse a bater.

Hugh Woodson nunca tinha sido o garoto mais admirado na escola. Ele nunca tinha sido o mais bonito ou o mais atlético. Ele nunca tinha sido o mais inteligente, ou o mais esnobe, ou o mais tolo.

77

O que ele tinha sido, e que ele tinha sido toda a sua vida, era o mais bem quisto.

As pessoas gostavam dele. Sempre gostavam. Ele supunha que era

porque ele também gostava muito das pessoas em troca.

Sua mãe jurava que ele saiu do ventre sorrindo. Ela disse isso com muita frequência, embora Hugh suspeitava que ela fazia isso apenas para conduzir o seu pai para: ". Oh, Georgette, você sabe que eram apenas gases"

O que nunca falhava em colocar ambos em acessos de risos.

Era uma prova de amor de Hugh para os dois, e sua facilidade geral consigo mesmo, já que geralmente ele ria também.

No entanto, por toda a sua simpatia, ele nunca parecia atrair as fêmeas.

Elas o adoravam, é claro, e confiavam seus segredos mais

desesperados, mas elas sempre fizeram isso de uma maneira que levou Hugh a acreditar que ele era visto como apenas um tipo de criatura alegre e confiável.

A pior parte era que toda mulher dos seus conhecimentos era

absolutamente positiva sobre o fato de que conhecia a mulher perfeita para ele, ou se não, então ela tinha certeza de que uma mulher perfeita, de fato, existia lá para ele.

Que nenhuma mulher nunca pensava-se como a mulher perfeita para ele não passou despercebido. Bem, por Hugh não, pelo menos. Todo mundo estava distraído.

Mas ele continuou, porque não havia motivos para fazer o contrário. E

como sempre tinha suspeitado de que as mulheres eram o sexo mais inteligente, ele ainda tinha esperança de que a mulher perfeita estava de fato lá fora...

Afinal, nada menos de quatro dezenas de mulheres haviam dito. Elas não poderiam estar todas erradas.

Mas Hugh estava quase com trinta anos, e a *Senhorita Perfeição* ainda não tinha considerado oportuno revelar-se. Hugh estava começando a pensar que ele deveria tomar esse assunto em suas próprias mãos, mas havia o detalhe de que não tinha ideia do que poderia fazer,

especialmente porque ele tinha acabado de arranjar a vida em um canto bastante tranquilo de Wiltshire, e ao que parecia não havia uma única mulher solteira em idade apropriada em sua paróquia.

78

Notável, mas é verdade.

Talvez ele devesse ir até Gloucestershire no próximo domingo. Havia uma vaga lá, e ele tinha sido convidado a contribuir e fazer um sermão ou dois, até que encontrassem um novo vigário. Tinha que haver pelo menos uma mulher solteira. A totalidade do Cotswolds não poderia ser destituída de mulheres solteiras.

Mas este não era o momento para debruçar-se sobre essas coisas. Ele acabava de chegar para o chá com a Sra Bridgerton, um convite para o qual ele foi extremamente grato. Ele ainda estava se familiarizando com a área e seus habitantes, mas já tinha tomado nota em um único

sermão realizado, de que a senhora Bridgerton era universalmente querida e admirada. Ela parecia bastante inteligente e gentil também.

Ele esperava que ela gostasse de fofocar. Ele realmente precisava de alguém para enchê-lo de conhecimento sobre todos. Um clérigo não poderia cuidar bem do rebanho sem saber de sua história.

Ele também tinha ouvido falar que a sua cozinheira servia um chá muito bom. Os biscoitos tinham sido mencionados em particular.

"Senhor. Woodson para vê-lo, senhora Bridgerton. "

Hugh entrou na sala de desenho assim que o mordomo afirmou seu

nome. Ele estava muito agradecido por ter se esquecido de almoçar, porque a casa cheirava celestialmente e-E então ele esqueceu completamente tudo.

O por que ele tinha vindo.

Quem ele era.

A cor do céu, até mesmo, o cheiro da grama.

Na verdade, enquanto ele estava lá na porta em arco da sala dos Bridgertons, ele sabia de uma coisa, e apenas uma coisa.

A mulher no sofá, aquela com os olhos extraordinários, que não era a Sra Bridgerton, Era a sua

Sophie Bridgerton sabia uma coisa ou duas sobre o amor à primeira vista. Ela tinha, uma vez, sido atingida por esse raio proverbial, emudecida com paixão sem fôlego, felicidade inebriante, e uma sensação de formigamento estranho em todo seu corpo.

Ou, pelo menos, era assim que ela se lembrava.

79

Ela também lembrou que, mesmo que a seta do Cupido foi no seu caso, comprovada notavelmente precisa, houve bastante tempo para que ela e Benedict pudessem alcançar o seu felizes para sempre. Assim, mesmo que ela quisesse saltar em seu assento com alegria, enquanto observava Posy e o Sr. Woodson olharem um para o outro como um par de filhotes apaixonados, outra parte dela a extremamente prática, "nascida do lado errado do cobertor, eu sou bem consciente de que o mundo não é feito acima do arco-íris em um lugar cheio de anjos" parte dela então, estava tentando conter sua excitação.

Mas a coisa sobre Sophie era que, não importa o quão horrível sua infância tinha sido (e partes dela tinha sido bastante, pavorosamente horrível), não importa quanta crueldades e indignidades ela enfrentou em sua vida (e há, também, o fato de que ela não tinha sorte), ela era, no fundo, uma romântica incurável.

O que acabou a levando a Posy.

Era bem verdade que Posy a visitava várias vezes a cada ano, e também era verdade que uma dessas visitas quase sempre coincidia com o final da temporada, mas Sophie poderia ter acrescentado um pouco de

súplica extra no seu último convite enviado. Ela pode ter exagerado um pouco ao descrever quão rapidamente as crianças estavam crescendo, e havia uma chance de que ela realmente estava mentindo quando disse que se sentia um pouco mal.

Mas, neste caso, os fins, absolutamente justificam os meios. Oh, Posy tinha dito a ela que estaria perfeitamente satisfeita em permanecer solteira, mas Sophie não acreditava nela nem por um segundo. Ou, para ser mais precisa, Sophie acreditava que Posy acreditava que ela realmente seria perfeitamente contente. Mas bastava olhar para Posy aconchegando os pequenos - William e Alexander- para saber que ela tinha nascido pra ser mãe, e que o mundo seria um lugar muito mais pobre se Posy não tivesse um bando de crianças para chamar de suas.

Era verdade que Sophie tinha, uma vez ou talvez doze, feito questão de apresentar Posy para qualquer cavalheiro que se encontrava solteiro no momento em Wiltshire, mas desta vez. . .

Desta vez, Sophie sabia.

Desta vez, isso era amor.

"Senhor. Woodson ", disse ela, tentando não sorrir como uma louca,

"posso lhe apresentar a minha querida irmã, senhorita Posy Reiling? "

80

Sr. Woodson olhou como se acreditasse estar dizendo alguma coisa, mas a verdade era que ele estava apenas olhando para Posy como se tivesse acabado de conhecer Aphrodite.

"Posy," Sophie continuou, "este é o Sr. Woodson, o nosso novo vigário.

Ele chegou muito recentemente, o que foi, há apenas três semanas? "

Ele estava já na residência por quase dois meses. Sophie sabia disso perfeitamente bem, mas ela estava ansiosa para ver se ele estava mesmo ouvindo, o suficiente para corrigi-la.

Mas ele apenas acenou com a cabeça, sem tirar os olhos de Posy.

"Por favor, Sr. Woodson," Sophie murmurou, "sente-se."

Ele conseguiu compreender o que ela quis dizer, e então abaixou-se na cadeira.

"Chá, Sr. Woodson?" Sophie perguntou.

Ele assentiu com a cabeça.

"Posy, você pode servir?"

Posy assentiu.

Sophie esperou, e então, quando se tornou evidente que Posy não ia fazer muita coisa além de sorrir para o Sr. Woodson, ela disse, "Posy."

Posy virou-se para olhar para ela, mas sua cabeça se moveu tão

lentamente e com tanta relutância, que foi como se um ímã gigante estivesse-a forçando a fazer esse movimento.

"Você vai servir o chá do Sr. Woodson?" Sophie murmurou, tentando sorrir apenas com os olhos .

"Oh. É claro." Posy voltou-se para o vigário, com aquele sorriso bobo retornando ao seu rosto. "Você gostaria de um pouco de chá?"

Normalmente Sophie poderia ter mencionado que ela já tinha

perguntado ao Sr. Woodson se ele queria chá, mas não havia nada de normal sobre este encontro, então ela decidiu simplesmente sentar e observar.

"Eu adoraria", disse Woodson para Posy. "Mais do que qualquer outra coisa."

81

Realmente, Sophie pensou, era como se ela nem estivesse ali.

"Como é que você o toma?", Perguntou Posy.

"Do jeito que você desejar."

Oh agora, isso já era demais. Nenhum homem caia tão cegamente em amor que ele já nem mesmo tinha uma preferência para seu chá.

Estavam na Inglaterra, pelo amor de Deus. Mais ao ponto, isso era chá.

"Temos leite e açúcar", disse Sophie, incapaz de se conter. Ela tinha a intenção de se sentar e assistir, mas realmente, até mesmo para pessoa mais romântica seria impossível ter permanecido em silêncio.

Sr. Woodson não a ouviu.

"O senhor pode acrescentar qualquer um no seu chá", acrescentou ela.

"Você tem os olhos mais extraordinários", disse ele, e sua voz estava cheia de admiração, como se ele não conseguisse acreditar que ele estava realmente ali, naquela sala, com Posy.

"Seu sorriso," disse Posy em troca. "É. . . adorável. "

Ele se inclinou para a frente. "Você gosta de rosas, senhorita Reiling?"

Posy assentiu.

"Eu tenho que trazer-lhe algumas."

Sophie desistiu de tentar parecer serena e, finalmente, deixou-se sorrir.

Não que qualquer um deles estivesse olhando para ela, de qualquer maneira. "Temos rosas", disse ela.

Nenhuma resposta.

"No jardim de trás."

Mais uma vez, nada.

"Onde vocês dois podem ir dar um passeio."

Era como se alguém tivesse enfiado uma alfinete em ambos agora.

"Oh, não seria ótimo?"

"Eu ficaria muito satisfeito."

"Por favor, permita-me que-"

"Tome meu braço."

82

"Eu gostaria-"

"Oh, Você deve-"

Até o momento em que Posy e Sr. Woodson já estavam na porta, Sophie mal podia entender quem estava dizendo o quê.

E nenhuma gota de chá tinha entrado na xícara do Sr. Woodson.

Sophie esperou por um minuto, e depois começou a rir, batendo a mão sobre a boca para abafar o som, embora ela sabia que não precisava se preocupar com isso. Era um riso de puro deleite. Orgulho, também, por ter orquestrado a coisa toda.

"Do que você está rindo?" Era Benedict, peregrinando para a sala, com seus dedos manchados de tinta. "Ah, biscoitos. Excelente. Estou faminto. Esqueci-me de comer esta manhã." Ele pegou o último e franziu a testa. "Você poderia ter deixado mais para mim."

"É Posy", disse Sophie, sorrindo. "E o Sr. Woodson. Eu prevejo um período muito curto de noivado."

Os olhos de Benedict se arregalaram. Ele se virou para a porta, em seguida, para a janela. "Onde eles estão?"

"Na parte de trás. Nós não podemos vê-los daqui. "

Ele mastigou pensativamente. "Mas nós poderíamos ver... do meu estúdio."

Por cerca de dois segundos nenhum deles se moveu. Mas apenas por cerca de dois segundos.

Eles correram para a porta, empurrando um ao outro em seu trajeto pelo corredor, até o estúdio de Benedict, que se projetava para parte de trás da casa, dando-lhe luz de três direções. Sophie chegou lá primeiro, embora não por meios inteiramente justos, e soltou um suspiro

chocado.

"O que foi?", Disse Benedict da porta.

"Eles estão se beijando!"

Ele avançou a passos largos. "Eles não estão."

"Oh, eles estão."

Ele estabeleceu-se ao lado dela, e sua boca se abriu. "Bem, eu vou ser condenado."

83

E Sophie, que nunca gostava de blasfêmias, respondeu: "Eu sei. eu sei."

"E eles acabaram de se conhecer? Sério? "

"Você me beijou na primeira noite em que nos conhecemos", ressaltou.

"Isso foi diferente."

Sophie conseguiu puxar sua atenção do casal se beijando no gramado, apenas o tempo suficiente para exigir, "Como?"

Ele pensou por um momento, então respondeu: "Era um baile de máscaras."

"Ah, então está tudo certo beijar alguém, se você não sabe quem são eles?"

"Não é justo, Sophie", disse ele, cacarejando enquanto balançava a cabeça. "Eu perguntei a você, e você não quis me dizer seu nome."

Isso era verdade o suficiente para pôr fim a um determinado ramo da conversa, e eles ficaram ali por um momento, sem vergonha de assistir Posy e o vigário. Eles pararam de se beijar e agora estavam falando - ao que parecia, a mil por hora. Posy falava e, em seguida, o Sr. Woodson concordava vigorosamente e interrompeu-a, e então ela o interrompeu-o, e então parecia que ele estava rindo, de todas as coisas, e, em seguida, Posy começou a falar com tanta animação que acenava com seus braços sobre a cabeça.

"O que em nome do Pai eles poderiam estar dizendo?", Se perguntou Sophie.

"Provavelmente tudo o que deveriam ter dito antes que ele a beijasse."

Benedict franziu a testa, cruzando os braços. "Há quanto tempo eles chegaram a isso, afinal?"

"Você está assistindo isso há tanto tempo quanto eu."

"Não, eu quis dizer, quando ele chegou? Será que eles sequer conversaram antes. . ." - Ele acenou com a mão em direção à janela, apontando para o casal, que parecia prestes a se beijar novamente.

"Sim, claro, mas. . ." - Sophie fez uma pausa, pensando. Ambos, Posy e Sr. Woodson tinham sido

bastante língua-presa em sua apresentação.

Na verdade, ela não conseguia se lembrar de uma única palavra substantiva que foi falada.

"Bem, não muito, Receio."

84

Benedict balançou a cabeça lentamente. "Você acha que eu deveria ir lá fora?"

Sophie olhou para ele, em seguida, para janela, e depois de volta para ele. "Você está louco?"

Ele deu de ombros. "Ela é minha irmã agora, e essa é a minha casa. . . "

"Não se atreva!"

"Então, eu não tenho que proteger a honra dela?"

"É seu primeiro beijo!"

Ele arqueou uma sobrancelha. "E aqui estamos nós, espionando-a."

"É meu direito", disse Sophie, indignada. "Eu organizei a coisa toda."

"Oh você organizou tudo? Eu me lembro muito bem, que fui eu a sugerir o Sr. Woodson. "

"Mas você não fez nada sobre isso."

"Esse é o seu trabalho, querida."

Sophie considerou uma réplica, porque o seu tom de voz era um pouco irritante, mas ele tinha um ponto. Ela realmente desfrutou muito tentando encontrar um par perfeito para Posy, e ela estava definitivamente apreciando seu sucesso óbvio.

"Você sabe", disse Benedict, pensativo, "poderemos ter uma filha algum dia."

Sophie voltou-se para ele. Ele não era normalmente inclinado para tais tipos de argumentos inválidos ou incongruências " *Perdão?* "

Ele gesticulou para os pombinhos no gramado. "Só que esta poderia ser uma excelente prática para mim. Estou bastante certo de que eu

gostaria de ser um pai autoritário e protetor. Eu poderia sair correndo e o despedaçar membro por membro. "

Sophie fez uma careta. Pobre Sr. Woodson não teria a menor chance.

"Desafiá-lo para um duelo?"

Ela balançou a cabeça.

"Muito bem, mas se ele a deitar no chão, eu vou interceder".

85

"Ele não vai! Oh Céus" Sophie se inclinou para frente, com o rosto quase no vidro. "Meu Deus."

E ela nem sequer cobriu a boca com horror por ter usado o nome de Deus em vão.

Benedict suspirou, então flexionou os dedos. "Eu realmente não quero ferir minhas mãos. Estou na metade de seu retrato, e está indo muito bem. "

Sophie tinha uma mão no braço dele, segurando-o junto a ela, mesmo que ele não estava realmente se movendo para qualquer lugar.

"Não", ela disse, "não" - Ela engasgou. "Oh, meu... Talvez devêssemos fazer alguma coisa. "

"Eles não estão no chão ainda."

"Benedict!"

"Normalmente eu diria para chamar o presbítero", observou ele, "exceto que parece ser justo ele quem nos colocou nesta bagunça para começo de conversa."

Sophie engoliu a seco. "Talvez você consiga adquirir uma licença especial para eles? Como um presente de casamento? "

Ele sorriu. "Considere isso feito."

Foi um esplêndido casamento. E aquele beijo no final. . .

Ninguém ficou surpreso quando Posy produziu um bebê nove meses

depois, e, então, em intervalos anuais depois deste. Ela teve um grande cuidado na nomeação de sua ninhada, e o Sr. Woodson, que era tão amável como vigário como tinha sido em qualquer outra fase da vida dele, adorava-a demais para discutir com qualquer uma de suas

escolhas.

A primeira foi Sophie, por razões óbvias, e em seguida Benedict. A próxima teria sido Violet, mas Sophie lhe implorou para que não. Ela sempre quis o nome Violet para sua filha, e seria muito confuso com as famílias vivendo tão perto. Então Posy foi para Georgette, nome da mãe de Hugh, que

ela pensou que tinha o sorriso mais bonito.

Depois escolheu John, nome do pai de Hugh. Por algum tempo, parecia que ele continuaria a ser o bebê da família. Após dar à luz a cada mês de junho, durante quatro anos consecutivos, Posy parou de engravidar.

Ela não estava fazendo nada de diferente, ela confidenciou a Sophie; ela 86

e Hugh ainda estavam muito apaixonados. Pareceu-lhe que o seu corpo tinha decidido que era tempo de encerrar.

E para ela estava tudo bem. Com duas meninas e dois meninos, todos ainda na casa de apenas um dígito, ela tinha as mãos cheias.

Mas então, quando John tinha cinco anos, Posy sentiu-se mal um dia enquanto estava deitada, atirando o que tinha no estômago ao chão.

Isso só poderia significar uma coisa, e no outono seguinte, ela deu à luz uma menina.

Sophie estava presente no momento do nascimento, como ela sempre estava. "Qual será o nome dela?", Perguntou ela.

Posy olhou para a pequena criatura perfeita em seus braços. Ela estava dormindo muito profundamente, e mesmo que ela sabia que os recém-nascidos não sorriam, a bebê realmente parecia como se estivesse bastante satisfeita com alguma coisa.

Talvez sobre nascer. Talvez esta fosse atacar a vida com um sorriso.

Bom humor seria a sua arma de escolha.

Que esplêndido ser humano que ela seria.

"Araminta," Posy disse de repente.

Sophie quase caiu com o choque do mesmo. "O Quê?"

"Eu quero chamá-la de Araminta. Estou bastante certa." Posy acariciou a bochecha da bebê, então a tocou suavemente sob o queixo.

Sophie não conseguia parar de agitar a cabeça. "Mas sua mãe. . . Eu não posso acreditar que você faria - "

"Eu não estou nomeando-a para minha mãe", Posy cortou-a gentilmente. "Eu estou nomeando-a por causa da minha mãe.

É diferente. "

Sophie parecia duvidar, mas ela se inclinou para dar uma olhada mais de perto na bebê. "Ela é realmente muito doce", murmurou.

Posy sorriu, não tirando os olhos da bebê. "Eu sei."

"Acho que eu poderia me acostumar com isso", disse Sophie, sua cabeça balançando de um lado para outro em aquiescência. Ela mexeu o dedo entre a mão e o corpo do bebê, dando a palma da mão um pouco de cócegas até que os dedos minúsculos embrulhasse instintivamente ao redor de seu. "Boa noite, Araminta", disse ela.

87

"Muito prazer em conhecê-la."

"Minty", disse Posy.

Sophie olhou para cima. "O Quê?"

"Eu estou chamando ela de *Minty*. Araminta vai ser o nome na árvore da família, mas para nós, será Minty. "

Sophie apertou os lábios em um esforço para não sorrir. "Sua mãe odiaria isso."

"Sim", Posy murmurou ", ela odiaria, não odiaria?"

"Minty", disse Sophie, testando o som na sua língua. "Eu gosto disso.

Não, acho que eu adoro isso. Combina com ela. "

Posy beijou o topo da cabeça de Minty. "Que tipo de garota que você vai ser?", Ela sussurrou. "Doce e dócil?"

Sophie riu disso. Ela tinha estado presente em doze nascimentos -

quatro dela própria, sendo cinco de Posy, e três da irmã de Benedict, Eloise. Nunca tinha ouvido um bebê entrar neste mundo com um choro tão alto e ruidoso como a pequena Minty. "Esta aqui", disse ela com firmeza, "vai levar você a uma caçada alegre."

E ela realmente fez. Mas isso, caro leitor, é outra história. .

88

Os Segredos

de

Colin

Bridgerton

89

Nota da autora: Dizer que um grande segredo foi revelado em Os Segredos de Colin Bridgerton seria um grande eufemismo. Mas Eloise Bridgerton uma das personagens secundárias mais importantes do livro -

Deixou a cidade antes de toda a Londres descobrir a verdade sobre Lady Whistledown. Muitos dos meus leitores esperavam uma cena no próximo livro (Para Sir Phillip com amor), que mostrasse Eloise "descobrendo" o fato, mas não havia nenhuma maneira de encaixar uma cena no livro.

Eventualmente, no entanto, Eloise teria que saber, e é aí que o 2º epílogo entra. . .

Nota da tradutora: Adorei, uma das histórias mais bonitinhas, Colin é tão divertido sempre, e com Eloise e Hyacinth é difícil a história não ficar extremamente interessante. Amo a amizade sincera entre Eloise e Penelope, amo Colin travesso, ah como amo.

Diverti horrores traduzindo essa história, do início ao fim.

Adoro ver o casal vivendo esses momentos tão felizes e íntimos. Se dão tão bem um com o outro, e isso é um alívio para mim, já que passei metade do livro "Os Segredos de Colin Bridgertons" não botando fé que essa união seria tão perfeita.... estava errada. Tive uma má impressão de Penélope nos primeiros livros e quando reli com mais atenção e respeito pela personagem, parei de achá-la assim tão sem sal e consegui enxergá-

la de fato. Penny é adorável... esplêndida, uma joia rara.

90

O patinho feio que virou cisne. A pessoa que mais nos divertiu nos primeiros livros, afinal, quem não gostava de ler as Crônicas de Lady Whistledown? Simplesmente genial.

"Você não disse a ela?"

Penelope Bridgerton teria dito mais, e, de fato, teria gostado de dizer mais, mas as palavras ficam difíceis, quando se está de queixo caído.

Seu marido tinha acabado de voltar de uma corrida louca por todo o sul da Inglaterra, com seus três irmãos, em busca de sua irmã Eloise, que tinha, por todas as contas, desaparecido para fugir com-Oh,

meu Deus.

"Ela se casou?", Perguntou Penelope freneticamente

Colin jogou seu chapéu em uma cadeira com uma pequena torção

inteligente de seu pulso, um canto da boca se elevou em um sorriso de satisfação, pois girou através do ar em um eixo horizontal perfeito.

"Ainda não", respondeu ele.

Então ela não havia fugido para se casar em secreto. Mas ela tinha fugido. E ela tinha feito isso em segredo. Eloise, que era a melhor amiga de Penélope. Eloise, que dizia tudo para Penelope. Eloise, que

aparentemente não dizia tudo para Penelope, tinha fugido para a casa de um homem do qual nenhum deles conhecia, deixando uma nota

assegurando a sua família que tudo estaria bem e não deveriam se preocupar.

Não se preocupar ????

Meu Deus, alguém poderia pensar que Eloise Bridgerton conhecia sua família melhor do que isso. Eles tinham ficado desesperados, cada um deles. Penelope tinha ficado com sua sogra, enquanto os homens foram em busca de Eloise. Violet Bridgerton tinha colocado um bom

91

semblante, mas sua pele estava extremamente pálida, e Penelope não pode deixar de notar a forma como suas mãos tremiam a cada

movimento.

E agora Colin estava de volta, agindo como se nada estivesse errado, respondendo a nenhuma de suas perguntas de forma satisfatória, e além de tudo isso-

"Como você pôde não ter dito a ela?", Ela disse novamente, perseguindo seus calcanhares.

Ele esparramou-se em uma cadeira e deu de ombros. "Realmente não houve um momento adequado."

"Você esteve lá cinco dias!"

"Sim, bem, nem todos esses dias estive com Eloise. Um dia de viagem em cada extremidade, afinal de contas ".

"Mas-mas-"

Colin convocou energia apenas o suficiente para olhar pela sala. "Er, suponho que você pediu chá?"

"Sim, claro", disse Penelope reflexivamente, uma vez que não tinha levado mais de uma semana de casamento para perceber que quando se tratava de seu novo marido, era melhor ter sempre comida pronta. "Mas Colin -"

"Eu tinha pressa em voltar, você sabe."

"Eu posso ver isso", disse ela, pegando em seu cabelo úmido e despenteado pelo vento. "Você veio á cavalo?"

Ele assentiu com a cabeça.

"Desde Gloucestershire?"

"Wiltshire, na verdade. Nós ficamos na casa de Benedict".

"Mas"

Ele sorriu com aquele sorriso desarmante. "Eu senti sua falta."

E Penelope não estava tão acostumada a sua afeição para que não corasse. "Eu senti sua falta, também, mas-"

"Venha sentar-se comigo."

92

Onde? - Penelope quase exigiu. Porque a única superfície plana era seu colo.

Seu sorriso, que tinha sido o charme personificado, cresceu mais quente. "Eu estou sentindo sua falta, agora mesmo", ele murmurou.

Para o extremo embaraço de Penélope, o olhar dela mudou

instantaneamente para a as calças dele. Colin soltou uma gargalhada, e Penelope cruzou os braços. "Não, Colin", alertou.

"Não o quê?", Perguntou ele, com toda a inocência.

"Mesmo que não estivéssemos na sala de estar, e mesmo que as cortinas estivessem abertas"

"Um incômodo facilmente remediado", comentou ele com um olhar para as janelas.

"E mesmo", ela grunhiu, sua voz crescendo em profundidade, ainda que não fosse em termos de volume, "se não estivéssemos esperando uma empregada entrar a qualquer momento, a coitadinha cambaleando sob o peso de sua bandeja de chá, o fato que importa é- "

Colin soltou um suspiro.

"-Você *não* respondeu à minha pergunta!"

Ele piscou. "Eu me esqueci completamente qual era."

Uns dez segundos se passaram antes que ela falasse. E então: "Eu vou te matar."

"Sobre isso, tenho certeza", disse ele sem constrangimento. "Em verdade, a única questão é quando."

"Colin!"

"Pode ser mais cedo ou mais tarde", ele murmurou. "Mas, na verdade, eu pensei que eu iria ter uma apoplexia, causada por mau

comportamento."

Ela olhou para ele.

" *Seu* mau comportamento", ele esclareceu.

"Eu não tinha um mau comportamento antes de te conhecer", ela respondeu.

"Oh, ho, ho", ele riu. "Isso é engraçado, vindo de *você*."

93

E Penelope foi forçada a fechar a boca. Porque, à favas com tudo, ele estava certo. E que era sobre isso que tudo girava, como tudo

aconteceu. Seu marido, depois de entrar no salão, descartando seu casaco, e beijá-la muito forte nos lábios (em frente ao mordomo!), Tinha alegremente informado, "Oh, e a propósito, eu nunca contei a ela que você era a Lady Whistledown. "

E se havia alguma coisa que possa contar como mau comportamento tinha que ser dez anos como a autora do agora infame *Jornal de Lady Whistledown*. Durante a última década, Penélope tinha, em seu disfarce sob pseudônimo, conseguido insultar quase todo mundo da sociedade, até mesmo a si própria. (Certamente, teria rendido uma tonelada de suspeitas se ela nunca tivesse zombado de si mesma, e, além disso, ela realmente se parecia com uma fruta cítrica madura nos amarelos e laranjas terríveis que sua mãe sempre tinha obrigado-a usar.)

Penelope tinha "aposentado" pouco antes de seu casamento, mas uma tentativa de chantagem contra ela, havia convencido Colin de que o melhor curso de ação seria revelar seu segredo em um gesto grandioso, e por isso ele tinha anunciado a identidade dela no baile de sua irmã Daphne. Tudo tinha sido muito romântico e muito, muito, grande, mas até o final da noite tornou-se claro de que Eloise tinha desaparecido.

Eloise tinha sido a amiga mais próxima de Penélope por anos, mesmo que ela não tivesse conhecido o grande segredo de Penelope. E agora ela ainda não conhecia. Ela deixou a festa antes de Colin anunciar, e ele aparentemente não tinha encontrado o momento para dizer qualquer coisa, quando finalmente a encontrou.

"Francamente," Colin disse, sua voz segurando um tipo incaracterístico de irritabilidade, "é menos do que ela merecia, depois do que ela nos fez passar."

"Bem, sim", Penelope murmurou, sentindo-se bastante desleal como se ela mesma tivesse dito isso. Mas todo o clã Bridgerton tinha estado loucos de preocupação. Eloise havia deixado um bilhete, era verdade, mas tinha de alguma forma se misturado com a correspondência de sua mãe, e um dia inteiro se passou antes que a família tivesse a certeza de que Eloise não tinha sido raptada. E mesmo assim, a mente de

ninguém tinha ficado à vontade; Eloise podia ter ido por sua própria vontade, mas tinha levado mais um dia desfazendo seu dormitório em pedaços antes de encontrarem uma carta de Sir Phillip Crane que indicou para onde ela enfim poderia ter fugido ...

Considerando tudo isso, Colin tinha chegado num ponto.

94

"Nós temos que voltar em poucos dias para o casamento", disse ele.

"Vamos dizer a ela, então."

"Oh, mas não podemos!"

Ele fez uma pausa. Então Colin sorriu. "E por que isso?", Ele perguntou, com os olhos descansando nela com grande apreciação.

"Vai ser dia do casamento dela", explicou Penélope, consciente de que ele estava esperando por uma razão muito mais diabólica. "Ela deve ser o centro de todas as atenções. Eu não posso dizer-lhe uma coisa desta."

"Um pouco mais altruísta do que eu gostaria", ele pensou, "mas o resultado final é o mesmo, então você tem a minha aprovação -"

"Eu não preciso de sua aprovação", Penelope cortou.

"Mas, mesmo assim, você tem", disse ele suavemente. "Vamos manter Eloise nas trevas." Ele bateu as pontas dos dedos e suspirou com prazer sonoro. "Vai ser um excelente casamento."

A empregada chegou logo em seguida, trazendo uma bandeja de chá fortemente carregada. Penelope tentou não notar que ela deixou escapar um pequeno gemido quando finalmente foi capaz de colocá-la na

mesinha.

"Pode fechar a porta, quando sair", disse Colin, uma vez que a empregada se endireitou.

Os olhos de Penélope correram para a porta, em seguida, para o

marido, que tinha ressuscitado e estava fechando as cortinas.

"Colin!", Ela gritou, porque os braços dele a agarravam por todos os lados, e seus lábios estavam em seu pescoço, e ela podia sentir-se derretendo em seu abraço. "Eu pensei que você queria comida", ela engasgou.

"Eu quero", ele murmurou, puxando o corpete de seu vestido. "Mas o que eu quero mais, é você."

E, como isso Penelope se afundou nas almofadas que tinham de alguma forma encontrado seu caminho para o tapete felpudo abaixo, e ela se sentiu muito amada, de fato.

Vários dias depois, Penelope estava sentada em uma carruagem,

olhando pela janela e repreendendo a si mesma.

Colin estava dormindo.

95

Ela parecia uma marreca sentindo-se assim tão nervosa em ver Eloise novamente. Eloise, pelo amor de Deus. Elas tinham sido tão próximas como irmãs por mais de uma década. Próximas. Exceto, talvez. . . não tão próximas quanto qualquer um havia pensado. Elas haviam mantido segredos, as duas. Penelope queria torcer o pescoço de Eloise por não ter contado a ela sobre seu pretendente, mas na verdade, ela não tinha uma perna para se sustentar sobre isso. Quando Eloise descobrisse que Penelope era Lady Whistledown. . .

Penelope estremeceu. Colin poderia estar ansioso para o momento, ele era positivamente diabólico em sua alegria, mas ela se sentia muito mal, com toda a franqueza. Ela não tinha comido durante todo o dia, e ela não era o tipo que costumava pular o almoço.

Ela torceu as mãos, esticou o pescoço para ter uma melhor visão para fora da janela, pensou que poderiam estar se dirigindo para Romney Hall, mas ela não estava exatamente certa, então olhou para trás, para Colin.

Ele ainda estava dormindo.

Ela o chutou. Gentilmente, é claro, porque ela não achava-se

excessivamente violenta, mas, realmente, não era justo o fato de que ele tinha dormido como um bebê a partir do momento em que a carruagem entrou em movimento. Ele se estabeleceu em seu assento, perguntou se ela estava confortável, e em seguida, antes que ela ainda conseguisse lhe dizer um

"Muito bem, obrigado", seus olhos estavam fechados.

Trinta segundos depois, ele estava roncando.

Realmente não era justo. Ele sempre dormia antes que ela a noite também.

Ela chutou-o novamente, mais forte desta vez.

Ele murmurou algo em seu sono, deslocou de posição ainda que levemente, e caiu para o canto.

Penelope deslizou de novo. Mais perto, mais perto. . .

Em seguida, ela arrumou seu cotovelo como uma ponta afiada e espetou-o nas costelas.

"Mas O q. . . ?" Colin disparou rapidamente desperto, piscando e tossindo. "O Quê? O Quê? O Quê?"

"Eu acho que nós estamos chegando", disse Penélope.

96

Ele olhou para fora da janela, depois de volta para ela. "E você precisava para informar sobre isso, apontar uma arma para o meu corpo?"

"Foi o meu cotovelo."

Ele olhou para seu braço. "Você, minha querida, está na posse de cotovelos extremamente ossudos."

Penelope tinha certeza de que seus cotovelos - ou qualquer parte dela, nessa questão - não eram nem minimamente ossudos, mas parecia ter pouco a ganhar por contradizê-lo, então disse, mais uma vez, "Eu acho que nós chegamos."

Colin inclinou-se para o vidro com um par de olhos picando de forma sonolenta. "Eu acho que você está certa."

"É lindo", disse Penélope, olhando para os jardins requintadamente cuidados. "Por que você me disse que estava em situação precária?"

"E está", respondeu Colin, entregando-lhe seu xale. "Aqui," ele disse com um sorriso rouco, como se ele ainda não estivesse acostumado a cuidar do bem-estar de outra pessoa bem do jeito que ele fazia com ela.

"Vai estar frio ainda."

Ainda era bem cedo, pela manhã; a pousada em que haviam dormido ficava apenas uma hora de distância.

A maior parte da família tinha ficado com Benedict e Sophie, mas sua casa não era grande o suficiente para acomodar todos os Bridgerton.

Além disso, Colin tinha explicado, eles eram recém-casados. Eles precisavam de sua privacidade.

Penelope abraçou a lã macia em seu corpo e se inclinou contra ele, para olhar melhor para fora da janela. E, para ser honesta, só porque ela gostava de se inclinar contra ele. "Eu acho que parece adorável", disse ela. "Eu nunca vi essas rosas."

"Tem características mais agradáveis do lado de fora do que dentro", explicou Colin enquanto a carruagem se deteve. "Mas espero que Eloise mude isso."

Ele mesmo abriu a porta e saltou para fora, em seguida, ofereceu o braço para ajudá-la a descer. "Venha, Lady Whistledown-"

"Senhora. Bridgerton ", corrigiu ela.

"Que seja, o que você quiser chamar a si mesma", ele disse com um grande sorriso, "você ainda é minha. E este é o seu canto do cisne ".

97

Conforme Colin cruzou o limite do que viria a ser a nova casa de sua irmã, ele foi atingido por uma inesperada sensação de alívio. Mesmo com toda a sua irritação com ela, ele amava sua irmã. Eles não tinham sido particularmente íntimos enquanto cresciam; ele tinha estado muito mais perto da idade de Daphne, e Eloise tinha muitas vezes parecido nada mais do que uma acréscimo tardio de traquinagem. Mas no ano anterior eles haviam se tornado mais próximos, e se não tivesse sido por Eloise, ele nunca poderia ter descoberto Penelope.

E sem Penelope, ele seria. . .

Era engraçado. Ele não podia imaginar o que ele seria sem ela.

Ele olhou para sua tão recente esposa. Ele também olhava ao redor do hall da entrada, tentando não ser óbvio demais sobre isso. Seu rosto estava impassível, mas ele sabia que ela estava tomando nota de tudo.

E amanhã, quando eles estivessem refletindo sobre os acontecimentos do dia, ela se lembraria de todos os detalhes. Tinha a mente de um elefante, ah ela tinha. Ele adorava isso.

"Senhor. Bridgerton" o mordomo disse, cumprimentando-os com um aceno de cabeça. "Bem-vindo de volta para Romney Hall."

"Um prazer, Gunning," Colin murmurou. "E sinto muito sobre a última vez."

Penélope olhou para ele de soslaio.

"Nós entramos bastante. . . de repente ", explicou Colin.

O mordomo deve ter visto a expressão de alarme de Penélope, porque ele rapidamente acrescentou: "Eu dei um passo para trás, saindo do caminho."

"Oh," ela começou a dizer: "Eu estou tão-"

"Sir Phillip não fez", Gunning cortou.

"Oh." Penelope tossiu desajeitadamente. "Será que ele vai ficar bem?"

"Um pouco de inchaço ao redor da garganta", disse Colin, despreocupado. "Espero que ele já tenha melhorado agora." Ele a pegou olhando para as suas mãos e soltou uma risada. "Oh, não fui eu", disse ele, tomando-lhe o braço para conduzi-la ao corredor. "Eu só assisti."

Ela fez uma careta. "Eu acho que poderia ser pior."

98

"Muito possivelmente," ele disse com grande alegria. "Mas tudo acabou bem no final. Eu gosto muito do sujeito agora, e eu tenho bastante -Ah, Mãe, aqui está você. "

E certamente Violet Bridgerton vinha agitada no final do corredor. "Você está atrasado", disse ela, apesar de que Colin tinha bastante certeza de que eles não estavam. Ele abaixou-se para beijar a bochecha que ela lhe oferecia, e em seguida, deu um passo para o lado, com sua mãe vindo para a frente para tomar as duas mãos de Penélope na dela. "Minha querida, precisamos de você lá atrás. Você é a dama de honra, afinal de contas ".

Colin teve uma súbita visão da cena -um bando de mulheres tagarelas, todos falando uma mais alto que a outra sobre minúcias que ele não poderia começar a se importar com, e muito menos entender. Elas contariam tudo uma a outra e-Ele virou-se bruscamente. "Não", ele advertiu, "diga uma palavra."

"perdão???" Penelope deixou escapar um pequeno bufo de justa indignação. "Eu sou aquela que disse que não poderia dizer isso a ela no dia do casamento."

"Eu estava falando com a minha mãe", disse ele.

Violet balançou a cabeça. "Eloise vai nos matar."

"Ela quase já nos matou, fugindo como uma idiota", disse Colin, com falta incaracterística de temperamento. "Eu já instruí os outros para manterem a boca fechada."

"Até mesmo a Hyacinth?", Perguntou Penelope em dúvida.

"Especialmente Hyacinth."

"Você subornou-a?", Perguntou Violet. "Porque não vai funcionar a menos que você a suborne."

"Bom Deus", Colin murmurou. "Até parece que eu me reuni a essa família ontem. É claro que eu subornei ela." - Ele se virou para Penelope. "Sem querer ofender as adições recentes."

"Oh, nenhuma ofensa", disse ela. "O que você deu a ela?"

Ele pensou em sua sessão de negociação com a irmã mais nova e quase estremeceu. "Vinte libras."

"Vinte libras!", Exclamou Violet. "Você está louco?"

99

"Eu suponho que você poderia ter feito melhor", ele respondeu. "E eu só lhe dei metade. Eu não confiaria nela tanto assim. Mas se ela mantiver a boca fechada, eu vou ser dez libras mais pobre. "

Eu me pergunto o quão longe você pode lançá-la", Penelope ponderou.

Colin se virou para sua mãe. "Eu tentei por dez, mas ela não cedeu." E, em seguida, para Penelope: ". Não longe o suficiente"

Violet suspirou. "Eu deveria repreendê-lo por isso."

"Mas você não vai." Colin lançou-lhe um sorriso largo.

"Deus me ajude", foi a única resposta dela.

"Que os céus ajudem quem for o sujeito louco o suficiente para se casar com ela", observou ele.

"Eu acho que há mais para Hyacinth do que o que vocês permitem imaginar", Penelope colocou. "Vocês não devem subestimá-la."

"Bom Deus", Colin respondeu: "nós não fazemos isso."

"Você é tão doce", disse Violet, inclinando-se para dar um abraço improvisado em Penelope.

"É somente através de pura força de sorte, que ela não dominou o mundo," Colin murmurou.

"Ignore-o", disse Violet para Penelope. "E você", ela acrescentou, voltando-se para Colin, "deve ir imediatamente para a igreja. O resto dos homens já desceram. É apenas uma caminhada de cinco minutos. "

"Você está planejando caminhar?", Ele perguntou com ar de dúvida.

"Claro que não", sua mãe respondeu com desdém. "E, certamente, não poderia poupar uma carruagem para você."

"Eu não sonharia em pedir uma", respondeu Colin, concluindo que um passeio solitário através do ar fresco da manhã era decididamente preferível a uma carruagem fechada com as mulheres de sua relação.

Ele se inclinou para beijar o rosto de sua esposa. À direita, perto da orelha. "Lembre-se," ele sussurrou, "não diga nada."

"Eu posso guardar um segredo", ela respondeu.

100

"É muito mais fácil manter um segredo de milhares de pessoas do que de apenas uma", disse ele. "Muito menos quando a culpa está envolvida."

Suas bochechas coraram, e ele a beijou novamente perto de sua orelha.

"Eu te conheço tão bem", Colin murmurou.

E ele praticamente podia ouvi-la ranger os dentes quando saiu.

"Penelope!"

Eloise começou a se levantar de sua cadeira para cumprimentá-la, mas Hyacinth que supervisionava o arranjo dos cabelos, enfiou a mão no ombro dela empurrando-a para baixo, de forma quase ameaçadora

"Sente-se".

E Eloise, que normalmente teria matado Hyacinth com um olhar, humildemente retornou a sua cadeira.

Penélope olhou para Daphne, que parecia estar supervisionando Hyacinth.

"Tem sido um longo dia", disse Daphne.

Penelope seguiu adiante, empurrou gentilmente Hyacinth e cuidadosamente abraçou Eloise, de modo a não bagunçar seu penteado.

"Você está linda", disse ela.

"Obrigada", respondeu Eloise, mas seus lábios tremiam, e seus olhos estavam molhados e ameaçando transbordar a qualquer momento.

Mais do que tudo, Penelope queria levá-la para um canto e dizer-lhe que tudo ia ficar bem, e que ela não precisava se casar com Sir Phillip se ela não quisesse, mas quando tudo foi dito e feito, Penelope não sabia que tudo ia ficar bem, e ela suspeitava um tanto que Eloise *tinha* que casar com Sir Phillip.

Ela ouviu apenas pedaços. Eloise estava hospedada na Romney Hall por mais de uma semana sem uma acompanhante. Sua reputação estaria

em frangalhos se isso viesse à tona, o que certamente aconteceria.

Penelope sabia melhor do que ninguém o poder e a tenacidade das fofocas. Além disso, Penelope tinha ouvido falar que Eloise e Anthony já tinham tido uma conversa.

A questão do casamento, ao que parecia, era final.

"Estou tão feliz por você estar aqui", disse Eloise

101

"Meu Deus, você sabe que eu não perderia seu casamento por nada no mundo."

"Eu sei." Os lábios de Eloise tremiam, e depois seu rosto assumiu uma expressão que se faz quando se está tentando parecer bravo e realmente acha que pode ser bem sucedido. "Eu sei", disse ela de novo, um pouco mais uniformemente. "É claro que não. Mas isso não diminui o meu prazer em vê-la."

Foi uma frase estranhamente dura para Eloise, e por um momento

Penelope esqueceu seus próprios segredos, seus próprios medos e preocupações. Eloise era sua amiga mais querida. Colin era seu amor, sua paixão, e sua alma, mas era Eloise, mais do que ninguém, que influenciou a vida adulta de Penelope. Penelope não podia imaginar o que a última década teria sido sem o sorriso de Eloise, sua risada, e seu incansável bom ânimo.

Ainda mais do que sua própria família, Eloise tinha amado ela.

"Eloise", disse Penélope, agachando-se ao seu lado para que ela pudesse colocar o braço em volta dos seus ombros. Ela limpou a garganta, principalmente porque ela estava prestes a fazer uma pergunta para a qual a resposta provavelmente não importava. "Eloise", disse ela novamente, sua voz caindo para quase num sussurro. "Você quer isso?"

"É claro", respondeu Eloise.

Mas Penelope não tinha certeza se acreditava nela. "Você ama-" Ela se conteve. E fez aquela pequena coisa com a sua boca que tentou ser um sorriso. E ela perguntou: "Você gosta dele? Do *seu* Sir Phillip?"

Eloise assentiu. "Ele é. . . complicado. "

O que fez Penelope sentar. "Você está brincando."

"Em um momento como este?"

"Você não era aquela que sempre afirmava que os homens eram criaturas simples?"

Eloise olhou para ela com uma expressão estranhamente impotente.

"Eu pensei que eles eram."

Penelope se inclinou, ciente de que as habilidades auditivas do Hyacinth eram positivamente caninas.

"Ele gosta de você?"

"Ele acha que eu falo demais."

102

"Você fala demais", Penelope respondeu.

Eloise lhe lançou um olhar. "Você podia pelo menos sorrir."

"É a verdade. Mas acho que é cativante. "

"Acho que ele acha isso também." Eloise fez uma careta. "Na maior parte do tempo pelo menos."

"Eloise!" Violet chamou da porta. "Nós realmente devemos seguir nosso caminho."

"Nós não queremos que o noivo pense que você fugiu", Hyacinth brincou.

Eloise se levantou e endireitou os ombros. "Eu fugi suficiente o bastante recentemente, você não diria?" Ela se virou para Penelope com um sábio, sorriso melancólico. "É hora de começar a correr *para* e parar de correr *de*."

Penelope olhou com curiosidade. "O que você disse?"

Mas Eloise apenas balançou a cabeça. "É apenas algo que eu ouvi recentemente."

Era uma afirmação curiosa, mas esse não era o momento de aprofundar ainda mais, então Penelope moveu-se para seguir o resto da família.

Depois dela ter dado alguns passos, no entanto, ela foi interrompida pelo som da voz de Eloise.

"Penelope!"

Penélope virou. Eloise ainda estava na porta, uns bons três metros atrás dela. Ela tinha um olhar estranho em seu rosto, que Penélope não conseguia interpretar. Penelope esperou, mas Eloise não falou.

"Eloise?", Disse Penelope tranquilamente, porque parecia que Eloise queria dizer alguma coisa, só não sabia como. Ou possivelmente o quê.

e, em seguida-

"Eu sinto muito." Eloise deixou escapar finalmente, as palavras correndo em seus lábios com uma velocidade que era notável, mesmo para ela.

"Você sente muito", Penelope ecoou, principalmente pela surpresa. Ela realmente não tinha considerado o que Eloise poderia dizer naquele momento, mas um pedido de desculpas não estava no topo da lista.

"Pelo quê?"

103

"Por manter segredos. Isso não foi bem feito de minha parte. "

Penelope engoliu a seco. Bom Senhor.

"Perdoa-me?" A voz de Eloise era suave, mas seus olhos eram urgentes, e Penelope sentia-se como o pior tipo de fraude.

"É claro", ela gaguejou. "Não é nada." E não era nada, pelo menos quando comparado a seus próprios segredos.

"Eu devia ter lhe contado sobre a minha correspondência com Sir Phillip. Eu não sei por que eu não fiz desde o início ", continuou Eloise.

"Mas, em seguida, mais tarde, quando você e Colin estavam se apaixonando. . . Eu acho que foi. . . Eu acho que foi só porque isso era *só meu*. "

Penelope assentiu. Ela sabia muito sobre querer algo para ser apenas *seu*.

Eloise soltou um riso nervoso. "E agora olhe para mim."

Penelope olhou. "Você está linda." Era verdade. Eloise não era uma noiva serena, mas ela estava brilhante, e Penelope sentiu suas

preocupações levantarem voô e, finalmente, desaparecer. Tudo ficaria bem.

Penelope não sabia se Eloise iria experimentar a mesma felicidade em seu casamento como ela experimentava, mas ela seria, pelo menos, feliz e contente.

E quem era ela para dizer que o novo casal não se apaixonou

loucamente? Coisas estranhas tinham acontecido.

Ela passou o braço pelo de Eloise e conduziu-a para o corredor, onde Violet tinha levantado a voz em volumes inimagináveis.

"Eu acho que sua mãe quer que a gente se apresse", Penelope sussurrou.

"Eloiiiiiiiiiiiiiiiiise!" Violet berrou positivamente. "AGORA!"

As sobrancelhas de Eloise subiram e ela deu a Penelope um olhar de soslaio. "E o que te faz pensar isso?"

Mas elas não se apressaram. De braços dados deslizavam pelo corredor, como se fosse o corredor da igreja.

104

"Quem teria imaginado que nós duas nos casaríamos dentro de meses tão próximos uma do outra?" Penelope ponderou. "Nós não estávamos destinado a ser velhas rabugentas juntas?"

"Nós ainda podemos ser velhas rabugentas", Eloise respondeu alegremente. "Vamos simplesmente ser velhas rabugentas casadas."

"Será grandioso."

"Magnífico!"

"Fantástico!"

"Seremos líderes da moda das rabugentas!"

"Árbitras do bom gosto rabugentês".

"O que", Hyacinth exigiu, com as mãos nos quadris ", vocês duas estão falando?"

Eloise ergueu o queixo e olhou erguendo o nariz para ela. "Você é muito jovem para entender."

E ela e Penélope praticamente entraram em colapso num ataque de risos.

"Elas enlouqueceram, Mãe", Hyacinth anunciou.

Violet olhou carinhosamente para a filha e para nora, ambas as quais tinham atingido a idade fora de moda de vinte e oito anos antes de se tornarem noivas. "Deixe-as em paz, Hyacinth ", disse ela, dirigindo-a para a carruagem em espera. "Elas vão se juntar a nós em breve." E, em seguida, ela acrescentou, quase como um adendo: ". Você é muito jovem para entender"

Após a cerimônia, após a recepção, e após Colin ser capaz de assegurar-se de uma vez por todas que Sir Phillip Crane de fato faria um marido aceitável para sua irmã, ele conseguiu encontrar um canto sossegado em que ele pudesse arrastar sua esposa e falar com ela em particular.

"Será que ela suspeita?", Ele perguntou, sorrindo.

"Você é terrível", Penelope respondeu. "É o casamento dela."

O que não era uma das duas respostas habituais para uma *sim-ou-não* pergunta. Colin resistiu à vontade de deixar escapar um suspiro impaciente, e em vez disso ofereceu uma bastante suave e cortês nova pergunta "Com isso, você quer dizer. . . ? "

105

Penélope olhou para ele por uns dez segundos e, em seguida, ela murmurou, "Eu não sei o que Eloise estava falando. Os homens são criaturas abissalmente simples. "

"Bem. . . sim ", Colin concordou, uma vez que era há muito tempo óbvio para ele que a mente feminina era um mistério total e completo. "Mas o que isso tem a ver?"

Penelope olhou sobre os ombros antes de deixar cair a voz para um sussurro rouco. "Por que ela sequer estaria pensando em Lady Whistledown em um momento como este?"

Ela tinha um ponto aqui, relutante como Colin foi a admiti-lo. Em sua mente, isso tudo tinha acontecido com Eloise de alguma forma estando consciente de que ela era a única pessoa que não sabia o segredo da identidade de Lady Whistledown.

O que era ridículo com certeza, mas ainda assim, um devaneio gratificante.

"Hmmm", disse ele.

Penélope olhou para ele com desconfiança. "O que você está pensando?"

"Você tem certeza de que não podemos dizer a ela no dia do seu casamento?"

"Colin. . . "

"Porque se não o fizermos, ela com certeza irá descobrir por outro alguém, e não parece justo nós não estarmos presentes para ver seu rosto."

"Colin, não."

"Depois de tudo o que você passou, você não diria que merece ver a reação dela?"

"Não", Penelope disse lentamente. "Não. Não, eu diria ".

"Oh, você se vende muito barato, minha querida", disse ele, sorrindo com benevolência para ela. "E, além disso, pense em Eloise."

"Eu não consigo ver o que mais venho fazendo durante toda a manhã a não ser pensar nela."

Ele balançou a cabeça. "Ela ficaria devastada. Ao ouvir a terrível verdade de um completo estranho."

106

"Não é terrível", Penelope disparou de volta ", e, como você sabe que seria um estranho?"

"Nós fizemos toda a minha família jurar o sigilo. Quem mais sabe disso nesse lugar abençoado por Deus? "

"Gosto muito de Gloucestershire", Penelope disse, seus dentes agora encantadoramente cerrados. "Acho que é delicioso."

"Sim", disse ele eqüitativamente, tendo sua testa franzida, boca beliscada, e os olhos apertados. "Você parece muito contente."

"Não foi você quem insistiu manter isso no escuro por tanto tempo quanto fosse humanamente possível?"

"Humanamente possível é a frase de Observação," Colin respondeu.

"Este humano", ele gesticulou bastante desnecessariamente para si mesmo - "achou muito impossível manter o silêncio."

"Eu não posso acreditar que você tenha mudado de ideia".

Ele deu de ombros. "Não é prerrogativa de um homem?"

Com isso os lábios dela ficaram entreabertos, e Colin encontrou-se desejando que tivesse achado um canto tão privado quanto tranquilo, porque ela estava praticamente implorando para ser beijada, estando ela ciente disso ou não.

Mas ele era um homem paciente, e eles ainda tinham um confortável quarto reservado na pousada, e ainda havia muitas travessuras a serem feitas aqui mesmo no casamento. "Oh, Penelope", disse ele com a voz rouca, inclinando-se mais do que era adequado, mesmo com a própria esposa, "você não quer se divertir um pouco?"

Ela corou como escarlate. "Aqui, não."

Ele riu alto com isso.

"Eu não estava falando sobre isso", ela murmurou.

"Nem eu, pra falar a verdade," ele retornou, completamente incapaz de manter o humor de seu rosto - "mas eu estou contente que isso nos vem à mente tão facilmente." Ele fingiu olhar sobre o salão.

"Quando você acha que seria educado sair?"

"Definitivamente, não ainda."

107

Ele fingiu refletir. "Mmmm, sim, você está provavelmente correta sobre isso. Pena.... Mas..."-No que ele fingiu iluminar o semblante -"nos deixa com algum tempo para fazer travessuras. "

Mais uma vez, ela estava sem palavras. Ele gostava disso. "Vamos?", Ele murmurou.

"Eu não sei o que eu vou fazer com você."

"Precisamos trabalhar nisso", disse ele, sacudindo a cabeça. "Eu não tenho certeza se entendo completamente a mecânica de uma *sim ou não pergunta*. Eu pergunto sempre esperando um *SIM*, ou um *NÃO* e nunca é o que me diz"

"Eu acho que você deve sentar-se", disse ela, com os olhos a assumir agora o reflexo da perigosa perda de paciência geralmente reservada para as crianças pequenas.

Ou adultos tolos.

"E então", continuou ela, "Eu acho que você deve permanecer no seu lugar."

"Indefinidamente?"

"Sim."

Só para torturá-la, ele se sentou. e, em seguida-

"Nããão, eu acho que eu prefiro fazer travessuras."

Ficando em pé novamente, e andando a passos largos para encontrar Eloise antes que Penelope pudesse sequer tentar uma investida contra ele.

"Colin, não!", Ela gritou, sua voz ecoando nas paredes da sala de recepção. Ela conseguiu gritar - é claro - no exato momento em que todos os outros convidados do casamento fizeram uma pausa para tomar fôlego.

Uma sala cheia de Bridgerton. Quais eram as chances?

Penelope colocou um sorriso em seu rosto enquanto ela observava duas dezenas de cabeças girando em sua direção.

"Oh não é nada", disse ela, com a voz saindo estrangulada e alegre.

"Então, desculpe incomodar."

E, aparentemente, a família de Colin entendia bem como comum, algo que exige a tréplica "Colin, não!", Porque todos eles retomaram suas conversas com apenas um outro olhar em sua direção.

Exceto Hyacinth.

"Oh, raios," Penelope murmurou baixinho, e ela correu adiante.

Mas Hyacinth foi rápida. "O que está acontecendo?", Perguntou ela, caindo em passos largos ao lado de Penelope com notável agilidade.

"Nada", respondeu Penélope, porque a última coisa que ela queria era Hyacinth adicionada ao desastre.

"Ele vai dizer a ela, não é?" Hyacinth persistiu, soltou um "humpft" e um "Desculpe-me", quando ela passou por um de seus irmãos.

"Não", disse Penelope com firmeza, girando em volta das crianças de Daphne ", ele não vai."

"Ele vai."

Penelope realmente parou por um momento e se virou. "Algum de vocês alguma vez escuta alguém?"

"Não eu", disse Hyacinth alegremente.

Penelope sacudiu a cabeça e continuou movendo-se para a frente, Hyacinth colada em seus calcanhares. Quando ela alcançou Colin, ele estava de pé ao lado dos recém-casados e tinham seu braço atrás de Eloise e estava sorrindo para ela como se ele nunca tivesse uma vez considerado:

1. Ensiná-la a nadar lançando-a em um lago.
2. Cortar três centímetros de seu cabelo enquanto ela dormia.

ou

3. Amarrá-la a uma árvore para que ela não o seguisse a uma estalagem pública local.

O que, naturalmente, ele já tinha considerado, todos os três, e dois na verdade ele tinha feito. (Até mesmo Colin não teria ousado algo tão permanente como um corte.)

"Eloise", Penelope disse, um pouco sem fôlego de tentar se livrar de Hyacinth.

"Penelope". Mas a voz de Eloise soou curiosa. O que não surpreendeu Penelope; Eloise não era boba, e ela estava bem consciente de que os modos normais de comportamento de seu irmão não

incluíam sorrisos beatíficos em sua direção.

"Eloise", disse Hyacinth por nenhuma razão que Penelope poderia deduzir.

"Hyacinth".

Penelope virou para o marido. "Colin."

Ele parecia estar se divertindo muito. "Penelope. Hyacinth. "

Hyacinth sorriu. "Colin". E então: "Sir Phillip."

"Ladies." Sir Phillip, ao que parecia, favoreceu brevemente.

"Pare!" Eloise explodiu. "O que está acontecendo?"

"A recitação dos nossos nomes de batismo, aparentemente", disse Hyacinth.

"Penelope tem algo a dizer para você", disse Colin.

"Eu não."

"Ela tem."

"Eu tenho", disse Penélope, pensando rapidamente. Ela correu para a frente, tomando as mãos de Eloise nas suas próprias.

"Parabéns. Estou tão feliz por você. "

"Isso é o que você precisava dizer?", Perguntou Eloise

"Sim."

"Não."

E de Hyacinth: "Estou me divertindo muito."

"Er, é muito gentil da sua parte dizer isso", disse Sir Phillip, parecendo um pouco perplexo com a súbita necessidade dela de cumprimentar o anfitrião. Penelope fechou os olhos por um breve momento e soltou um suspiro de cansaço; ela percebeu que seria necessário levar o pobre homem de lado e instruí-lo sobre os melhores pontos de se casar com um membro da família Bridgerton.

110

E porque ela conhecia as suas novas relações tão bem, e ela sabia que não havia nenhuma maneira que pudesse evitar revelar seu segredo, ela se virou para Eloise e disse: "Posso ter um momento a sós?"

"Comigo?"

Foi o suficiente para fazer Penelope desejar estrangular alguém.

Qualquer um. "Sim", ela disse pacientemente, "com você."

"E comigo," Colin colocou.

"E comigo", acrescentou Hyacinth.

"Não com você" disse Penelope, sem se preocupar em olhar para ela.

"Mas ainda comigo", acrescentou Colin, laçando seu braço livre atrás de Penelope.

"Isso pode esperar?", Perguntou Sir Phillip educadamente. "Este é o dia do casamento dela, e eu espero que ela não deseje esquecê-lo."

"Eu sei", disse Penélope, cansada. "Eu sinto muito."

"Está tudo bem", disse Eloise, esquivando-se das mãos de Colin e voltando-se para seu novo marido. Ela murmurou algumas palavras para ele que Penelope não pôde ouvir, em seguida, disse: "Há um pequeno salão depois dessa porta. Podemos ir? "

Ela foi à frente, que foi ótimo a Penelope porque deu-lhe tempo para dizer a Colin: "Você não dirá nada."

Ele surpreendeu a ela ao assentir com a cabeça e, em seguida,

mantendo seu silêncio, abriu a porta para ela quando entrou na sala atrás de Eloise.

"Isso não vai demorar muito", disse Penelope se desculpando. "Pelo menos, eu espero que não."

Eloise não disse nada, apenas olhou para ela com uma expressão que era, Penelope tinha presença de espírito suficiente para perceber, estranhamente serena.

O matrimônio deve ter feito muito bem a ela, Penelope pensava, porque Eloise normalmente estaria extremamente ansiosa em tal situação. Um grande segredo, um mistério a ser revelado- Eloise amava esse tipo de coisa.

Mas ela estava apenas ali, esperando calmamente, um sorriso leve em seu rosto. Penélope olhou para Colin confusa, mas ele aparentemente

levava a sua instrução a sério, e sua boca estava firmemente fechada, apertando os lábios com os dentes como se fossem pinças;

"Eloise", Penelope começou.

Eloise sorriu. Levemente. Apenas nos cantos, como se ela quisesse sorrir mais. "Sim?"

Penelope limpou a garganta. "Eloise", disse ela novamente, "há algo que eu preciso te dizer."

"Sério?"

Os olhos de Penélope se estreitaram. Certamente, o momento não era para o sarcasmo. Ela respirou fundo, matando a vontade de disparar uma resposta igualmente seca, e disse: "Eu não queria dizer isso no dia do seu casamento" -Nisto ela espetou seu marido com um olhar - "mas parece que eu não tive escolha. "

Eloise piscou algumas vezes, mas fora isso, seu comportamento calmo não se alterou.

"Não consigo pensar em nenhuma outra maneira de dizê-lo", Penelope arrastava-se, sentindo-se repentinamente mal ", mas enquanto você estava fora. . . Ou seja, a noite que você saiu, de fato..."

Eloise se inclinou para frente. O movimento foi leve, mas Penelope percebeu, e por um momento ela pensou - Bem, ela não pensou nada claramente, certamente nada que ela poderia ter expressado em uma sentença adequada. Mas ela teve uma sensação de mal-estar - um tipo diferente de desconforto do que aquele que ela já estava sentindo. Era uma espécie suspeita de mal-estar, e-

"Eu sou a Whistledown", ela deixou escapar, porque se ela esperasse mais tempo, pensou que seu cérebro poderia explodir.

E Eloise disse: "Eu sei."

Penelope sentou-se no objeto sólido mais próximo, que passou a ser uma mesa. "Você sabe."

Eloise deu de ombros. "Eu sei."

"Como?"

"Hyacinth me disse."

"*O quê?* " Isto veio de Colin, parecendo precisar ser amarrado e contido.

Ou talvez mais precisamente, apto para amarrar Hyacinth.

112

"Eu tenho certeza que ela está na porta", Eloise murmurou, com um aceno de cabeça. "No caso de desejar que..."

Mas Colin foi um passo à frente dela, abrindo bruscamente a porta do salão. Como era de se esperar, Hyacinth caiu perdendo o apoio.

"Hyacinth!", Disse Penelope em desaprovação.

"Oh, por favor", Hyacinth respondeu, alisando suas saias. "Você não achou que eu não iria escutar, não é? Você me conhece melhor do que isso. "

"Eu vou torcer o seu pescoço", Colin grunhiu. "Tínhamos um acordo."

Hyacinth encolheu os ombros. "Eu realmente não preciso de 20 libras, de fato."

"Eu já te dei dez."

"Eu sei", disse Hyacinth com um sorriso alegre.

"Hyacinth!", Exclamou Eloise.

"Que não significa," Hyacinth continuou modestamente "que eu não quero as outras dez."

"Ela me disse na noite passada", explicou Eloise, estreitando os olhos perigosamente", mas só depois de me informar que ela sabia quem era Lady Whistledown, e de fato toda a sociedade sabia, mas que o

conhecimento me custaria 25 libras . "

"Será que não ocorreu a você", perguntou Penelope - "que, se toda a sociedade sabia, você poderia simplesmente ter perguntado para outra pessoa?"

" *Toda a sociedade* não estava em meus aposentos às duas da manhã", Eloise estalou.

"Estou pensando em comprar um chapéu", Hyacinth refletiu. "Ou talvez um pônei."

Eloise lhe lançou um olhar desagradável, em seguida, virou-se para Penelope. "Você realmente é a Lady Whistledown?"

"Eu sou", Penelope admitiu. "Ou melhor -" Ela olhou para Colin, não exatamente certo do por que ela estava fazendo isso, exceto que ela o amava muito, e ele a conhecia tão bem, e quando via nela um impotente sorrisinho vacilante, ele sorria de volta, não importasse o quanto ele estava irado com Hyacinth.

113

E ele sorriu. De alguma forma, em meio a tudo, ele sabia o que ela precisava. Ele sempre sabia.

Penelope voltou-se para Eloise. "Eu *era*," ela emendou. "Não mais sou.

Eu já estou aposentada. "

Mas é claro que Eloise já sabia disso. A carta de aposentadoria de Lady *W.* tinha circulado muito antes de Eloise deixar a cidade.

"Sendo sincera", acrescentou Penelope. "As pessoas têm me pedido, mas não devo ser induzida a pegar minha pena novamente."

Ela fez uma pausa, pensando nos rascunhos que ela deu início

enquanto estava em casa. "Pelo menos não como Whistledown."

Ela olhou para Eloise, que se sentou ao lado dela na mesa. Seu rosto estava como uma folha em branco, e ela não tinha dito nada há tempos

- bem, há tempos nos termos de Eloise, pelo menos.

Penelope tentou sorrir. "Estou pensando em escrever um romance, na verdade."

Ainda nada de Eloise, embora ela estava piscando muito rapidamente, e sua testa estava franzida, como se estivesse pensando em algo muito difícil.

E assim Penelope pegou uma de suas mãos e disse a única coisa que ela estava realmente sentindo. "Eu sinto muito, Eloise."

Eloise estava olhando bastante inexpressivamente para o final mesa, mas com isso, ela se virou, seus olhos encontrando os de Penélope.

" *Você sente muito?*", Ela repetiu, e ela parecia estranha, como se '*s entir muito*' poderia não ser a emoção correta, ou pelo menos, não o suficiente.

O coração de Penelope afundou. "Eu sinto muito", disse ela novamente.

"Eu devia ter lhe contado. Eu deveria ter- "

"Você ficou louca?", Perguntou Eloise, finalmente parecendo dar toda sua atenção. "É claro que você não deveria ter me contado. Eu nunca poderia ter mantido isso em segredo. "

Penelope pensou que era bastante admirável da parte dela a admitir isso.

"Estou tão orgulhosa de você", continuou Eloise. "Esqueça a escrita por um momento, não posso sequer imaginar a logística de tudo, e um dia -

114

quando não for o dia do meu casamento - Vou insistir em ouvir todos os detalhes."

"Vocês se surpreendeu, então?" Penelope murmurou.

Eloise lhe deu um olhar bastante seco. "Para dizer o mínimo."

"Eu tive que levá-la até uma cadeira", Hyacinth adicionou.

"Eu já estava sentada," Eloise grunhiu.

Hyacinth acenou com a mão no ar. "Contudo..."

"Ignore ela", disse Eloise, concentrando-se firmemente em Penelope. "Na verdade, eu não posso começar a dizer quão impressionada eu estou, agora que o choque já passou."

"Sério?" Não tinha ocorrido a Penelope até aquele momento o quanto ela desejava a aprovação de Eloise.

"Mantendo-nos todos no escuro por tanto tempo", disse Eloise, sacudindo a cabeça lentamente em admiração. "De mim. E dela." Ela apontou um dedo na direção de Hyacinth. "Foi realmente muito bem-feito de sua parte." No que ela se inclinou para frente e envolveu Penelope em um abraço caloroso.

"Você não está com raiva de mim?"

Eloise recuou e a olhou, abrindo a boca, e Penelope viu que ela estava prestes a dizer: "Não" provavelmente seguido por "*Claro que não.*"

Mas as palavras permaneceram na boca de Eloise, e ela ficou ali sentada, olhando um pouco pensativa e surpresa até que ela finalmente disse. . . "Não."

Penelope sentiu suas sobrancelhas se levantarem. "Você tem certeza?"

Porque Eloise não parecia certa. Ela não soava muito como Eloise, para ser honesta.

"Seria diferente se eu ainda estivesse em Londres", disse Eloise tranquilamente, "sem mais nada para fazer. Mas isto-" Ela olhou ao redor da sala, gesticulando vagamente para a janela. "Aqui. Não é a mesma coisa. É uma vida diferente agora", disse ela em voz baixa. "Eu sou uma pessoa diferente agora. Um pouco, pelo menos".

"*Lady Crane*," Penelope a lembrou.

Eloise sorriu. "Que bom você lembrar-me disso, *Sra Bridgerton*."

115

Penelope quase riu. "Você pode acreditar nisso?"

"De você, ou de mim?", Perguntou Eloise.

"Ambas."

Colin, que estava mantendo uma distância respeitosa e uma mão

firmemente presa ao redor do braço do Hyacinth para mantê-la também a uma respeitosa distância,

deu alguns passos. "Nós provavelmente devemos retornar", disse ele em voz baixa.

Ele estendeu a mão e ajudou primeiro Penelope, então Eloise, a ficar em pé. "Você", disse ele, inclinando-se para beijar sua irmã na bochecha,

"certamente deve voltar."

Eloise sorriu melancolicamente, a noiva corando mais uma vez, e acenou com a cabeça. Com um último aperto de mãos de Penélope, ela passou por Hyacinth (revirando os olhos enquanto fazia isso) fazendo seu caminho de volta para sua festa de casamento.

Penelope a observou sair, ligando seu braço ao de Colin e inclinando-se suavemente para ele. Ambos ficaram em um silêncio contente, de

braços cruzados assistindo a porta agora vazia, ouvindo os sons da festa flutuando no ar.

"Você acha que seria educado se fôssemos agora?", Ele murmurou.

"Provavelmente não."

"Você acha que Eloise se importaria?"

Penelope sacudiu a cabeça.

Os braços de Colin apertaram-se ao redor dela, e ela sentiu seus lábios suavemente escovando seu ouvido. "Vamos", disse ele.

E ela não discutiu.

No dia vinte e cinco de maio, do ano de 1824, precisamente um dia após o casamento de Eloise Bridgerton com Sir Phillip Crane, três bilhetes foram entregues no quarto do Sr. e Sra Colin Bridgerton, os hóspedes da Pousada Rosa e Espinheiro, perto de Tetbury, Gloucestershire. Eles chegaram juntos; todos vindos de Romney Hall.

"Qual vamos abrir em primeiro lugar?", Perguntou Penelope, espalhando os bilhetes ante ela na cama.

Colin arrancou a camisa que ele vestia enquanto respondia. "Eu acatarei o que seu bom senso decidir, como sempre."

116

"*Como sempre?*"

Ele engatinhou na cama para o lado dela. Ela ficava extremamente adorável quando estava sendo sarcástica. Ele não conseguia pensar em outra alma que poderia ficar assim. "Como sempre, quando me convém", emendou.

"O de sua mãe, então", disse Penélope, arrancando uma das cartas fora do envelope. Ela quebrou o selo e desdobrou cuidadosamente o papel.

Colin observou enquanto ela lia. Ela arregalou os olhos, em seguida, as sobrancelhas subiram, então os lábios beliscaram ligeiramente nos cantos, como se ela estivesse sorrindo para si mesma. "O que ela tem a dizer?", Perguntou.

"Ela nos perdoa."

"Eu não acho que faria qualquer sentido perguntar exatamente pelo quê."

Penelope deu-lhe um olhar severo. "Por deixar o casamento cedo demais."

"Você me disse que Eloise não se importaria."

"E eu tenho certeza que ela não se importou. Mas esta é a sua mãe. "

"Escreva de volta e garanta a ela que se algum dia ela pensar em se casar de novo, eu vou ficar até o fim."

"Eu não vou fazer tal coisa", Penelope respondeu, revirando os olhos.

"Eu não acho que ela espera uma resposta, para falar a verdade."

"Sério?" Agora ele estava curioso, porque sua mãe era o tipo que sempre espera por respostas. "O que podemos fazer para ganhar o seu perdão, então?"

"Er, ela mencionou algo sobre a entrega oportuna de netos."

Colin sorriu. "Você está corando?"

"Não."

"Você está."

Ela lhe deu uma cotovelada nas costelas. "Eu não estou. Aqui, leia isso você mesmo se está tão inclinado. Vou ler a de Hyacinth. "

117

"Eu não acho que ela vá devolver meus 10 penes," Colin resmungou.

Penelope desdobrou o papel e balançou-o. Nada flutuou para baixo.

"A grande sorte dela é que é minha irmã", ele murmurou.

"Que mal esportista você é", Penelope o repreendeu. "Ela superou você, e de forma bastante brilhante, também."

"Oh, por favor", ele zombou. "Eu não vi você elogiando sua astúcia na tarde de ontem."

Ela acenou diante de seus protestos. "Sim, bem, algumas coisas são vistas mais facilmente em retrospectiva.

"O que ela tem a dizer?", Perguntou Colin, inclinando-se sobre o ombro dela. Conhecendo bem Hyacinth, provavelmente era algum esquema

para extorquir mais dinheiro de seus bolsos.

"É bastante doce, na verdade", disse Penélope. "Nada nefasto afinal de contas."

"Você leu ambos os lados?" Colin perguntou com ar de dúvida.

"Ela só escreveu em um lado."

"Estranhamente antieconômico da parte dela", acrescentou ele, com suspeita.

"Oh, céus, Colin, é apenas uma nota do casamento depois que saímos.

E devo dizer, ela tem um olhar superior para humor e detalhes. Ela teria feito uma excelente Lady Whistledown."

"Deus nos ajude."

A última carta era de Eloise, e ao contrário das outras duas, essa foi dirigida somente para Penelope, em particular. Colin estava curioso, é claro, quem não ficaria? Mas ele se afastou para permitir a Penelope sua privacidade. A amizade dela com a irmã dele era algo a qual ele mantinha, muito temor e respeito. Ele era próximo de seus irmãos -

extremamente. Mas ele nunca tinha visto um vínculo de amizade tão profundo como aquela entre Penélope e Eloise.

"Oh!" Penelope deixou sair, quando ela virou uma página. O bilhete de Eloise era bem mais longo do que os dois anteriores, e ela conseguiu preencher duas folhas, frente e verso. "Que atrevida".

"O que ela fez?", Perguntou Colin.

118

"Oh, não é nada", Penelope respondeu, apesar de que sua expressão era bastante irritada. "Você não estava lá, mas na manhã do casamento ela me pediu desculpas por guardar segredos, e nunca me ocorreu que ela estava tentando me fazer admitir que eu mantinha meus próprios

segredos. Me fez sentir miserável, ah fez. "

Sua voz sumiu quando ela leu a outra página. Colin recostou-se contra os travesseiros macios, seus olhos descansavam no rosto de sua

esposa. Ele gostava de assistir os olhos dela se moverem da esquerda para a direita, seguindo as palavras. Ele gostava de assistir seus lábios se moverem enquanto ela sorria ou franzia a testa. Era bastante surpreendente, na verdade, como ele se sentia contente, simplesmente observando sua esposa ler.

Até que ela engasgou, e depois, empalideceu.

Ele colocou-se sobre seus cotovelos. "O que foi?"

Penelope sacudiu a cabeça e gemeu. "Oh, ela é desonesta."

E a privacidade que se danasse. Ele pegou a carta. "O que ela disse?"

"Ali embaixo", disse Penélope, apontando miseravelmente na parte inferior. "No final."

Colin empurrou seu dedo para longe e começou a ler. "Meu Deus, ela é prolixa", ele murmurou. "Eu não conseguiria interpretar metade disso."

"Vingança", disse Penélope. "Ela diz que o meu segredo era maior do que o dela."

"Era."

"Ela diz que lhe devo um benefício."

Colin ponderou isso. "provavelmente."

"E igualar o placar".

Ele afagou-lhe a mão. "Tenho medo de que é como nós Bridgertons pensamos. Você nunca jogou um jogo esportivo com a gente, não é?"

Penelope gemeu. "Ela disse que vai consultar Hyacinth."

Colin sentiu o sangue esvair de seu rosto.

"Eu sei", disse Penélope, sacudindo a cabeça. "Nós nunca estaremos seguros novamente."

119

Colin deslizou o braço ao redor dela e puxou-a para perto. "Não podemos dizer que queremos visitar a Itália?"

"Ou a Índia."

Ele sorriu e beijou-a no nariz. "Ou podemos ficar aqui."

"No *Rosa e Espinheiro*?"

"Nós temos que partir amanhã de manhã. Seria então o último lugar que Hyacinth procuraria. "

Penélope olhou para ele, com os olhos crescendo calorosamente e talvez apenas um pouco travessos. "Eu não tenho compromissos urgentes em Londres em, pelo menos, duas semanas."

Ele rolou em cima dela, puxando-a para baixo até ela estar deitada de costas. "Minha mãe disse que ela não nos perdoaria se não produzíssemos um neto."

"Ela não colocou isso em termos tão inflexíveis".

Ele a beijou, certamente no ponto sensível atrás de sua orelha, que sempre a fazia se contorcer. "Faça de conta que sim."

"Bem, nesse caso-oh!"

Os lábios dele deslizaram por sua barriga. "Oh?", Ele murmurou.

"Nós temos que fazer o melhor.....oh!"

Ele olhou para cima. "Você estava dizendo....?"

"trabalhando nisso", ela mal conseguiu dizer.

Ele sorriu contra sua pele. "Teu servo, Sra Bridgerton. Sempre a seu dispor. Sempre "

120

2º Epílogo

de

Para Sir

121

Phillip,

com amor

Nota da Autora: Raramente tenho escrito crianças tão intrometidas como Amanda e Oliver Crane, os filhos gêmeos solitários de Sir Phillip Crane. Parecia impossível que poderiam se transformar em bem-ajustados, ou adultos razoáveis, mas eu percebi que se alguém poderia colocá-los em forma, seria sua nova madrasta, Eloise (née Bridgerton) Crane. Eu tinha muita vontade de tentar

escrever na primeira pessoa, então eu decidi ver o mundo através dos olhos de uma Amanda adulta.

Ela caminhando para se apaixonar, e Phillip e Eloise caminhando para ter que assistir isso acontecer.

Nota da tradutora: *Essa história me emocionou muito, principalmente por todo o histórico pelo qual passou a família Crane antes de Eloise. Meu coração se aquecia ao ver Sir Phillip e aquelas criaturinhas lindas descobrindo pela primeira vez na vida o que era felicidade. E quem mais a não ser Eloise, a destemida e amável Eloise para conseguir tal feito? Era uma família desestruturada desde os alicerces, e tudo o que queriam era amar e serem também amados, 122*

encontrar um pouco de felicidade, um pouco de paz. E nesse livro vemos Eloise sob os olhos de sua filha, e fico feliz de ver que os méritos de Eloise são bastante lembrados por ela. A história com Amanda narrando em primeira pessoa é muito, muito divertida! Adorei tudo, é encantadora!

E o final feliz dela, ah que perfeito! Terminei essa história com um sorriso de orelha a orelha e muito satisfeita.

E u não sou a mais paciente das criaturas entre os indivíduos. E eu tenho quase que nenhuma tolerância para a estupidez. E era por isso que eu estava orgulhosa de mim mesma por segurar minha língua, esta tarde, enquanto tomava chá com a família Brougham.

Os Broughams são nossos vizinhos, e tem sido, nos últimos seis anos, desde que Mr. Brougham herdou a propriedade de seu tio, também

chamado Mr. Brougham. Eles têm quatro filhas e um filho

extremamente mimado. Felizmente para mim, o filho é cinco anos mais jovem do que eu, o que significa que não deverão entreter noções de me casar com ele. (Embora minhas irmãs Penélope e Georgiana, nove e dez anos, mais novas, não terão tanta sorte.) As filhas Brougham tem todas um ano de intervalo de diferença, a começar dois anos antes de mim e terminando dois depois. Elas são perfeitamente agradáveis, se talvez um pouco muito doces e suaves para o meu gosto. Mas ultimamente elas têm sido demais para suportar.

Isto é porque eu também tenho um irmão, e ele não é cinco anos mais novo do que elas. Na verdade, ele é meu irmão gêmeo, o que lhe o torna possibilidade matrimonial para qualquer uma delas.

Não é novidade que, Oliver não escolheu acompanhar a minha mãe, Penelope, e eu ao chá.

123

Mas aqui está o que aconteceu, e aqui está o motivo de que estou satisfeita comigo mesma por não dizer o que eu queria dizer, o que era: Certamente você deve ser uma idiota.

Eu estava tomando o meu chá, tentando manter a xícara em meus

lábios por tanto tempo quanto possível, de modo a evitar perguntas sobre Oliver, quando a Sra Brougham disse: "Deve ser assim, muito intrigante ter um irmão gêmeo. Diga-me, querida Amanda, como isso é diferente de quando é apenas um? "

Eu deveria esperar não ter que explicar o por que esta pergunta era tão estúpida. Eu mal podia dizer a ela qual era a diferença, como já gastei cerca de cem por cento da minha vida como uma irmã gêmea e,

portanto, tenho precisamente a experiência zero, sendo apenas uma.

Devo ter estampado o desprezo na minha cara, porque minha mãe me atirou um de seus lendários olhares de aviso no momento em que meus lábios se separaram para responder. Pelo fato de que eu não queria envergonhar a minha mãe (e não porque eu senti qualquer necessidade de fazer a Sra Brougham sentir-se mais inteligente do que ela realmente era), eu disse: "Eu acho que a gente sempre tem um companheiro."

"Mas seu irmão não está aqui agora," uma das meninas Brougham disse.

"Meu pai não está sempre com a minha mãe, e eu imagino que ela o considera seu companheiro", eu respondi.

"Um irmão dificilmente é o mesmo que um marido," Mrs. Brougham vibrou.

"O que é mesmo desejável", retruquei. Na verdade, esta foi uma das conversas mais ridículas em que eu já tinha tomado parte. E Penelope olhou como se também tivesse perguntas a fazer quando voltássemos para casa.

Minha mãe me deu um outro olhar, um que disse que ela sabia

exatamente o tipo de perguntas que Penelope teria, e que ela não queria responder. Mas como minha mãe sempre tinha dito que valorizava a curiosidade em nós mulheres. . .

Bem, ela iria ser apanhada em sua própria armadilha.

Devo mencionar que, deixando armadilhas de lado, estou convencida de que eu tenho a melhor mãe da Inglaterra. E ao contrário de ser uma não-gêmea, sobre o qual não tenho conhecimento, eu sei o que é ter 124

uma mãe diferente, por isso estou totalmente qualificada, em minha opinião, para fazer o julgamento.

Minha mãe, Eloise Crane, é realmente a minha madrastra, embora eu só me refiro a ela como tal quando necessário para efeitos de

esclarecimentos. Ela se casou com o meu pai quando Oliver e eu

tínhamos oito anos, e estou bastante certa de que ela salvou a todos nós. É difícil explicar o que nossas vidas pareciam antes de ela entrar nelas. Eu certamente poderia descrever eventos, mas o tom

de tudo isso, o sentimento em nossa casa. . .

Eu realmente não sei como transmitir isso.

Minha mãe -minha mãe original- se matou. Durante a maior parte da minha vida eu não sabia disso. Eu pensei que ela tinha morrido por uma febre, que suponho que é verdade. O que ninguém me disse foi que a febre foi trazida porque ela tentou afogar-se em um lago no meio do inverno.

Eu não tenho nenhuma intenção de tirar a minha própria vida, mas devo dizer que este não seria o meu método escolhido.

Eu sei que eu deveria sentir compaixão e simpatia por ela. Minha mãe atual era uma prima distante dela e diz-me que ela foi triste por toda a sua vida. Ela me diz que algumas pessoas são assim, assim como

outras são estranhamente alegre o tempo todo. Mas eu não posso

deixar de pensar que, se ela ia se matar, ela poderia muito bem ter feito isso antes. Talvez quando eu era bem pequena. Ou melhor ainda, uma recém-nascida. Isto certamente teria feito minha vida mais fácil.

Perguntei ao meu tio Hugh (que não é realmente o meu tio, mas ele é casado com a meia-irmã da esposa do irmão da minha mãe atual e vive muito perto, e ele é um vigário) se eu iria para o inferno por tal pensamento. Ele disse que não, que, francamente, isso fez um monte de sentido para ele.

Eu acho que eu prefiro sua paróquia a minha própria.

Mas a coisa é, agora eu tenho memórias sobre ela. Marina, minha primeira mãe. E eu não quero lembranças dela.

Essas que eu tenho são nebulosas e confusas. Eu não consigo me

lembrar do som de sua voz. Oliver diz que pode ser porque ela quase não falava. Não me lembro se ela falava ou não. Não me lembro a forma exata de seu rosto, e eu não consigo lembrar o seu cheiro.

125

Em vez disso, eu me lembro do lado de fora de sua porta, sentindo-me muito pequena e assustada. E lembro-me que andar na ponta dos pés era o grande dilema, porque sabíamos que não deveríamos fazer

barulho. Lembro-me de sempre me sentir um pouco nervosa, como se eu já sabia que algo ruim estava prestes a acontecer.

E de fato aconteceu.

A memória não deve ser específica? Eu não me importaria de ter uma memória de um momento, ou

de um rosto, ou um som.

Em vez disso eu tenho sentimentos vagos, e nem mesmo um feliz, entre eles.

Uma vez perguntei a Oliver se ele tinha as mesmas memórias, e ele apenas deu de ombros e disse que não pensa realmente sobre ela. Eu não tenho certeza se eu acredito nele. Acho que eu provavelmente acredito; ele não costuma pensar profundamente sobre essas coisas. Ou talvez mais precisamente, ele não pensa profundamente sobre qualquer coisa. Só podemos esperar que, quando ele se casar (o que certamente não vai ser breve o suficiente para as irmãs Brougham) ele irá escolher uma noiva com uma falta de delicadeza e sensibilidade similar. Caso contrário, ela será miserável.

Ele não vai ser, é claro; ele não iria nem perceber sua miséria.

Os homens são assim, me disseram.

Meu pai, por exemplo, é extremamente desatento. A menos, claro, se acontecer de você ser uma planta, e então ele notará tudo. Ele é um botânico e felizmente poderia engatinhar dentro de sua estufa durante todo o dia.

Ele me parece o par mais improvável para minha mãe, que é vivaz e extrovertida e que nunca perde nas palavras, mas quando eles estão juntos é óbvio que eles se amam muito. Na semana passada eu peguei os dois se beijando no jardim. Fiquei horrorizada. Mãe tem quase quarenta anos, e meu pai mais velho do que isso.

Mas eu tenho divagado. Eu estava falando da família Brougham, mais especificamente da pergunta tola da Sra Brougham sobre não ser uma irmã gêmea. Eu estava, como mencionado anteriormente, sentindo-me bastante satisfeita comigo mesma por não ter sido rude, quando a Sra Brougham disse algo que era de meu interesse.

"Meu sobrinho vem nos visitar esta tarde."

126

Cada uma das meninas Brougham pareceu ficar mais reta em seu assento. Eu juro, era como jogo de algumas crianças, com encaixes.

Bing Bing Bing Bing. . . Até que estivessem, todas em uma postura perfeita e ereta, sobrenaturalmente.

A partir disso eu imediatamente deduzi que o sobrinho da Sra Brougham deve estar em idade de casar, provavelmente tem boa fortuna e, talvez, de características agradáveis.

"Você não mencionou que Ian estava vindo nos visitar", uma das filhas disse.

"Ele não está", respondeu a senhora Brougham. "Ele ainda está em Oxford, como você bem sabe. Charles está chegando. "

Puf. As filhas Brougham murcharam, todas de uma só vez.

"Oh", disse uma delas. "Charlie".

"Hoje, você disse," disse outra, com uma notável falta de entusiasmo.

E então a terceira disse: "Vou ter que esconder minhas bonecas."

A quarta não disse nada. Ela só retomou a beber seu chá, parecendo bastante entediada com a coisa toda.

"Por que você tem que esconder suas bonecas?", Perguntou Penelope.

Em toda a verdade, eu estava pensando a mesma coisa, mas parecia muito infantil uma pergunta dessas, para uma lady de 19 anos.

"Isso foi há doze anos, Dulcie," disse a Sra Brougham. "Deus do céu, você tem uma memória de elefante."

"Não se esqueça do que ele fez com minhas bonecas", disse Dulcie sombriamente.

"O que ele fez?", Perguntou Penelope

Dulcie fez um movimento cortante através de sua garganta. Penelope engasgou, e devo confessar, havia algo bastante horrível na expressão de Dulcie.

"Ele é uma besta-fera", disse uma das irmãs de Dulcie.

"Ele não é uma besta-fera," Mrs. Brougham insistiu.

As meninas Brougham todas olharam para nós, balançando a cabeça em concordância e em silêncio, como se dissessem: Não dê ouvidos a ela.

127

"Quantos anos tem o seu sobrinho agora?", Perguntou minha mãe.

"Vinte e dois," Mrs. Brougham respondeu, parecendo bastante grata pela pergunta. "Ele se formou em Oxford no mês passado."

"Ele é um ano mais velho que Ian", explicou uma das meninas.

Eu assenti, mesmo que dificilmente poderia usar Ian - a quem eu nunca tinha visto - como um ponto de referência.

"Ele não é tão bonito."

"Ou, tão legal."

Olhei para a última filha Brougham, aguardando sua contribuição. Mas tudo o que ela fez foi bocejar.

"Quanto tempo ele vai ficar?", Perguntou minha mãe educadamente.

"Duas semanas", respondeu a senhora Brougham, mas ela realmente só disse "Duas sema" antes que uma de suas filhas uivasse com desânimo.

"Duas semanas! Uma quinzena inteira! "

"Eu estava esperando que ele pudesse nos acompanhar até a a vila local," disse a Sra Brougham.

Esta notícia foi recebida por mais gemidos. Devo dizer, estava

começando a crescer em mim certa curiosidade sobre esse tal Charles.

Qualquer um que poderia inspirar tal pavor entre as filhas Brougham deve ter algo a recomendá-lo.

Não, apresso-me a acrescentar, não que eu não goste das filhas

Brougham. Ao contrário de seu irmão, a nenhuma delas foi concedido todos os desejos e caprichos, e, portanto, elas não são de todo insuportáveis. Mas elas são -Como devo dizê-lo - plácidas e dóceis, e, portanto, não é um tipo natural de companheiras para mim (sobre quem tais adjetivos nunca foram aplicados). Sinceramente, eu não acho que eu já tenho conhecido o bastante qualquer uma delas para

expressar uma forte opinião sobre qualquer coisa. Se todas as quatro delas detestava alguém nesse tanto - bem, se não outra coisa, ele seria interessante.

"Será que o seu sobrinho gosta de montar?", Perguntou minha mãe.

Sra Brougham tinha um olhar astuto em seus olhos "Eu acredito que sim."

128

"Talvez Amanda consentiria em mostrar para ele a área." Com isso, minha mãe sorriu o sorriso mais estranhamente inocente e doce.

Talvez eu deva acrescentar que uma das razões pelas quais eu estou convencida de que a minha é a melhor mãe da Inglaterra é que ela raramente é inocente e doce. Oh, não me interpretem mal, ela tem um coração de ouro e faria qualquer coisa para sua família. Mas ela cresceu como a quinta de uma família de oito, e ela pode ser maravilhosamente desonesta e dissimulada quando quer.

Além disso, ela não poderia ser superada em uma conversa. Confie em mim, eu tentei.

Então, quando ela ofereceu-me como guia, eu não podia fazer nada, a não ser dizer que sim, mesmo que três em cada quatro irmãs Brougham começaram a reprimir o riso. (A quarta ainda parecia entediada. Eu estava começando a me perguntar se poderia haver algo errado com ela.)

"Amanhã," disse a Sra Brougham deliciada. Ela bateu palmas e sorriu.

"Vou mandá-lo amanhã ao longo da tarde. Você faria isso? "

Mais uma vez, eu não podia dizer nada, além do sim, e assim o fiz, me perguntando sobre o que exatamente eu tinha acabado de consentir.

Na tarde seguinte, eu estava vestida com o meu melhor traje de

montaria e estava estirada na poltrona da sala de desenho,

perguntando me se o misterioso Charles Brougham iria realmente fazer uma aparição. Se não o fizesse, eu pensei, ele estaria totalmente dentro de seus direitos. Seria rude, é claro, como se estivesse quebrando um compromisso feito em seu nome por sua tia, mas nada de tão anormal, já que ele não tinha pedido para ser selado com a pequena nobreza local.

Jogo de palavras não intencional.

Minha mãe nem mesmo tentou negar que estava atuando como

casamenteira. Isso me surpreendeu; Eu pensei que ela ia fazer, pelo menos, um protesto débil. Mas em vez disso, ela me lembrou que eu tinha recusado uma temporada em Londres e, em seguida, começou a expor a falta de homens elegíveis em idade adequada aqui no nosso campo de Gloucestershire.

Lembrei-a de que ela não tinha encontrado o seu marido em Londres.

129

Ela então disse algo que começou com "Seja como for", e então desviou tão rapidamente e com tais voltas e reviravoltas que eu não poderia seguir mais uma só coisa que ela disse.

O que eu estou bastante certa, era a sua real intenção.

Minha mãe não estava precisamente triste por eu ter dito não a uma temporada em Londres; ela era bastante afeiçoada a nossa vida no campo, e Deus sabe que o meu pai não iria sobreviver na cidade por mais de um semana. Mãe me chamou de indelicada por dizer isso, mas eu acredito que ela secretamente concordou comigo -Papai iria se distrair com uma planta no parque, e nós nunca o encontraríamos novamente. (Ele é um pouco distraído, meu pai.)

Ou, eu confesso que é mais provável, ele diria algo totalmente

inadequado em uma festa. Ao contrário de minha mãe, o meu pai não tem o dom da conversa

educada, e ele certamente não vê a necessidade de duplo sentido ou reviravoltas astutas em uma frase. No que lhe diz respeito, um corpo deveria dizer o que significa um corpo.

Eu amo o meu pai, mas é claro que ele deve ser mantido longe da cidade.

Eu poderia ter tido uma temporada em Londres, se eu quisesse. A família da minha mãe é extremamente bem relacionada.

Seu irmão é um visconde, e suas irmãs se casaram uma com um

duque, outra com um conde, e a última com um barão. Eu deveria ser admitida em todos os eventos mais exclusivos. Mas eu realmente não queria ir. Eu não teria liberdade alguma. Aqui eu posso fazer

caminhadas ou fazer um passeio sozinha, desde que eu diga a alguém onde estou indo. Em Londres, uma jovem não pode sequer tocar os dedos dos pés nos degraus da entrada sem uma acompanhante.

E pra mim, isso soa de forma terrível.

Mas de volta à minha mãe. Ela não se importou por eu ter recusado a temporada, porque isso significava que ela não teria que ficar separado do meu pai durante vários meses. (Uma vez que, como já determinado, ele teria que ser deixado em casa.) Mas, ao mesmo tempo, ela estava realmente preocupada com o meu futuro. E por isso, ela tinha se lançado em uma espécie de uma cruzada. Se eu não iria até os

cavalheiros elegíveis, ela iria trazê-los para mim.

Daí Charles Brougham.

130

Às duas horas ele ainda não tinha chegado, e devo confessar, eu estava ficando cada vez mais irritada. Era um dia quente, ou, pelo menos, tão quente como é possível em Gloucestershire, e meu traje verde escuro, que parecia tão elegante e garboso quando eu tinha vestido, estava começando me dar coceira.

Eu estava começando a murchar.

De alguma forma, minha mãe e Sra Brougham tinham se esquecido de definir um tempo para a chegada do sobrinho, então eu fui obrigada a estar pronta ao meio-dia com precisão.

"Que horas você diria que marca o fim da tarde?", Eu perguntei, me abanando com um jornal dobrado.

"Hmmm?" Minha mãe estava escrevendo uma carta -presumivelmente para um de seus muitos irmãos- e realmente não estava me escutando.

Ela parecia muito encantadora lá sentada perto da janela. Eu não tenho idéia de como minha mãe

original seria como uma mulher mais velha, uma vez que ela não se dignou a viver tanto tempo, mas Eloise não tinha perdido nada de sua beleza. Seu cabelo era ainda, de uma cor castanha rica e sua pele sem rugas. Seus olhos são difíceis de descrever

-bastante variável na cor, na verdade.

Ela me diz que nunca foi considerada uma beldade quando era jovem.

Ninguém achava que ela era desinteressante, de fato ela era muito popular, mas ela nunca foi designada como o diamante da temporada.

Ela me diz que as mulheres inteligentes ficam melhores com a idade.

Achei isso muito interessante, e espero que seja um bom presságio para o meu próprio futuro.

Mas, no momento eu não estava preocupada com qualquer futuro além dos próximos 10 minutos, do qual eu estava convencida de que eu morreria de calor. "A tarde", eu repeti. "Quando você diria que termina?"

Quatro horas? Cinco? Por favor, diga que não é as seis ".

Ela finalmente olhou para cima. "Do que você está falando?"

"Sr. Brougham. Combinamos a tarde, não foi? "

Ela olhou para mim sem entender.

"Eu posso parar de esperar por ele uma vez a tarde passa para à noite, não é?"

131

Mamãe parou por um momento, sua pena suspensa no ar. "Você não deveria estar tão impaciente, Amanda."

"Eu não estou", eu insisti. "Eu estou com calor."

Ela considerou isto. "Está quente, não é?"

Eu balancei a cabeça. "Meu traje é feito de lã."

Ela fez uma careta, mas eu notei que ela não sugeriu que eu me

trocasse. Ela não iria sacrificar um pretendente em potencial por qualquer coisa tão inconsequente como o clima. Retornei a me abanar.

"Eu não acho que o nome dele é Brougham", disse a mãe.

"Perdão?"

"Eu acredito que ele está relacionado com a Sra Brougham, mas talvez não seja seu sobrenome. Eu não sei qual nome de família ele tem. "

Eu dei de ombros.

Ela voltou para a sua carta. Minha mãe escreve um número excessivo de cartas. Sobre o que, eu não posso imaginar. Eu não diria que a nossa família é assim maçante, mas nós somos certamente comum.

Certamente suas irmãs ficariam entediadas ao saber que Georgiana dominou a conjugação francesa e Frederick esfolou o joelho.

Mas a mamãe gosta de receber cartas, e ela dizia que é preciso enviar para receber, então lá estava ela em sua mesa, quase todos os dias, contando os detalhes chatos de nossas vidas.

"Alguém está vindo", disse ela quando eu já estava começando a cochilar no sofá. Sentei-me e virei-me para a janela. Com certeza, uma carruagem estava se aproximando.

"Eu pensei que nós iríamos galopar", eu disse, um pouco irritada. Eu quase morri de calor naquele traje quente de montaria para nada?

"Vocês iam" Mamãe murmurou, sua sobrancelha se levantou em conjunto, enquanto observava a carruagem se aproximar.

Eu não acho que o Sr. Brougham - ou quem quer que estava na

carruagem - poderia ver dentro do salão através da janela aberta, mas apenas em caso, eu mantive minha posição digna no sofá, inclinando a cabeça levemente para que eu pudesse observar os eventos que

ocorriam em frente de casa.

132

A carruagem parou e um cavalheiro pulou, mas estava de costas para a casa e eu não conseguia ver nada dele que não fosse a sua altura (mediana) e seu cabelo (escuro). Em seguida, ele estendeu a mão e ajudou uma mulher a descer.

Dulcie Brougham!

"O que ela está fazendo aqui?" Eu disse, indignada.

E então, quando Dulcie tinha os dois pés no chão em segurança, o cavalheiro auxiliou outra jovem, e depois outra. E depois outra.

"Será que ele trouxe todas as meninas Brougham?", Perguntou minha mãe.

"Aparentemente, sim."

"Eu pensei que elas o odiavam."

Eu balancei minha cabeça. "Aparentemente não."

A razão para a mudança repentina das irmãs tornou-se clara, alguns momentos depois, quando Gunning anunciou sua chegada.

Eu não sei com o que o primo Charles costumava se parecer antes, mas agora. . . bem, vamos apenas dizer que qualquer jovem iria o achar muito agradável. Seu cabelo era grosso e levemente ondulado, e até mesmo do outro lado do sala eu podia ver que seus cílios eram

ridiculamente longos. Sua boca era do tipo que sempre parece que está prestes a sorrir, o que na minha opinião é o melhor tipo de boca a se ter.

Eu não estou dizendo que eu senti algo diferente do que um mero e educado interesse, mas as irmãs Brougham estavam para cair umas sobre as outras para poder ser aquela a estar em seus braços.

"Dulcie," minha mãe disse, andando adiante com um sorriso acolhedor.

"E Antonia. E Sarah." Ela respirou. "E Cordelia, também. Que agradável surpresa ver todas vocês. "

É uma prova da habilidades da minha mãe como uma anfitriã, que

realmente pareceu estar mesmo muito satisfeita.

"Nós não poderíamos deixar nosso querido primo Charles vir sozinho", explicou Dulcie.

"Ele não saberia o caminho", acrescentou Antonia.

133

Não poderia ter sido uma jornada mais simples - bastava andar até a aldeia, virar à direita na igreja, e só mais uma milha até a nossa residência.

Mas eu não disse isso. Eu, entretanto, olhei para o primo Charles com alguma simpatia. Não poderia ter sido uma viagem divertida na

carruagem.

"Charles, querido", Dulcie foi dizendo: "esta é Lady Crane, e Senhorita Amanda Crane."

Eu fiz uma reverência, me perguntando se teria que subir naquela carruagem com mais todos os cinco. Eu esperava que não. Se estava quente aqui, seria bestial na carruagem.

"Lady Crane, Amanda," Dulcie continuou, "meu querido primo Charles, Sr. Farraday."

Eu arqueei minha cabeça com isso. Minha mãe estava certa, seu

sobrenome não era Brougham. Oh querida, isso significava que ele estava relacionado com a Sra Brougham? Eu achei Sr. Brougham o

mais razoável dos dois.

Sr. Farraday curvou-se educadamente, e por um breve momento, seus olhos encontraram os meus.

Eu deveria dizer neste momento que eu não sou uma romântica. Ou pelo menos eu não acho que eu sou uma romântica. Se eu fosse, eu teria ido a Londres para essa temporada. E teria gostado de ter passado os meus dias lendo poesia e minhas noites dançando e flertando e se alegrando.

Eu certamente não acredito em amor à primeira vista. Mesmo os meus pais, que são os mais apaixonados que já conheci, me disseram que eles não se amaram instantaneamente.

Mas quando meus olhos encontraram os do Sr. Farraday ...

Como eu disse, não foi amor à primeira vista, já que eu não acredito nessas coisas. Não foi nada à primeira vista, na verdade, mas havia algo. . . um reconhecimento compartilhado. . . um senso de humor. Eu não estou certa em como descrever isso.

Suponho que, se pressionada, eu diria que foi uma sensação de conhecimento. Como se de alguma forma eu já o conhecia.

O que era, naturalmente, ridículo.

134

Mas não era tão ridículo como suas primas, que estavam vibrando, frescurando e alvoroçando. É evidente que elas tinham decidido que o primo Charles já não era uma besta, e se alguém ia se casar com ele, seria então uma delas.

"Sr. Farraday", eu disse, e podia sentir os cantos da minha boca beliscarem em uma tentativa de conter um sorriso.

"Senhorita Crane," disse ele, usando muito da mesma expressão.

Inclinou-se sobre a minha mão e beijou-a, para grande consternação de Dulcie, que estava de pé ao meu lado.

Mais uma vez, devo salientar que eu não sou uma romântica. Mas as minhas entranhas deram umas poucas voltas quando seus lábios

tocaram minha pele.

"Receio que eu esteja vestida para um passeio", disse a ele, apontando para o meu traje de equitação.

"Sim, você está."

Olhei com tristeza para suas primas, que com toda a certeza não estavam vestidas para qualquer tipo de esforço atlético. "Está um dia tão encantador", murmurei.

"Meninas," minha mãe disse, olhando diretamente para as irmãs Brougham, "por que não se juntam a mim, enquanto Amanda e seu primo fazem o passeio? Eu prometi mãe de vocês que ela iria mostrar-lhe a área."

Antonia abriu a boca para protestar, mas ela não era párea para Eloise Crane, e de fato ela não fez sequer um som antes de minha mãe

acrescentar, "Oliver em breve descera."

Isso resolveu a questão. Sentaram-se, todas os quatro deles, em uma linha reta no sofá, descendo uma a uma, com sorrisos de forma idêntica em seus rostos.

Eu *quase* senti pena de Oliver.

"Eu não trouxe minha montaria", disse Farraday com pesar.

"Isso não é um problema", eu respondi. "Temos excelentes estábulos."

Tenho certeza de que podemos encontrar algo adequado."

E lá fomos nós, saindo da porta da sala, em seguida, fora de casa, em seguida, ao virando a esquina para o gramado atrás, e então-135

Sr. Farraday caiu contra a parede, rindo. "Oh, muito obrigado", disse ele, com grande sentimento. "Obrigado. Obrigado."

Eu não tinha certeza se eu deveria fingir ignorância. Eu mal podia reconhecer o sentimento dele sem insultar suas primas, o que eu não queria fazer. Como já mencionei, eu não desgosto das irmãs Brougham, mesmo que eu as achei um pouco ridículas naquela tarde.

"Diga-me que você monta", disse ele.

"Claro."

Ele fez um sinal para a casa. "Nenhuma delas monta."

"Isso não é verdade", eu respondi, perplexa. Eu sabia que já tinha visto elas a cavalo em algum ponto.

"Elas podem sentar-se em uma sela", disse ele, com os olhos piscando com o que só podia ser um

atrevemento, "mas elas não sabem montar."

"Entendo", murmurei. Considerarei minhas opções e disse: "eu sim".

Ele olhou para mim, um canto de sua boca inclinada para cima em um leve sorriso. Seus olhos estavam num bastante agradável tom de verde, cor de musgo com pequenas manchas marrons. E mais uma vez, eu

tenho essa estranha sensação de estar em...harmonia.

Espero que eu não esteja sendo imodesta quando digo que há algumas coisas que eu faço muito bem. Eu posso atirar com uma pistola (embora não com um rifle, e não tão bem quanto minha mãe, que é assustadoramente boa). Eu consigo somar o dobro de somas mais veloz do que Oliver, desde que eu tenha caneta e papel. Eu posso pescar, e eu posso nadar, e, acima de tudo, eu posso montar.

"Venha comigo", eu disse, apontando para os estábulos.

Ele então veio, acomodando seu passo ao meu lado. "Diga-me, senhorita Crane," ele disse, sua voz cheia de diversão "com o que te subornaram pela vossa presença esta tarde?"

"Você acha que sua companhia não era uma recompensa suficiente?"

"Você nem mesmo me conhece", ressaltou.

"Verdade". Viramos em nosso caminho para os estábulos, e eu estava feliz por sentir uma brisa suave chegando. "Quando isso aconteceu, eu fui manobrada por minha mãe."

"Você admite ter sido manobrada", ele murmurou. "Interessante."

136

"Você não conhece minha mãe."

"Não", ele me assegurou: "Estou impressionado. A maioria das pessoas não iria confessar isso".

"Como eu disse, você não conhece a minha mãe." Eu virei para ele e sorri. "Ela é uma de oito irmãos. Superá-la em qualquer tipo de matéria sinuosa é nada menos do que um triunfo."

Chegamos aos estábulos, mas fiz uma pausa antes de entrar. "E quanto a você, Sr. Farraday?", Perguntei.

"Com o que foi subornado pela vossa presença esta tarde?"

"Eu, também, fui contrariado", disse ele. "Me disseram que eu ia escapar das minhas primas."

Deixei escapar uma risada com isso. Impróprio, sim, mas inevitável.

"Elas atacaram quando eu já estava partindo", ele me disse sombriamente.

"Elas são muito ferozes", disse eu, totalmente inexpressiva.

"Eu estava em desvantagem."

"Eu pensei que elas não gostavam de você", eu disse.

"Assim como eu" Ele plantou as mãos nos quadris. "Foi a única razão para consentir com a visita."

"O que exatamente você fez para elas quando eram crianças?", Perguntei.

"A melhor pergunta seria, o que elas fizeram para mim?"

Eu tinha muito conhecimento de causa para simplesmente alegar que ele tinha a supremacia por causa de seu gênero. Quatro meninas

poderiam facilmente trucidar um menino. Eu tinha ido contra Oliver inúmeras vezes quando criança, e, embora ele nunca iria admitir isso, eu o venci com mais frequência do que o contrário.

"Sapos?", Perguntei, pensando em minhas próprias brincadeiras de infância.

"Isso fui eu", ele admitiu timidamente.

"Peixes mortos?"

Ele não falou, mas sua expressão era claramente de culpa.

137

"Qual?", Perguntei, tentando imaginar o horror de Dulcie.

"Todos eles."

Prendi a respiração. "Ao mesmo tempo?"

Ele assentiu com a cabeça.

Fiquei impressionado. Suponho que a maioria das mulheres não iria encontrar tais coisas atraente, mas eu sempre tive um senso de humor incomum. "Você já fez um fantasma de farinha?", Perguntei.

Ele arqueou as sobrancelhas, e se inclinou para frente. "Conte-me mais." E então eu disse a ele sobre a minha mãe, e como Oliver e eu tínhamos tentado assustá-la antes dela se casar com o meu pai. Que tínhamos sido bestas pronunciadas. Verdadeiramente. Não apenas

crianças travessas, mas pragas completas sobre a face da humanidade.

É uma maravilha que meu pai não nos enviou para um reformatório. A mais memorável de nossas

proezas era quando tínhamos manipulado um balde de farinha acima de sua porta para que caísse em cima dela quando ela saísse em direção ao corredor.

Só que nós tínhamos enchido muito o balde, por isso, foi mais um revestimento do que uma simples poeira, e na verdade mais um dilúvio do que qualquer outra coisa.

Nós também não tínhamos contado com o fato de que o balde atingiria-a na cabeça.

Quando eu disse que a entrada da minha mãe atual em nossas vidas tinha salvado a todos nós, eu quis dizer isso literalmente.

Oliver e eu estávamos tão desesperados por atenção, e nosso pai, tão adorável como ele é agora, não tinha nenhuma ideia de como nos gerir.

Eu disse tudo isso para o Sr. Farraday. Foi a coisa mais estranha. Eu não tenho ideia do por que eu falei por tanto tempo e disse tantas coisas. Eu pensei, que deveria ser porque ele era um ouvinte

extraordinário, só que mais tarde ele me disse que ele não é, que na verdade ele é um ouvinte terrível e normalmente interrompe demasiadas vezes.

Mas não foi assim conosco. Ele ouviu, e eu falei, e então eu ouvia e ele falava, e ele me contou de seu irmão Ian, da sua angelical boa

aparência e boas maneiras dignas da corte. Como todos bajulavam a ele, mesmo que Charles era o mais velho. Como Charles nunca

138

conseguia odiá-lo, embora, porque acima de tudo, Ian era companheiro bastante agradável.

"Você ainda quer montar?", Perguntei, quando notei que o sol já começava a mergulhar no céu. Eu não poderia imaginar quanto tempo estávamos ali de pé, a falar e a ouvir, a ouvir e a falar.

Para minha grande surpresa Charles disse que não, que deveríamos caminhar ao invés disso.

E foi o que fizemos.

Ainda estava quente naquela noite, e assim, depois do jantar resolvi ir lá fora. O sol tinha afundado já abaixo do horizonte, mas ainda não estava completamente escuro. Sentei-me nos degraus do pátio dos fundos, virada para o oeste para que eu pudesse assistir os últimos toques de luz do dia, saindo do lavanda ao roxo, até chegar ao tom negro.

Eu amo esta hora da noite.

Sentei-me ali por algum tempo, tempo suficiente para que as estrelas comessem a aparecer, e tempo suficiente para que eu tivesse que abraçar meus braços para afastar o frio. Eu não tinha trazido um xale.

Acho que eu não tinha pensado que ficaria sentada do lado de fora por tanto tempo. Eu estava prestes a voltar para dentro quando ouvi alguém se aproximar.

Era meu pai, em seu caminho para casa vindo da estufa. Ele estava segurando uma lanterna e suas mãos estavam sujas. Algo sobre a visão dele me fez sentir como uma criança novamente. Ele era um homem enorme, e antes mesmo que ele se casasse com minha mãe Eloise,

voltando para quando ele parecia não saber o que dizer para os seus próprios filhos, ele sempre me fez sentir segura. Ele era o meu pai, e ele me protegeria. Ele não precisava dizer isso, eu só sabia.

"Você está aqui fora tão tarde", disse, sentando-se ao meu lado. Ele colocou a lanterna para baixo e passou as mãos contra as calças de trabalho, sacudindo a sujeira solta.

"Apenas pensando", eu respondi.

Ele balançou a cabeça, em seguida, apoiou os cotovelos nas coxas e olhou para o céu. "Alguma estrelas cadentes esta noite?"

Eu balancei minha cabeça, mesmo que ele não estivesse de frente para mim. "Não."

139

"Você precisa de uma?"

Sorri para mim mesma. Ele estava perguntando se eu tinha algum

desejo a ser feito. Nós costumávamos fazer um desejo juntos quando as estrelas caíam, o tempo todo quando eu era pequena, mas de alguma forma nós perdemos esse hábito.

"Não", eu disse. Estava me sentindo introspectiva, pensando em Charles e me perguntando o que isso significava, tinha passado toda a tarde com ele e agora não podia esperar vê-lo novamente amanhã. Mas eu não sentia de que precisasse ter algum desejo concedido. Pelo menos, não ainda.

"Eu sempre tenho desejos", observou ele.

"Você?" Eu virei para ele, inclinando a cabeça para o lado enquanto eu olhava seu perfil. Eu sei que ele tinha sido terrivelmente infeliz antes de conhecer minha mãe Eloise, mas isso foi tudo ele já tinha deixado bem lá atrás. Se algum homem nesse mundo tinha a vida feliz e realizada, esse homem era ele.

"O que você deseja?", Perguntei.

"A saúde e a felicidade dos meus filhos, em primeiro lugar."

"Isso não conta," eu disse, sentindo um sorriso crescer em mim.

"Oh, você acha mesmo que não?" Ele olhou para mim, e não havia mais do que uma pitada de

diversão em seus olhos.

"Eu lhe asseguro, é a primeira coisa que penso quando acordo, e a última antes que eu me deite para dormir."

"Sério?"

"Eu tenho cinco filhos, Amanda, e cada um deles é saudável e forte. E, tanto quanto eu sei, vocês todos são felizes. Provavelmente é pura sorte que tudo tenha acontecido tão bem com todos vocês, mas eu não vou tentar de nenhuma forma o destino desejando outra coisa do que a felicidade que já tenho. "

Eu pensei sobre isso por um momento. Nunca tinha me ocorrido a
desejar algo que eu já tinha.

"É assustador ser um pai?", Perguntei.

"A coisa mais assustadora do mundo."

Eu não sei bem o que pensei que ele ia dizer, mas não era isso.

140

Mas então eu percebi, ele estava falando comigo como um adulto. Eu não sei se ele já tinha realmente feito isso antes. Ele ainda era o meu pai, e eu ainda era sua filha, mas eu tinha cruzado algum limite misterioso.

Foi emocionante e triste ao mesmo tempo.

Nós nos sentamos juntos por alguns minutos mais, apontando

constelações não dizendo nada de importante. E então, quando eu estava prestes a voltar para dentro, ele disse: "Sua mãe disse que você recebeu a visita de um cavalheiro esta tarde."

"E as quatro primas dele também" Eu brinquei.

Ele olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas, uma bronca em silêncio fazendo luz sobre o assunto.

"Sim", eu disse. "recebi."

"Você gostou dele?"

"Sim." Senti uma luz crescendo dentro de mim, como se as minhas entranhas ficassem efervescentes.
"Gostei."

Ele engoliu a seco, e em seguida, disse: "Eu vou ter que encontrar um bastão muito grande."

"O Quê?"

"Eu costumava dizer a sua mãe que quando você estivesse com idade o suficiente para ser cortejada, eu ia ter que bater forte, para afastar todos os cavalheiros.

Havia algo quase doce sobre isso. "Sério?"

"Bem, não quando você era muito pequena. Você era tal como um pesadelo que me desesperei pensando na impossibilidade de que alguém um dia fosse querer você".

"Pai!"

Ele riu. "Não diga que você não sabe que isso é verdade."

Eu não poderia contradizer.

"Mas quando você já era um pouco mais velha, e eu comecei a ver os primeiros sinais da mulher que você iria se tornar. . ." - Ele suspirou.

"Meu Deus, se alguma vez ser um pai era aterrorizante. . . "

141

"E agora?"

Ele pensou por um momento. "Eu acho que agora eu só posso esperar que ergui você bem o suficiente para tomar decisões sensatas." Ele fez uma pausa. "E, claro, se alguém sequer pensar em maltratar você, eu ainda terei um bastão."

Eu sorri para ele, em seguida, deslizei-me ligeiramente para seu lado, para que pudesse descansar minha cabeça em seu ombro. "Eu te amo, pai."

"Eu também te amo, Amanda." Ele se virou e me deu um beijo no topo da minha cabeça. "Eu também te amo."

A propósito, eu me casei com Charles, e meu pai nunca teve sequer uma chance para brandir seu bastão. O casamento ocorreu seis meses depois, após um namoro adequado e um noivado ligeiramente

impróprio. Mas eu certamente não vou me colocar a escrever qualquer um dos eventos que fizeram o noivado impróprio.

Minha mãe insistiu em um bate-papo antes do casamento, mas este foi realizado na noite anterior ao

casamento, época em que a informação não era exatamente oportuna, mas eu não deixava transparecer. Eu, no entanto, tive a impressão de que ela e meu pai também poderiam ter antecipado suas promessas de casamento. Fiquei chocada. *Chocada*.

Parece muito improvável da parte deles. Agora que eu tenho

experimentado os aspectos físicos do amor, o mero pensamento sobre meus pais. . .

É demais para suportar.

A casa da família de Charles está em Dorset, perto do mar, mas como seu pai está bem vivo, nós escolhemos uma casa em Somerset, a meio caminho entre a sua família e a minha. Ele não gosta da cidade, assim como eu também não.

Ele está pensando em iniciar um programa de criação de cavalos, o que é estranho, mas, aparentemente, a reprodução de plantas e criação de animais não são totalmente diferentes. Ele e meu pai se tornaram grandes amigos, o que é adorável, exceto que agora meu pai nos visita com bastante frequência.

Nossa nova casa não é grande e todos os quartos são muito próximos um do outro. Charles criou um novo jogo do qual ele chama de "Vamos ver quão silenciosa Amanda consegue ser."

142

Em seguida, ele passa a fazer as coisas mais perversas possíveis comigo, tudo enquanto o meu pai dormia do outro lado do corredor!

Ele é um diabo, mas eu o adoro. Não posso evitar. Especialmente quando ele....

Oh, espere, eu não estava indo realmente colocar qualquer dessas coisas por escrito, estava?

Só sei que eu estou sorrindo de forma muito ampla, enquanto eu me lembro.

E que o bate-papo com minha mãe antes do casamento não cobria essa parte.

Acho que eu deveria admitir que a noite passada eu perdi o jogo. Eu não consegui me manter silenciosa afinal de contas.

Meu pai não disse uma palavra. Mas ele partiu bem inesperadamente naquela tarde, citando algum tipo de emergência botânica.

Eu não sei o que as plantas podem ter de emergencial, mas assim que ele saiu, Charles insistiu em inspecionar nossas rosas para averiguar o que quer que meu pai tivesse dito que estava de errado com as dele.

Só que, por algum motivo ele queria inspecionar as rosas que já tinham sido cortadas e estavam dispostas em um vaso no nosso quarto.

"Vamos jogar um jogo novo", ele sussurrou em meu ouvido. "Vamos ver quão barulhenta Amanda consegue ser."

"Como faço para ganhar?", Perguntei. "E qual será o prêmio?"

Eu posso ser bastante competitiva, e assim como ele, mas eu acho que é seguro dizer que nós dois ganhamos dessa vez.

E o prêmio foi adorável, de fato.

143

O Conde

144

Enfeitiçado

***Nota da Autora:** Confesso que quando eu escrevi as palavras finais de O Conde Enfeitiçado nem sequer me ocorreu perguntar se Francesca e Michael teriam filhos. A história de amor tinha sido tão comovente e tão completa que senti que já tinha fechado a história deles, por assim dizer.*

Mas poucos dias após publicação do livro, comecei a ouvir dos leitores, e todo mundo queria saber a mesma coisa: Se Francesca Conseguiu o bebê que tanto queria? Quando me sentei para escrever o segundo epílogo, Eu sabia que esta era a pergunta que deveria responder. . .

***Nota da Tradutora:** O Conde enfeitiçado foi um livro que me fez chorar muito. O enredo todo é dramático, tem uma carga emocional enorme.*

Porque envolveu amor, família, fidelidade, afeto, amizade e morte. Tudo 145

ao mesmo tempo. Eu quase implorei aos céus para que pudessem ser felizes e finalmente completos. Ver alguém amando desesperadamente alguém que não podia amar e que não podia ser correspondido, me partiu o coração. Ver duas pessoas inocentes se sentindo culpadas por um sentimento tão forte e vendo suas vidas amarradas a algo que não tem solução, como a morte de alguém, me partiu ainda mais. Eu sou mulher, e ver uma mulher querendo mais do que tudo ter um filho e não conseguindo, me partiu o coração de uma vez, ainda mais porque Julia não tinha resolvido essa questão. E se você não desejou com a força de sua alma que esses dois tivessem tudo de mais lindo na vida, sinto-lhe dizer que não tem coração.

ps: Esse não precisei traduzir diretamente, na versão PDF que li do 1º

livro, já havia esse epílogo no final, então só arrumei algumas coisinhas, pois estava em Português de Portugal.

Passaram-se três anos desde o casamento de Francesca e Michael, e ainda não tinham filhos.

E Francesca se perguntava: "Como uma mulher pode ser verdadeira e completamente feliz, quando um pedaço de seu coração permanece vazio?" Mas só, quando ficou em paz com seu destino, algo inesperado ocorreu....

Ela estava contando outra vez.

Contando, sempre contando.

Sete dias desde sua última menstruação.

Seis até que estivesse no período fértil.

Desde vinte e quatro a trinta e um, até que pudesse esperar sangrar de novo, se é que não concebesse.

O que provavelmente não faria.

146

Tinham se passado três anos, desde que se tinha casado com o Michael.

Três anos. Tinha sofrido nesse transcurso, trinta e três vezes. Tinha-os contado, é claro; pequenas marcas em um pedaço de papel que

guardava em sua escrivaninha, no canto mais afastado da gaveta do meio, onde Michael não pudesse vê-lo.

Isso poderia lhe fazer mal. Não porque ele quisesse um filho, o que queria, mas sim porque *ela* desejava um desesperadamente.

E ele queria poder dar esse filho a ela. Possivelmente inclusive, mais do que o queria para si mesmo.

Ela tentava esconder sua dor. Tentava lhe sorrir na mesa do café da manhã e fingir que não se importava que havia retalhos de tecido entre as pernas, mas Michael sempre via em seus olhos, e parecia querer tê-

la mais perto durante o dia, beijar sua fronte o tempo todo.

Tentava dizer-se a si mesmo que devia contar todas suas bênçãos. E o fazia. OH, como o fazia. "Todos os dias". Ela era Francesca Bridgerton Sterling, condessa do Kilmartin, abençoada com duas maravilhosas famílias: Aquela em que tinha nascido e aquela que tinha adquirido, duas vezes, através do matrimônio.

Tinha um marido do qual a maioria das mulheres sonhavam. Bonito, divertido, inteligente e tão desesperadamente apaixonado por ela como estava ela por ele. Michael a fazia rir. Fazia com que seus dias e suas noites fossem uma aventura.

Adorava falar com ele, caminhar com ele, simplesmente sentar-se no mesmo quarto com ele para trocar olhares, enquanto ambos

"pretendiam" ler um livro.

Era feliz. De verdade, era. E se nunca tivesse um bebê, pelo menos tinha a esse homem, a esse maravilhoso, incrível, milagroso homem, que a entendia de uma maneira que a fazia suspirar.

Conhecia-a. Conhecia cada polegada dela, e ainda assim, nunca deixava de assombrá-la e de desafiá-la.

Amava-o. Com cada fôlego de seu corpo, amava-o.

E a maior parte do tempo, isso era suficiente. A maioria do tempo, "era" mais que suficiente.

Mas no meio da noite, depois dele dormir e ainda ela permanecer acordada, aninhada contra ele, sentia um vazio, que temia nada poder enchê-lo. Tocava-se seu abdômen, e ali estava, tão plano como sempre, 147

zombando dela com sua negativa de lhe dar a única coisa que queria mais que nada no mundo.

E nesse momento chorava.

Isso tinha que ter um nome, pensava Michael enquanto estava parado em frente da janela, observando como Francesca desaparecia sobre a ladeira para o terreno da família Kilmartin. Tinha que haver um nome para essa particular forma de dor, de tortura, em realidade. Tudo o que desejava no mundo era fazê-la feliz. OH, também desejava outras coisas como: paz, saúde, prosperidade para seus arrendatários, e homens retos, no posto de Primeiro-ministro para os próximos cem anos. Mas quando tudo isso era dito e feito, o que realmente queria era a felicidade de Francesca.

Amava-a. Sempre a tinha amado. Isso era, ou pelo menos devia ter sido, a coisa mais simples do mundo. Amava-a. Ponto. E poderia mover céu e terra, se só estivesse em seu poder, fazê-la feliz.

Exceto na única coisa que ela queria mais que tudo, a única coisa que pedia tão desesperadamente e lutava tão corajosamente para esconder sua dor, porque ele parecia não ser capaz de lhe dar algo.

Um filho.

E o cômico era, que ele estava começando a sentir a mesma dor.

A princípio, havia-o sentido só por ela. Francesca queria um filho, e por conseguinte, ele também o queria. Queria ser mãe, e por conseguinte, ele também queria que o fosse. Desejava vê-la segurar um menino, não porque seria seu filho, mas sim porque seria dela.

Queria que tivesse o que desejava. E egoisticamente, queria ser o homem que o desse.

Mas ultimamente, ele havia sentido seus próprios remorsos. Visitariam um de seus muitos irmãos e irmãs e estariam rodeados imediatamente pela próxima geração de descendentes. Arrastariam-se sobre sua perna, gritando "Tio Michael!" e soltariam gargalhadas quando ele os lançasse no ar, sempre lhe suplicando outro minuto mais, outro giro a mais, outro doce de hortelã secreto.

Os Bridgertons eram maravilhosamente férteis. Todos pareciam

produzir o número exato de descendência que desejavam. E então, possivelmente, um mais, só para melhorar o número.

148

" *Exceto Francesca.*"

Quinhentos e oitenta e quatro dias depois, Francesca saiu da

carruagem Kilmartin e respirou o ar fresco, limpo do campo do Kent. A primavera tinha começado, e o sol esquentava suas faces, menos

quando o vento soprava, pois este arrastava com ele, as últimas reminiscências do inverno.

Entretanto, Francesca não se importava. Sempre tinha gostado da sensação do vento frio sobre sua pele. Isso tornava Michael louco; sempre se queixava de que nunca mais poderia ajustar-se à vida em um clima frio depois de ter vivido tantos anos na Índia.

Lamentava que não pôde acompanhá-la em sua longa viagem desde a Escócia, para o batismo da Isabela, a pequena filha do Hyacinth. Ele estaria ali, claro; ela e Michael nunca perderam os batismos de nenhum de seus sobrinhos e sobrinhas. Mas alguns assuntos em Edimburgo, tinham atrasado sua chegada. Francesca também teria podido atrasar sua viagem, mas já tinham passado muitos meses desde que tinha visto sua família pela última vez, e sentia saudades.

O que era cômico. Quando era mais jovem, sempre tinha estado tão ávida de escapar, de formar seu próprio lar, sua própria identidade.

Mas agora, quando olhava a suas sobrinhas e sobrinhos crescer, sentia a necessidade de visitá-los mais frequentemente. Não queria perder nenhum fato importante. Tinha estado sozinha de visita quando a filha do Colin, Agatha, tinha dado seus primeiros passos. Isso tinha sido impressionante. E embora depois tinha chorado silenciosamente em sua cama nessa noite, as lágrimas em seus olhos enquanto tinha

cuidado de Aggie cambaleando-se para diante e rindo, tinham sido de pura alegria.

Se nunca ia ser mãe, então Por Deus, que pelo menos, tivesse esses momentos.

Não podia suportar pensar em sua vida sem eles.

Francesca sorriu quando entregou sua capa a um lacaio e caminhou para os familiares corredores de Aubrey Hall. Tinha passado a maior parte de sua infância ali, e na casa Bridgerton em Londres. Anthony e sua esposa lhe tinham feito algumas mudanças, mas ainda parecia como sempre tinha sido. As paredes ainda estavam pintadas do mesmo branco cremoso, com um sob tom pêssego. E o Fragonard que seu pai tinha comprado a sua mãe para seu trigésimo aniversário, ainda estava pendurado sobre a mesa que estava ao exterior da porta do salão rosa.

149

- Francesca!

Virou-se. Era sua mãe, levantando-se de sua cadeira no salão.

- Quanto tempo esteve parada ali? - perguntou Violet, enquanto se aproximava para saudá-la.

Francesca abraçou a sua mãe.

- Não muito. Estava admirando a pintura.

Violet se deteve ao lado dela e juntas observaram ao Fragonard.

- É maravilhoso, não lhe parece? - murmurou, com um sorriso suave, nostálgico desenhado em seu rosto.- Eu adoro - disse Francesca-.

Sempre gostei muito. Recorda ao papai.

Violet se voltou para ela, surpreendida.

- De verdade?

Francesca podia entender sua reação. A pintura retratava a uma moça sustentando um buquê com uma nota atada. Não era um assunto

muito masculino.

Mas a mulher estava olhando sobre seu ombro, e sua expressão era um pouco travessa, como se, com a provocação correta, pudesse sorrir.

Francesca não podia recordar muito sobre a relação de seus pais; tinha seis anos quando seu pai morreu. Mas recordava sua risada. O som de sua risada era rico, profundo e vivia dentro dela.

- Penso que seu matrimônio teve algo assim - disse Francesca,

assinalando a pintura.

Violet retrocedeu meio passo e pôs a cabeça de lado.

- Penso que tem razão - disse, parecendo encantada pelo

descobrimento-. Nunca pensei por esse lado.

- Deveria levar a pintura com você a Londres - disse Francesca-. É sua, não é assim?

Violet se ruborizou, e por um breve instante, Francesca viu como saía brilhando de seus olhos a juventude.

- Sim -disse-, mas pertence a este lugar. Aqui foi onde ele me deu isso.

E este - indicou a parede-, foi o lugar onde o penduramos.

150

- Você estava muito feliz - disse Francesca. Essa não era uma pergunta, era uma observação.

- Igual a você.

Francesca assentiu com a cabeça.

Violet estendeu o braço e tomou sua mão, lhe dando pequenos tapinhas enquanto seguiam observando a pintura. Francesca sabia exatamente o que sua mãe estava pensando: em sua infertilidade, e o fato de que pareciam ter um acordo tácito de não falar sobre isso, e em realidade, para que o fariam? O que poderia lhe dizer Violet para que se sentisse melhor?

Francesca não podia dizer nada, porque isso possivelmente faria com que sua mãe se sentisse pior, e em vez disso, ficavam de pé ali como sempre, pensando a mesma coisa, mas nunca falando disso, perguntando-se em qual delas, era o que mais isso doía.

Francesca pensava que seu útero poderia ser infértil, depois de tudo.

Mas possivelmente, a dor de sua mãe era mais aguda. Violet era sua mãe, e estava muito aflita porque sua filha tinha perdido seus sonhos.

Acaso não era doloroso? E o irônico era, que Francesca nunca saberia.

Nunca conheceria a dor que se sente por um filho, porque nunca saberia o que é ser mãe.

Tinha quase trinta e dois anos. Não conhecia nenhuma dama casada que tivesse alcançado essa idade sem conceber um filho. Parecia que os filhos ou chegavam em seguida, ou não chegavam nunca.

- Hyacinth já chegou? - perguntou Francesca, enquanto continuava observando a pintura, olhando fixamente o brilho nos olhos da mulher.

- Não ainda. Mas Eloise chegará a mais tardar nesta tarde. Ela...

Mas Francesca escutou a detenção na voz de sua mãe antes de que a cortasse ela mesma.

- Está grávida, não é? -perguntou.

Escutou-se um batimento do coração pelo silêncio, e depois:- Sim.

- Isso é maravilhoso. -E o disse de verdade. Fez isso, com cada parte de seu ser.

Só que não sabia como expressar isso da mesma forma.

Não queria olhar o rosto de sua mãe. Porque então poria-se a chorar.

151

Limpou sua garganta, inclinando a cabeça a um lado como se houvesse uma polegada do Fragonard que não tivesse visto ainda.

- Ninguém mais? -perguntou.

Sentiu como sua mãe ficou ligeiramente mais rígida a seu lado, e se perguntou se Violet estava decidindo se valia a pena o fingir que não sabia o que ela queria dizer exatamente.

- Lucy - sussurrou sua mãe.

Francesca se voltou finalmente e enfrentou ao Violet, soltando sua mão do afeto de sua mãe.

- De novo? - perguntou. Lucy e Gregory tinham casados menos de dois anos, mas esse seria seu segundo filho.

Violet assentiu com a cabeça.

- Sinto muito.

- Não diga isso - disse Francesca, horrorizada por sua voz

enrouquecida-. Não diga que sente muito. Não é algo que deva lamentar.

- Não - disse sua mãe rapidamente-. Isso não foi o que quis dizer.

- Deveria estar feliz por eles.

- Estou!

- Mais feliz por eles que triste por mim - soltou Francesca.

- Francesca...

Violet tentou alcançá-la, mas Francesca se afastou.

- Prometa, me disse-. Deve me prometer que sempre sentirá mais
felicidade que tristeza.

Violet a olhou desamparadamente, e Francesca compreendeu que sua mãe não sabia que dizer. Em toda sua vida, Violet Bridgerton tinha sido a mais sensível e maravilhosa das mães. Sempre parecia saber o que seus filhos necessitavam, exatamente no momento que o necessitavam, uma palavra amável ou uma ligeira cotovelada, ou inclusive um chute proverbialmente gigante nos calções.

Mas agora, nesse momento, estava perdida. E Francesca era a única que a tinha feito se sentir assim.

152

- Sinto muito, Mãe - disse, e as palavras se transbordaram-. Sinto muito, sinto muito.

- Não. - Violet correu para abraçá-la e essa vez Francesca não se afastou-. Não, querida - disse Violet outra vez, enquanto lhe acariciava o cabelo suavemente-. Não diga isso, por favor não diga isso.

Tranquilizou-a com aquele chiado cantarolado de mãe. E Francesca deixou que sua mãe a sustentasse. E quando as quentes lágrimas

silenciosas caíram no ombro de sua mãe, nenhuma das duas disse uma palavra.

Quando Michael chegou dois dias depois, Francesca estava absorta nos preparativos do batismo da pequena Isabela, e a conversa que tinha tido com sua mãe não era, "embora não a tinha esquecido", o principal pensamento em sua mente. Depois de tudo, não era como se isso fosse algo novo. Francesca sempre tinha sido estéril, em todas as vezes que tinha vindo à Inglaterra para ver sua família. A única diferença, era que desta vez, realmente tinha falado com alguém sobre "isso".

Ao menos um pouco.

Tanto quanto tinha sido capaz.

E de algum jeito, tirou-se um peso de cima. Quando tinha estado de pé no vestíbulo, os braços de sua mãe a tinham rodeado, e algo tinha sido vertido dela junto com suas lágrimas.

E embora ainda continuasse aflita pelos bebês que nunca teria, pela primeira vez a muito tempo, sentia-se abertamente feliz.

Era uma sensação estranha e maravilhosa, e se negava otimistamente a questioná-la.

- Tia Francesca! Tia Francesca!

Francesca sorriu enquanto enroscava seu braço ao redor de sua sobrinha. Charlotte era a filha menor de Anthony, e em um mês completaria oito anos.

- O que foi querida, querida?

- Viu o traje da bebê? É tão longo.

- Sei.

- E tem babados.

153

- Os vestidos de batismo sempre têm babados. Inclusive aos dos meninos se coloca um laço.

- Isso é um desperdício -disse Charlotte, encolhendo os ombros. -

Isabela não sabe que veste algo tão bonito.

- Ah, mas nós sabemos.

Charlotte ponderou essa afirmação por um momento.

- Mas a mim não importa, e a você?

Francesca riu entre dentes.

- Não, suponho que não. Adoro-a independente do que tiver vestido.

Ambas continuaram seu passeio através dos jardins, recolhendo uvas de jacinto para decorar a capela. Quase tinham enchido a cesta, quando escutaram o som inequívoco de uma carruagem diminuindo a velocidade.

- Pergunto-me quem será agora - disse Charlotte, enquanto se levantava sobre dois dedos dos pés, como se isso realmente pudesse ajudá-la a ver melhor à carruagem.

- Não estou certa - respondeu Francesca. Alguns parentes chegariam essa tarde.

- Possivelmente é Tio Michael.

Francesca sorriu.

- Assim espero.

- Adoro o tio Michael - disse Charlotte com um suspiro, e Francesca quase sorriu, por que a expressão dos olhos de sua sobrinha, já tinha visto umas mil vezes antes.

As mulheres adoravam Michael. Inclusive, parecia que as meninas de sete anos, não eram imunes a seu encanto.

- Bom, ele é muito bonito - replicou Francesca.

Charlotte encolheu os ombros.

- Suponho que sim.

- Supõe? -replicou Francesca, com dificuldade em segurar o riso.

- Gosto dele, porque me joga no ar quando papai não está olhando.

154

- Ele gosta de violar as regras. - Charlotte sorriu abertamente.

- Sei. Por isso não o conto a meu pai.

Francesca nunca tinha pensado em Anthony como alguém

particularmente especial, mas tinha sido o cabeça de família por mais de vinte anos, e supôs que a experiência o tinha dotado de certo amor à ordem e às normas.

E isso tinha que ser dito: "que gostava de estar no comando."

- Será nosso segredo - disse Francesca, ao inclinar-se para lhe sussurrar na orelha de sua sobrinha - E quando quiser, pode ir nos visitar na Escócia. Nós violamos as regras todo o tempo.

Os olhos do Charlotte se abriram como pratos.

- De verdade?

- Às vezes tomamos o café da manhã na hora do jantar.

- Brilhante.

- E caminhamos sob a chuva.

Charlotte encolheu os ombros.

- Todos caminhamos sob a chuva.

- Sim, suponho, mas algumas vezes dançamos.

Charlotte deu um passo atrás.

- Posso retornar com você?

- Isso depende de seu pai, querida. - Francesca sorriu e alcançou a mão de Charlotte-. Mas podemos dançar agora mesmo.

- Aqui?

Francesca assentiu com a cabeça.

- Onde todos podem nos ver?

Francesca deu uma olhada ao redor.

- Não vejo ninguém nos olhando. E se assim fosse, a quem importaria?

Charlotte franziu os lábios, e Francesca podia ver a mente da pequena funcionando.

155

- Não a mim! - anunciou, e envolveu seu braço ao redor de Francesca.

Juntas fizeram um pequeno giro, seguido de um cilindro escocês, virando e virando até que ambas ficaram sem fôlego.

- OH, como desejo que pudesse chover! - sorriu Charlotte.

- Nos divertiríamos tanto, não é?

- Tio Michael! - gritou Charlotte, lançando-se para ele.

- E a mim esqueceram instantaneamente - disse Francesca com um sorriso retorcido.

Michael a olhou calorosamente sobre a cabeça do Charlotte.

- Não por mim - murmurou.

- Tia Francesca e eu estávamos dançando - disse Charlotte.

- Sei. Eu as vi de dentro da casa. Desfrutei especialmente desse passo inovador.

- Que passo inovador?

Michael fingiu parecer desconcertado.

- A dança que estavam fazendo.

- Não estávamos fazendo nenhuma dança inovadora - respondeu

Charlotte, com o cenho franzido.

- Então, o que foi isso de derrubar-se sobre a grama? - Francesca mordeu o lábio para não rir.

- Caímos, tio Michael.

- Não!

- De verdade!

- Foi uma dança vigorosa - confirmou Francesca.

- Pois vocês devem ser excepcionalmente elegantes, então, porque me pareceu muito, que vocês fizeram de propósito.

- Não fizemos! Não fizemos! - disse Charlotte agitadamente-. Realmente caímos. Por acidente!

- Suponho que devo acreditar em você - disse ele com um suspiro-, mas só porque sei que é muito fidedigna para mentir.

156

Ela o olhou nos olhos com uma terna expressão.

- Nunca lhe mentiria, tio Michael - disse.

Beijou sua face e a desceu ao chão.

- Sua mãe diz que é hora de jantar.

- Mas acabou de chegar!

- Não vou a nenhuma parte. Precisa se alimentar depois de toda esta dança.

- Não tenho fome - murmurou ela.

- Uma lástima - disse ele-, porque estava pensando em lhe ensinar a dançar valsa esta tarde, e você certamente não pode fazer isso com o estômago vazio.

Os olhos de Charlotte quase saíram de suas órbitas.

- Sério? Papai disse que não podia aprender até que completasse os dez.

Michael lhe ofereceu um daqueles devastadores meio sorrisos, que ainda faziam Francesca

extremecer.

- Ele não precisa saber, não é verdade?

- OH, Tio Michael, Eu te adoro- disse ela fervorosamente, então, depois de outro abraço extremamente vigoroso, Charlotte pôs-se a correr para dentro de Aubrey Hall.

- Outra que caiu em seus encantos - disse Francesca, meneando a cabeça, observando como sua sobrinha corria através dos campos.

Michael tomou sua mão e a atraiu para ele.

- O que te faz pensar isso?

Francesca sorriu, suspirou um pouco, e disse:

- *Nunca lhe mentiria.*

Ele a beijou profundamente.

- Obviamente, espero que não.

Ela levantou o olhar para seus olhos prateados e se deixou cair sobre o calor de seu corpo.

- Ao que parece nenhuma mulher é imune aos seus encantos.

157

- Então, que afortunado sou, porque só caí sob o feitiço de uma.

- Sorte minha.

- Bom, sim - disse ele com falsa modéstia-, mas não queria te contar.

Ela lhe golpeou com força no braço.

Ele a beijou em troca.

- Senti saudades.

- Eu também senti saudades.

- E como está o clã Bridgerton? -perguntou ele, enredando seu braço com o dela.- Bastante bem - replicou Francesca-. Realmente, estou passando maravilhosamente.

- De verdade? -murmurou, um pouco divertido.

Francesca o guiou para um lugar afastado da casa. Tinha passado uma semana, desde a última vez

que desfrutara de sua companhia, e agora não desejava compartilhá-lo com mais ninguém.

- O que quis dizer com isso? -perguntou ela.

- Disse "realmente". Como se estivesse surpreendida.

- Claro que não - disse. Mas então, pensou melhor-. Sempre passo muito bem quando visito minha família - disse cuidadosamente.

- Mas...

- Mas esta vez é muito melhor - encolheu os ombros-. Não sei por que.

O que não era "precisamente" certo. Nesse momento que tinha compartilhado com sua mãe, houve algo mágico nessas lágrimas.

Mas não podia lhe dizer isso. Ele só escutaria a parte de seu pranto e nada mais, depois se preocuparia, e ela se sentiria muito mal por preocupá-lo, e estava cansada de tudo isso.

Além disso, era um homem. Jamais entenderia.

- Sinto-me feliz - anunciou ela-. É por algo que há no ar.

- O sol brilha - observou ele.

Ofereceu-lhe um único e desenvolto encolhimento de ombros e apoiou as costas contra uma árvore.

158

- Os pássaros cantam.

- As flores florescem?

- Só algumas - admitiu ela.

Deu uma olhada à paisagem.

- Tudo o que falta neste momento é um coelhinho querubim, saltando através do campo.

Ela sorriu de felicidade e se inclinou para ele para lhe dar um beijo.

- O esplendor bucólico é maravilhoso.

- De fato - seus lábios se encontraram com os dela com uma fome tão familiar-. Senti saudades - disse com sua voz enrouquecida pelo desejo.

Ela soltou um gemido quando lhe beliscou a orelha.

- Sei. Já me disse isso.

- Posso repetir isso.

Francesca quis lhe dizer algo engenhoso, dizer que nunca se cansava de o escutar dizer essas palavras, mas nesse momento se encontrou

apertada fortemente contra a árvore, com uma de suas pernas

levantadas ao redor de seus quadris.

- Está com um excesso de roupa - grunhiu ele.

- Estamos muito perto da casa - disse ela quase sem fôlego, seu estômago se encolheu de necessidade, quando ele se apertou mais intimamente contra seu corpo.

- E onde - murmurou ele, enquanto deslizava uma mão debaixo de suas saias - não seria "muito perto"?

- Não muito longe.

Ele a olhou fixamente.

- De verdade?

- *De verdade* - curvou os lábios e se sentiu diabólica. Sentia-se poderosa. E realmente queria tomar o comando. *Dele. De sua vida. De tudo.*

- Venha comigo - disse ela impulsivamente, agarrando-lhe a mão e correndo.

159

Michael tinha sentido saudades de sua esposa. De noite, quando não estava a seu lado, a cama parecia fria, e ele se sentia vazio. Inclusive quando estava cansado, e seu corpo não tinha fome por ela, ansiava sua presença, seu aroma, seu calor.

Sentia saudades do som de sua respiração. Sentia saudades da forma em que o colchão se movia de maneira distinta quando havia um

segundo corpo sobre ele.

Sabia, inclusive sendo mais reservada que ele, e nem sonharia usar tais palavras apaixonadas, que ela se sentia da mesma forma. Mas ainda assim, estava gratamente surpreso de estar correndo pelo campo, deixando-a tomar o controle da situação, sabendo que em poucos

minutos estaria profundamente enterrado dentro dela.

- Aqui - disse ela, escorregando ao deter-se no final de uma colina.

- Aqui? - perguntou ele um pouco duvidoso. Não havia árvores que os cobrissem, nada que os separasse da vista de qualquer pessoa que passeasse por aí.

Ela se sentou.

- Ninguém passa por este caminho.

- Ninguém?

- A grama é muito suave - disse ela sedutoramente, enquanto lhe assinalava com tapinhas o lugar que deveria estar ao lado dela.

- Nem sequer vou perguntar lhe por que sabe isso - murmurou ele.

- Piqueniques - disse ela, sua expressão era deliciosamente indignada-, com minhas bonecas.

Ele tirou a jaqueta, e a pôs como uma manta sobre a grama. A terra estava tenuemente inclinada, o que imaginou, podia ser mais cômodo para ela que estar em posição horizontal.

Olhou-a. Olhou a jaqueta. Mas ela não se moveu.

- Você - disse ela.

- Eu?

- Deite-se - lhe ordenou ela.

Ele o fez. Com *"presteza"*.

160

E então, antes que tivesse tempo de fazer um comentário, para chateá-

la ou convencê-la, ou para ao menos "respirar", montou-o.

- OH, queridíssimo D... - ofegou ele, mas não pôde terminar. Ela estava beijando-o, com sua boca quente, faminta, agressiva. Tudo era

deliciosamente familiar – amava conhecer cada pequena parte dela, da curva de seu peito até o ritmo de seus beijos - e ainda assim, ela se sentia um pouco...

Nova.

Renovada.

Ele deslizou uma de suas mãos para a parte de trás de sua cabeça. Em casa gostava de lhe arrancar

os grampos um por um, observando cada mecha que se soltava de seu penteado. Mas hoje estava muito

necessitado, muito urgido, e não tinha paciência para...

- O que foi isso? - perguntou ele. Ele tinha afastado um pouco a mão.

Seus olhos se estreitaram languidamente.- Eu estou no comando -

sussurrou ela.

Seu *corpo* se endureceu. *Mais*. Queridíssimo Deus, ela ia matá-lo.

- Não vá tão devagar - resfolegou ele.

Mas notou que ela não o estava escutando. Estava levando tempo, desatando seus calções, deixando que suas mãos flutuassem ao longo de seu estômago até que o encontrou.

- Frannie...

Um dedo. Isso foi tudo o que lhe deu. Uma carícia ligeira de seu dedo ao longo de seu eixo.

Ela se voltou, olhou-o.

- Isto é divertido - comentou ela.

Ele somente se concentrou em tratar de respirar.

- Eu o amo- disse ela suavemente, e ele sentiu-a eguer-se. Recolheu suas saias sobre suas coxas enquanto se posicionava, então, com uma espetacular e veloz investida, entrou dentro dela, descansando seu corpo sob o dela e dentro dela, deixando-o encravado até o punho.

Quis mover-se então. Quis empurrar ela para cima, ou jogar-se sobre ela e bombear até que ambos não fossem mais que pó, mas ela lhe

161
tinha as mãos firmemente sobre seus quadris e quando levantou o olhar, os olhos dela estavam fechados, e quase parecia como se ela estivesse concentrando-se.

Sua respiração era lenta e sustentada, mas também era ruidosa, e com cada exalação, parecia apoiar-se um pouco mais sobre ele *e em volta dele*.

- Frannie - gemeu, porque não sabia o que mais fazer. Desejava que se movesse mais rapidamente. Ou mais duro. Ou qualquer coisa do tipo, mas tudo o que ela fez foi balançar-se de trás para frente, seus quadris se arqueavam e se encurvavam em uma deliciosa tortura.

Ele agarrou seus quadris, tentando movê-la de cima abaixo, mas ela abriu os olhos e negou com a cabeça, com um suave e ditoso sorriso.

- Eu gosto assim - ela disse.

Ele queria algo diferente. Necessitava algo diferente, mas quando ela desceu o olhar para ele, parecia tão condenadamente feliz que não pôde lhe negar nada. E então, certamente tinha sido suficiente, porque ela começou a estremecer-se, e era estranho, porque ele conhecia muito bem a percepção de seu clímax, e ainda assim, nesse momento, parecia ser mais suave e mais potente ao mesmo tempo.

Ela oscilou, balançou-se, logo soltou um pequeno grito e se recostou contra ele.

E, para sua completa e absoluta surpresa, ele se liberou. Não tinha pensado que pudesse estar preparado. Nem sequer tinha pensado que estava remotamente próximo ao clímax, já que tinha permanecido

debaixo dela sem possibilidade de mover-se. Mas então, sem nenhuma advertência, simplesmente tinha explodido dentro dela.

Jazeram dessa maneira por algum tempo, enquanto o sol caía

gentilmente sobre eles. Ela enterrou o rosto em seu pescoço, e ele a abraçou, pensando como era possível que tais momentos existissem.

Porque era perfeito. E teria desejado ficar ali para sempre, se fosse possível. E inclusive, embora não perguntasse, sabia que ela sentia o mesmo.

Tinham pensado em retornar a casa dois dias depois do batismo,

pensou Francesca enquanto olhava a um de seus sobrinhos tombando a outro na terra, mas ali estava, três semanas adiante, e nem sequer tinham começado a empacotar suas coisas.

162

-Espero, que não haja nenhum osso quebrado.

Francesca sorriu para sua irmã Eloise, que também tinha decidido ficar em Aubrey Hall, em uma visita alongada.

- Não - respondeu ela, fazendo uma ligeira careta de dor quando o futuro Duque de Hasting - por outra parte, conhecido como Davey, de onze anos - lançou um alarido quando saltou da árvore-. Mas não é porque não tenha tentado.

Eloise se sentou a seu lado e inclinou seu rosto para o sol.

- Porei meu chapéu em um minuto, juro - disse.

- Não pude determinar as regras do jogo - comentou Francesca.

Eloise não se incomodou em abrir os olhos.

- Isso é porque não há nenhuma.

Francesca observou o caos com uma fresca perspectiva. Oliver, o enteado de doze anos do Eloise, tinha agarrado uma bola - Desde quando havia ali uma bola - e estava correndo pela grama. Ele parecia alcançar sua meta, e não é que Francesca pudesse estar segura de se esse era o toco de carvalho gigante que tinha estado ali desde que era uma menina ou se era Miles, o segundo filho do Anthony, que tinha estado de pernas e braços cruzados desde que Francesca tinha saído faz dez minutos.

Mas de qualquer maneira, Oliver deve ter ganho um ponto porque

golpeou a bola contra a terra e saltou acima e abaixo com um grito de triunfo.

Miles deveria ser de sua equipe pois foi o primeiro que indicou a Francesca que tinha que haver três equipes - porque se levantou e celebrou com o outro menino.

Eloise abriu um olho.

- Meu filho não matou a ninguém, não é?

- Não.

- Ninguém o matou também, certo?

Francesca sorriu.

- Não.

163

- Bem. - Eloise bocejou e se reacomodou em sua poltrona.

Francesca pensou em suas palavras.

- Eloise?

Mmmm?

- Alguma vez - franziu o cenho. Não havia uma forma correta de perguntar isso-.

Alguma vez quis ao Oliver e a Amanda....

- Menos? -terminou Eloise.

- Sim.

Eloise se endireitou e abriu os olhos.

- Não.

- De verdade? - não era que Francesca não lhe acreditasse. Ela amava a suas sobrinhas e sobrinhos com cada respiração de seu corpo; poderia dar sua vida por qualquer deles -incluídos Oliver e Amanda - sem duvidar em nenhum momento. Mas nunca tinha dado a luz. Nunca

tinha levado em seu útero a um filho - não por muito tempo,

entretanto- e não sabia se de algum modo isso a fazia diferente.

"Se tivesse um bebê, um próprio, nascido de seu sangue e do de Michael, entenderia de repente que esse amor que sentia agora por Charlotte, Oliver, Miles e outros, era como apenas um fragmento do que sentiria em seu coração por seu próprio filho?"

"Haveria alguma diferença?"

"Queria ela que isso fizesse alguma diferença?"

- Pensei que haveria, a admitiu Eloise. -Claro que amava ao Oliver e a Amanda muito antes de ter a Penélope. Como poderia não fazê-lo? Eles são partes do Phillip.

E - continuou, seu rosto ficou pensativo, como se nunca tivesse refletido sobre isso antes-, eles são... eles mesmos. E eu sou a mãe deles.

Francesca sorriu com nostalgia.

- Mas ainda assim - continuou Eloise-, antes de que tivesse Penélope, e inclusive enquanto a levava em meu ventre, pensei que seria diferente -

164

fez uma pausa-. É diferente - fez uma pausa de novo-. Mas não é menos. Não é uma questão sobre níveis ou quantidades, ou inclusive...

realmente... não compreendo a natureza disso.

Eloise encolheu os ombros.

- Não posso explicar.

Francesca voltou sua vista para o jogo, o qual se reatara com

intensidade.

- Não - disse ela suavemente-. Penso que conseguiu sim.

Depois de um longo silêncio, Eloise disse:

- Você não fala muito disto.

Francesca meneou a cabeça suavemente.

- Não.

- Quer falar?

Pensou nisso durante um momento.

- Não sei - voltou-se para sua irmã. Tinham estado em desacordo a maior parte de sua infância, mas de muitas maneiras, Eloise era como o outro lado de sua moeda.

Ambas se pareciam tanto, salvo pela cor de seus olhos, mas inclusive compartilhavam a mesma data de aniversário, só que tinham um ano de diferença.

Eloise a olhava com uma terna curiosidade, com uma simpatia que, algumas semanas atrás, teria sido dolorosa. Mas agora só era

consoladora. Francesca não sentia que Eloise tivesse pena dela, sentia-se querida.

- Estou feliz - disse Francesca. E estava. Realmente. Pela primeira vez, não sentia esse doloroso vazio escondido em seu interior. Inclusive se tinha esquecido de contar. Não sabia quantos dias tinham passado desde sua última menstruação, e se sentia tão bem.

- Odeio os números - murmurou.

- Perdão?

Sufocou um sorriso.

- Nada.

165

O sol se escondeu detrás de uma camada fina de nuvens, mas

subitamente elas se afastaram. Eloise tampou os olhos com a mão e se reclinou em sua cadeira.

- Céu santo -murmurou-. Acredito que Oliver está sentado sobre Miles.

Francesca sorriu, e então, antes de que inclusive soubesse por que, levantou-se.

- Acha que eles me deixariam jogar?

Eloise a olhava como se tivesse se tornado louca, o que, pensou Francesca com um encolhimento de ombros, possivelmente estava.

Eloise olhou a Francesca, depois aos meninos e novamente a

Francesca. E então, levantou-se.

- Se você jogar, eu também o farei.

- Não pode jogar - disse Francesca-. Está grávida.

- *Apenas um pouco* - disse Eloise com uma gargalhada-. Além disso, Oliver não se atreveria a sentar-se sobre mim - lhe ofereceu o braço-.

Vamos?

- Acredito que devemos. - Francesca envolveu seu braço com o de sua irmã e juntas correram sob a colina, gritando como fadas agoureiras e adorando cada minuto disso.

- Escutei que fez uma cena e tanto nesta tarde - disse Michael, enquanto se acomodava na beira da cama.

Francesca não se moveu. Nem sequer piscou.

- Estou exausta - foi tudo o que disse.

Ele tomou a suja prega de seu vestido.

- E suja, também.

- Cansada demais para limpar.

- Anthony disse que Miles ficou muito impressionado. Ao que parece chuta bastante bem, para ser uma mulher.

- Isso teria sido brilhante - replicou-, se me tivessem informado que não podia usar minhas mãos.

Ele riu entre dentes.

166

- Que jogo, exatamente, estava jogando?

- Não tenho ideia - soltou um pequeno gemido de cansaço-. Me massageia os pés?

Ele se empurrou um pouco mais dentro na cama e lhe deslizou o

vestido até suas panturrilhas. Seus pés estavam sujos.

- Bom Deus -exclamou-. Jogou descalça?

- Não podia jogar muito bem com minhas sapatilhas.

- Como o fez Eloise?

- Ela, aparentemente, lançava como um menino.

- Pensei que não podiam usar as mãos.

Ouvindo isso, levantou-se com indignação sobre seus cotovelos.

- Eu sei. Isso depende do extremo do campo no qual se encontre. Ao menos foi isso o que escutei.

Ele tomou seu pé entre suas mãos, fazendo uma nota mental de lavar-lhe depois, as mãos é claro, ela podia encarregar-se de seus próprios pés.

- Não tinha nem ideia de que você fosse tão competitiva - comentou ele.

- Isso vem de família - resmungou-. Não, não, ali. Sim, assim. Mais forte.

Oooooooooohhhh...

- Por que sinto como se já tivesse escutado isso antes - meditou ele-, exceto que eu estava também tendo um pouco de diversão?

- Só se cale e continue massageando meus pés.

- A seu serviço, Vossa majestade - murmurou, Sorrindo ao compreender que estava absolutamente satisfeita de ser chamada desse modo.

Depois de um minuto ou dois de silêncio, salvo por algum gemido ocasional de Francesca, ele perguntou:

- Quanto tempo mais pretende ficar?

- Está desesperado para retornar para casa?

- Tenho alguns assuntos a atender - respondeu-, mas nada que não possa esperar.

167

-Realmente, estou desfrutando de sua família.

Ela arqueou uma sobrancelha e sorriu.

- Realmente?

- Sério. Embora me acovardei um pouco quando sua irmã me venceu no campo de tiro.

- Ela vence a todo mundo. Sempre. Atire com Gregory na próxima vez.

Não consegue acertar nem a uma árvore.

Michael suspirou e seguiu com o outro pé. Francesca parecia tão feliz e relaxada.

Não só agora, mas também na mesa do jantar, na sala de desenho, e quando estava caçando a suas sobrinhas e sobrinhos, e também de noite enquanto o fazia o amor em sua enorme cama de dossel. Estava preparado para ir pra casa, de volta a Kilmartin, que era antiga e fria, mas era indiscutivelmente deles. Mas ele ficaria feliz em permanecer ali pra sempre, se isso significasse que Francesca iria se sentir desse jeito o tempo todo.

- Penso que tem razão - disse ela.

- É claro - replicou-, mas sobre o que, exatamente?

- É tempo de voltar para casa.

- Eu não disse que fosse. Somente lhe perguntei por suas intenções.

- Não tinha que dizer isso -disse ela.

- Se quer ficar ...

Ela negou com a cabeça.

- Não quero. Desejo retornar pra casa. A nossa casa - com um gemido doloroso, ela sentou-se, curvando suas pernas debaixo de seu corpo-.

Isto foi muito encantador, e passei um tempo maravilhoso aqui, mas sinto falta de Kilmartin.

- Tem certeza?

- *Eu sinto falta de você.*

Ele levantou as sobrancelhas.

- Mas eu estou aqui agora mesmo.

168

Ela sorriu e se inclinou para frente.

- Sinto falta de ter você só pra mim.

- Só precisa dizer uma palavra, milady. Quando quiser, Aonde quiser.

Eu te tomarei em meus braços e te levarei para passar um momento a sós comigo.

Ela riu entre dentes.

- Possivelmente agora mesmo.

Ele pensou que essa era uma ideia excelente, mas o cavalheirismo o obrigou a dizer:

- Pensei que estava dolorida.

- Não tenho essa classe de dor. Não se você fizer todo o trabalho.

- Isso, minha querida, não é nenhum problema - Tirou a camisa sobre a cabeça e se deitou ao lado dela, lhe dando um beijo longo e delicioso.

Deu um suspiro de felicidade, e a olhou fixamente.

- É tão linda -suspirou-. Mais que nunca.

Ela sorriu, com esse preguiçoso e caloroso sorriso que significava que tinha recebido algo prazeroso, ou que sabia que logo iria desfrutar.

Amava esse sorriso.

Começou a trabalhar nos botões de sua túnica e parou na metade de caminho quando um pensamento súbito, sobressaltou em sua cabeça.

- Espere - disse- Mas, você pode?

- Posso o que?

Ele se deteve, franzindo o cenho quando tentou contar em sua cabeça.

Acaso ela não deveria ter a regra?

- Ainda não é seu período? -perguntou.

Ela abriu os lábios e piscou.

- Não - disse, soando um pouco sobressaltada, não pela pergunta, mas sim por sua resposta-. Não, não o é.

Ele trocou de posição, retrocedendo umas polegadas para poder ver melhor seu rosto.

- Acha que... ?

- Não sei - piscou rapidamente agora, e ele podia escutar a sua rápida respiração- Eu suponho que poderia...

Ele quis soltar um grito de alegria, mas não se atreveu. Não ainda.

- Quando acha que poderá...?

- Sabê-lo? Não sei. Possivelmente...

- ...um mês? Dois?

- Talvez dois. Talvez antes. Não sei - sua mão voou para seu ventre-.

Poderia não estar.

- Poderia não -disse ele cuidadosamente.

- Mas poderia.

- Poderia.

Ele sentia que a risada bulia dentro de si, um enjoo estranho em seu estômago, crescendo e lhe fazendo cócegas até que explodiu em seus lábios.

- Não podemos estar seguros - advertiu ela, mas ele podia dar-se conta de que também estava entusiasmada.

- Não - disse, mas de algum modo sabia que estavam.

- Não quero levantar falsas esperanças.

- Não, não, é claro que não devemos fazer isso.

Ela abriu os olhos como pratos, e colocou ambas as mãos sobre o ventre novamente, que continuava completamente plano.

- Sente algo? -sussurrou ele.

Ela negou com a cabeça.

- Seria muito cedo, de qualquer forma.

Ele sabia. Sabia que já sabia isso. Não soube por que razão o tinha perguntado.

E então, Francesca disse a coisa mais incrível.

- Mas ele está aqui - sussurrou-. Sei disso.

- Frannie... - se estivesse equivocada, se seu coração se partisse novamente, achava que ele não conseguiria suportar ver isso acontecer.

170

Mas ela estava meneando a cabeça.

- É verdade - disse, e não estava insistindo. Não estava tentando convencê-lo, e nem a ela mesma. Podia notar isso em sua voz. De algum modo, ela sabia.

- Esteve sentindo-se mal? -perguntou.

Ela negou com a cabeça.

- Ah.... Deus Santo, você não devia ter jogado com os meninos esta tarde.

- Eloise jogou.

- Eloise pode fazer o que lhe dê vontade. Ela não é você.

Ela sorriu. Como uma Madonna, ele podia jurar. E disse:

- Eu não vou me quebrar. -Recordou quando ela tinha abortado há anos. Não tinha sido seu filho, mas havia sentido sua dor, quente e ardente, como se um punho se apertasse ao redor do seu coração.

Seu primo -seu primeiro marido - tinha morrido semanas antes, e ambos estavam sofrendo por sua perda, quando ela perdeu o bebê do John.

Achava que nenhum dos dois pudesse sobreviver a outra perda como essa.

- Francesca - disse com urgência-, precisa tomar cuidado. *Por favor.*

- Não acontecerá de novo -disse ela, meneando a cabeça.

- Como sabe?

Ela se encolheu de ombros, desconcertada.

- Não sei. Mas estou certa.

Queridíssimo Deus, orava ele, para que ela não estivesse se enchendo de ilusões.

- Quer contar a sua família? - perguntou ele calmamente.

Ela negou com a cabeça.

-Ainda não. Não porque tenha algum medo - acrescentou

apressadamente-. É só que quero... - franziu os lábios, no mais adorável 171

e pequeno sorriso-. Quero que isto seja só meu um momento mais. Que seja nosso.

Ele levou a mão dela aos seus lábios.

- Quanto tempo durará esse "momento"?

- Não estou certa - mas seus olhos brilhavam com astúcia-. Não estou completamente certa.

Um ano depois...

Violet Bridgerton amava a todos seus filhos por igual, mas também os amava diferente maneira. E quando sentia saudades, o fazia, de uma forma mais lógica. Seu coração se afligia pelo que tinha visto menos. E

por isso, enquanto esperava na sala de desenho do Aubrey Hall,

vigiando a chegada de uma carruagem que levasse o brasão dos

Kilmartin, encontrou-se inquieta e se desesperada, saltando a cada cinco minutos para olhar através da janela.

- Ela nos escreveu que chegariam hoje - a tranquilizou Kate.

- Sei -respondeu Violet, com um sorriso tímido-. É que... é só que não a vejo há um ano. Sei que a Escócia está longe, mas nunca passei um ano inteiro sem ver algum de meus filhos antes.

- De verdade? -perguntou Kate. Isso é admirável.

- Todos temos nossas prioridades - disse Violet, decidindo que não era uma opção tratar de fingir que não estava impaciente nesse momento.

Baixou seu bordado e se dirigiu à janela, estirando o pescoço quando pensou que tinha visto algo brilhando sob a luz do sol.

- Nem sequer quando Colin viajava muito? - perguntou Kate.

- O tempo mais longo em que esteve ausente foram 342 dias -

respondeu Violet. -Quando viajou ao Mediterrâneo.

- Contava os dias?

Violet encolheu os ombros.

- Não consigo evitar. Eu gosto de contar - pensou em todas as vezes que tinha contado enquanto seus filhos cresciam, assegurando-se de que tinha muito mais descendência no fim de uma excursão, do que tinha 172

tido no começo. Isso ajudava a manter as coisas em ordem. Kate sorriu enquanto baixava o olhar e balançava o berço que estava a seus pés.

- Nunca me queixarei da logística de dirigir a quatro.

Violet cruzou o quarto para lançar uma olhada a sua nova neta. A pequena Mary tinha sido uma surpresa, já que tinha chegado ao mundo muitos anos depois do Charlotte.

Kate tinha pensado que seu tempo de maternidade já tivesse completo, mas então, dez meses antes, saiu da cama, caminhou serenamente

para o penico, esvaziou o conteúdo de seu estômago, e anunciou e Anthony:

- Acho que estamos esperando outra vez.

Ou isso era o que haviam dito a Violet. Ela fazia questão de permanecer fora dos quartos de seus filhos adultos, exceto em caso de enfermidade ou parto.

- Nunca me queixei - disse Violet suavemente. Kate não a escutou, mas Violet não havia dito por ela. Sorriu a Mary que dormia docemente sob uma manta de cor púrpura-. Acredito que sua mãe estaria encantada -

disse, levantando o olhar para Kate.

Kate assentiu com a cabeça, seus olhos se nublaram. Sua mãe - que realmente era sua madrastra, mas Mary Sheffield a tinha criado desde menina - havia falecido um mês antes de que Kate se desse conta de que estava grávida.

- Sei que não tem sentido - disse Kate, ao apoiar-se para olhar o rosto de sua filha fixamente -, mas juraria que se parece um pouco a ela.

Violet piscou e inclinou a cabeça a um lado.

- Acredito que tem razão.

- Algo em seus olhos.

- Não, é o nariz.

- Você acha? Eu prefiro pensar... OH, Olhe! - Kate apontou para a janela-. É Francesca?

Violet se endireitou e correu para a janela.

- É ela! -exclamou-. OH, e o sol está brilhando. Vou esperar lá fora.

173

Imediatamente, deu um olhar para trás e tomou seu xale, que estava a um lado da mesinha e correu para o vestíbulo. Tinha passado muito tempo desde a última vez que tinha visto Frannie, mas essa não era a única razão pela qual, estava tão desesperada para vê-la. Francesca tinha mudado durante sua última visita, para o batismo da Isabela. Era difícil de explicar, mas Violet se deu conta de que algo tinha mudado dentro dela.

De todos os seus filhos, Francesca tinha sido sempre a mais calada, a mais privada.

Ela adorava a sua família, mas sempre tinha gostado de estar além deles, forjando sua própria identidade, fazendo sua própria vida. Não era uma surpresa, que nunca tivesse escolhido compartilhar seus sentimentos, a parte mais dolorosa de sua vida:

sua infertilidade. Mas da última vez, embora elas não tinham falado explicitamente sobre isso, algo tinha passado entre ambas, e Violet se havia sentido, como se tivesse sido capaz de absorver uma parte do sofrimento dela.

Quando Francesca tinha partido, já se tinham levantado as nuvens que havia detrás de seus olhos. Violet não sabia se ela tinha aceito seu destino finalmente, ou se tinha aprendido a regozijar-se com o que tinha, mas Francesca parecia, pela primeira vez na memória recente de Violet, abertamente feliz.

Violet correu passando pelo hall - *realmente, correr na sua idade!*- e abriu a porta da frente para poder esperar. A carruagem de Francesca estava muito perto, já começava a dar a volta final para que uma de suas portas estivesse em frente da casa. Violet podia ver Michael através da janela. Ele a saudou com uma mão. Ela sorriu de orelha a orelha.

- OH, quantas saudades senti! - exclamou, correndo para diante

enquanto ele descia da carruagem-. Deve me prometer nunca me fazer esperar tanto tempo de novo.

- Como se eu pudesse lhe negar algo - disse ele, enquanto se inclinava para lhe beijar a face.

Depois se voltou, para oferecer o braço a Francesca para ajudá-la a descer.

Violet abraçou a sua filha, logo retrocedeu um passo para olhá-la.

Francesca estava...

174

Brilhante.

Estava definitivamente radiante.

- Senti saudades, Mãe - disse ela.

Violet teria querido lhe responder, mas ficou inesperadamente sem palavras.

Sentia como seus lábios se juntavam, logo seus cantos se estenderam, enquanto lutava por conter suas lágrimas. Não sabia por que se sentia tão sentimental. Sim, tinha passado um ano, mas acaso não tinha suportado 342 dias antes? Isto não deveria ser tão especial.

- Tenho algo para você - disse Francesca, e Violet podia jurar que seus olhos também estavam brilhando.

Francesca retornou à carruagem e estendeu os braços. Uma criada apareceu na porta, sustentando alguma classe de vulto que passou à sua senhora.

Violet soltou um grito apagado. *Oh Querido Deus, não poderia ser um...*

- Mãe - disse Francesca suavemente, enquanto embalava ao pequeno vulto precioso-, este é John.

As lágrimas que tinham estado esperando pacientemente, nos olhos de Violet, começaram a cair.

- Frannie -sussurrou, enquanto tomava ao bebê em seus braços-, por que não me disse isso?

E sua Francesca, a sua "enlouquecedora e inescrutável terceira filha", disse:

- Não sei.

- Ele é lindo - disse Violet, sem se importar que o tivessem oculto tanto tempo.

Não lhe importava nada nesse momento, nada exceto o pequeno menino que estava em seus braços, olhando-a fixamente com uma expressão incrivelmente sabia.

- Ele tem seus olhos - disse Violet, levantando a vista para Francesca.

Frannie assentiu, e seu sorriso era quase tolo, como se não pudesse acreditar realmente.

175

- Eu sei.

- E sua boca.

- Acredito que tem razão.

- E seu... OH Deus, acredito que também tem seu nariz.

- Me contaram - disse Michael em uma voz divertida-, que também estava envolvido em sua criação,

mas ainda não vi nenhuma evidência que o comprove.

Francesca o olhou com tanto amor que quase deixou Violet sem respiração.

- Ele tem seu encanto e charme - disse ela.

Violet sorriu, e logo voltou a rir. Tinha muita felicidade dentro de si, e possivelmente não podia contê-la.

- Acredito que é o momento em que devemos apresentar este pequeno rapazinho a sua família - disse-. Não concordam?

Francesca estendeu os braços para tomar o bebê, mas Violet se virou.

- Ainda não - disse. Desejava segurá-lo durante muito tempo.

Possivelmente até na terça-feira.

- Mãe, acho que ele poderia ter fome.

Violet assumiu uma expressão de astúcia.

- Ele nos deixará saber isso.

- Mas...

- Sei muitas coisas sobre os bebês, Francesca Bridgerton Stirling. -

Violet ofereceu um grande sorriso ao John-. Por exemplo, sei que eles adoram a suas avós.

Ele resmungou e se arrulhou, e então -para dar razão a sua vovó- sorriu.

- Venha comigo pequeno - sussurrou ela-, tenho muitas coisas que lhe contar.

E atrás dela, Francesca se voltou para o Michael e lhe disse:

- Acha que o voltaremos a ver durante nossa visita?

176

Ele negou com a cabeça, e então acrescentou:

- Isso nos dará tempo para ver como fazemos uma pequena irmã para o nosso pequeno rapazinho.

- Michael!

- Escuta ao homem - gritou Violet, sem se incomodar em voltar-se.

- Bom Deus! - murmurou Francesca.

Mas ela escutou.

E o desfrutou.

E nove meses depois, deu o bom dia a Janet Helen Stirling.

Que se parecia exatamente como seu papai.

Um Beijo

177

Inesquecível

Nota da autora: Se houve um final em um dos meus livros que os leitores lamentaram sobre, foi aquele que está em "Um Beijo inesquecível", quando a filha de Hyacinth encontra os diamantes que Hyacinth procurava há mais de uma década. . . e, em seguida, escondeu-os de volta. Eu pensei que isso era exatamente o que a filha de Hyacinth e Gareth faria, e francamente, não era um tipo de justiça poética que Hyacinth (uma Bridgerton que eu só posso dizer que deu muito trabalho) deveria ter uma filha exatamente como ela ?

Mas no final, eu concordei com os leitores: Hyacinth merecia encontrar os diamantes. . . eventualmente.

178

Nota da tradutora: Eu já tinha lido esse epílogo no pdf do primeiro livro, mas preciso confessar que fui uma das leitoras indignadas com o fato de Hyacinth não ter encontrado tão rápido os diamantes, e mais ainda quando Isabella os guardou. Não podia imaginar como alguém tão teimosa e inteligente não tinha sido capaz disso. Se eu tivesse lido o livro e não tivesse logo em seguida lido o epílogo final, acho que surtaria.

Hyacinth deu muito trabalho mesmo, mas também foi muito boazinha, compreensiva e amorosa e portanto precisava ser recompensada; E ainda bem que foi.

Ps: Eu amo, definitivamente amo o fato de que o relacionamento entre as duas se tornou igual ao dela com Violet. E amo o relacionamento entre ela e Gareth, enfim, acho que amo tudo.

1847,

E o círculo se completou. Verdadeiramente.

Então, agora era oficial.

Ela tinha se convertido em sua mãe.

Hyacinth St. Clair lutava contra o impulso de enterrar seu rosto em suas mãos, enquanto estava sentada no banco almofadado da Madame Langlois, costureira, de longe a costureira mais popular de Londres.

Contou até dez, em três idiomas, e depois, só para completar, engoliu em seco e respirou. Porque, na realidade, não ia perder sua paciência em público.

Não importava o quão desesperadamente queria estrangular a sua filha.

- *Mamiii*. - Isabela pôs a cabeça para fora da cortina. Hyacinth notou que a palavra tinha sido uma declaração, não uma pergunta.

179

- Sim? - respondeu, pondo em seu rosto uma expressão de tal plácida serenidade que poderia ter sido classificada perfeitamente como uma daquelas esculturas da Pietà, que tinha visto a última vez que tinham viajado a Roma.

- O rosa não.

Hyacinth fez um gesto com a mão. Algo para abster-se de falar.

- O púrpura, tampouco.

- Não me lembro de ter sugerido o púrpura - murmurou Hyacinth.

- O azul não é o correto, e tampouco o vermelho, e francamente, não entendo essa insistência da sociedade em ter que usar branco, e bem, se pudesse expressar minha opinião...

Hyacinth se sentia deprimida. Quem ia acreditar que a maternidade poderia ser tão exaustiva? E na realidade, não tinha se acostumado a isto até agora?

- Uma garota realmente deveria usar a cor que mais combine com sua cutis e não o que alguma idiota do Almacks com complexos de grandeza, julgue estar na moda.

- Estou totalmente de acordo com você - disse Hyacinth.

- De verdade? - O rosto da Isabela se iluminou, e Hyacinth conteve claramente o fôlego, porque parecer-se tanto com a sua mãe nesse momento era quase aterrador.

- Sim - disse Hyacinth - mas de qualquer modo deveria escolher algo branco.

- Mas...

- Sem mas!

- Mas...

- Isabela.

Isabela murmurou algo em italiano.

- Eu te escutei - disse Hyacinth

Isabela sorriu, com uma curva de lábios tão doce que só sua própria mãe (certamente não seu pai, que livremente já tinha admitido que 180

estava completamente na palma de sua mão) reconheceria a maldade que havia por trás.

- Mas acaso não entendeu? - perguntou ela, enquanto piscava três vezes em uma sucessão rápida.

E porque Hyacinth sabia que poderia ser apanhada por sua mentira, rangeu os dentes e disse a verdade:

- Não.

- Tinha pensado que não - disse Isabela - Mas se está interessada, o que disse foi...

- Não... - interrompeu-a Hyacinth, obrigando-se a descer o volume de sua voz; aterrada de que o que Isabela pudesse dizer, causasse nela uma explosão muito barulhenta. Limpou a garganta - Agora, não. Não aqui - acrescentou expressivamente - Que Deus tivesse piedade dela, sua filha não tinha sentido de propriedade. Ela tinha suas opiniões, e mesmo que Hyacinth tinha estado sempre a favor das mulheres terem opiniões, era no entanto mais a favor das mulheres que sabiam quando e onde compartilhá-las.

Isabela saiu do provador, coberta com um encantador vestido branco com adornos de cor verde salvia e Hyacinth sabia que ela ia levantar o nariz e sentar-se a seu lado no banco.

- Por que estava murmurando? -perguntou ela.

- Eu não estava murmurando - disse Hyacinth.

- Seus lábios estavam se movendo.

- Estavam?

- Estavam - confirmou Isabela.

- Se quer mesmo saber, estava me desculpando com a sua avó.

- A vovó Violet? - perguntou Isabela, enquanto lançava um olhar ao redor - Está aqui?

- Não, no entanto, pensei que ela merecia meus remorsos.

Isabela pestanejou e inclinou a cabeça de forma inquisidora para um lado.

- Por que?

181

- Por todas as vezes - disse Hyacinth, odiando como soava sua voz -

Todas as vezes que me disse: "Espero que tenha uma filha idêntica a você"

- E tem - disse Isabela, surpreendendo-a com um ligeiro beijo na face -

Isso não lhe parece encantador?

Hyacinth olhou a sua filha. Isabela tinha dezenove anos. Fizera sua estréia no ano anterior, com grande êxito. Era, pensou Hyacinth com muita objetividade, muito mais bonita e encantadora do que ela mesma já tinha sido. Seu cabelo era de um loiro dourado impressionante, um retrocesso a algum antepassado esquecido que só o céu sabia de que lado da família vinha. E os cachos, Oh Deus, eram a perdição da existência de Isabela, mas Hyacinth os adorava. Quando Isabela era pequenina, eles sempre se encaracolavam em perfeitos cachos,

completamente indomáveis e sempre encantadores.

E agora... Algumas vezes, Hyacinth a olhava e via a mulher em que ia se converter, e não conseguia nem mesmo respirar, de tão poderosa que era a emoção que apertava seu peito. Era um amor que nunca teria podido imaginar, tão feroz e tão terno, e ao mesmo tempo, a garota a tornava completamente louca.

Por exemplo, agora mesmo.

Isabela estava lhe sorrindo inocentemente. Muito inocente, a verdade seja dita, e então desceu o olhar para a saia ligeiramente encrespada do vestido que Hyacinth adorou (e que Isabela odiou) e se concentrou distraidamente nos adornos de fitas verdes.

- Maaaami? - disse ela.

Era uma pergunta dessa vez, não era uma afirmação, o que significava que Isabela queria algo, e (por uma vez) não estava suficientemente segura de como conseguir.

-Acha que este ano...?

- Não - disse Hyacinth. E dessa vez enviou sinceramente uma desculpa silenciosa a sua mãe.

Céus Santos, isso era o que Violet tinha pensado? Oito vezes?

- Nem sequer sabe o que te ia perguntar.

- É claro que sei o que ia me perguntar. Quando aprenderá que eu sei tudo?

- Isso não é verdade.

- Isso é mais verdadeiro que falso.

- Pode ser bastante arrogante, sabia?

Hyacinth encolheu os ombros.- Sou sua mãe.

Os lábios da Isabela se juntaram em uma linha, e Hyacinth desfrutou de quatro segundos cheios de paz, antes de que lhe perguntasse:

- Mas este ano, acha que podemos...?

- Não vamos viajar.

Os lábios da Isabela se separaram com um gesto de surpresa. Hyacinth lutou contra o impulso de soltar um grito de triunfo.

- Como sabia?

Hyacinth lhe deu um tapinha na mão.

- Eu te disse, sempre sei. E embora esteja certa que desfrutamos muito viajando, permaneceremos em Londres esta temporada, e você, minha querida, sorrirá, dançará e procurará um marido.

Esse era o sinal de que se convertera em sua mãe.

Hyacinth suspirou. Violet Bridgerton provavelmente riria disto, em cada minuto. De fato, esteve rindo disto, durante dezenove anos. "Igual a você", dizia Violet, sorrindo abertamente à Hyacinth enquanto despenteava os cachos de Isabela. "É idêntica a você".

- E agora como você, mãe - Hyacinth murmurou com um sorriso,

evocando o rosto de Violet em sua mente - E agora, eu sou como você.

Uma hora depois. Gareth, que também, tinha crescido e mudado, embora, como veremos logo, não mudou nas coisas que realmente importam.

Gareth St. Clair se reclinou em sua cadeira, fazendo uma pausa para saborear seu conhaque enquanto dava uma olhada ao redor de sua

escrivania. Realmente havia um sentido notável de satisfação ao fazer um trabalho bem feito e terminado a tempo. Não costumara ter essa sensação em sua juventude, mas era algo que tinha começado a

desfrutar quase diariamente.

Tinha demorado vários anos para conseguir restaurar a fortuna St.

Clair a um nível respeitável. Seu pai - a quem nunca se acostumou a chamar de outra forma - tinha parado com seu sistemático saque, e 183

aliviou com um tipo de vaga negligência quando tinha descoberto a verdade sobre o nascimento do Gareth. Era por isso, que Gareth

supunha que poderia ter sido muito pior.

Mas quando ele tinha recebido o título, descobriu que tinha herdado dívidas, hipotecas, e casas, as quais tinham sido esvaziadas de quase todos os objetos valiosos. O dote de Hyacinth, o qual tinha aumentado graças a prudentes investimentos depois de seu matrimônio, tinha ajudado bastante a arrumar a situação, mas ainda assim, Gareth tinha tido que trabalhar muito mais e com maior diligencia do que teria imaginado possível, para tirar sua família das dívidas.

O cômico era, que ele tinha desfrutado disso.

Quem teria pensado que ele, de todas as pessoas, encontraria tal satisfação no trabalho duro? Sua escrivaninha estava limpa, seu livro de contas estava equilibrado e ordenado, e podia pôr os dedos sobre qualquer documento importante em menos de um minuto. Suas contas sempre somavam corretamente, suas propriedades estavam crescendo, e seus arrendatários eram saudáveis e prósperos.

Tomou outro gole de sua bebida, enquanto permitia que o suave arroio de fogo descesse por sua garganta. Era o céu.

A vida era perfeita. Verdadeiramente. Perfeita.

George estava a ponto de terminar em Cambridge, Isabela certamente escolheria um marido este ano, e Hyacinth...

Riu entre dentes. Hyacinth ainda era Hyacinth. tornou-se um pouco mais serena com a idade, ou possivelmente simplesmente a

maternidade tinha aparado suas arestas, mas ainda era a mesma

franca, encantadora, e perfeitamente maravilhosa Hyacinth.

Deixava-o louco a metade do tempo, mas essa era um tipo agradável de loucura, que embora algumas vezes ele suspirava ante seus amigos e também cabeceava cansativamente quando eles se queixavam de suas esposas, em segredo, sabia que era o homem mais afortunado de toda Londres. Ora, até mesmo da Inglaterra. *Do mundo.*

Baixou sua bebida, e depois deu uns tapinhas com seus dedos à caixa elegantemente embrulhada que estava no canto de sua escrivaninha.

Tinha-a comprado essa manhã no Madame LaFleur, a loja de roupas que sabia que Hyacinth não frequentava, a fim de poupar a si mesma da vergonha de ter que lidar com vendedoras que conheciam cada peça de lingerie que havia em seu armário.

184

Seda francesa, renda belga.

Sorriu. Só um pouco de seda francesa, adornada com uma minúscula quantidade de renda belga.

Pareceria celestial nela.

Não tinha nenhuma dúvida quanto a isso.

Reclinou-se em sua cadeira, saboreando seu sonho. Ia ser uma noite longa, encantadora. Talvez, inclusive...

Levantou as sobrancelhas quando tentou recordar a programação de sua esposa durante o dia.

Talvez, poderia antecipar e ser uma tarde longa e encantadora. Quando chegaria a casa? Acaso tinha levado seus dois filhos com ela?

Fechou os olhos, imaginando-a em vários estados de nudez, seguidos por várias posições interessantes, seguido por várias atividades fascinantes.

Gemeu. Ela precisava retornar para casa logo, porque sua imaginação estava muito ativa para não poder ser satisfeita e....

- Gareth!

Esse não era o mais prazenteiro dos tons. A encantadora névoa erótica que flutuava em sua cabeça desapareceu completamente. Quase

completamente.

Hyacinth podia não parecer estar nenhum pouco inclinada para um *pouco de esporte* à tarde , enquanto parada na porta com os olhos estreitados e a mandíbula apertada, mas estava ali, e com isso ele já tinha a metade da batalha ganha.

- Feche a porta - murmurou ele, enquanto ficava em pé.

- Sabe o que fez a *sua* filha?

- Não quer dizer *sua* filha?

- Nossa filha - ela grunhiu. Mas fechou a porta.

- Será que quero saber?

- Gareth!

- Muito bem - suspirou ele, seguido por um obediente - O que ela fez?

185

Tinha tido essa conversa antes. Inumeráveis vezes. A resposta

normalmente tinha a ver com algo que envolvia o casamento e as

opiniões pouco convencionais de Isabela sobre o assunto. E claro, a frustração de Hyacinth com toda a situação.

Isso raramente variava.

- Bom, não foi tanto pelo que ela fez - disse Hyacinth.

Ele escondeu seu sorriso. Isso tampouco era inesperado.

- É mais pelo que não vai fazer.

- Passando por cima de suas ordens?

- Gareth.

Ele reduziu pela metade a distância entre eles.

- Acaso já não faço eu suficiente?

- O que diz?!

Ele estendeu a mão, tomou a sua, e a puxou suavemente contra ele.

- Eu sempre desobedeço suas ordens - murmurou ele.

Ela reconheceu a expressão de seu olhar.

- Agora? - deu a volta até que pôde ver a porta fechada - Isabela está lá em cima.

- Ela não escutará.

- Mas ela poderia...

Seus lábios encontraram seu pescoço.

- A porta tem tranca.

- Mas ela saberia.

Ele começou a trabalhar nos botões de seu vestido. Era muito bom com os botões.

- Ela é uma jovem inteligente - disse ele, afastando-se para desfrutar de sua obra manual, enquanto a malha caía. Adorava quando sua esposa não colocava a regata debaixo.

- Gareth!

186

Ele se inclinou e tomou a ponta rosada de seu seio na boca antes que ela pudesse objetar.

-OH, Gareth! - E seus joelhos se debilitaram. Simplesmente o suficiente para tomá-la em seus braços e levá-la para o sofá. Naquele com

almofadas extra profundas.

-Mais?

-Deus, sim - murmuro ela.

Deslizou uma mão debaixo de sua saia e a acariciou até a

inconsciência.

-Com essa amostra de resistência - murmurou ele - Admita. Sempre me deseja.

-Vinte anos de matrimônio não é suficiente admissão?

- *Vinte e dois* anos de matrimônio, e quero escutar isso de seus lábios.

Gemeu quando ele deslizou um dedo em seu interior.

-Quase sempre – concedeu - Quase sempre o desejo.

Ele suspirou para obter um efeito dramático, inclusive enquanto ria em seu pescoço.

-Então, terei que trabalhar mais duro.

Olhou-a. Estava-o observando de baixo com uma expressão astuta, com uma tentativa fugaz, de transparecer honradez e respeitabilidade.

-Muito mais duro - concordou ela - E um pouco mais rápido, também, enquanto está nisso. Ele riu alto com isso.

-Gareth! - Hyacinth podia ser uma lasciva em privado, mas sempre era consciente dos criados.

-Não se preocupe - disse ele com um sorriso - Serei silencioso. Muito, muito silencioso - com um movimento fluido, recolheu suas saias em cima de sua cintura e se escorregou para baixo até que pôs a cabeça entre suas pernas - É você, meu amor, quem terá que controlar o volume de sua voz.

-OH. OH. OH...

-Mais?

-Definitivamente mais.

187

Então a lambeu. E ela tinha gosto de céu. E quando ela se contorcia, isso sempre era um presente.

-OH meu *céus*. OH meu... meu OH...

Sorriu contra ela, logo ela via tudo girar e soltou um gritinho silencioso.

Ele amava fazer isso com ela, amava levar a sua capaz e articulada esposa, à inconsciência.

Vinte e dois anos. Quem teria podido imaginar que depois de vinte e dois anos, ele ainda quieria a esta mulher, só a esta mulher, e nada mais que a esta mulher, com esse amor tão intenso?

-OH, Gareth - ela estava ofegando - OH, Gareth... Mais, Gareth...

Ele redobrou seus esforços. Ela estava perto. Conhecia-a tão bem, conhecia cada curva e a forma de seu corpo, a maneira em que se movia quando estava excitada, em como respirava quando o desejava.

Estava perto.

E então, quando se liberou, arqueou-se e ofegou até que seu corpo perdeu todas as forças.

Ele riu entre dentes quando ela o empurrou para longe. Sempre fazia isso quando terminava, dizendo que não podia suportar um toque a mais sequer, que certamente morreria se não lhe permitisse a oportunidade de voltar para a normalidade.

Moveu-se, enroscando-se contra o corpo dela, até que pudesse ver seu rosto.

-Isso foi bom - disse ela.

Ele levantou uma sobrancelha.

-Bom?

-Muito bom.

-O suficiente para ser recíproco?

Seus lábios se curvaram.

-OH, não sei se foi tão bom.

Ele levou a mão para suas calças.

-Então, terei que te oferecer uma repetição do meu empenho.

Ela abriu a boca, surpreendida.

188

-Uma variação dentro do tema, se deseja. Ela torceu o pescoço para olhar para baixo.

-O que está fazendo?

Sorriu-lhe lascivamente.

-Desfrutando os frutos de meus trabalhos - e então ela ofegou, quando ele deslizou para dentro dela, o que por sua vez, fez ele ofegar de puro prazer, e logo pensar no muito que ele a amava.

Momentos mas tarde pensou absolutamente... em mais nada.

No dia seguinte. Realmente não tínhamos pensado que Hyacinth se renderia, não é mesmo?

Ao final da tarde, encontramos Hyacinth de volta a seu segundo

passatempo favorito.

Embora favorito não parece ser o adjetivo correto realmente, nem tampouco passatempo, deveria ser o termo correto. Compulsão,

provavelmente era a descrição que encaixava, como também o fazia miserável, ou possivelmente Inflexível; Infeliz?

Inevitável.

Suspirou. Definitivamente inevitável. Uma compulsão inevitável.

Quanto tempo estava vivendo nessa casa? Quinze anos?

Quinze anos. Quinze anos e alguns meses mais, e ainda continuava procurando essas malditas joias.

Poderia-se pensar que ela teria desistido por agora. Com certeza qualquer outro teria se rendido á essa altura.

Era, tinha que admitir, a pessoa mais ridícula e teimosa que tinha conhecido.

Exceto, possivelmente, sua própria filha. Hyacinth nunca tinha falado a Isabela sobre as joias, e era só porque sabia que se uniria à busca com um ardor doentio que rivalizaria com o seu.

Tampouco tinha contado isso a seu filho George, porque ele diria a Isabela. E Hyacinth nunca conseguiria que essa moça se casasse, se pensasse que havia uma fortuna em joias que podia ser encontrada em sua casa.

189

E não é que Isabela quisesse as joias por causa da fortuna. Hyacinth conhecia sua filha o suficiente para compreender que em alguns

assuntos –possivelmente na maioria - Isabela era exatamente igual a ela. E a busca das joias por parte do Hyacinth nunca tinha sido pelo dinheiro que isso poderia representar. OH, admitia livremente que ela e Gareth poderiam ter usado o dinheiro (e poderiam ter pago suas dívidas muito antes). Mas essa não era a razão. Não era a primitiva. Era a glória.

Era uma necessidade desesperada de agarrar essas condenadas pedras finalmente na mão e as agitar no rosto de seu marido e lhe dizer: Vê?

Vê? Não estava louca todos estes anos!

Gareth tinha perdido o interesse pelas joias fazia muito tempo.

Provavelmente nem sequer existiam, havia dito a ela. Certamente alguém as tinha encontrado anos antes. Tinham vivido na Clair House por quinze anos, pelo amor de Deus. Se Hyacinth fosse encontrá-las, já as teria localizado, então por que continuava torturando-se?

Era uma excelente pergunta.

Hyacinth rangeu os dentes, enquanto se arrastava pelo piso do lavabo, pela, que certamente era a ocasião, número oitocentos em sua vida.

Sabia tudo isso. Mas que o senhor a ajudasse, sabia, mas não podia render-se agora. Se o fizesse, que seria dos passados quinze anos? Teria feito deles uma perda de tempo? Tudo, uma perda de tempo?

Não podia suportar pensar nisso.

Além disso, não era das que se rendia, não é? Se o fizesse, isso seria algo totalmente contrário a tudo o que conhecia de si mesma. Será que isso significava que estava envelhecendo?

Não estava pronta para envelhecer. Possivelmente essa era a maldição de ser a mais jovem de oito filhos. A gente nunca está suficientemente preparado para envelhecer.

Inclinou-se ainda mais pra baixo, plantando sua face contra o frio azulejo do piso para poder espiar embaixo da banheira. Nenhuma

senhora, poderia fazer isso, não é?

Nenhuma velha senhora poderia...

-Ah, aqui está você, Hyacinth.

190

Era Gareth, surgindo com a cabeça na porta. Não parecia nem sequer um pouco surpreso por encontrar a sua esposa em uma posição tão estranha. Mas disse:

-Passaram vários meses desde sua última busca, não é mesmo?

Levantou o olhar para ele.

-Estive pensando em algo.

-Em algo que não tinha pensado antes?

-Sim - soltou ela, com os dentes apertados.

-Está procurando debaixo do azulejo? -perguntou ele, educadamente.

-Dabaixo da banheira - disse ela a contra gosto, mudando sua posição para sentar-se.

Ele piscou, mudando seu olhar para a enorme banheira com patas em forma de garra.

-Moveu isso? -perguntou ele, sua voz soava carregada de incredulidade.

Ela assentiu com a cabeça. Era assombrosa a classe de força que alguém poderia convocar, quando estava devidamente motivada.

Ele a olhou, depois olhou a banheira, e depois novamente a ela.

-Não – disse - Não é possível. Você não o fez.

-Fiz.

-Você não poderia.

-Pude - disse ela, começando a desfrutar disso. Já não conseguia surpreendê-lo muito frequentemente por esses tempos como gostaria.

-Só umas poucas polegadas - admitiu ela.

Ele voltou seu olhar à banheira.

-Possivelmente só uma - calculou ela.

Por um momento pensou que ele simplesmente encolheria os ombros e a deixaria para que se esforçasse sozinha, mas então a surpreendeu, lhe dizendo:

-Quer que a ajude?

Levou uns segundos para ela determinar o significado de suas palavras.

191

-Com a banheira? -perguntou.

Ele assentiu, cruzando a curta distância para dentro do lavabo.

-Sim você pode mover uma polegada sozinha – disse - certamente os dois poderemos triplicar isso. Ou mais.

Hyacinth ficou de pé.

-Pensei que você não acreditava de que as joias ainda estivessem aqui.

-E não acredito - pôs as mãos sobre seus quadris enquanto jogava um olhar à banheira, procurando um melhor ângulo. - Mas você sim, e certamente isto cai no reino dos deveres de um marido.

-OH. - Hyacinth engoliu a seco, sentindo-se um pouco culpada por acreditar que ele não lhe daria apoio - Obrigada.

Indicou-lhe com um gesto que agarrasse um ponto ao lado oposto.

-Levantou-a? - perguntou-lhe - Ou a empurrou?

-Empurrei-a. Na verdade, fiz isso com meu ombro - apontou um estreito ponto entre a banheira e a parede - Me enfiei ali, e logo acomodei meu ombro direito debaixo da borda, e...

Mas Gareth já estava levantando sua mão para detê-la.

-Não – disse - Não me diga. Suplico-lhe.

-Por que não?

Olhou-a por um longo momento antes de lhe responder:

-Realmente não sei. Mas não quero saber os detalhes.

-Muito bem - foi ao ponto que lhe tinha indicado e agarrou a banheira. -

Obrigada, de qualquer forma.

-É um... - se deteve - Bom, não é um prazer. Mas é algo.

Ela sorriu para si mesma. Ele era realmente o melhor dos maridos.

Entretanto, depois de três esforços, fez-se claro que não iam mover a banheira dessa maneira.

-Vamos ter que usar a cunha e o método do empurrão - anunciou

Hyacinth - É a única maneira.

Gareth lhe ofereceu uma inclinação de resignação, e juntos se

acomodaram no espaço estreito entre a banheira e a parede.

192

-Tenho que dizer - disse ele, enquanto dobrava os joelhos e punha as plantas dos pés contra a parede - que tudo isto é muito indigno.

Hyacinth não tinha nada que dizer ante isso, simplesmente grunhiu.

Ele poderia interpretar o ruído de qualquer forma que desejasse.

-Isto realmente deveria contar para algo - murmurou.

-Me desculpe?

-Isto - fez um gesto com a mão, o qual poderia significar algo, por isso ela não estava segura se estava referindo-se à parede, ao chão, à banheira ou a alguma partícula de pó que flutuava no ar.

-Isto dos gestos – continuou - não é algo terrivelmente grandioso, mas pensaria, que se alguma vez esquecer seu aniversário, por exemplo, isto deve somar alguma distância para contar a meu favor ante você.

Hyacinth levantou uma sobrancelha.

-Não poderia fazer isto porque lhe nasce do coração?

Ofereceu-lhe uma régia inclinação de assentimento.

-É claro. E de fato, assim é. Mas a gente nunca sabe quando...

-OH, pelo amor de Deus - murmurou Hyacinth - Vixe para me torturar, não é assim?

-Isso mantém à mente em forma - disse ele afavelmente - Muito bem.

Vamos fazer?

Ela assentiu com a cabeça.

- Vamos contar - disse ele, enquanto assegurava seus ombros - Um, dois, três.

Com um empurrão e um grunhido, ambos puseram todo seu peso na

tarefa, e a banheira escorregou recalcitrantemente pelo chão. O ruído era horrível, tudo áspero e rangendo, e quando Hyacinth olhou para baixo viu algumas marca muito pouco atraentes formadas sobre o

azulejo.

-OH Deus -murmurou.

Gareth voltou o olhar ao redor, com o rosto enrugado em uma

expressão de mau humor quando notou que só tinham movido a

banheira, não mais de quatro polegadas.

193

-Pensei que a tínhamos movido um pouco mais - disse.

-É pesada - disse ela, bastante desnecessariamente.

Por um momento ele não disse nada, só pestanejou ante o pequeno espaço de chão que tinham descoberto.

-O que planeja fazer agora? - perguntou.

Sua boca se torceu ligeiramente em uma expressão um pouco perplexa.

-Não estou segura – admitiu - Imagino que dar uma olhada no piso.

-Acaso não fez isso já? - Quando não lhe respondeu, OH, um segundo e meio depois, acrescentou - Em quinze anos desde que nos mudamos aqui?

-Tenho averiguado sim, o piso, é claro - disse ela rapidamente, já que era bastante claro que seu braço cabia debaixo da banheira - Mas esta não será a mesma inspeção visual, e...

-Boa sorte - lhe disse, enquanto ficava de pé.

-Vai?-

Desejas que fique?

Não tinha esperado que ele ficasse, mas agora que estava ali...

-Sim - disse, surpreendida por sua própria resposta - por que não?

Sorriu-lhe então, e a expressão era tão calorosa, tão adorável, e o melhor de tudo, familiar.

-Eu poderia comprar um colar de diamantes - disse ele suavemente, enquanto se voltava a sentar.

Ela estendeu a mão e a pôs na sua.

-Sei que poderia.

Permaneceram em silêncio um minuto, e então, Hyacinth se aproximou um pouco mais de seu marido, soltando um confortável suspiro

enquanto descansava em seu lado , deixando a cabeça recostada sobre seu ombro.

-Sabe por que o amo? – disse ela suavemente.

Seus dedos se enlaçaram com os dela.

-Por que?

194

-Você poderia comprar um colar – disse - E poderia escondê-lo - voltou sua cabeça para lhe poder beijar o pescoço - Só para que eu pudesse encontrá-lo, Poderia escondê-lo só para que eu achasse.

Mas não o fez.

-Eu...

-E não estou dizendo que nunca tenha pensado nisso - disse,

retrocedendo para enfrentar com a parede uma vez mais, só umas

poucas polegadas de distância.

Mas sua cabeça jazia sobre seu ombro, e ele estava enfrentando a mesma parede, embora não estavam olhando-se, suas mãos ainda

estavam entrelaçadas, e de algum modo, essa posição era tudo o que um matrimônio devia ser.

-Porque o conheço - disse ela, sentindo como um sorriso crescia em seu interior - Conheço-o, e você me conhece, e isso é simplesmente a coisa mais linda para mim.

Ele apertou sua mão, e depois a beijou no alto.

-Se estiverem aqui, as encontrará.

Ela assentiu com a cabeça.

-Ou morrerei na tentativa.

Ele riu entre dentes.

-E isso não deveria lhe ser engraçado- disse ela.

-Mas o é.

-Eu Sei.

-Eu te amo - Gareth disse a ela.

-Eu sei.

E realmente, que mais poderia desejar?

Enquanto isso, a dois metros

Isabela estava realmente acostumada às brincadeiras de seus pais.

Aceitava o fato de que costumavam arrastar-se para os cantos escuros, com muito mais frequência do que era decente.

195

Tampouco pensava muito no fato de que sua mãe era uma das

mulheres mais francas de Londres ou que seu pai ainda era tão bonito que suas próprias amigas suspiravam e gaguejavam em sua presença.

De fato, bem gostava de ser a filha de um casal tão original. OH, lá fora, eles eram sempre tão apropriados, isso sim era certo, só com o tipo mais agradável de reputação de serem extremamente alegres.

Mas atrás das portas fechadas de Clair House... Isabela sabia que suas amigas não tinham a suficiente coragem para compartilhar suas

opiniões assim como ela. A maioria de suas amigas, nem sequer

costumavam ter opiniões. E certamente, a maioria das damas jovens de seu conhecimento, não se tinham dado a oportunidade de estudar

idiomas modernos, nem de retardar uma estreia social por um ano para viajar ao continente.

Quando tudo isso tinha sido dito e feito, Isabela pensava que era muito afortunada de pertencer a seus pais, e isso significava passar por cima dos episódios ocasionais de *Não agir Segundo A Idade*, já que assim devia ser, e tinha aprendido a ignorar muitas coisas com relação a condutas deles.

Mas quando tinha procurado a sua mãe essa tarde - para lhe seguir insistindo no assunto do vestido branco com o adorno verde pálido, que lhe tinha agregado - e em seu lugar, encontrou a seus pais no piso do lavabo, empurrando a banheira...

Bom, em realidade, isso já passava da conta, inclusive para os St.

Clairs.

E quem poderia culpá-la por escutar detrás das portas?

Não ia ser sua mãe, decidiu Isabela enquanto se apoiava. De maneira nenhuma Hyacinth St. Clair, faria o correto e se afastaria. A gente não poderia viver com essa mulher durante dezenove anos sem aprender isso. E quanto a seu pai, bom, Isabela preferiu pensar, que ele também ficaria a escutar, especialmente quando estavam fazendo tudo tão fácil para ela, enfrentando à parede na posição em que estavam, com as costas para a porta aberta, de fato, com a banheira entre eles.

-O que planeja fazer agora? - perguntou seu pai, com a voz adornada com essa particular marca de diversão que parecia ter só reservada para sua mãe.

-Não estou certa - respondeu sua mãe, não soando como de costume...

bom, não tão insegura, mas certamente não tão segura como de

costume - Imagino que dar uma olhada no piso.

196

Dar uma olhada no piso? De que raios estavam falando? Isabela se apoiou para frente para escutar melhor, justo no momento em que escutou seu pai perguntar:

-Acaso não fez isso já? Em quinze anos desde que nos mudamos aqui?

Tenho averiguado sim, o piso, é claro - replicou sua mãe, soando muito mais como ela mesma - Mas esta não será a mesma inspeção visual, e...

-Boa sorte - disse seu pai, e então, OH não! Ia partir!

Isabela começou a correr, mas então algo deveria ter acontecido porque ele se sentou novamente. Moveu-se pouco a pouco de retorno para a porta aberta, com muito cuidado, sabendo que ele podia levantar-se em qualquer momento. Contendo o fôlego, apoiou-se de novo, incapaz de se separar de seus olhos, a parte de atrás das cabeças de seus pais.

-Eu poderia comprar um colar de diamantes - disse seu pai.

Um colar de diamantes?

Um diamante...

Quinze anos.

Movendo uma banheira?

Em um lavabo?

Quinze anos.

Sua mãe tinha procurado por quinze anos.

Um colar de diamantes?

Um colar de diamantes.

OH. Queridíssimo Deus!!!!

O que ia fazer? O que ia fazer? Sabia o que devia fazer, mas Deus, Como se supunha que devia fazê-lo?

E o que poderia dizer? O que poderia dizer possivelmente...?

Devia esquecer-se disso por agora. Esquecer-se disso, porque sua mãe estava falando de novo e estava dizendo:

-Você poderia comprar um colar. E poderia escondê-lo. Só para que eu pudesse encontrá-lo, esconderia para eu o encontrar. Mas não o fez.

197

Havia tanto amor em sua voz que fez com que doesse o coração de Isabela. E algo sobre isso parecia resumir tudo o que seus pais eram.

Para eles, entre eles.

Para seus filhos.

E de repente o momento foi muito pessoal para espiar, inclusive para ela. Saiu sigilosamente do quarto, correu ao seus próprios aposentos, deitando-se em uma cadeira logo que fechou a porta.

Porque agora sabia o que sua mãe tinha estado procurando durante tanto tempo.

E isso estava na gaveta do fundo de sua escrivaninha. E havia mais que um colar. Era um conjunto de joias completo, um colar um bracelete, um anel, um verdadeiro banho de diamantes, cada pedra tinha sido adornada com duas delicadas água-marinhas. Isabela os tinha

encontrado quando tinha dez anos, ocultos em uma pequena cavidade, atrás dos azulejos turcos do lavabo da creche. Ela poderia haver dito algo sobre eles. Sabia que devia fazê-lo. Mas não o tinha feito, e nem sequer estava certa do por que.

Possivelmente era porque os tinha encontrado. Possivelmente era porque adorava guardar um segredo. Possivelmente era porque pensava que não pertenciam a ninguém mais, ou de fato, que ninguém conhecia sua existência. Certamente não tinha pensado que sua mãe os tinha estado procurando por quinze anos.

Sua mãe!

Sua mãe era a última pessoa que qualquer um imaginaria guardando um segredo. Ninguém pensaria mal da Isabela por não pensar nisso, quando descobriu os diamantes, "Ah, mas certamente minha mãe, devia estar procurando estes e decidiu, por suas próprias e tortas razões, não me dizer nada sobre eles".

De verdade, depois de deliberar concluía que tudo era culpa de sua mãe. Se Hyacinth lhe houvesse dito que estava procurando as joias, Isabela teria confessado imediatamente. Ou se não o fizesse imediatamente, então, teria feito isso suficientemente cedo para satisfazer a consciência de todos.

E agora, falando de consciência, a sua pulsava como uma pequena e suja tatuagem em seu peito. Era a sensação mais desagradável e pouco familiar que havia sentido alguma vez.

198

E não era que Isabela fosse a alma da doçura e da luz, um modelo de sorrisos doces e piedosas palavras. Céus, não, evitava a tais moças, como se fossem praga. Mas de igual forma, raramente fazia algo que a fizesse sentir-se culpada depois, e isso era somente porque

possivelmente - e só possivelmente - suas noções de propriedade e moralidade eram ligeiramente flexíveis.

Mas agora tinha um nó em seu estômago vazio, um nó com um talento peculiar para lhe enviar bÍlis a sua garganta. Suas mãos estavam trêmulas, e se sentia mal. Não febril, nem sequer angustiada, só mal.

Consigo mesma.

Soltando a respiração de forma irregular, Isabela se levantou e cruzou o quarto para dirigir-se para sua escrivaninha, uma delicada peça de rococó que sua homônima bisavó havia trazido da Itália. Tinha posto as joias ali faz três anos, quando se tinha mudado da creche que estava no piso de cima. Tinha descoberto um compartimento secreto na parte traseira da gaveta do fundo. Isto não a tinha surpreendido

particularmente; já que parecia haver sempre um estranho número de compartimentos secretos no mobiliário de Clair House, que havia vindo trazido importado da Itália.

Mas isso era na verdade, uma benção e bastante conveniente, então um dia, quando sua família tinha saído para uma festa, para a qual tinham considerado a Isabela muito jovem para ir, tinha saído furtivamente, caminhando de volta para a creche, tinha recuperado as joias de seu esconderijo atrás do azulejo (o qual, tinha engessado novamente com bastante astúcia), e as levou a sua escrivaninha.

Tinham permanecido ali depois, exceto nessa estranha ocasião quando Isabela as tinha tirado e tinha provado, pensando em como agradável poderiam luzir agradáveis com seu vestido novo, mas como ia explicar a existência dessas joias a seus pais?

Agora parecia que nenhuma explicação teria sido necessária. Ou possivelmente, uma classe diferente de explicação.

Uma classe muito diferente.

Sentando-se na cadeira de sua escrivaninha, Isabela se apoiou embaixo e recuperou as joias do compartimento secreto. Ainda estavam na mesma bolsa aveludada com corda, em que as tinha encontrado. Tirou-as, agrupando-as luxuosamente em cima da escrivaninha. Não

conhecia muito sobre joias, mas certamente estas deviam ser da mais fina qualidade. Capturavam a luz do sol com uma magia indescritível, 199

como se cada pedra pudesse atrair a luz e logo enviá-la em cada direção.

Isabela não gostava de pensar que era ávida ou materialista, mas ante a presença de tal tesouro, entendia como os diamantes podiam fazer um homem enlouquecer um pouco. OH o por que as mulheres desejavam

tão desesperadamente ter uma peça mais, uma peça maior, ou uma jóia mais linda que a última.

Mas estas não pertenciam a ela. Possivelmente não pertenciam a ninguém. Mas se havia alguém que tinha direito a elas, era

definitivamente sua mãe. Isabela não sabia como ou por que Hyacinth conhecia sua existência, mas isso não parecia importar. Sua mãe tinha alguma classe de conexão com as joias, alguma classe de importante conhecimento delas. E se elas pertenciam a alguém, então pertenciam a ela.

A contra gosto, Isabela as colocou de novo na bolsa e apertou o cordão dourado para que nenhuma das peças pudesse cair. Agora sabia o que tinha que fazer.

Sabia o que tinha que fazer exatamente.

Mas depois disso...

A tortura poderia fazer esperar.

Um ano depois.

Tinham passado dois meses desde que Hyacinth tinha procurado as joias pela última vez, mas Gareth estava ocupado com alguma classe de assunto da propriedade, e ela não tinha nenhum livro bom para ler, e bom, sentia-se ansiosa.

Isto acontecia de vez em quando. Passava meses sem procurar,

semanas e dias sem nem sequer pensar nos diamantes, mas depois algo acontecia que os recordava, e começava a perguntar-se, e ali estava outra vez, obcecada e frustrada, andando furtivamente na casa para que ninguém se desse conta do que pensava fazer.

E a verdade era, que estava envergonhada. Não importava de que

ângulo o olhasse, ela só era uma tola. Ou as joias estavam muito bem ocultas em Clair House e ela não as tinha encontrado depois de

dezesseis anos de busca, ou não estavam escondidas, e tinha estado procurando apenas iludida. Não podia imaginar como podia explicar isso a seus filhos, os criados certamente pensavam que era um pouco louca (todos a tinham visto bisbilhotando em algum momento em um 200

lavabo ou outro lugar) e Gareth, bom, era doce e a agradava, mas tudo era o mesmo, e Hyacinth guardava suas atividades para si mesma.

Era melhor dessa maneira.

Tinha escolhido o lavabo da creche para a busca da tarde. Não por alguma razão em particular, é claro, mas já tinha terminado sua busca sistemática em todos os lavabos dos criados (um esforço que sempre requeria um pouco de sensibilidade e sutileza), e antes disso tinha revistado seu próprio lavabo, assim parecia que o da creche era uma boa opção. Depois iria a qualquer outro lavabo do segundo piso. George tinha se mudado para sua própria casa e se havia realmente um Deus misericordioso, Isabela se casaria logo, e Hyacinth não teria que preocupar-se de que alguém tropeçasse com ela quando estivesse

empurrando, roçando e possivelmente puxando os azulejos das paredes.

Hyacinth pôs as mãos nos quadris e respirou profundamente enquanto inspecionava o pequeno cômodo. Sempre tinha gostado desse lavabo. O

azulejo era, ou pelo menos parecia ser, turco, e Hyacinth sempre tinha pensado que as pessoas do oriente desfrutavam de longe, vistas menos aborrecidas que as dos britânicos, porque as cores nunca falhavam em pôr a de um esplêndido humor, já que todos eram em tons azul real e água-marinhas sonhadoras, com listas amarelas e laranjas.

Hyacinth tinha estado uma vez no sul da Itália, na praia. Esse quarto reluzia exatamente como uma

praia, ensolarado e faiscante, de uma forma que a costa da Inglaterra nunca parecia poder obter.

Olhou de soslaio para as sancas, procurando gretas ou beiradas, então deixou cair as mãos nos joelhos para sua inspeção usual dos azulejos que estavam na parte mais baixa.

Não sabia o que esperava encontrar, que aparência devia ter de repente o que não tinha detectado durante a última vez, OH, pelo menos na dúzia de buscas anteriores.

Mas tinha que seguir procurando. Tinha que fazê-lo, porque simplesmente não tinha outra opção. Havia algo dentro dela que simplesmente não lhe permitia render-se.

E... deteve-se. Piscou. O que era aquilo?

Lentamente, porque realmente não podia acreditar que tivesse encontrado algo novo, e tinha passado uma década desde que tinha mudado sua forma de procurar tomando outras medidas, apoiou-se.

201

Uma greta.

Era pequena. Pequena e fraca . Mas definitivamente era uma greta, que percorria do piso para o topo do primeiro azulejo, aproximadamente dez polegadas acima. Não era a classe de coisa que a maioria das pessoas notaria, mas Hyacinth não era como a maioria das pessoas, e embora soasse um pouco triste, virtualmente tinha convertido em sua profissão, inspecionar lavabos.

Frustrada por sua incapacidade de chegar muito mais perto, moveu seus antebraços e joelhos, e depois pôs a face contra o piso. Empurrou o azulejo à direita da greta e logo à esquerda.

Não aconteceu nada.

Afundou a unha no canto da greta e escavou. Um pequeno pedaço de gesso se colocou debaixo da unha.

Uma estranha excitação começou a construir-se em seu peito, apertando-lhe fazendo-a tremer, deixando-a quase incapaz de respirar.

-Acalme-se -sussurrou, mas inclusive essas palavras lhe saíram

trêmulas. Agarrou um pequeno cinzel, que sempre levava com ela em suas buscas – Provavelmente não seja nada. Provavelmente é...

Colocou o cinzel na greta, certamente com mais força do que era necessária. E então o retorceu. Se um dos azulejos estivesse solto, o toque poderia causar que se soltasse para fora, e...

-OH!

O azulejo literalmente saltou para fora, aterrissando no chão com um barulho típico. Deixando uma pequena cavidade.

Hyacinth manteve os olhos fechados. Tinha esperado toda sua vida de adulta por esse momento, e agora não se atrevia nem sequer a olhar.

-Por favor – sussurrou - Por favor.

Estendeu a mão.

-Por favor. OH, por favor.

Tocou algo. Algo suave. Como veludo.

Com dedos trêmulos o tirou. Era uma pequena bolsa, amarrada com um cordão suave de seda.

202

Hyacinth se levantou lentamente, cruzando as pernas até que ficou sentada em posição de índio.

Colocou um dedo dentro da bolsa, abrindo a boca, a qual tinha estado firmemente apertada.

E então, com a mão direita, abriu-a, deslizando o conteúdo da bolsa a sua mão esquerda.

OH Deus...

-Gareth! - gritou - Gareth!

-Consegui -sussurrou, baixando o olhar para o conjunto de joias derramadas em sua mão esquerda. - Consegui. - E então gritou:

- *C-O-N-S-E-G-U-I!!!!*

Pôs o colar ao redor do pescoço, mantendo o bracelete e o anel em sua mão.

-Consegui , consegui, consegui. - Agora estava cantando, saltando de cima abaixo, quase dançando, quase chorando. - Consegui!

-Hyacinth! - Era Gareth, quase sem respiração, já que tinha subido quatro lances de escadas de dois em dois degraus.

Olhou-o, e podia jurar que sentia como seus olhos brilhavam.

-Consegui! - riu, quase loucamente - Consegui!

Por um momento ele não podia fazer nada além de olhá-la. Seu rosto afrouxou, e Hyacinth pensou que ele poderia realmente perder o equilíbrio.

-Eu consegui! -Disse ela novamente, feliz e realizada- Eu consegui.

E então, ele tomou a mão dela, tomou o anel e o deslizou em um de seus dedos.

-Então conseguiu - disse, enquanto se inclinava para lhe dar um beijo nos seus dedos . - Então você conseguiu, meu amor...

Enquanto isso, no piso de baixo...

- *Gareth!*

Isabela levantou os olhos do livro que estava lendo, e deu uma olhada em direção ao teto. Seu quarto estava diretamente debaixo da creche, em realidade em linha reta com o lavabo.

203

- *Consegui!*

Isabela então voltou para seu livro.

E sorriu.

204

A

caminho

do

Altar

205

Nota da autora: Ao escrever os 2º epílogos, tentei responder as perguntas persistentes dos leitores. No caso de "A caminho do altar", a pergunta que eu mais ouvi após a publicação foi esta: *Que nome deram Greg e Lucy, à todos esses bebês? Vou admitir que, até mesmo eu não sei como criar uma história que gira em torno da nomeação de nove crianças (não todos de uma vez, graças a Deus), então eu decidi começar o 2º*

epílogo exatamente onde o 1º terminou:-com Lucy dando à luz pela última vez. E porque todos, até mesmo o Bridgertons- devem enfrentar dificuldades, eu não fiz isso muito fácil.....

***Nota da tradutora:** Ler o 1º livro foi uma angústia no final; Fiquei imaginando o que fariam pra terminarem juntos depois que Lucy se casou com outro. Chorei. Foi lindo... o amor de Gregory me surpreendeu.*

Ele me lembrou Benedict, um convicto apaixonado, e não como os outros que morriam de medo de se deixarem apanhar pelo amor. Ele se entregou, se arriscou e lutou com todas as forças. E esse 2º epílogo me fez chorar novamente e acredito que você também vai chorar; Ler "Não me deixe" e "Eu não posso viver sem você" "Eu sei que eu te amo" geralmente faz isso comigo. Julia caprichou no drama com Francesca e agora com Gregory. Traga a caixa de lenços por favor.

206

21 de junho de 1840

Cutbank Manor

Winkfield, Berks.

" Meu amado Gareth-

Espero que esta carta te encontre bem. Eu mal posso acreditar que já se passaram duas semanas desde que parti de Clair House para Berkshire.

Lucy está bastante enorme; parece impossível que ela ainda não entrou em trabalho de parto. Se eu tivesse ficado tão enorme, com George ou Isabella, tenho certeza de que teria me queixado infinitamente.

(E eu também tenho certeza que você não vai lembrar-me de todas as queixas que expressei enquanto estive em um estado similar.) Lucy acredita que dessa vez, será bem diferente dos partos anteriores.

Acho que tenho que acreditar nela.

Vi-a claramente antes de ela dar à luz a Ben, e eu juro que ela podia dançar se quisesse. Eu confesso que tive uma inveja enorme, mas seria grosseiro e não-maternal admitir a tal emoção, e como sabemos, sou sempre amável. E ocasionalmente materna.

Falando de nossa descendência, Isabella está tendo um bom tempo.

Acredito que ela ficaria contente de permanecer com os primos durante todo o verão. Ela está ensinando-os a praguejar em italiano. Fiz um esforço fraco para repreendê-la, mas tenho certeza que ela percebeu que eu estava secretamente encantada.

Toda mulher deve saber como praguejar em outro idioma , já que a sociedade educada considerou

Inglês indisponíveis para nós.

Não estou certa de quando eu estarei em casa. A este ritmo, não ficarei surpresa se Lucy estender até julho. E depois, claro, eu prometi permanecer mais um pouco após a chegada do bebê.

Talvez você deveria enviar George para uma visita? Eu não acho que alguém iria notar se mais uma criança for adicionada à horda atual.

Sua dedicada esposa,

Hyacinth

207

*Ps: Foi muito bom não ter selado a carta ainda. Lucy apenas deu à luz á gêmeos! Gêmeos!!!! Deus do céu, o que na terra é que eles vão fazer com mais duas crianças? *Em estado de choque*"*

"Eu não posso fazer isso de novo."

Lucy Bridgerton tinha dito isso antes, sete vezes, para ser mais precisa, mas desta vez ela realmente quis dizer isso. Não era tanto porque ela tinha dado à luz ao seu nono filho apenas trinta minutos mais cedo; ela já era praticamente uma especialista em entregar bebês ao mundo e poderia dar à luz com o mínimo de desconforto. Mas era porque tinha sido. . . Gêmeos! Por que ninguém lhe disse que poderia estar

transportando gêmeos? Não é à toa que ela tinha estado tão

terrivelmente desconfortável nestes últimos meses. Ela tinha dois bebês na barriga, claramente engajados em uma luta de boxe.

"Duas meninas", seu marido estava dizendo. Gregory olhou para ela com um sorriso. "Bem, isso desequilibrou os números. Os meninos vão ficar desapontados. "

"Os meninos vão ter uma propriedade, votar, e usar calças", disse a irmã de Gregory, Hyacinth que tinha vindo para ajudar a Lucy no parto.

"Eles com certeza podem suportar."

Lucy ao ouvir isso sorriu. Confie em Hyacinth para chegar ao cerne da questão.

"O seu marido sabe que você se tornou uma causa perdida?", Perguntou Gregory.

"Meu marido me apoia em todas as coisas", disse Hyacinth docemente, sem tirar os olhos da bebezinha embrulhada em seus braços. " *sempre*".

"Seu marido é um santo", comentou Gregory, arrulhando o seu próprio pacotinho dorminhoco. "Ou talvez simplesmente insano. De qualquer forma, somos eternamente gratos a ele por se casar com você. "

"Como você consegue tolerá-lo?", Perguntou Hyacinth, inclinando-se sobre Lucy, que estava realmente começando a se sentir bastante estranha. Lucy abriu a boca para dar uma resposta, mas Gregory foi mais rápido.

208

"Eu faço sua vida um prazer sem fim", disse ele. "Cheio de doçura e luz, e tudo perfeito e bom."

Hyacinth armou o rosto como se ela estivesse com vontade de vomitar.

"Você está simplesmente com inveja", disse Gregory para ela.

"De quê?" Hyacinth exigiu.

Com um aceno de mão, ele descartou a pergunta de forma

inconsequente. Lucy fechou os olhos e sorriu, apreciando a interação.

Gregory e Hyacinth estavam sempre zombando um do outro e agora os dois estavam se aproximando de seus quadragésimos aniversários.

Ainda assim, apesar de se espetarem constantemente, ou talvez por causa disso, havia uma ligação sólida entre eles. Hyacinth em

particular era violentamente leal; Ela levou dois anos para aceitar bem Lucy depois de seu casamento com Gregory.

Lucy supunha que Hyacinth tinha justa causa. Lucy tinha chegado tão perto de se casar com o homem errado. Bem, não, ela realmente havia se casado com o homem errado, mas felizmente para ela, a influência combinada de um visconde e um conde (juntamente com uma bolada

de dinheiro doado a Igreja da Inglaterra) tinham feito uma anulação possível quando, tecnicamente falando, isso era quase impossível.

Mas isso já tinham sido águas passadas. Hyacinth era agora uma irmã para ela, como foram todos os irmãos e irmãs de Gregory. Tinha sido maravilhoso se casar dentro de uma grande família. Foi provavelmente por isso que Lucy era tão feliz pelo fato de que ela e Gregory tinham também acabado por terem uma enorme ninhada para si próprios.

"Nove", disse ela baixinho, abrindo os olhos para olhar para os dois feixes que ainda precisavam de nomes. *E cabelo.*

"Quem teria pensado que teríamos nove?"

"Minha mãe vai certamente dizer que qualquer pessoa sensata teria parado no oito", disse Gregory. Ele sorriu para Lucy. "Gostaria de segurar uma delas?"

Ela sentiu a familiar felicidade materna correndo nela. "Oh, sim."

A parteira ajudou-a a se pôr em uma posição mais ereta, e Lucy

estendeu os braços para segurar uma de suas novas filhas. "Ela é muito rosada", ela murmurou, aninhando o pacote pequeno perto de seu peito. A pequena menina estava gritando como uma alma penada. Era, Lucy decidiu, um som maravilhoso.

209

"Rosa é uma excelente cor", declarou Gregory. "Meu tom da sorte."

"Esta tem um bom aperto," Hyacinth comentou, voltando-se para o lado para que todos pudessem ver o seu dedo mindinho, capturado na

pequena e forte mão da bebê.

"Elas são ambas muito saudáveis", disse a parteira. "Gêmeos muitas vezes não são, você sabe."

Gregory se inclinou para beijar Lucy em sua testa. "Eu sou um homem de muita sorte", ele murmurou.

Lucy sorriu fracamente. Sentia-se feliz, também, quase milagrosamente assim, mas ela era simplesmente demasiada cansada para dizer algo diferente de "eu acho que devemos encerrar por aqui. Por favor, diga-me que vamos fazer isso."

Gregory sorriu amorosamente. "Nós encerramos", declarou ele. "Ou pelo encerramos tanto quanto posso garantir."

Lucy assentiu com gratidão. Ela, *também*, não estava disposta a abrir mão do conforto do leito conjugal, mas, na verdade, tinha que haver algo que eles pudessem fazer para acabar com o fluxo constante de bebês.

"Como vamos nomeá-las?", Perguntou Gregory, fazendo os olhos bobos para a bebê no colo de Hyacinth.

Lucy acenou para a parteira e entregou-lhe a bebê para que ela pudesse se deitar. Seus braços estavam sentindo trêmulos, ela não confiava em si mesma para armazenar com segurança a bebê, mesmo aqui em sua cama. "Será que você não quer Eloise?", Ela murmurou, fechando os olhos.

Eles tinham nomeado todos os filhos segundo os irmãos:

Katharine, Richard, Hermione, Daphne, Anthony, Benedict e Colin.

Eloise era a próxima escolha óbvia para uma menina.

"Eu sei", disse Gregory, e ela podia ouvir o sorriso em sua voz. "Mas eu não estava planejando para duas."

Com isso, Hyacinth se virou com um suspiro. "Você vai nomear a outra Francesca", acusou.

"Bem", Gregory disse, soando talvez apenas um pouco presunçoso ", ela é a próximo na linha."

210

Hyacinth ficou de boca aberta, e Lucy não teria ficado nada surpresa se se comesse a brotar vapor de suas orelhas. "Eu não posso acreditar nisso", disse ela, agora olhando positivamente a Gregory. "Você vai ter nomeado os seus filhos com o nome de cada um de seus irmãos exceto o meu."

"É um acidente feliz, eu lhe garanto", disse Gregory. "Eu tinha certeza de que Francesca ficaria de fora também."

"Até mesmo Kate tem uma xará!"

"Kate foi muito fundamental para que nos apaixonássemos ", Gregory lembrou. "Enquanto que você atacou Lucy na igreja."

Lucy teria bufado com o riso, se ao menos tivesse energia para isso.

Hyacinth no entanto, não achou engraçado. "Ela estava se casando com outra pessoa."

"Você guardar rancor, querida irmã." Gregory virou para Lucy. "Ela não pode simplesmente se esquecer disso, não é?" Ele estava segurando uma das bebês mais uma vez, apesar de qual delas, Lucy não tinha ideia. Ele provavelmente não sabia também. "Ela é linda", disse ele, virando o rosto para sorrir para Lucy. "Pequena, no entanto. Menor do que os outros eram, eu acho. "

"Gêmeos nascem sempre pequenos", disse a parteira.

"Oh, é claro", ele murmurou.

"Eles não se sentiam pequenos", disse Lucy. Ela tentou empurrar-se para trás para que pudesse segurar a outra bebê, mas seus braços cederam. "Eu estou tão cansada", disse ela.

A parteira franziu a testa. "Não foi tão longo o trabalho de parto."

"Havia dois bebês", Gregory lembrou.

"Sim, mas ela teve tantos antes," a parteira respondeu com uma voz viva. "Partos ficam cada vez mais fácil, quanto mais filhos se tem."

"Eu não me sinto bem", disse Lucy.

Gregory entregou a bebê para uma criada e olhou para ela. "O que sente?"

"Ela parece pálida," Lucy ouviu Hyacinth dizer.

211

Mas não parecia ouvir corretamente. Sua voz era metálica, e parecia como se ela estivesse falando através de um tubo comprido.

"Lucy? Lucy? "

Ela tentou responder. E ela pensou que estava respondendo. Mas se seus lábios estavam se movendo, ela não poderia dizer, e ela

definitivamente não ouvia sua própria voz.

"Alguma coisa está errada", disse Gregory. Ele parecia enérgico. Ele parecia assustado. "Onde está o Dr. Jarvis?"

"Ele saiu," a parteira respondeu. "Havia um outro bebê. . . a esposa do advogado. "

Lucy tentou abrir os olhos. Ela queria ver o rosto dele, para lhe dizer que ela estava bem. Só que ela não estava bem. Ela não sentia dor, exatamente; bem, não mais do que um corpo geralmente dói depois de parir um bebê. Ela realmente não poderia descrever. Ela simplesmente se sentia mal.

"Lucy?" A voz de Gregory lutava para ultrapassar névoa onde ela se encontrava. "Lucy!" Ele pegou sua mão, apertou-a, em seguida, apertou.

Ela quis tranquilizá-lo, mas ela se sentia tão longe. E essa sensação ruim estava se espalhando por toda parte, deslizando da sua barriga de seus membros, em linha reta até os dedos dos pés.

Não era tão ruim se ela se mantinha perfeitamente imóvel. Talvez se ela dormisse. . .

"O que há de errado com ela?" Gregory exigiu. Atrás dele, as bebês estavam berrando, mas pelo menos elss estavam se contorcendo e rosa, enquanto que Lucy-

"Lucy?" Ele tentou fazer sua voz urgente, mas para ele soava como terror. *"Lucy?"*

Seu rosto estava pastoso; os lábios, descorados. Ela não estava exatamente inconsciente, mas também não respondia.

"O que há de errado com ela?"

A parteira correu para o pé da cama e olhou debaixo das cobertas. Ela suspirou, e quando olhou para cima, seu rosto estava quase tão pálido como o de Lucy.

212

Gregory olhou para baixo, bem a tempo de ver uma mancha vermelha que escoava ao longo do

lençol.

"Deem-me mais toalhas," a parteira estalou, e Gregory não pensou duas vezes antes de obedecer suas ordens.

"Vou precisar de mais do que isso", disse ela severamente. Ela empurrou vários debaixo dos quadris de Lucy. "Vá, vá!"

"Eu vou", disse Hyacinth. "Você fica."

Ela saiu correndo para o salão, deixando Gregory em pé ao lado da parteira, sentindo-se impotente e incompetente. Que tipo de homem ficava parado enquanto sua esposa sangrava?

Mas ele não sabia o que fazer. Ele não sabia como fazer nada além de entregar as toalhas para a parteira, que estava apertando-as contra Lucy com força brutal.

Ele abriu a boca para dizer. . . alguma coisa. Ele poderia ter conseguido balbuciar algo. Ele não tinha certeza. Isso poderia ter sido apenas um som, um som horrível, um som de terror que poderia ter explodido vindo de bem profundo do seu ser .

"Onde estão as toalhas?" A parteira exigiu.

Gregory assentiu e correu para o salão, aliviado por lhe ser dada uma tarefa. "Hyacinth! Hya- "

Lucy gritou.

"Oh meu Deus." Gregory bambeou as pernas, segurando o batente da porta como apoio. Não era o sangue; ele poderia lidar com o sangue. Era o grito. Ele nunca tinha ouvido um ser humano fazer um som assim.

"O que você está fazendo com ela?", Perguntou. Sua voz estava trêmula quando ele empurrou-se para longe da parede. Era difícil de assistir, e ainda mais difícil de ouvir, mas talvez ele pudesse segurar a mão de Lucy.

"Eu estou manipulando sua barriga", a parteira resmungou. Ela pressionou com força, então apertou. Lucy soltou outro grito e quase arrancou os dedos de Gregory.

"Eu não acho que seja uma boa ideia", disse ele. "Você está empurrando para fora o sangue dela. Ela não pode perd- "

213

"Você vai ter que confiar em mim", disse a parteira secamente. "Eu já vi isso antes. Mais vezes do que eu gostaria de contar. "

Gregory sentiu seus lábios formarem a pergunta "E elas sobreviveram?"

Mas ele não perguntou. O rosto da parteira era muito severo. Ele não queria saber a resposta.

A essa altura os gritos de Lucy haviam se desintegrado em gemidos, mas de alguma forma isso era ainda pior. Sua respiração era rápida e superficial, com os olhos fechados com força contra a dor dos golpes da parteira. "Por favor, faça-a parar", ela gemeu.

Gregory olhou freneticamente a parteira. Ela estava agora com as duas mãos, uma alcançando acima-

"Oh, Deus." Ele virou-se para trás. Ele não podia ver. "Você tem que deixá-la te ajudar", disse ele para Lucy.

"Eu tenho as toalhas!", Disse Hyacinth entrando apressadamente no quarto. Ela parou de repente, olhando para Lucy. "Oh meu Deus." Sua voz vacilou. "Gregory?"

"Cale-se." Ele não queria ouvir sua irmã. Ele não queria falar com ela, ele não queria responder às suas perguntas. Ele não sabia. Pelo amor de Deus, ela não podia ver que ele não sabia o que estava acontecendo?

E, forçá-lo a admitir isso em voz alta teria sido o tipo mais cruel de tortura.

"Dói," Lucy choramingou. "Isso dói."

"Eu sei. Eu sei. Se eu pudesse fazer isso em seu lugar, eu o faria. Eu lhe prometo. "Ele apertou a mão dela entre as suas, dispondo um pouco de sua própria força para passar para ela. Seu aperto foi ficando fraco, apertando apenas quando a parteira fazia um movimento

particularmente vigoroso.

E, em seguida, a mão de Lucy ficou frouxa.

Gregory parou de respirar. Ele olhou para a parteira em horror. Ela ainda estava de pé na base da cama, com o rosto em uma máscara de determinação sombria quando ela trabalhava. Então ela parou, com os olhos estreitando quando deu um passo para trás. Ela não disse nada.

Hyacinth ficou congelada, as toalhas ainda empilhadas em seus braços.

"O Quê. . . o quê. . . " Mas sua voz não era nem um sussurro, sem força para completar seu pensamento.

214

A parteira chegou a mão, tocando a cama ensanguentada perto de Lucy.

"Eu acho que. . . isso é tudo ", disse ela.

Gregory olhou para sua esposa, que continuava prostrada terrivelmente ainda. Em seguida, ele se virou para a parteira. Podia ver seu peito subir e descer, puxando grandes goles de ar que ela não

tinha

permitido-se, enquanto ela trabalhava em Lucy.

"O que você quer dizer", ele perguntou, mal capaz de forçar as palavras em seus lábios , "com " *Isso é tudo*""?

"O sangramento parou."

Gregory virou-se lentamente de volta para Lucy. O sangramento parou.

O que isso significa? Não todo o seu sangue. . . eventualmente?

Por que razão estava parteira de pé ali? Ela não deveria estar fazendo alguma coisa? Ele não devia estar fazendo alguma coisa? Ou Lucy estava-Voltou-se para a parteira, sua angústia era palpável.

"Ela não está morta", disse a parteira rapidamente. "Pelo menos eu acho que não."

"Você *acha* que não?", Ele repetiu, elevando a voz em volume.

A parteira cambaleou para a frente. Ela estava coberta de sangue, e ela parecia exausta, mas Gregory não dava uma mínima maldita

importância se ela estava pronta para cair. "Ajude-a", ele ordenou.

A parteira tomou o pulso de Lucy e sentiu o pulso. Ela lhe deu um aceno rápido quando ela encontrou, mas então ela disse: "Eu fiz tudo que eu podia."

"Não", disse Gregory, porque ele se recusou a acreditar que era assim.

Havia sempre algo que se podia fazer. "Não", ele disse de novo. "*Não!*"

"Gregory", disse Hyacinth tocando seu braço.

Ele se esquivou dela. "Faça alguma coisa", disse ele, dando um passo ameaçador em direção a parteira. "Você tem que fazer alguma coisa."

"Ela perdeu muito sangue", disse a parteira, as costas flácidas contra a parede. "Nós só podemos esperar. Eu não tenho nenhuma maneira de saber para que caminho ela irá. Algumas mulheres se recuperam.

Outras. . . " -Sua voz foi sumindo. Pode ter sido porque ela não queria dizer isso. Ou pode ter sido a expressão no rosto de Gregory.

Gregory egolia a seco. Ele não tinha muita calma; Ele sempre tinha sido um homem razoável. Mas o

desejo de atacar, gritar ou esmurrar as paredes, para encontrar alguma maneira de reunir todo aquele sangue e empurrá-lo de volta para ela. . .

Ele mal podia respirar contra a força disso.

Hyacinth moveu-se tranquilamente para o seu lado. Sua mão encontrou a dele, e sem pensar ele entrelaçou os dedos nos dedos dela. Ele esperou que ela dissesse algo como: Ela vai ficar bem. Ou: Tudo ficará bem, basta ter fé.

Mas ela não o fez. Essa era Hyacinth e ela nunca mentia. Mas ela estava aqui. Graças a Deus que ela estava aqui.

Ela apertou sua mão, e ele sabia que ela iria ficar quanto tempo ele precisasse dela.

Ele piscava freneticamente para a parteira, tentando encontrar sua voz.

"O que, se-" *Não*. "O que, quando," ele disse hesitante.

"O que vamos fazer quando ela acordar?"

A parteira olhou para Hyacinth primeiro, que por algum motivo o irritou. "Ela vai ficar muito fraca", disse ela.

"Mas ela vai ficar bem?", Ele perguntou, praticamente passando em cima das palavras.

A parteira olhou para ele com uma expressão terrível. Era algo próximo da pena. Com tristeza. E resignação. "É difícil dizer", ela finalmente disse.

Gregory procurou o rosto dela, desesperado por algo que não fosse uma trivialidade ou meia resposta. "Que diabo é que isso significa?"

A parteira olhou em algum lugar que não era os olhos dele. "Pode haver uma infecção. Isso acontece com frequência em casos como este. "

"Por quê?"

A parteira piscou.

" *Por quê?*", Ele praticamente gritou. A mão de Hyacinth apertou-se ao redor da dele.

"Eu não sei." A parteira recuou um passo. "Só acontece."

216

Gregory virou para Lucy, incapaz de olhar para a parteira por mais tempo. Ela estava coberta de sangue - *o sangue de Lucy* - e talvez isso não fosse culpa dela, talvez não fosse culpa de ninguém, mas ele não podia suportar a olhá-la nesse momento.

"Dr. Jarvis precisa voltar ", disse ele em voz baixa, pegando a mão inerte de Lucy.

"Vou atrás disso", disse Hyacinth. "E eu vou mandar alguém vir para recolher os lençóis."

Gregory não olhou para cima.

"Eu estou indo agora, também", disse a parteira.

Ele não respondeu. Ele ouviu os pés se movendo ao longo do chão, seguido de um clique suave do fechamento da porta, mas ele manteve o olhar no rosto de Lucy o tempo todo.

"Lucy", ele sussurrou, tentando forçar sua voz em um tom de provocação. "La la la Lucy." Era um refrão bobo, sua filha Hermione tinha feito quando ela tinha quatro anos. "La la la Lucy."

Ele procurou seu rosto. Ela acabou de sorrir? Ele pensou ter visto sua expressão mudar um pouco.

"La la la Lucy." Sua voz tremeu, mas ele manteve-se. "La la la Lucy."

Sentia-se como um idiota. Ele soava como um idiota, mas ele não tinha ideia do que mais dizer. Normalmente, ele nunca ficava sem fala.

Certamente não com Lucy. Mas agora. . . o que se diz em um momento como esse?

Então ele se sentou lá. Ele sentou-se lá pelo que pareceram horas. Ele se sentou lá e tentou se lembrar de respirar.

Ele se sentou lá e cobriu a boca toda vez que ele sentia um enorme soluço asfixiante chegando, porque ele não queria que ela ouvisse. Ele se sentou lá e tentou desesperadamente não pensar sobre o que sua vida seria se ficasse sem ela.

Ela tinha sido todo o seu mundo. Em seguida, eles tiveram filhos, e ela já não era tudo para ele, mas ainda assim, ela estava no centro de tudo.

O sol. Seu sol, em torno do qual tudo que lhe era importante girava.

Lucy. Ela era a garota que ele não tinha percebido que adorava, até quando quase já era tarde demais. Ela era tão perfeita, tão

completamente sua outra metade que tinha quase negligenciado dela.

217

Ele esperava por um amor cheio de paixão e drama; ainda não tinha ocorrido a ele que o verdadeiro amor poderia ser algo que fosse totalmente confortável e simplesmente fácil.

Com Lucy ele poderia se sentar por horas e não disse uma palavra. Ou eles poderiam tagarelar como galhas. Ele poderia dizer algo estúpido sem se importar. Ele poderia fazer amor com ela a noite toda

ou ficar várias semanas passando as noites simplesmente aconchegado ao lado dela.

Não importava. Nada disso importava, porque ambos sabiam.

" *Eu não posso fazer isso sem você*", ele deixou escapar. Caramba, ele estava a uma hora sem falar nada e isso foi primeira coisa que ele disse? "Quer dizer, eu posso, porque eu teria que fazer isso, mas vai ser terrível, e, honestamente, eu não vou fazer um trabalho tão bom. Eu sou um bom pai, mas só porque você é tão boa mãe que facilita o meu trabalho. "

Se ela morresse...

Ele fechou os olhos com força, tentando banir esse pensamento. Ele estava se esforçando para manter essas três palavras de sua mente.

Três palavras. "Três palavras" eram para ser "eu te amo". e não essas três palavras horríveis "Se ela..."

Ele respirou de forma profunda, estremecendo. Ele tinha que parar de pensar dessa forma.

A janela tinha sido aberta para permitir uma ligeira brisa, e Gregory ouviu um grito de alegria do lado de fora. Um de seus filhos, um dos meninos. Fazia sol, e ele imaginou que eles estavam brincando um tipo de jogo de corrida no gramado.

Lucy adorava vê-los correr do lado de fora. Ela gostava de correr com eles, também, mesmo quando ela estava tão cheia que se movia como um pato.

"Lucy", ele sussurrou, tentando manter a voz firme. " *Não me deixe. Por favor, não me deixe.* "

"Eles precisam muito de você", ele sufocou, mudando de posição para que pudesse segurar a mão dela entre as suas duas mãos. "As crianças.

Elas precisam muito de você Eu sei que você sabe disso. Você nunca iria dizer isso, mas você sabe disso. E eu preciso de você. Eu acho que você sabe disso, também. "

218

Mas ela não respondeu. Ela não se moveu.

Mas ela respirava. Pelo menos, graças a Deus, ela respirava.

"Pai?"

Gregory começou ao ouvir a voz de sua filha mais velha, e ele virou-se rapidamente, desesperado por ter um momento para se recompor.

"Eu fui ver as bebês", disse Katharine quando ela entrou na sala. "Tia Hyacinth disse que eu podia."

Ele concordou com a cabeça, não confiando em si mesmo para falar.

"Elas são muito doce", disse Katharine. "as bebês, eu quero dizer. Não a tia Hyacinth. "

Para seu choque total, Gregory se sentiu sorrindo. "Não", ele disse,

"ninguém chamaria tia Hyacinth de doce."

"Mas eu amo ela", disse Katharine rapidamente.

"Eu sei", respondeu ele, finalmente voltando-se para olhar para ela.

Sempre leal, sua Katharine era. "Eu a amo também."

Katharine deu alguns passos para a frente, parando perto do pé da cama. "Porque é que a mamãe ainda está dormindo?"

Ele engoliu em seco. "Bem, ela está muito cansada, carinho. É preciso uma grande quantidade de energia para ter um bebê. Dupla energia para duas ".

Katharine assentiu solenemente, mas ele não teve certeza se ela acreditava nele. Ela estava olhando para sua mãe franzindo a testa, não muito preocupada, mas muito, muito curiosa. "Ela está pálida," ela finalmente disse.

"Você acha?" Gregory respondeu.

"Ela está branca como um lençol."

Era exatamente a sua opinião também, mas ele estava tentando não parecer preocupado, por isso se limitou a dizer: "Talvez um pouco mais pálida do que o habitual."

Katharine olhou-o por um momento, em seguida, sentou-se na cadeira ao lado dele. Ela sentou-se com as costas eretas, as mãos cruzadas ordenadamente em seu colo, e Gregory não podia deixar de se

maravilhar com o milagre que era ela. Quase 12 anos atrás Katharine 219

Hazel Bridgerton tinha entrado neste mundo, e ele havia se tornado um pai. Essa era, ele se deu conta no instante em que ela tinha sido colocada em seus braços, sua única e verdadeira vocação. Ele era o filho mais novo; ele não teria um título, e ele não era adequado para ser um militar ou o clérigo. Seu lugar na vida era ser um cavalheiro agricultor.

E um pai.

Quando ele olhou para Katharine bebê, os olhos ainda daquele cinza escuro que todos os seus filhos tinham tido quando eles eram

pequenos, ele sabia. O porque dele existir, e ao que ele estava destinado. . . foi então assim que ele soube. Ele existia para pastorear esta pequena criatura milagrosa para a vida adulta, para protegê-la e mantê-la bem.

Ele adorava todos os seus filhos, mas ele sempre teria um vínculo especial com Katharine, porque ela era a pessoa que havia lhe ensinado quem ele estava destinado a ser.

"Os outros querem vê-la", disse ela. Ela estava olhando para baixo, ao seu próprio pé balançando no ar para trás e para frente.

"Ela ainda precisa descansar, carinho."

"Eu sei."

Gregory esperou por mais. Ela não estava dizendo tudo o que ela estava realmente pensando. Ele tinha a sensação de que era Katharine que queria ver sua mãe. Ela queria sentar-se no lado da cama e sorrir e dar risadinhas e, em seguida, explicar cada último nuance da caminhada pela natureza que tinha feito com sua governanta.

Os outros, os pequenos provavelmente estariam um pouco alheios.

Mas Katharine sempre foi incrivelmente próxima de Lucy. Eles eram como duas ervilhas em uma vagem. Elas não tinham nada em comum; Katharine era muito parecida com sua homônima, cunhada de Gregory, a atual Viscondessa Bridgerton. Isso não fazia absolutamente nenhum sentido, pois não tinham uma conexão de sangue, mas ambas as

Katharines tinha o mesmo cabelo escuro e rosto oval. Os olhos não eram da mesma cor, mas a forma era idêntica.

Por dentro, no entanto, Katharine, a sua Katharine era exatamente como Lucy. Ansiava ordem. Ela precisava ver o padrão nas coisas. Se ela fosse capaz de contar à mãe sobre o passeio do dia anterior pela natureza, ela teria começado com as flores que tinha visto. Ela não teria 220

lembrado de todas elas, mas ela com certeza gostaria de ter sabido quantas haviam de cada cor. E Gregory não ficaria surpreso se a governanta viesse a ele depois e dissesse que Katharine tinha insistido andar uma milha extra para que as "rosa" fossem contadas ao mesmo número das "amarelas".

Justiça em todas as coisas, essa era sua Katharine.

"Mimsy diz que as bebês estão a ser nomeadas com o nome de tia Eloise e tia Francesca", disse Katharine, depois de chutar o pé para trás trinta e duas vezes.

(Ele tinha contado. Gregory não podia acreditar que ele tinha contado.

Ele estava ficando cada dia mais parecido com Lucy.)

"Como de costume", ele respondeu, "Mimsy está correta." Mimsy era babá e cuidadora das crianças, e uma candidata à santidade se ele já tinha conhecido uma.

"Ela não sabe qual nome do meio terãõ."

Gregory franziu a testa. "Eu não acho que precisamos ter pressa em decidir sobre isso."

Katharine olhou para ele com um olhar direto e inquietantemente.

"Antes mamãe precisa de sua soneca?"

"Er, sim", respondeu Gregory, tirando seus olhos do dela. Ele não estava orgulhoso de que ele desviou o olhar, mas era a sua única opção, se ele não quisesse começar a chorar na frente da filha.

"Eu acho que uma deles deveria se chamar Hyacinth" Katharine anunciou.

Ele assentiu com a cabeça. "Eloise Hyacinth ou Francesca Hyacinth?"

Katharine pressionou os lábios juntos enquanto pensava, então ela disse, com um pouco de firmeza, "Francesca Hyacinth. Isso soa maravilhosamente bem. Embora. . . "

Gregory esperou que ela terminasse seu pensamento, e quando ela não o fez, ele solicitou "embora. . . ? "

"É um pouco florido."

"Eu não estou certo como se pode evitar isso, com um nome como Hyacinth, o nome de uma flor."

221

"Verdade", Katharine disse, pensativa: "mas e se ela não vir a ser doce e delicada?"

"Como sua tia Hyacinth?", Ele murmurou. Algumas coisas realmente imploravam para serem ditas.

"Ela é bastante feroz", disse Katharine, sem um pingõ de sarcasmo.

"feroz ou assustadora?"

"Oh, apenas feroz. Tia Hyacinth não é de todo assustadora. "

"Não diga isso a ela."

Katharine piscou com incompreensão. "Você acha que ela quer ser temida?"

"E feroz."

"Que estranho", ela murmurou. Então, olhou para cima com os olhos especialmente brilhantes. "Eu acho que a tia Hyacinth vai adorar ter uma das bebê com o seu nome.

Gregory voltou a sorrir. Um sorriso de verdade, e não algo evocado para fazer sua filha se sentir segura. "Sim", ele disse calmamente ", ela adorará."

"Ela provavelmente pensou que ela não iria conseguir isso", continuou Katharine, "Já que você e mamãe estavam seguindo a ordem. Todos nós sabíamos que seria Eloise para uma menina. "

"E quem esperava gêmeas?"

"E mesmo com isso", disse Katharine, "havia Tia Francesca a considerar. Mama teria de ter tido trigêmeos para alguém ser nomeado com o nome de Hyacinth. "

Trigêmeos. Gregory não era católico, mas era difícil suprimir o desejo de fazer o sinal da cruz.

"E teriam todas que nascer meninas", Katharine acrescentou, "o que parece ser uma improbabilidade matemática."

"De fato" ele murmurou.

Ela sorriu. E ele sorriu. E eles deram as mãos.

"Eu estava pensando. . . " Katharine começou.

"Sim, carinho?"

222

"Se Francesca será Francesca Hyacinth, então, Eloise deveria ser Eloise Lucy. Porque mamãe é a melhor das mães ".

Gregory lutou contra o nó subindo em sua garganta. "Sim", disse ele com a voz rouca, "ela é."

"Eu acho que mamãe gostaria disso", disse Katharine. "Você não acha?"

De alguma forma, ele conseguiu assentir com a cabeça. "Ela provavelmente diria que devemos nomear a bebê em homenagem a

alguém. Ela é assim muito generosa."

"Eu sei. É por isso que devemos fazer isso, enquanto ela ainda está dormindo. Antes que tenha a chance de discutir. Porque ela vai, você sabe. "

Gregory riu.

"Ela vai dizer que nós não deveríamos ter feito isso", disse Katharine,

"mas secretamente ela vai amar."

Gregory engoliu outro nó feito na garganta, mas este, felizmente, nasceu do amor paternal. "Eu acho

que você está certa."

Katharine irradiou alegria.

Ele bagunçou seu cabelo. Logo ela estaria muito velha para tais brincadeiras; ela diria a ele para não bagunçar seu penteado.

Mas, por enquanto, Gregory teria todo o cabelo despenteando que

pudesse conseguir. Ele sorriu para ela. "Como você conhece sua mãe tão bem?"

Ela olhou para ele com uma expressão indulgente. Eles tinham tido essa conversa antes. "Porque eu sou exatamente como ela."

"Exatamente", ele concordou. Eles se deram as mãos por mais alguns momentos até que algo lhe ocorreu.

"Lucy ou Lucinda?"

"Oh, Lucy", Katharine disse, sabendo imediatamente do que ele estava falando. "Ela não é realmente um Lucinda."

Gregory suspirou e olhou para sua esposa, ainda dormindo em sua cama. "Não", ele disse em voz baixa: "ela não é." Ele sentiu as mãos de sua filha deslizarem para dentro das suas, mãos pequenas e aconchegantes.

223

"La la la Lucy", Katharine disse, e ele podia ouvir um sorriso tranquilo na voz da pequena.

"La la la Lucy", repetiu ele. E, surpreendentemente, ouviu um sorriso em sua própria voz, também.

Poucas horas depois, o Dr. Jarvis voltou, cansado e amarrotado após o parto de um outro bebê na vila. Gregory conhecia bem o médico; Peter Jarvis tinha acabado de terminar seus estudos quando Gregory e Lucy decidiram residir perto de Winkfield, e ele serviu como o médico da família desde então. Ele e Gregory eram da mesma idade, e eles tinham compartilhado muitos jantares juntos ao longo dos anos. Sra Jarvis, também, era uma boa amiga de Lucy, e seus filhos tinham brincado juntos muitas vezes.

Mas, em todos os seus anos de amizade, Gregory nunca tinha visto tal expressão no rosto de Peter. Seus lábios estavam beliscando nos cantos da boca, e não havia nenhuma das brincadeiras habituais antes de examinar Lucy.

Hyacinth estava lá, também, depois de ter insistido que Lucy precisava do apoio de uma outra mulher no quarto.

"Como se qualquer um de vocês pudesse entender os rigores do parto", ela disse, com algum desdém.

Gregory não tinha dito uma palavra. Ele apenas deu um passo atrás para permitir que sua irmã entrasse no quarto. Havia algo de

reconfortante em sua presença feroz. Ou talvez inspiradora. Hyacinth era uma fortaleza; ele quase acreditou que ela seria capaz de fazer Lucy se curar por si mesma.

Ambos ficaram para trás quando o médico tomou o pulso de Lucy e escutou seu coração. E então, para choque completo de Gregory, Peter agarrou-a pelos ombros e começou a chacoalhar.

"O que você está fazendo?" Gregory gritou, saltando a frente para intervir.

"Acordando-a", disse Peter resolutamente.

"Mas ela não precisa descansar?"

"O que ela mais precisa é acordar."

224

"*Mas...*" Gregory não sabia exatamente por que ele estava protestando, e a verdade é que isso não importa, porque quando Peter interrompeu-o, foi para dizer:

"Pelo amor de Deus, Bridgerton, precisamos saber se ela pode acordar."

Ele balançou a novamente, e desta vez, disse em voz alta, "Lady Lucinda! Lady Lucinda! "

"Ela não é Lucinda," Gregory ouviu-se dizer, e então se aproximou e gritou ", Lucy? Lucy? "

Ela mudou de posição, resmungando algo em seu sono.

Gregory olhou atentamente para Peter, com todas as perguntas no mundo penduradas em seus olhos.

"Veja se você consegue fazer ela lhe responder", disse Peter

"Deixe-me tentar", disse Hyacinth com toda força. Gregory viu ela se inclinar e dizer algo no ouvido de Lucy.

"O que você está dizendo?", Perguntou.

Hyacinth sacudiu a cabeça. "Você não vai querer saber."

"Oh, pelo amor de Deus", ele murmurou, empurrando-a para o lado. Ele pegou a mão de Lucy e apertou-a com mais força do que tinha feito antes. "Lucy! Há quantos degraus na escada dos fundos da cozinha para o primeiro andar? "

Ela não abriu os olhos, mas ela fez um som que ele pensou que soou como-

"Você quis dizer *quinze*?", Perguntou ela.

Ela bufou, e desta vez ele a ouviu claramente. " *Dezesseis*".

"Oh, graças a Deus." Gregory soltou de sua mão e caiu na cadeira ao lado da cama. "Viu", disse ele. "Viu. Ela está bem. Vai dar tudo certo"

"Gregory. . . " Mas a voz de Peter não era reconfortante.

"Você me disse que tínhamos que acordá-la."

"Nós fizemos", disse Peter com duro aviso. "E foi um sinal muito bom que pudemos. Mas não quer dizer- "

"Não diga isso", disse Gregory, em voz baixa.

"Mas você deve-"

225

"Não diga isso!"

Peter ficou em silêncio. Ele apenas ficou lá, olhando para ele com uma expressão terrível. Era de piedade, compaixão e pesar e nada do que ele sempre quis ver no rosto de um médico.

Gregory desabou. Ele tinha feito o que tinha sido pedido a ele. Ele tinha acordado Lucy, mesmo que apenas por um momento.

Ela estava dormindo de novo, agora curvada e de lado, de frente para o outro lado.

"Eu fiz o que você pediu", disse ele em voz baixa. Ele olhou de volta para Peter. " *Eu fiz o que você pediu*", ele repetiu, acentuadamente desta vez.

"Eu sei", disse Peter suavemente, "e eu não posso te dizer quão reconfortante é que ela falou. Mas não podemos contar isso como uma garantia. "

Gregory tentou falar, mas sua garganta estava se fechando. Aquela sensação de asfixia horrível corria por ele novamente, e tudo o que conseguiu foi para respirar. Se pudesse apenas respirar, e nada mais, ele poderia ser capaz de impedir-se de chorar na frente do amigo.

"O corpo precisa recuperar sua força depois de uma perda grande de sangue", explicou Peter. "Ela pode dormir um tempo ainda. E ela pode -

"Ele limpou a garganta. "Ela poderia não acordar novamente."

"É claro que ela vai acordar", disse Hyacinth ríspidamente. "Ela já fez isso uma vez, ela pode fazer

de novo novamente."

O médico deu-lhe um olhar passageiro antes de voltar sua atenção para Gregory novamente. "Se tudo correr bem, eu acho que nós poderíamos esperar uma recuperação relativamente comum. Pode levar algum

tempo ", alertou. "Eu não posso ter certeza de quanto sangue ela perdeu. Pode levar meses para o corpo reconstituir seus fluidos necessários. "

Gregory assentiu com a cabeça lentamente.

"Ela vai estar fraca. Eu acho que ela precisa ficar de cama por pelo menos um mês. "

" *Ela não vai gostar disso.* "

Peter pigarreou. Meio sem jeito. "Você me enviará alguém se houver qualquer mudança?"

226

Gregory assentiu silenciosamente.

"Não", disse Hyacinth, dando um passo para trás trancando a porta.

"Eu tenho mais perguntas. "

"Eu sinto muito", disse o médico calmamente. "Eu não tenho mais respostas. "

E até mesmo Hyacinth não podia discutir com isso.

Quando amanheceu, brilhante e inacreditavelmente animador, Gregory acordou no quarto de Lucy, ainda na cadeira ao lado de sua cama. Ela estava dormindo, mas estava inquieta, fazendo seus sons sonolentos habituais enquanto ela mudava de posição. E então,

surpreendentemente, ela abriu os olhos.

"Lucy?" Gregory apertou-lhe a mão, então teve que forçar-se a afrouxar seu aperto.

"Eu estou com sede", disse ela com voz fraca.

Ele balançou a cabeça e correu até o jarro para encher o copo de água.

"Você me deixou tão- Eu não-" Mas ele não conseguia dizer mais nada.

Sua voz quebrou em mil pedaços, e tudo o que saiu foi um soluço doloroso. Ele então congelou, de costas para ela, enquanto tentava recuperar a compostura. Sua mão tremia; a água do copo salpicava sua manga.

Ele ouviu Lucy tenta dizer o nome dele, e ele sabia que tinha se controlar. Ela é quem tinha quase

morrido; ele não deveria entrar em colapso enquanto ela precisava dele.

Ele respirou fundo. E depois de novo. "Aqui está", disse ele, tentando manter sua voz brilhante quando se virou. Levou o copo para ela, e em seguida, imediatamente percebeu seu erro. Ela estava muito fraca para segurar o copo, muito menos conseguiria empurrar-se para cima em uma posição sentada.

Gregory colocou o copo em uma mesa próxima, em seguida, colocou os braços ao redor dela em um abraço gentil para que ele pudesse ajudá-

la. "Deixe-me arrumar os travesseiros", ele murmurou, mudando e afofando até que estava seguro de que ela tinha o apoio adequado. Ele levou o copo aos lábios e segurou levemente inclinado. Lucy tomou um pouco, em seguida, sentou-se, respirando com dificuldade pelo esforço de beber.

227

Gregory observava em silêncio. Ela não poderia ter ingerido mais do que apenas algumas gotas. "Você deve beber mais", disse ele.

Ela assentiu com a cabeça, de forma quase imperceptível então disse:

"Em um momento."

"Seria mais fácil com uma colher?"

Ela fechou os olhos e deu outro aceno fraco.

Ele olhou ao redor da sala. Alguém lhe trouxe chá na noite anterior e não tinha vindo recolher. Provavelmente não queria perturbá-lo.

Gregory decidiu que a rapidez era mais importante do que a limpeza, e ele arrancou a colher do recipiente de açúcar. Então ele pensou, que ela provavelmente poderia provar um pouco do açúcar, e resolveu levar a coisa toda.

"Aqui está", ele murmurou, dando-lhe uma colher de água. "Você quer um pouco de açúcar, também?"

Ela assentiu com a cabeça, e por isso ele colocou um pouco na língua dela.

"O que aconteceu?", Perguntou ela.

Ele a encarou em estado de choque. "Você não sabe?"

Ela piscou algumas vezes. "Eu estava sangrando?"

"Bastante", ele engasgou. Ele jamais poderia elaborar isso. Ele não quis descrever o fluxo de sangue que tinha presenciado. Ele não queria que ela soubesse, e para ser honesto, ele mesmo queria esquecer.

Ela enrugou a testa, e inclinou sua cabeça para o lado. Depois de alguns momentos Gregory percebeu que ela estava tentando olhar para o pé da cama.

"Nós limpamos", disse ele, seus lábios encontrando um pequeno sorriso.

Isso era tão de Lucy, certificar-se de que tudo estava em ordem.

Ela deu um pequeno aceno de cabeça. Então disse: "Eu estou cansada."

"Dr. Jarvis disse que você estará fraca durante vários meses. Eu imagino que você vai ficar confinada a uma cama por algum tempo".

Ela soltou um gemido, mas mesmo isso era um som fraco. "Eu odeio descansar em uma cama."

228

Ele sorriu. Lucy era uma típica "fazedora"; ela sempre tinha sido. Ela gostava de consertar as coisas, de fazer as coisas, fazer todos felizes.

Inatividade apenas era algo que a matava.

Uma má metáfora. Mas ainda assim.

Ele se inclinou em sua direção com uma expressão severa. "Você vai ficar na cama, nem se eu tiver que amarrá-la."

"Você não faria", disse ela, movendo o queixo levemente. Ele pensou que ela estava tentando fazer uma expressão despreocupada, mas teve energia para ser insolente, aparentemente. Ela fechou os olhos

novamente, deixando escapar um suspiro suave.

"Eu já fiz uma vez", disse ele.

Ela fez um som engraçado que ele pensou que poderia realmente ser uma risada. "Você fez mesmo, não é verdade?"

Ele se inclinou e a beijou muito suavemente nos lábios. "E eu salvei o dia."

"Você sempre salva o dia."

"Não." Ele engoliu em seco. "Isso quem faz é você."

Seus olhos se encontraram, o olhar entre eles muito profundo e forte.

Gregory sentiu algo doloroso dentro dele, e por um momento tinha certeza que ia chorar novamente. Mas, em seguida, justo quando ele sentia se desfazer, ela deu de ombros e disse: "Eu não posso me

mover agora, de qualquer maneira."

Quando ele sentiu seu equilíbrio voltar a se restaurar, ele levantou-se para pegar um biscoito restante da bandeja de chá.

"Lembre-se que em uma semana." Ele não tinha nenhuma dúvida de que ela estaria tentando sair da cama muito antes do recomendado.

"Onde estão as bebês?"

Gregory fez uma pausa, então virou-se. "Eu não sei", respondeu ele lentamente. Deus do céu, ele tinha esquecido completamente. "No berçário, eu imagino. Ambas são perfeitas. Rosadas e fortes e tudo o que é suposto que devem ser".

Lucy sorriu fracamente e soltou outro som cansado. "Posso vê-las?"

"Claro. Vou pedir para que alguém as traga imediatamente. "

229

"Ninguém mais, porém," Lucy disse, com os olhos turvos. "Eu não quero que me vejam assim."

"Eu acho que você está linda", disse Gregory. Ele veio e se sentou ao seu lado na cama. "Eu acho que você pode ser a coisa mais linda que eu já vi em toda minha vida."

"Pare", disse ela, Lucy nunca tinha sido terrivelmente boa em receber elogios. Mas ele viu os seus lábios oscilarem um pouco, entre um sorriso e um soluço.

"Katharine estava aqui ontem", ele disse a ela.

Seus olhos se abriram.

"Não, não, não se preocupe", disse ele rapidamente. "Eu disse a ela que você estava apenas dormindo. Que é o que você estava fazendo. Ela não ficou preocupada. "

"Você tem certeza?"

Ele assentiu com a cabeça. "Ela chamou você com La la la Lucy."

Lucy sorriu. "Ela é maravilhosa."

"Ela é exatamente como você."

"E não é por isso que ela é marav-"

"É exatamente por isso", ele interrompeu com um sorriso. "E eu quase esqueci de te dizer. Ela nomeou as bebês. "

"Eu pensei que você tinha nomeado as bebês."

"Eu fiz. Aqui beba mais um pouco mais de água. " Ele parou por um momento para conseguir que ela ingerisse mais um pouco de água.

Distração ia ser a chave, ele decidiu. Um pouco aqui e um pouco ali, e conseguiria que ela bebesse um copo cheio de água. "Katharine pensou no segundo nome. Francesca Hyacinth e Eloise Lucy."

Eloise. . . ? "

"Lucy", ele terminou por ela. "Eloise Lucy. Não é adorável? "

Para sua surpresa, ela não protestou. Ela apenas assentiu, com um movimento quase imperceptível, e com os olhos cheios de lágrimas.

"Ela disse que é porque você é a melhor mãe do mundo", acrescentou ele em voz baixa.

230

Ela chorou então, grandes lágrimas silenciosas rolando de seus olhos.

"Você gostaria que eu trouxesse as bebês agora?", Perguntou.

Ela assentiu com a cabeça. "Por Favor. e. . . " Ela fez uma pausa, e Gregory viu a garganta dela se mexer. "E traga o resto, também."

"Você tem certeza?"

Ela assentiu com a cabeça novamente. "Se você poder me ajudar a sentar-me um pouco mais reta, eu acho que posso gerenciar abraços e beijos."

Suas lágrimas, as que ele havia tentado tanto suprimir, deslizaram de seus olhos. "Eu não consigo pensar em nada que pudesse te ajudar a ficar melhor tão rápido." Ele caminhou até a porta, então virou-se quando sua mão estava na maçaneta. "Eu te amo, La la la Lucy."

"Eu também te amo."

Gregory deve ter dito para os filhos se comportarem com decoro extra, Lucy pensou, porque quando eles entraram em seu quarto (e

adoravelmente do mais velho para o mais novo, os topos de suas

cabeças fazendo uma charmosa escadaria) fizeram-no muito

calmamente, encontrando seus lugares contra a parede, com as mãos entrelaçadas docemente na frente de seus corpos.

Lucy não tinha ideia de quem estas crianças eram. Seus filhos jamais ficaram tão sossegados.

"Está tão solitário aqui", disse ela, e teria havido uma queda em massa em cima da cama, se Gregory não tivesse saltado em direção ao motim com um contundente "Gentilmente!"

Embora em retrospecto, não era tanto sua ordem verbal que segurava o caos sob controle se não os seus braços, o que impediu pelo menos três crianças de se atirarem como bolas de canhão sobre o colchão.

"Mimsy não me deixa ver as bebês", Ben com quatro anos de idade, resmungou.

"É porque você não toma banho há quase um mês", retorquiu Anthony, dois anos mais velho que seu irmão, nascido quase no mesmo dia.

"Como isso é possível?" Gregory perguntou em voz alta.

231

"Ele é muito sorrateiro", Daphne informou. Ela estava rastejando como minhoca, tentando chegar mais perto de Lucy, então, suas palavras saíram abafadas.

"Como alguém pode ser sorrateiro com um cheiro assim?", Perguntou Hermione.

"Eu rolo em flores todos os dias", disse Ben maliciosamente.

Lucy parou por um momento, então decidiu que seria melhor não refletir cuidadosamente sobre o que seu filho tinha acabado de dizer.

"Er, que flores são essas?"

"Bem, não a roseira", ele disse a ela, soando como se não pudesse acreditar que ela realmente tinha perguntado.

Daphne se inclinou em direção a ele e deu uma fungadinha. "Peônias", ela anunciou.

"Você não pode dizer o que é apenas cheirando ele", disse Hermione indignada. As duas meninas estavam separadas por apenas um ano e meio, e quando elas não estavam sussurrando segredos, estavam

brigando como. . .

Bem, brigando como duas Bridgertons, realmente.

"Eu tenho um nariz muito bom", disse Daphne. Ela olhou para cima, à espera de alguém para confirmar isso.

"O cheiro de peônias é muito distinto", confirmou Katharine. Ela estava sentada ao pé da cama com Richard. Lucy se perguntou quando os dois tinham decidido que eram muito velhos para se empilhar junto aos outros. Eles estavam ficando tão grande, todos eles. Mesmo o pequeno Colin não se parecia mais com um bebê já fazia um tempo.

"Mamãe?", Disse ele tristemente.

"Vem cá, docinho", ela murmurou, estendendo a mão para ele. Ele era uma bolinha de manteiga, todo com essas bochechas rechonchudas e os joelhos trêmulos, e ela realmente achou que ele ia ser o último. Mas agora ela teve mais duas, enroladas em seus berços, ficando prontas para florescer em seus nomes.

Eloise Lucy e Francesca Hyacinth. Elas tinham uma quantidade tal de homônimas. "Eu te amo, mamãe", disse Colin, seu rostinho morno encontrando a curva de seu pescoço.

"Eu também te amo", Lucy engasgou. "Eu amo todos vocês."

232

"Quando você vai poder sair da cama?", Perguntou Ben.

"Eu não tenho certeza ainda. Eu ainda estou terrivelmente cansada.

Pode demorar algumas semanas. "

"Algumas semanas?", Ele repetiu, claramente horrorizado.

"Vamos ver", ela murmurou. Então ela sorriu. "Estou já me sentindo muito melhor."

E ela estava. Ela ainda estava cansada, mais do que ela jamais poderia se lembrar. Seus braços estavam pesados, e suas pernas sentia como se fossem troncos, mas seu coração estava leve e cheio de música.

"Eu amo todo mundo", ela anunciou de repente. "Você", ela disse para Katharine ", e você e você e você e você e você e você. E as duas bebês no berçário, também. "

"Você nem mesmo conheceu-as ainda," Hermione apontou.

"Eu sei que eu as amo." Ela olhou para Gregory. Ele estava de pé ao lado da porta, atrás onde nenhuma das crianças podia vê-lo. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. "E eu sei que eu te amo", disse ela em voz baixa.

Ele assentiu, então enxugou o rosto com as costas das mãos. "Sua mãe precisa descansar", disse ele, e Lucy se perguntou se as crianças ouviram o estrangulamento que existia na voz dele.

Mas, se ouviram, eles não disseram nada. Resmungaram um pouco,

mas saíram com quase tanto decoro como tinham mostrado no início.

Gregory foi o último, apontando a cabeça de volta para o quarto antes de fechar a porta. "Eu estarei de volta em breve", disse ele.

Ela assentiu como resposta, então afundou de volta na cama. "Eu amo todo mundo", disse ela novamente, gostando da forma como as palavras faziam ela sorrir. "Eu amo todo mundo."

E era verdade. Ela amava.

233

23 de junho de 1840

Cutbank Manor

Winkfield, Berks.

Querido Gareth

Estou retida em Berkshire. A chegada das gêmeas foi bastante dramática, e Lucy deve permanecer na cama por pelo menos um mês.

Meu irmão diz que ele pode viver sem mim, mas isso é tão falso que chega a ser ridículo. A própria Lucy me implorou para permanecer -

quando ele não podia ouvir, claro; deve-se sempre levar em conta as sensibilidades tenras dos homens de nossa espécie. (Eu sei que você vai me perdoar neste sentimento, mesmo que você deve admitir que as mulheres são muito mais úteis no quarto de alguém doente.)

Foi muito boa coisa que eu estivesse aqui. Não estou certo de que ela teria sobrevivido ao parto sem mim. Ela perdeu uma grande quantidade de sangue, e houve momentos em que não tínhamos certeza se ela iria acordar novamente. Eu resolvi então a dar-lhe algumas severas palavras, em privado. Não me lembro o fraseado preciso, mas eu poderia ter ameaçado mutilar ela. Eu também poderia ter dado ênfase à ameaça, acrescentando: "Você sabe que faria isso."

Eu estava, é claro, falando com a suposição de que ela estaria muito fraca para localizar a contradição essencial nessa minha declaração, se ela não acordasse, seria de muito pouca utilidade mutilá-la.

Você está rindo de mim agora, eu tenho certeza. Mas ela lançou um olhar cauteloso em minha direção quando ela despertou. E ela sussurrou também um muito sincero "Obrigada."

Então ficarei aqui mais um pouco. Eu sinto falta de você terrivelmente.

São momentos como estes que nos lembram o que é verdadeiramente importante na nossa vida. Lucy anunciou recentemente que ela ama a todos. Eu acredito que nós dois sabemos que eu nunca vou ter a paciência para tal coisa, mas eu certamente amo você. E eu amo ela.

E Isabella e George. E Gregory. E realmente, uma quantidade enorme de pessoas.

234

Eu sou uma mulher de sorte, na verdade.

Sua esposa tão amorosa,

Hyacinth

235

Violet

em flor

236

Nota da autora: *Romances, por definição, encerram-se ordenadamente.*

O herói e a heroína comprometeram-se em amor, e é claro que esse final feliz será para sempre. Isto significa, então, que um autor não pode escrever uma verdadeira sequência; se eu trouxesse de volta o mesmo herói e heroína de um livro anterior, eu teria que colocar o final feliz anterior em risco antes de lhes assegurar um outro.

Então séries de romance são ao invés disso, coleções de spin-offs (sub produtos) , com personagens secundários retornando para estrelar seus próprios romances, e protagonistas anteriores aparecendo por ocasionalmente quando necessário. Raramente um autor terá a chance de ter um personagem e vê-lo crescer ao longo de muitos livros.

Isto foi o que fez de Violet Bridgerton tão especial. Quando ela apareceu pela primeira vez em "O Duque e eu", ela era um tipo relativamente bidimensional, de mamãe padrão do período regencial. Mas ao longo de oito livros, ela tornou-se muito mais. Com cada novo Bridgerton, algo novo foi revelado, e no momento em que eu terminei "A caminho do Altar", ela se tornou minha personagem favorita na série. Leitores clamaram a mim para escrever um final feliz para Violet, mas eu não podia. Realmente, eu não poderia - eu realmente não acho que eu poderia escrever um herói bom o suficiente para ela. Mas eu também queria aprender mais sobre Violet, e foi um trabalho de amor escrever "Violet em flor." Eu espero que você goste.

Nota da tradutora: *Eu odeio ser repetitiva, mas esse livro me fez chorar, e mexeu com meu psicológico. No meio dele parei de ler e fiquei meses sem conseguir iniciar novamente a leitura. Todo mundo sabe o que acontece com Edmund Bridgerton a essa altura, não é? Nesse livro me apaixonei pelo patriarca dos Bridgertons. Eu tenho muito forte essa questão de empatia e acabei*

lendo o livro sob a perspectiva de Violet e não foi fácil. Retomei a leitura, lia um trecho, chorava, ficava dias sem ler e retornava, até que acabei. Talvez você ache que estou sendo dramática, mas depois de oito livros, oito epílogos se você não amar todos esses personagens deve estar havendo algum problema. E se você não sofrer juntamente com eles as dores, então.... talvez você seja apenas mais esperto do que eu, que fico aqui sofrendo horrores.

Apenas se prepare para ser forte, ou mantenha lenços ao seu redor enquanto lê a história de nossa mais que perfeita e querida Violet.

Surrey, Inglaterra

237

1774

"Elizabeth Violet! O que raios você pensa que está fazendo? "

Ao som da voz indignada de sua governanta, Violet Ledger fez uma pausa, considerando suas opções. Parecia haver pouca chance de que poderia alegar inocência completa; ela havia sido pega em flagrante, depois de tudo.

Ou melhor, com a mão na massa. Estava segurando uma torta de

amora incrivelmente aromática e o recheio ainda quente começou a escorrer da borda do prato.

"Violet. . . " Veio a voz severa da Srta Fernburst.

Ela poderia dizer que estava com fome. A senhorita Fernburst conhecia bem o suficiente o fato de que Violet era louca por doces.

Não estava totalmente fora do reino da possibilidade de que poderia fugir com uma torta inteira, para ser comida. . .

Onde? Violet pensou rapidamente. Pra onde é que alguém corre com uma torta inteira de amora? Não de volta para seu quarto; ela nunca seria capaz de esconder as provas. E a senhorita Fernburst nunca acreditaria que Violet seria burra o suficiente para fazer isso.

Não, se estivesse roubando uma torta, a fim de comê-la, ela iria levá-la para fora. Que era precisamente onde tinha ido. Apesar de não ser exatamente para comer essa torta.

Ela pode ainda tornar uma verdade nessa mentira.

"Gostaria de um pedaço torta, senhorita Fernburst?", Perguntou Violet docemente. Ela sorriu e piscou os olhos, bem consciente de que, apesar de seus oito anos e meio, ela não parecia ter mais de seis. Na maioria das vezes achava esse fato irritante, ninguém gostava de parecer um bebê, afinal de contas. Mas ela poderia passar por cima disso, usando sua estatura pequena para ter vantagem quando a situação justifica.

"Eu estou fazendo um piquenique", acrescentou Violet para esclarecimentos.

"Com quem?", Perguntou a senhorita Fernburst desconfiada.

"Oh, com minhas bonecas. Mette, Sonia ,Francesca e Fiona e Marie. . . "

Violet desfiou toda uma lista de nomes, criando alguns enquanto prosseguia. Ela tinha um número bastante absurdo de bonecas. Como a única criança na sua geração, apesar de ter uma série de tias e tios, 238

ela foi regada com presentes de forma regular. Sempre tinha alguém chegando para visitá-los em Surrey - a proximidade com Londres era simplesmente muito conveniente para qualquer um resistir - e parecia que bonecas eram dádivas du jour.

Violet sorriu. A senhorita Fernburst teria ficado muito orgulhosa dela, por estar pensando em francês. Era realmente muito ruim que não havia maneira de contar isso a ela.

"Senhorita Violet," a srta Fernburst disse com firmeza, "terá que devolver essa torta para a cozinha de uma vez por todas."

" *Tudooo* isso?"

"É claro que você tem que devolver tudo isso," A senhorita Fernburst disse com uma voz mais exasperada. "Você não tem sequer um utensílio para poder cortar um pedaço. Ou para comer. "

Era verdade. Mas as intenções de Violet para a torta não tinha

requerido utensílios de nenhum tipo. Ela já estava atolada até os joelhos nisso, então resolveu se afundar ainda mais respondendo: "Eu não poderia levar tudo. Estava planejando voltar para buscar os utensílios. "

"E deixar a torta no jardim para os corvos a consumirem?"

"Bem, eu realmente não tinha pensado nisso."

"Realmente não tinha pensado, sobre o quê?", Veio a voz profunda e em expansão que só poderia pertencer a seu pai. O Sr. Ledger se

aproximou. "Violet, o que raios você está fazendo na sala de visitas com uma torta?"

"Exatamente o que eu estou atualmente tentando verificar," A senhorita Fernburst disse rigidamente.

"Bem. . . " Violet estagnou, tentando não olhar ansiosamente para as portas francesas que conduziam ao gramado. Ela se abateu agora.

Nunca tinha sido capaz de gracejar ao seu pai. Ele via através de tudo.

Ela não sabia como ele conseguia isso; deveria ser algo em seus olhos.

"Ela disse que estava planejando um piquenique no jardim com suas bonecas," a Senhorita Fernburst relatou.

"Ah, Verdadeeee." Não era uma questão, era uma afirmação. Seu pai a conhecia muito bem para fazer esse tipo de pergunta.

239

Violet assentiu. Bem, um pequeno aceno de cabeça. Ou talvez mais de uma aprumada de queixo.

"Porque você sempre alimenta com comida de verdade a seus brinquedos", disse o pai.

Ela não disse nada.

"Violet", disse o pai severo " O que você estava planejando fazer com esta a torta?"

"Hum. . . " - Seus olhos não conseguiam parar de olhar uma mancha no chão cerca de seis metros à sua esquerda.

"Violet?"

"Só ia ser uma pequena armadilha", ela murmurou.

"Uma pequena o quê?"

"Uma armadilha. Para aquele menino Bridgerton ".

"Para aq-" Seu pai riu. Poderia se dizer que ele não tinha a intenção de, e depois que cobriu a boca com uma mão e uma tosse surgiu, seu rosto estava mais uma vez endurecido.

"Ele é horrível", disse ela, antes que ele pudesse repreendê-la.

"Oh, ele não é tão ruim."

"Ele é terrível, papai. Você sabe que ele é. E ele nem sequer vive aqui em Upper Smedley. Ele só está visitando. Você pensaria que ele saberia como se comportar devidamente, seu pai é um visconde, mas- "

"Violet. . . "

"Ele não é um cavalheiro", ela fungou.

"Ele tem nove anos."

"Dez", corrigiu ela empertigadamente. "E em minha opinião uma criança de dez anos de idade deve saber como ser um bom hóspede."

"Ele não é nosso hóspede", o pai apontou. "Ele está visitando os Millertons."

"Seja como for", disse Violet, pensando que gostaria muito de poder cruzar os braços. Mas ela ainda estava segurando essa torta maldita.

Seu pai esperou que ela terminasse o pensamento. Ela não o fez.

240

"Dê a torta a Srta Fernburst", seu pai ordenou.

"Ser um bom hóspede significa que você não deve se comportar horivelmente com os vizinhos," Violet protestou.

"A torta, Violet."

Ela entregou à senhorita Fernburst, que, com toda a verdade, não parecia muito estar querendo isso. "Devo levá-la de volta para a cozinha?", Perguntou a governanta.

"Por favor, sim", disse o pai de Violet.

Violet esperou até que a senhorita Fernburst tivesse desaparecido atrás da porta, então olhou para seu pai com uma expressão descontente.

"Ele colocou *flocos* e farinha no meu cabelo, Pai".

"*Flores?*", Ele repetiu. "As mulheres não gostam desse tipo de coisa?"

"Flocos, Pai! Flocos e ainda por cima, farinha! Aquele tipo que se usa para assar bolos! A senhorita Fernburst teve que lavar meu cabelo por 20 minutos apenas para tirar. E você, não ria! "

"Eu não estou rindo!"

"Você está", ela acusou. "Você quer. Eu posso ver isso em seu rosto. "

"Estou apenas querendo saber como o jovem conseguiu."

"Eu não sei," Violet grunhiu. O que era o pior insulto de todos. Ele conseguiu cobri-la toda com farinha e ela ainda não sabia como ele tinha conseguido isso. Em um minuto ela estava andando no jardim, e no próximo que ela tropeçou e. . .

Puf! Farinha para todo lado.

"Bem", disse o pai com naturalidade: "Eu acredito que ele vai embora no final da semana. Assim,

você não terá que suportar sua presença por muito mais tempo. Afinal, " -acrescentou- "Nós não estamos esperando visitar os Millertons esta semana, não é?"

"Nós não estávamos esperando visitá-los ontem", respondeu Violet, "e ele ainda conseguiu planejar e executar a coisa da farinha."

"Como você sabe que foi ele?"

"Oh, eu sei", disse ela sombriamente. Enquanto ela estava cuspiando e tossindo e se debatendo na nuvem de farinha, tinha o ouvido gargalhando em triunfo. Se não tivesse tanta farinha em seus olhos, ela

241

provavelmente teria o visto também, sorrindo daquela maneira de menino horrível tão dele.

"Ele parecia perfeitamente agradável, quando ele e Georgie Millerton vieram para o chá na segunda-feira."

"Não quando você não estava na sala."

"Oh. Bem. . . " O pai fez uma pausa, franzindo os lábios, pensativo. "Eu sinto muito ter que dizer isso, mas é uma lição de vida que você vai aprender em breve. Meninos são horríveis. "

Violet piscou. "Mas. . . mas. . . "

O Sr. Ledger deu de ombros. "Tenho certeza que sua mãe vai concordar."

"Mas você é um menino."

"E eu era horrível, eu lhe garanto. Pergunte a sua mãe. "

Violet olhou para ele, incrédulo. Era verdade que os seus pais se conheciam desde que eram crianças pequenas, mas ela não podia

acreditar que seu pai alguma vez se comportou mal com sua mãe. Ele era tão gentil e atencioso com ela agora. Ele estava sempre a beijar-lhe a mão e sorrindo para ela com os olhos.

"Ele provavelmente gosta de você", disse Ledger. "O menino Bridgerton", esclareceu ele, como se isso fosse necessário.

Violet deixou escapar uma exclamação horrorizada. "Oh, não, não gosta."

"Talvez não", disse o pai agradavelmente. "Talvez ele é simplesmente horrível. Mas ele provavelmente acha que você é bonita. Isso é o que os meninos fazem quando pensam que uma menina é bonita. E você sabe que acho que você é extraordinariamente bonita.

"Você é meu pai", disse ela, dando-lhe um olhar. Todo mundo sabe que os pais são obrigados a

pensar que suas filhas são belas.

"Eu vou te dizer o que farei", disse ele, inclinando-se e tocando-a delicadamente no queixo. "Se esse menino Bridgerton - Qual era o nome dele, mesmo?

"Edmund".

"Edmund, certo, é claro. Se Edmund Bridgerton incomoda-la novamente, chamarei pessoalmente ele para defender a sua honra ".

242

"Um duelo?" Violet respirou, cada centímetro dela formigando horrorizada de prazer.

"Para a morte", confirmou o pai. "Ou talvez apenas uma conversa dura.

Eu realmente prefiro não ir para a forca por executar um menino de nove anos de idade."

"Dez", Violet corrigiu.

"Dez. Você parece saber muito sobre o jovem Bridgerton. "

Violet abriu a boca para se defender, porque, afinal, não era como se ela pudesse ter evitado saber algumas coisas sobre Edmund Bridgerton; ela tinha sido forçada a sentar-se na mesma sala com ele por duas horas na segunda-feira. Mas ela poderia dizer que seu pai estava brincando com ela. Se ela dissesse mais alguma coisa, ele nunca iria parar.

"Posso ir para o meu quarto agora?", Perguntou ela afetadamente.

Seu pai assentiu com a cabeça. "Mas não haverá sobremesa esta noite."

A boca de Violet caiu. "Mas"

"Não há argumentos, por favor. Você estava muito preparada para sacrificar a torta esta tarde. Não parece justo que você deve ter agora que você foi contrariada ".

Violet apertou os lábios em uma linha amotinada. Ela deu um duro aceno de cabeça, em seguida, marchou em direção as escadas. "Eu odeio Edmund Bridgerton", ela murmurou.

"O que disse?", Seu pai chamou.

"Eu odeio Edmund Bridgerton!", Ela gritou. "E eu não me importo que as pessoas saibam!"

Seu pai riu, o que só a fez mais furiosa.

Os meninos eram realmente horríveis. Mas, especialmente Edmund

Bridgerton.

Londres

Nove anos depois

243

"Eu estou dizendo, Violet", disse Srta Mary Filloby com uma certeza pouco convincente, "é uma coisa boa não termos uma beleza arrebatadora. Faria tudo tão complicado. "

Complicado como? Violet queria perguntar. Porque de onde ela estava sentada (encostada na parede como um vaso de flor), observando as meninas que não eram vasos de flor), ter uma arrebatadora beleza não parecia ser uma coisa tão ruim.

Mas ela não se preocupou em perguntar. Ela não precisou. Mary levaria apenas um suspiro antes de gemer e suspirar: "Olhe para ela. Olhe para ela! "

Violet já estava olhando para ela.

"Ela tem oito homens a sua volta", disse Mary, sua voz em uma estranha combinação de espanto e desgosto.

"Eu contei nove," Violet murmurou.

Mary cruzou os braços. "Eu me recuso a incluir o meu próprio irmão."

Juntas, elas suspiraram, com seus olhos fixos sobre Lady Begonia Dixon, que, com sua boca rosada, olhos azul céu, e os ombros

inclinados perfeitamente, tinha encantado a metade masculina da sociedade de Londres há poucos dias de sua chegada na cidade. Seu cabelo era provavelmente glorioso, também, Violet pensou descontente.

Graças aos céus pelas perucas. Na verdade, elas foram grandes

niveladores, permitindo que as meninas com cabelos loiros cor de água de prato competissem com aqueles brilhantes, cabelos cacheados cor de ouro.

Não que Violet se importasse pelo fato de que seu cabelo louro era cor de água de prato. Era perfeitamente aceitável. E brilhante, até. Só não eram ondulados ou com a linda cor de fios de ouro.

"Há quanto tempo que estou sentada aqui?" Mary perguntou em voz alta.

"Três quartos de hora," Violet estimou.

"Tudo isso?"

Violet assentiu tristemente. "Temo que sim."

"Não há homens suficientes", disse Mary. Sua voz tinha perdido a força e ela parecia um pouco murcha. Mas era verdade. Não havia homens suficientes. Muitos tinham ido lutar nas colônias, e muitos não

voltaram. Acrescente a isso a complicação de ter ali Lady Begonia Dixon (nove homens perdidos para ela, deixando todas as outras a ver navios, Violet pensou melancolicamente), e a escassez era terrível, de fato.

"Eu dancei apenas uma vez durante toda a noite", disse Mary. Ela fez uma longa pausa e, então: "E você?"

"duas vezes", admitiu Violet. "Mas uma das vezes foi com o seu irmão."

"Oh. Bem, então isso não conta. "

"Sim, conta," Violet rebateu. Thomas Filloby era um cavalheiro com as duas pernas e todos os seus dentes, e, tanto quanto lhe dizia respeito, ele contou.

"Você nem gosta do meu irmão."

Não havia nada a dizer que não fosse rude ou uma mentira, por isso Violet apenas fez um movimento engraçado com sua cabeça que poderia ser interpretado de qualquer maneira.

"Eu gostaria que você tivesse um irmão", disse Mary.

"Assim, ele poderia pedir-lhe uma dança?"

Mary assentiu.

"Desculpe." Violet esperou um momento, para Mary dizer: "Não é sua culpa", mas a atenção de Mary finalmente tinha sido arrancada de Lady Begonia Dixon, e ela estava apertando os olhos para alguém que estava perto da mesa de limonada.

"Quem é esse?", Perguntou Mary.

Violet inclinou a cabeça para o lado. "O Duque de Ashbourne, eu acredito."

"Não, não é ele", disse Mary, impaciente. "Aquele que está ao lado dele."

Violet balançou a cabeça. "Eu não sei." Ela não conseguiu dar uma boa olhada para o cavalheiro em questão, mas ela tinha certeza de que não o conhecia. Ele era alto, embora não excessivamente, e ele estava parado com a graça atlética de um homem que estava perfeitamente à vontade com seu próprio corpo. Ela não precisava ver o rosto de perto para saber que ele era bonito. Porque, mesmo que ele

não fosse

elegante, mesmo que seu rosto não tivesse saído de um sonho de

Michelangelo, ele ainda seria bonito.

245

Ele parecia muito confiante, e homens com confiança eram sempre bonitos.

"Ele é novo", disse Mary avaliando.

"Dê a ele alguns minutos", disse Violet com uma voz seca. "Ele vai descobrir Lady Begonia no devido tempo."

Mas o cavalheiro em questão não pareceu notar Lady Begonia,

extraordinário isso parecia, na verdade. Ele demorou-se na mesa de limonada, bebeu seis copos, em seguida, caminhou até o buffet, onde ele engoliu uma quantidade surpreendente de alimentos. Violet não sabia por que ela estava seguindo todo o progresso dele através da sala, exceto que ele era novo, e ela estava entediada.

E ele era jovem. E bonito.

Mas, principalmente, porque ela estava entediada. Mary tinha sido convidada a dançar por seu primo de terceiro grau, e assim Violet havia sido deixada sozinha tomando chá de cadeira e sentindo-se invisível como um dos floreiros, sem nada para fazer além de contar o número de canapés que o novo cavalheiro tinha comido.

Onde estava sua mãe? Certamente que era hora de partir. O ar estava pesado, e ela estava com calor, e não parecia que estava indo ganhar uma terceiro dança, e-

"Olá!", Disse uma voz. "Eu conheço você."

Violet piscou, olhando para cima. Era ele! O vorazmente esfomeado cavalheiro que comeu doze canapés!

Ela não tinha ideia de quem ele era.

"Você é a senhorita Violet Ledger", disse ele.

Senhorita Ledger, na verdade, já que ela não tinha nenhuma irmã mais velha, mas ela não o corrigiu. O uso de seu nome completo parecia indicar que ele havia conhecido-a há algum tempo, ou talvez tivesse conhecido-a muito tempo atrás.

"Eu sinto muito", murmurou, porque ela nunca tinha sido boa em fingir que conhecia as pessoas, "Eu n. . . "

"Edmund Bridgerton", disse ele com um sorriso fácil. "Eu a conheci anos atrás. Eu estava visitando George Millerton." Ele olhou ao redor da sala. "Eu digo, você já o viu? Ele deveria estar aqui ".

246

"Er, sim", respondeu Violet, um tanto surpresa com a amabilidade sociável do Sr. Bridgerton. As pessoas em Londres não eram, em geral tão amigáveis. Não que ela se importasse muito. Era só que ela não tinha se acostumado.

"Nós combinamos de nos encontrar aqui", disse o Sr. Bridgerton distraidamente, ainda olhando a sua volta.

Violet limpou a garganta. "Ele está aqui. Eu dancei com ele mais cedo ".

O Sr. Bridgerton considerou isso por um momento, depois se sentou na cadeira ao lado dela. "Eu acho que não a vejo desde que eu tinha dez anos"

Violet ainda estava tentando lembrar.

Ele sorriu para ela um sorriso torto. "Eu peguei você com minha bomba de farinha."

Ela engasgou. "Ah era você?"

Ele sorriu novamente. "Agora você se lembra."

"Eu tinha esquecido o seu nome", disse ela.

"Estou arrasado."

Violet virou-se em seu assento, sorrindo apesar de tudo. "Eu estava com tanta raiva. . . "

Ele começou a rir. "Você precisava ter visto seu rosto."

"Eu não conseguia ver nada. Eu tinha farinha nos meus olhos ".

"Fiquei surpreso que você nunca se vingou."

"Eu tentei", assegurou ela. "Meu pai me pegou bem a tempo."

Ele acenou, como se ele tivesse alguma experiência com este tipo particular de frustração. "Acredito que teria sido algo magnífico."

"Eu acredito que envolveu uma torta."

Ele assentiu com a cabeça em aprovação.

"Teria sido brilhante", ela disse a ele.

Ele arqueou uma sobrancelha. "Morango?"

"Amoras Pretas", disse ela, com a voz diabólica apenas com a memória disso.

247

"Ainda melhor." Ele sentou-se, de forma mais confortável. Havia algo tão solto e ágil nele, como se encaixasse perfeitamente em qualquer situação. Sua postura era tão correta como de qualquer cavalheiro, e ainda. . .

Ele era diferente.

Violet não tinha certeza de como descrevê-lo, mas havia algo nele que a colocava à vontade. Ele a fez se sentir feliz. Livre.

Porque ele era. Levou apenas um minuto ao seu lado para perceber que ele era a pessoa mais feliz e livre que ela poderia ter encontrado.

"Alguma vez você encontrou oportunidade de colocar a sua arma em ação?", ele perguntou.

Ela olhou para ele com curiosidade.

"A torta", lembrou ele.

"Oh. Não. Meu pai teria arrancado minha cabeça. E, além disso, não havia ninguém para atacar. "

"Certamente você poderia ter encontrado uma razão para ir atrás de Georgie", disse O Sr. Bridgerton.

"Eu não ataco sem provocação", disse Violet com o que esperava ser um sorriso provocador ", e Georgie Millerton nunca me enfarinhou."

"Uma lady de espírito justo", disse O Sr. Bridgerton. "O melhor tipo."

Violet sentiu suas bochechas se tornarem ridiculamente quente. Graças a Deus o sol quase já tinha se posto e não havia muita luz para entrar através das janelas. Com apenas as velas tremeluzentes para iluminar o salão, talvez ele não percebesse o quão rosa seu rosto corou.

"Nenhum irmão ou irmã para ganhar a sua ira?", Perguntou O Sr.

Bridgerton. "Parece uma pena deixar uma perfeita e boa torta ir para o lixo."

"Se bem me lembro", respondeu Violet, "ela não foi para o lixo. Todos tiveram um pedaço na sobremesa naquela noite, exceto eu. E de

qualquer maneira, eu não tenho irmãos ou irmãs. "

"Sério?" Ele franziu o cenho. "É estranho que eu não me lembro disso sobre você."

"E você se lembra muito?", Ela perguntou com ar de dúvida. "Porque eu.

.. "

248

"Não?", Ele terminou por ela. Ele riu. "Não se preocupe. Eu não tomo isso como insulto. Nunca me esqueço de um rosto. É um dom e uma maldição. "

Violet pensou em todas as vezes, incluindo esse momento, que ela não lembrava o nome da pessoa na frente dela. "Como pode uma coisa dessas ser uma maldição?"

Ele se inclinou em sua direção virando a cabeça como se estivesse a paquerar. "Tem-se o coração quebrado, você sabe, quando as mulheres bonitas não lembram seu nome também."

"Oh!" Ela sentiu seu rosto corar. "Eu sinto muito, mas você deve entender, foi há muito tempo, e-"

"Pare", disse ele, rindo. "Eu estava apenas brincando."

"Oh, é claro." Ela cerrou os dentes. É claro que ele estava brincando.

Como podia ter sido tão idiota para não perceber isso. Embora. . .

Por acaso ele simplesmente a chamou de *bonita*?

"Você estava dizendo que você não tem irmãos", disse ele, habilmente voltando a conversa para seu ponto anterior. E, pela primeira vez, ela sentiu como tivesse toda a atenção dele. Ele não tinha um olho no meio da multidão, de braços cruzados a procura de George Millerton. Ele estava olhando para ela, diretamente em seus olhos, e era terrivelmente espetacular.

Ela engoliu em seco, lembrando sua pergunta dois segundos tarde demais para uma resposta suave. "Nenhum irmão", disse ela, com a voz que saiu muito rápido para compensar o seu atraso. "Eu fui uma criança difícil."

Seus olhos se arregalaram, quase excitadamente. "Sério?"

"Não, eu quero dizer, eu fui um bebê difícil. Para nascer." Meu Deus, o que acontecia com as habilidades verbais dela?

"O médico disse à minha mãe para não ter mais." Ela engoliu miseravelmente, determinada a encontrar seu cérebro novamente. "E

você?"

"E eu?", Ele provocou-a.

"Você tem irmãos?"

"Três. Duas irmãs e um irmão. "

249

O pensamento de três pessoas a mais em sua infância muitas vezes solitária, de repente soou maravilhoso. "Vocês são próximos?", Perguntou ela.

Ele pensou por um momento. "Eu acho que sim. Eu realmente nunca pensei sobre isso. Hugo é completamente o meu oposto, mas eu ainda o considero meu amigo mais próximo ".

"E suas irmãs? Elas são mais jovens ou mais velhas? "

"Um de cada. Billie é sete anos mais velha que eu. Ela está finalmente se casada, então eu não a vejo muito, mas Georgiana é apenas um pouco mais jovem. Ela tem provavelmente a sua idade. "

"Ela não está aqui em Londres, então?"

"Ela vai debutar no próximo ano. Meus pais afirmam que eles ainda estão se recuperando do debute de Billie. "

Violet sentiu as sobrancelhas levantar, mas ela sabia que não deveria-

"Você pode perguntar," ele disse a ela.

"O que ela fez?", Disse ela imediatamente.

Ele se inclinou com um brilho conspiratório nos olhos. "Eu nunca soube todos os detalhes, mas eu ouvi algo sobre um incêndio." Violet prendeu a respiração, em estado de choque e admiração.

"E um osso quebrado", acrescentou.

"Oh, coitadinha."

"um osso quebrado.... não dela."

Violet sufocou uma risada. "Ah, não. Eu não deveria- "

"Você pode rir", ele disse a ela.

Ela riu. explodiu em uma gargalhada, alta e adorável, e quando percebeu que as pessoas estavam olhando para ela, e ela não se importou.

Eles sentaram-se juntos por alguns momentos, o silêncio entre eles tão amistoso como um nascer do sol.

Violet manteve os olhos sobre os senhores e senhoras que dançam na frente dela; de alguma forma ela sabia que se ela se atrevesse a virar e olhar para o Sr. Bridgerton, ela não seria mais capaz de desviar o olhar.

250

A música chegou ao fim, mas quando ela olhou para baixo, seus dedos estavam dando batidinhas. E os dele também, e então-

"Er, bem, senhorita Ledger, gostaria de dançar?"

Ela virou-se então, e olhou para ele. E era verdade, ela percebeu; ela não seria capaz de desviar o olhar. Não de seu rosto, e não a partir da vida que se estendia à sua frente, tão perfeita e linda como aquela torta de amora de tantos anos atrás.

Ela pegou a mão dele e isso parecia como uma promessa. "Não há nada mais que eu prefira fazer."

Em algum lugar em Sussex

Seis meses mais tarde

"Para onde estamos indo?"

Violet Bridgerton era agora Violet *Bridgerton* há precisamente oito horas e, até agora, ela estava gostando muito de seu novo sobrenome.

"Oh, é uma surpresa", disse Edmund, sorrindo como um lobo esfomeado para ela do outro lado da carruagem.

Bem, não exatamente do outro lado da carruagem. Ela estava perto, praticamente em seu no colo.

E. . . agora ela estava em seu colo.

"Eu amo você", disse ele, rindo enquanto ela gritava de surpresa.

"Não tanto quanto eu te amo."

Ele deu-lhe o seu melhor olhar de condescendência. "Você apenas acha que sabe o que está falando"

Ela sorriu. Não foi a primeira vez que tinham tido essa conversa.

"Muito bem", ele permitiu. "Você pode me amar mais, mas eu vou te amar melhor." Ele esperou um momento.

"Você não vai perguntar o que isso significa?"

Violet pensou em todas as maneiras que ele já a tinha amado. Eles não haviam precedido seus votos matrimoniais, mas eles não tinham sido precisamente castos.

Ela decidiu que era melhor não perguntar. "Apenas me diga para onde estamos indo", disse ela em vez disso.

Ele riu, deixando um de seus braços abraçar ao seu redor. "Para nossa lua-de-mel", ele murmurou, suas palavras caindo quente e deliciosamente sobre a pele dela.

"Mas para onde?"

"Tudo a seu tempo, minha querida senhora Bridgerton. Tudo a seu tempo ".

Ela tentou fugir de volta para seu próprio lado da carruagem, era, recordou-se, a coisa certa a fazer, mas ele não pensava absolutamente nisso, e apertou o cerco com o braço. "Onde você pensa que está indo?", Ele rosnou.

"Esse é o ponto. Eu não sei pra onde estou indo! "

Edmund riu disso, um riso grande e farto e tão perfeitamente, esplendidamente aquecido. Ele estava tão feliz. Ele a fazia feliz. A mãe de Violet havia declarado que ele era muito jovem, que ela deveria procurar um cavalheiro mais maduro, de preferência um que já

usufruíra seu título. Mas a partir daquele brilhante primeiro momento, no salão de dança, quando sua mão encontrou a dele e ela olhou pela primeira vez verdadeiramente dentro de seus olhos, Violet não podia imaginar uma vida com ninguém mais, além de Edmund Bridgerton.

Ele era sua outra metade, o lar que ela foi feita para abrigar-se. Eles seriam jovens juntos, e então eles iriam envelhecer juntos. Eles dariam as mãos, e se mudariam para o campo, e fariam muitos e muitos bebês.

Nenhum lar solitário para seus filhos. Ela queria um bando deles. Um bando. Ela queria barulho e risadas, e tudo o que Edmund a fazia sentir, com ar fresco, e tortas de morango, e Bem, e as viagens ocasionais para Londres. Ela não era tão rústica que não desejava ter seus vestidos feitos por Madame Lamontaine. E é claro que ela não poderia passar um ano completo sem uma visita à ópera.

Mas fora isso, uma festa aqui e ali; ela faria como companhia - ela queria a maternidade.

Ansiava isso.

Mas ela não tinha percebido o quão desesperadamente ela queria até que conheceu Edmund. Era como se algo dentro dela estivesse retendo isso, não permitindo que ela desejasse bebês até que ela tivesse encontrado o único homem com quem ela poderia se imaginar fazendo esses bebês.

"Estamos quase lá", disse ele, olhando para fora da janela.

"E isso seria. . . ? "

A carruagem já tinha diminuído o ritmo; agora tinha acabado de parar, e Edmund olhou para cima com um sorriso maroto. "Aqui," ele terminou a frase dela.

A porta se abriu, e ele desceu, estendendo a mão para ajudá-la a descer também. Ela deu um passo cuidadosamente - a última coisa que ela queria era cair de bruços no chão em sua noite de núpcias, então olhou para cima.

"A pousada: *A lebre e os cães de caça?*", Ela perguntou sem entender.

"A própria", ele disse com orgulho. Como se não houvesse uma centena de pousadas espalhadas por toda a Inglaterra que pareciam exatamente o mesmo.

Ela piscou. Várias vezes. "Uma pousada?"

"De fato." Ele se inclinou para falar conspiratório em seu ouvido. "Eu suponho que você está se perguntando por que eu escolhi tal local."

"Bem. . . Sim. " Não é que havia algo de errado com uma pousada. Ela certamente parecia bem conservada do lado de fora. E se ele a levara até ali, deveria ser limpo e confortável.

"Aqui está o problema", disse ele, trazendo-lhe a mão aos lábios. "Se nós formos para casa, terei de lhe apresentar a todos os funcionários. É

claro que há apenas seis, mas ainda assim. . . seus sentimentos ficarão terrivelmente feridos se não esbanjar a quantidade adequada de

atenção sobre eles. "

"É claro", disse Violet, ainda um pouco impressionada com o fato de que ela logo seria dona de sua própria casa. O pai de Edmund havia lhe dado uma pequena casa senhorial confortável, apenas um mês antes.

Não era grande, mas era deles.

"Para não mencionar," Edmund acrescentou, "que quando nós não descermos para o café da manhã de amanhã, ou no próximo. . ." Ele 253

parou por um momento, como se ponderando algo terrivelmente

importante, antes de terminar "ou no próximo. . . "

"Nós não vamos descer para café da manhã?"

Olhou-a nos olhos. "Oh, não."

Violet corou. Até ao as pontas dos dedos dos pés.

"Não por pelo menos uma semana."

Ela engoliu em seco, tentando ignorar as ondas inebriantes de antecipação que foram desvendando dentro dela. "Então você vê", disse ele com um sorriso lento, "se nós passarmos uma semana, ou realmente, talvez duas"

"Duas semanas?", Ela disse quase sem voz.

Ele deu de ombros carinhosamente. "É possível."

"Oh meu..."

"Você acabaria terrivelmente envergonhada na frente dos funcionários."

"Mas você não" disse ela.

"Não é o tipo de coisa que os homens acham constrangedor", disse ele modestamente.

"Mas aqui em uma pousada. . . ", Disse.

"Podemos permanecer em nosso quarto durante todo o mês, se quisermos, partir e nunca mais por os pés por aqui!"

"Um mês?", Ela repetiu. Neste ponto, ela não podia ter certeza se ela tinha corado ou empalidecido.

"Eu poderia fazer isso caso você queira", disse ele diabolicamente.

"Edmund!"

"Oh, muito bem, acho que pode haver uma ou duas coisas para as quais vamos ter de mostrar nossas caras antes da Páscoa."

"Edmund. . . "

"E é Sr. Bridgerton para você."

"Tão formal?"

"Só porque assim, eu poderei lhe chamar de Sra *Bridgerton*."

Memorável, como ele podia fazê-la tão ridiculamente feliz com uma única frase.

"Vamos entrar de uma vez?", Ele perguntou, levantando a mão prontamente. "Está com fome?"

"Er, não", disse ela, mesmo que estava, um pouco.

"Graças a Deus."

"Edmund!", Ela riu, porque agora ele estava andando tão rápido que ela teve que pular para manter-se com ele.

"Seu marido", disse ele, elaborando com o expresso propósito (ela tinha certeza) de fazê-la colidir com ele, "é um homem muito impaciente."

"É mesmo?", Ela murmurou. Ela estava começando a se sentir feminina e poderosa.

Ele não respondeu; eles já tinham alcançado a mesa do gerente, e Edmund estava confirmando os arranjos.

"Você se importa se eu não carregá-la pelas escadas?", Perguntou assim que tinha terminado. "Você é leve como uma pena, é claro, e eu sou suficiente viril"

"Edmund!"

"É só que eu estou um pouco com pressa."

E seus olhos, oh, os seus olhos encheram-se de milhares de promessas, e ela queria conhecer cada uma delas.

"Eu estou, também," ela disse suavemente, colocando a mão na dele.

"bastante."

"Ah, inferno", disse ele com a voz rouca, e ele levantou-a nos braços.

"Eu não consigo resistir."

"Até a borda teria sido suficiente", disse ela, rindo todo o caminho até as escadas.

"Não para mim." Ele chutou a porta do quarto, em seguida, jogou-a na cama para que ele pudesse fechar e trancar a porta atrás deles.

Ele desceu sobre ela, movendo-se com uma graça felina que ela nunca tinha visto nele antes. "Eu amo você", disse ele, seus lábios tocando os dela enquanto suas mãos estavam debaixo de sua saia.

"Eu te amo mais", ela suspirou, porque as coisas que ele estava fazendo, deveriam ser ilegais.

"Mas eu. . .", Ele murmurou, beijando todo o caminho até a sua perna e então Deus do céu! Voltando-o todo novamente.

"Eu vou te amar melhor."

As roupas pareciam estar voando para longe, mas ela não sentiu

nenhuma modéstia. Foi surpreendente, o fato dela estar debaixo desse homem, que ela pudesse vê-lo olhando para ela, vendo tudo dela, e ela não sentiu nenhuma vergonha, nenhum desconforto.

"Oh Deus, Violet", ele gemeu, posicionando-se desajeitadamente entre as suas pernas. "Eu tenho que te dizer, eu não tenho muita experiência com isso."

"Eu também não", ela ofegou.

"Eu nunca fiz-"

Isso chamou a atenção dela. "Você nunca?"

Ele balançou a cabeça em negação. "Eu acho que estava esperando por você."

Conteve o fôlego e, em seguida, com um lento, derretido sorriso, ela disse: "Para alguém que nunca fez, você é bastante bom no que faz."

Por um momento ela pensou ter visto lágrimas nos olhos dele, mas, em seguida, exatamente assim, elas se foram, substituídas por um

perverso, um perverso brilho. "Eu pretendo melhorar com a idade", disse a ela.

"Assim como eu", ela retrucou, assim bem maliciosamente.

Ele riu, e então ela riu, e eles se juntaram.

E, embora fosse verdade que ambos ficaram melhor com a idade, a primeira vez, no mais elegante colchão de penas da pousada "A lebre e o cão de caça"...

Foi maravilhosamente bom.

No momento em que Violet ouviu Eloise gritar, sabia que algo estava terrivelmente errado.

Não era pelo fato de que não estava acostumada a ouvir seus filhos gritarem. Eles gritavam o tempo todo, em geral, um para o outro. Mas este não era um berro, era um grito. E não nasceu de raiva ou frustração ou uma sensação equivocada de injustiça.

Era um grito de terror.

Violet correu pela casa, com uma velocidade que deveria ter sido impossível aos oito meses de sua oitava gravidez. Ela desceu as escadas, através do grande salão. Ela passou pela entrada, descendo as escadas pórtico. . .

E o tempo todo, Eloise não parava de gritar.

"-O que foi?", Ela suspirou, quando finalmente pode espiar o rosto de sua pequena filha de sete anos. Ela estava em pé na beira do gramado oeste, perto da entrada para o labirinto de cerca viva, e ela continuava gritando.

"-Eloise", Violet implorou, tomando seu rosto entre as mãos. "-Eloise, por favor, diga-me o que está errado."

Os gritos de Eloise deram lugar a soluços e ela colocou as mãos sobre os ouvidos, sacudindo a cabeça mais e mais.

"-Eloise, você precisa:" As palavras de Violet interromperam-se bruscamente. O bebê que ela carregava já estava muito pesado, e a dor que atravessou seu abdômen a atingiu como uma rocha. Ela respirou fundo, tentando abrandar-lhe a pulsação, e colocou as mãos sob sua barriga, tentando apoiá-la do lado de fora.

"Papai!" Eloise choramingava. Era a única palavra que ela parecia capaz de formar através de seus gritos. Um soco frio de medo pousou no peito de Violet. "O que você quer dizer?"

"Papa", Eloise engasgou. "Papapapapapapapapa-"

Violet lhe esbofeteou. Seria a única vez em que ela iria bater em uma criança.

257

Os olhos de Eloise foram pra longe enquanto ela puxava uma enorme lufada de ar. Ela não disse nada, mas virou a cabeça em direção à entrada do labirinto. E foi aí que Violet viu.

Um pé.

"Edmund?", Ela sussurrou. E então ela gritou ele.

Ela correu em direção ao labirinto, para o pé que estava saindo da entrada, anexado a uma perna,

ligado a um corpo, que estava caído no chão.

Não se movendo.

"Edmund, oh Edmund, oh Edmund", disse ela, mais e mais, algo entre um gemido e choro.

Quando chegou a seu lado, ela sabia. Ele se foi. Ele estava deitado de costas, com os olhos ainda abertos, mas ele não estava ali. Ele se foi.

Ele tinha 39 anos de idade, e ele se foi.

"O que aconteceu?", Ela sussurrou, tocando-o freneticamente, apertando o braço dele, seu pulso, sua bochecha. Sua mente sabia que não podia trazê-lo de volta, até mesmo seu coração sabia isso também, mas de alguma forma suas mãos não aceitavam. Ela não conseguia

parar de tocá-lo. . . cutucando, cutucando, puxando, e todo o tempo chorando.

"Mamãe?"

Era Eloise, que chegou atrás dela. "Mamãe?"

Ela não podia se virar. Ela não podia fazê-lo. Ela não conseguia olhar para o rosto de sua criança, sabendo que ela era agora não teria mais o pai.

"Foi uma abelha, Mamãe. Ele foi picado por uma abelha ".

Violet ficou muito quieta. Uma abelha? O que ela quis dizer, com uma abelha? Todo mundo era picado por uma abelha em algum momento de suas vidas. Inchava, ficava vermelho, doía.

Mais isso não matava.

"Ele disse que não era nada", disse Eloise, com a voz trêmula. "Ele disse que nem sequer doía."

Violet olhou para seu marido, sua cabeça se movendo de um lado para outro em negação. Como poderia não ter doído? Isso o havia matado.

258

Ela moveu os lábios, tentando formar uma pergunta, tentando fazer um maldito som, mas tudo o que saiu foi: "Ma-mas-ma-ma" E ela nem sequer sabia o que ela estava tentando perguntar . Mas, quando isso aconteceu? Mas, O que mais ele disse? Mas, onde foi?

E será que isso importa? Será que alguma dessas perguntas importavam?

"Ele não conseguia respirar", disse Eloise. Violet podia sentir a presença cada vez mais forte de sua

filha, e, em seguida, em silêncio, a mão de Eloise entrou por debaixo da dela.

Violet a apertou.

"Ele começou a fazer esse som" -Eloise tentou imitar, como se estivesse sufocando. "E depois. . . Oh, mamãe. Oh, mamãe!" Ela se jogou contra o lado de Violet, enterrando seu rosto onde seria a curva de seu quadril.

Mas agora havia apenas uma barriga, um enorme, enorme barriga, com uma criança que nunca conheceria o seu pai.

"Eu preciso sentar," Violet sussurrou. "Eu preciso sentar e-" Ela desmaiou. Eloise suavizou a queda.

Quando Violet voltou a si, ela estava cercada de criados. Todos estavam em estado de choque e tristeza. Alguns não conseguiam a olhar

diretamente.

"Precisamos levá-la na cama", a governanta disse rapidamente. Ela olhou para cima. "Já temos uma maca?"

Violet balançou a cabeça enquanto ela permitiu que um laçao ajudasse a se sentar. "Não, eu posso andar."

"Eu realmente acho que-"

"Eu disse que eu posso andar", ela retrucou. E então algo explodiu dentro dela. Ela deu um suspiro profundo e involuntário.

"Deixe-me ajudá-la", disse o mordomo suavemente. Ele deslizou o braço ao redor dela de volta e, cuidadosamente, ajudou-a a ficar em pé.

"Eu não posso, mas Edmund. . ." Ela se virou para olhar de novo, mas ela não teve coragem de continuar. Não podia ser ele, ela disse a si mesma. Isso não podia ter acontecido com ele.

Ele não era assim, não era o tipo de coisa que acontecia com Edmund.

259

Ela engoliu em seco. "Eloise?", Perguntou ela.

"Nanny já a levou", disse a governanta, movendo-se para outro lado de Violet.

Violet assentiu.

"Minha senhora, temos de levá-la para a cama. Não é bom para o bebê.

Violet colocou a mão em sua barriga. O bebê estava chutando como um louco. O que era fazia parte dessa gravidez. Este bebê chutava, socava, rolava e se agitava sem. Era bastante diferente dos outros. E era uma coisa boa, ela supunha. Este teria que ser forte.

Ela sufocou o choro. Ambos teriam que ser forte.

"Você disse alguma coisa?", Perguntou a governanta, conduzindo-a para a casa. Violet balançou a cabeça. "Eu preciso me deitar", ela sussurrou.

A governanta assentiu, então se virou para um laçao com um olhar urgente. "Chame a parteira."

Ela não precisou da parteira. Ninguém podia acreditar, dado o choque que ela teve e o estado avançado de sua gravidez, mas o bebê se recusou a ceder. Violet passou mais de três semanas na cama,

comendo, porque ela tinha que comer, e tentando lembrar-se de que deveria ser forte. Edmund se foi, mas ela tinha sete crianças que precisavam dela, oito incluindo a teimosa em sua barriga.

E então, finalmente, depois de um parto rápido e fácil, a parteira anunciou: "É uma menina", e colocou um pequeno pacote silencioso nos braços de Violet.

Uma menina. Violet não conseguia acreditar. Ela tinha se convencido de que seria um menino. Ela iria chamá-lo de Edmund, a alfabetização A a G de seus primeiros sete filhos que se danasse. Ele seria chamado Edmund, e ele seria parecido com Edmund, porque certamente essa era a única maneira que ela seria capaz de ver tudo isso fazendo sentido.

Mas era uma menina, uma coisa pequenina e rosada que não tinha

feito um som depois do seu choro inicial.

"Bom dia", disse Violet para ela, porque ela não sabia mais o que dizer.

Ela olhou para baixo e viu sua face - pequena e um pouco redonda, mas definitivamente não era um Edmund.

260

A bebê olhou para ela, diretamente em seus olhos, mesmo que Violet soubesse que isso não podia ser verdade. Bebês não fazem isso tão logo após o nascimento. Violet deveria saber; esta era a sua oitava.

Mas esta aqui. . . Ela não parecia perceber que não podia olhar sua mãe assim. E então ela piscou. Duas vezes. Ela fez isso com de forma deliberada e surpreendente, como se dissesse: *Eu estou aqui. E eu sei exatamente o que estou fazendo.*

Violet prendeu a respiração, tão totalmente e inesperadamente

apaixonada que ela mal podia suportar. E, em seguida, a bebê soltou um grito como nada que ela já tinha ouvido. Ela chorava tão forte que a parteira deu um salto. Ela gritou e gritou e gritou e a parteira se contorcia, e as empregadas vieram correndo, e Violet não podia fazer nada além de rir.

"Ela é perfeita", declarou, tentando prender a minúscula fadinha em seu peito. "Ela é absolutamente perfeita."

"Como se chamará?", Perguntou a parteira, uma vez que a bebê decidiu se ocupar tentando conhecer a enfermeira.

"Hyacinth" Violet decidiu. Era a flor favorita de Edmund, especialmente os pequenos jacintos que apareciam a cada ano para saudar a

primavera. Elas marcaram o novo nascimento da paisagem, e este

jacinto -a sua Hyacinth, ela seria o novo nascimento de Violet.

O fato de que, com um H, ela seguiria perfeitamente depois de Anthony, Benedict, Colin, Daphne, Eloise, Francesca, e Gregory. . . Bem, simplesmente fez tudo o mais perfeito.

Houve uma batida na porta, e a Babá Pickens enfiou a cabeça. "As meninas gostariam de ver Sua Senhoria", disse ela para a parteira. "Se ela estiver pronta."

A parteira olhou para Violet, que assentiu. A Babá conduziu as três garotas para dentro, com um severo: "Lembre-se do que falamos. Não cansem a mãe de vocês. "

Daphne se aproximou da cama, seguida por Eloise e Francesca. Elas possuíam essa espessa cabeleira castanha de Edmund - todos os seus filhos tinham- e Violet se perguntou se Hyacinth também os herdaria.

Agora ela possuía apenas o tufo mais ínfimo de penugem cor de pêssego.

"É uma menina?", Perguntou abruptamente Eloise.

261

Violet sorriu e mudou de posição para mostrar a nova bebê. "É sim."

"Oh, graças a Deus", disse Eloise com um suspiro dramático.

"Precisávamos de outra garota."

Ao lado dela, Francesca assentiu. Ela era o que Edmund sempre

chamava de "gêmea acidental da Eloise." Elas compartilhavam o aniversário, as duas, um ano de diferença. Aos seis anos, Francesca geralmente seguia o exemplo de Eloise. Eloise era mais alta, mais ousada. Mas de vez em quando Francesca surpreendia a todos eles e fazia algo completamente só dela.

Não desta vez, no entanto. Ela estava ao lado de Eloise, segurando sua boneca de pano, concordando com tudo o que sua irmã mais velha

dizia.

Violet olhou para Daphne, sua filha mais velha. Ela tinha quase onze, certamente idade suficiente para segurar um bebê. "Você quer pegá-

la?", Perguntou Violet.

Daphne balançou a cabeça. Ela estava piscando rapidamente, sempre fazia isso quando estava perplexa, e depois, de repente, levantou-se bem reta. "Você está sorrindo", disse ela.

Violet olhou de volta para Hyacinth que estava encostada em seu peito dormindo bem profundamente agora. "Eu estou", ela disse e podia ouvir em sua voz. Tinha esquecido como sua voz soava quando tinha um

sorriso nela.

Você não sorria desde que papai morreu", disse Daphne.

"Não?" Violet olhou para ela. Seria possível? Ela não sorriu em três semanas? Isso não soava estranho. Seus lábios formaram a curva para fora da memória, talvez com um pouco de alívio, como se estivessem entregando-se a uma memória feliz.

"Você não sorriu", confirmou Daphne.

Ela deveria estar certa, Violet percebeu. Se ela não tivesse conseguido sorrir para seus filhos, certamente não teria sorrido, quando sozinha. A dor que ela estava sentindo. . . tinha se escancarado ante ela, engolindo-a por inteiro. Tinha sido, uma coisa física pesada, fazendo-a cansada, segurando-a para baixo.

Ninguém podia sorrir por isso.

"Qual é o nome dela?" Perguntou Francesca

262

"Hyacinth." Violet mudou de posição para que as meninas pudessem ver o rosto da bebê. "O que você acha?"

Francesca inclinou a cabeça para o lado. "Ela não se parece com uma flor *Jacinto*" Francesca

declarou.

"Sim, se parece", Eloise disse rapidamente. "Ela é muito rosa."

Francesca deu de ombros, admitindo o ponto.

"Ela nunca vai conhecer o Papai", disse Daphne calmamente.

"Não", disse Violet. "Não, ela não vai."

Ninguém disse nada, e, em seguida, Francesca -sua pequena Francesca disse: "Nós sempre podemos falar dele para ela."

Violet se engasgou com um soluço. Ela não chorou na frente de seus filhos desde aquele dia. Ela tinha guardado suas lágrimas para sua solidão, mas não conseguia pará-las agora. "Eu acho que, eu acho que é uma ideia maravilhosa, Frannie."

Francesca sorriu, e então ela se arrastou para a cama, se remexendo até que conseguiu encontrar um lugar perfeito ao lado direito de sua mãe. Eloise seguiu-a, e, em seguida, Daphne, e todas elas, todas as garotas Bridgertons - Olharam para baixo, para a mais nova integrante da família. "Ele era muito alto," Francesca começou.

"Não era tão alto", disse Eloise. "Benedict é mais alto."

Francesca ignorou. "Ele era alto. E ele sorria muuuito. "

"Ele nos pendurava em seus ombros", disse Daphne, sua voz começando a vacilar, "até que nós já estávamos muito crescidas."

"E ele ria", disse Eloise. "Ele gostava de rir. Ele tinha a melhor risada do mundo, o nosso papai. . . "

Londres

Trinta anos depois

Violet tinha feito o "trabalho de sua vida" ver todos os oito filhos felizmente resolvidos na vida, e, em geral, ela não se importava com a miríade de tarefas que isso implicava. Havia festas, convites, costureiras e modistas, e isso apenas para as meninas. Seus filhos precisavam o mesmo da orientação, se não mais. A única diferença era que a

sociedade dava aos meninos consideravelmente mais liberdade, o que 263

significava que Violet não tinha necessidade de examinar todos os detalhes de suas vidas.

É claro que ela tentou. Ela era uma mãe, afinal de contas.

Ela sentia, no entanto, que seu trabalho como mãe nunca seria tão exigente como foi neste exato

momento, na primavera de 1815.

Ela sabia muito bem que no grande esquema da vida, ela não tinha nada do que reclamar. Nos últimos seis meses, Napoleão tinha

escapado de Elba, um enorme vulcão tinha entrado em erupção nas Índias Orientais, e várias centenas de soldados britânicos perderam suas vidas na batalha de Nova Orleans- que equivocadamente lutaram após o tratado de paz com os norte-americanos ter sido assinado.

Violet, por outro lado, teve oito filhos saudáveis, os quais atualmente tiveram ambos os pés plantados em solo Inglês.

Porém.

Havia sempre um porém, não é mesmo?

Esta primavera marcava a primeira (e Violet orou, a última) temporada que ela teria duas meninas "no mercado."

Eloise tinha estreado em 1814, e ninguém teria chamado ela um

sucesso. Três propostas de casamento em três meses. Violet tinha flutuado de alegria. Não que ela permitiria que Eloise aceitasse dois deles -os homens eram muito velhos. Violet não se importava em como altamente classificados os cavalheiros eram; Nenhuma filha dela iria se acorrentar a alguém que morreria antes que ela chegasse aos trinta.

Não que isso não pudesse acontecer com um jovem marido. Doença, acidentes, *abelhas assustadoramente mortais*. . . Qualquer número de coisas poderiam levar um homem no auge de sua vida. Mas, ainda

assim, um homem velho tinha mais chances de morrer do que um

jovem.

E mesmo que não fosse o caso. . . Que moça em seu juízo perfeito queria se casar com um homem de sessenta anos?

Mas apenas dois dos pretendentes de Eloise foram desclassificados pela idade. O terceiro tinha apenas um pouco mais de trinta anos, com um título menor e uma fortuna perfeitamente respeitável. Não havia nada de errado com Lord Tarragon. Violet tinha certeza que ele seria um adorável marido para alguém.

Mas não para Eloise.

264

Então, agora, ali estavam elas. Eloise estava em sua segunda

temporada e Francesca estava em sua primeira, e Violet estava exausta.

Ela não podia nem pressionar Daphne a um serviço de acompanhante ocasional. Sua filha mais velha havia se casado com o Duque de

Hastings dois anos antes e, em seguida, tinha prontamente engravidado durante a temporada de 1814. E de 1815 prontamente.

Violet adorava ter um neto e estava exultante com a perspectiva de mais dois chegando em breve (a esposa de Anthony também estava grávida), mas realmente, às vezes uma mulher precisava de ajuda. Esta noite, por exemplo, tinha sido um completo desastre.

Oh, muito bem, talvez desastre foi um pouco de exagero, mas

sinceramente, quem tinha pensado que era uma boa ideia sediar um baile de máscaras? Porque Violet estava certa de que não tinha sido ela.

E ela definitivamente não tinha concordado em participar como Rainha Elizabeth. Ou se ela tinha, ela não tinha concordado com a coroa. Isso pesava pelo menos cinco quilos, e ela estava apavorada de que iria voar fora de sua cabeça toda vez que se movia para frente e para trás, tentando manter um olho em ambas Eloise e Francesca.

Não é de admirar a sua dor no pescoço.

Mas para uma mãe, todo cuidado é pouco, especialmente em um baile de máscaras, quando cavalheiros jovens (e as jovem ladies

ocasionalmente) via seus trajes como uma licença para portar-se mal.

Vamos ver, tinha Eloise, se desentendendo com seu traje de Athena enquanto conversava com Penélope Featherington. A qual estava

vestida como um duende, coitada.

Onde estava Francesca? Deus do céu, essa menina conseguia ficar invisível em um campo sem árvores. E por falar nisso, onde estava Benedict? Ele havia prometido dançar com Penelope, e tinha desaparecido completamente.

Onde tinha ele.. - "Ooof!"

"Oh, meu perdão", disse Violet, desembaraçando-se de um senhor que parecia estar vestido como. . .

Como ele mesmo, na verdade. Apenas com uma máscara.

Ela não o reconheceu, no entanto. Nem a voz nem o rosto sob a

máscara. Ele era de estatura média, com cabelo escuro e um porte elegante.

"Boa noite, Sua Alteza", disse ele.

265

Violet piscou, então lembrou-se da coroa. Apesar de como ela conseguiu esquecer a monstruosidade de cinco pontas em sua cabeça, ela nunca saberia.

"Boa noite", ela respondeu.

"Você está procurando alguém?"

Mais uma vez, ela tentou reconhecer a voz, e mais uma vez, nada. "

Mais de um *alguém*, na verdade", ela murmurou. "E sem sucesso."

"Meus pêsames", disse ele, tomando-lhe a mão e inclinando-se sobre ela com um beijo. "Eu sempre tento restringir minhas missões para um alguém de cada vez."

Você não tem oito filhos, Violet quase retrucou, mas, no último momento, ela segurou a língua. Se ela não sabia a identidade deste cavalheiro, havia uma chance de que ele não sabia a dela, também.

E, claro, ele poderia ter oito filhos. Ela não era a única pessoa em Londres tão bem-aventurada no seu casamento. Além disso, o cabelo nas têmporas era prateado, por isso ele tinha idade suficiente para ter gerado esse tanto.

"É aceitável um humilde cavalheiro solicitar uma dança com uma rainha?", Perguntou a ela.

Violet quase se recusou. Ela quase nunca dançava em público. Não era que ela se opusera a isso, ou que pensava que era indecoroso. Edmund tinha partido há mais de uma dúzia de anos. Ela ainda lamentava por ele, mas ela não estava mais de luto. Ele não nunca quereria isso. Ela usava cores brilhantes, e manteve uma agenda social intensa, mas ainda assim, ela raramente dançava. Apenas nunca tinha desejado.

Mas então ele sorriu, e algo sobre ele lembrou a forma como Edmund costumava sorrir -o jeito eternamente jovial, sempre sabendo a

inclinação perfeita dos lábios. Ele sempre tinha feito seu coração dar pulos, e enquanto que o sorriso deste cavalheiro não fazia isso, tinha pelo menos acordado algo dentro dela. Algo um pouco diabólico,

fazendo-a um pouco despreocupada.

Alguma coisa jovem.

"Eu ficaria muito contente", disse ela, colocando a mão na dele.

"Mamãe está dançando?" Eloise sussurrou para Francesca.

266

"Indo mais ao ponto" Francesca retrucou, "Com quem ela está dançando?"

Eloise esticou o pescoço, sem se preocupar em esconder seu interesse.

"Eu não faço ideia."

"Pergunte à Penelope," Francesca sugeriu. "Ela sempre parece saber quem é todo mundo." Eloise se esticou novamente, desta vez em busca do outro lado da sala. "Onde está a Penelope?"

"Onde é Benedict?", Perguntou Colin, indo à passos lentos até o lado de suas irmãs.

"Eu não sei", respondeu Eloise. "Onde está a Penelope?"

Ele deu de ombros. "Da última vez que a vi, ela estava se escondendo atrás de um vaso de plantas. Você pensaria que com esse traje de duende ela se camuflaria melhor. "

"Colin!" Eloise bateu em seu braço. "Vá convidá-la para dançar."

"Eu já fiz!" Ele piscou. "É a mamãe dançando?"

"É por isso que estávamos procurando Penelope", disse Francesca.

Colin apenas olhou para ela, meio confuso.

"Fazia sentido quando disse isso", disse Francesca com um aceno. "Você conhece o cavalheiro com quem ela está dançando?"

Colin negou com a cabeça. "Eu odeio bailes de máscaras. De quem foi essa idéia, afinal? "

"Hyacinth ", disse Eloise severamente.

"Hyacinth?" Colin ecoou.

Os olhos de Francesca se estreitaram. "Ela é como um mestre das marionetes", resmungou.

"Deus salve a todos nós, quando ela crescer", disse Colin.

Ninguém precisou dizer isso, mas seus rostos mostraram o *Amém* coletivo. "Quem é esse que dança com a mãe?", Perguntou Colin.

"Não sei", respondeu Eloise. "É por isso que estávamos procurando Penelope. Ela sempre parece saber essas coisas."

"Sério?"

Eloise fez uma careta para ele. "Você repara em alguma coisa?"

267

"Em muita coisa, na verdade", disse ele afavelmente. "Só que geralmente não no que você quer que eu repare."

"Nós vamos ficar aqui", Eloise anunciou, "até que a dança termine. E então vamos interrogá-la. "

"Interrogar quem?"

Todos olharam para cima. Anthony, o irmão mais velho, tinha chegado.

"Nossa mãe está dançando", disse Francesca, não que isso tecnicamente respondeu a sua pergunta.

"Com quem?", Perguntou Anthony.

"Nós não sabemos", Colin disse a ele.

"E você pretende interrogá-la sobre isso?"

"Esse era o plano de Eloise," Colin respondeu.

"Eu não ouvi você discutir comigo", Eloise revidou.

As sobrancelhas de Anthony se ergueram. "Eu diria que é o cavalheiro quem merece um interrogatório."

"Nunca ocorreu à vocês," Colin perguntou à nenhum deles em particular "que como uma mulher de cinquenta e dois anos, ela é perfeitamente capaz de escolher seus próprios parceiros de dança? "

"Não", respondeu Anthony, sendo atravessado pela sua irmã Francesca:

"Ela é nossa mãe."

"Na verdade, ela tem apenas cinquenta e um", disse Eloise. No brilho ácido que lançou Francesca, ela acrescentou: "Bem, ela tem."

Colin deu um olhar perplexo para suas irmãs antes de virar para Anthony. "Você já viu o Benedict?"

Anthony deu de ombros. "Ele estava dançando mais cedo."

"Com alguém que eu não conheço", disse Eloise com o aumento da intensidade. E volume. Todos os seus três irmãos se viraram para ela.

"Nenhum de vocês acha isso curioso", ela perguntou, "que mamãe e Benedict estão dançando com

misteriosos estranhos?"

"Na verdade, não", Colin murmurou. Houve uma pausa, todos eles continuaram a assistir a sua mãe a fazer seus passos elegantes na pista 268

de dança, e, em seguida, ele acrescentou: "Ocorre-me de me perguntar o por que é que ela nunca dança."

Anthony arqueou uma sobrancelha imperiosa.

"Temos estado aqui os últimos minutos a nada mais que especular sobre o comportamento dela", Colin apontou.

Silêncio, e, em seguida, veio de Eloise, "E daí?"

"Ela é nossa mãe", disse Francesca.

"Você não acha que ela merece ter sua privacidade? Não, não responda a isso ", Colin decidiu. "Eu vou procurar por Benedict."

"Você não acha que ele merece ter privacidade?" Eloise rebateu.

"Não", respondeu Colin. "Mas de qualquer forma, ele estará suficientemente seguro. Se Benedict não quer ser encontrado, não vou encontrá-lo." Com uma saudação irônica ele se afastou em direção às bebidas, embora era realmente óbvio que Benedict não estava nem um pouco perto dos biscoitos.

"Lá vem ela," Francesca assobiou, era verdade, a dança tinha terminado, e Violet estava andando de volta para o perímetro da sala.

"Mãe" Anthony disse com firmeza, no momento em que ela chegava até seus filhos.

"Anthony", ela disse com um sorriso: "Eu não vi você toda a noite. Como está Kate? Eu sinto muito por ela não estar sentindo-se bem para participar. "

"Com quem você estava dançando?" Anthony exigiu.

Violet piscou. "*Perdão?*"

"Com quem você estava dançando?" Eloise repetiu.

"Honestamente?", Disse Violet, com um leve sorriso. "Eu não sei."

Anthony cruzou os braços. "Como isso é possível?"

É um baile de máscaras ", disse Violet com algum divertimento.

"Identidades secretas e tudo isso."

"Você vai dançar com ele de novo?", Perguntou Eloise.

"Provavelmente não", disse Violet, olhando para a multidão. "Você já viu Benedict? Ele deveria dançar com Penélope Featherington".

269

"Não tente mudar de assunto", disse Eloise.

Violet se virou para ela, e desta vez os olhos tinham um brilho de luz de reprovação. "Há algum problema?"

"Nós estamos apenas nos cuidando de seus interesses", disse Anthony, depois de limpar a garganta várias vezes.

"Tenho certeza que sim", Violet murmurou, e ninguém se atreveu a comentar o tom delicado de condescendência em sua voz.

"É apenas que você tão raramente dança", explicou Francesca.

"Raramente", disse Violet devagar "Praticamente nunca."

E, em seguida, Francesca expressou o que todos queriam perguntar:

"Você gosta dele?"

"O homem com quem eu apenas dancei? Eu nem sequer sei o nome dele. "

"Mas-"

"Ele tinha um sorriso muito bonito," Violet a cortou "e ele me convidou para dançar."

"E...?"

Violet deu de ombros. "E isso é tudo. Ele falou muito sobre sua coleção de patos de madeira. Eu duvido que nossos caminhos se cruzem

novamente." Ela acenou para seus filhos. "Se vocês me desculparem... "

Anthony, Eloise, Francesca observaram-na ir embora. Depois de um longo momento de silêncio, Anthony disse: "Bem."

"Bem," Francesca concordou.

Eles olharam com expectativa para Eloise, que fez uma careta de volta para eles e, finalmente, exclamou: "Não, não vou dizer *bem*."

Houve outro longo silêncio, e, em seguida, Eloise perguntou: "Acham que ela nunca se casará

novamente?"

"Eu não sei", disse Anthony.

Eloise limpou a garganta. "E como nós nos sentimos sobre isso?"

Francesca olhou para ela com desdém óbvio. "Você está falando sobre si mesma no plural agora?"

270

"Não. Sinceramente, quero saber como nos sentimos a respeito.

Porque eu não sei como me sentir. "

"Eu penso. . . " Anthony começou. Mas vários segundos se passaram até que ele lentamente disse: "Eu acho que nós sentimos que ela pode tomar suas próprias decisões."

Nenhum deles percebeu Violet em pé, atrás deles, escondida por uma grande samambaia decorativa, e sorrindo.

Aubrey Hall, Kent

Anos mais tarde

Não havia muito muitas vantagens em envelhecer, mas isso, pensou Violet com um suspiro feliz, assistindo vários de seus netos mais jovens brincando no gramado, tinha que ser uma dessas vantagens.

Setenta e cinco. Quem teria pensado que ela chegaria a essa idade?

Seus filhos tinham perguntado o que ela queria; era um grande marco, segundo eles, ela deveria ter grande festa para comemorar.

"Apenas a família", tinha sido a resposta de Violet. Ainda seria muito grande. Ela teve oito filhos, trinta e três netos e cinco bisnetos.

Qualquer reunião de família seria grande!

"O que você está pensando, Mamãe?", Perguntou Daphne, chegando para sentar-se ao lado dela em uma das chaises confortáveis que Kate e Anthony tinham comprado recentemente para Aubrey Hall.

"Principalmente sobre o quanto estou feliz."

Daphne sorriu ironicamente. "Você sempre diz isso."

Violet deu com um ombro só. "Eu sempre sou."

"Sério?" Daphne não soava como se ela não acreditasse muito nela.

"Quando estou com todos vocês."

Daphne seguiu seu olhar e, juntas, elas observavam as crianças. Violet não tinha certeza de quantas delas estavam lá fora. Ela tinha perdido a conta quando começaram a jogar um jogo que envolvia uma bola de 271

tênis, quatro volantes, e um tronco. Deveria ser algo muito divertido, porque ela teria jurado que viu três meninos caírem das árvores só para participar.

"Eu acho que isso é tudo", disse ela.

Daphne piscou, então perguntou: "No gramado? Eu não acho. Mary está lá dentro, tenho certeza disso. Eu a vi com Jane e- "

"Não, eu quero dizer que eu acho que já tenho a soma final de todos os netos." Ela se virou para Daphne e sorriu. "Não acho que meus filhos vão me dar mais nenhum."

"Bem, eu certamente não vou", disse Daphne, com uma expressão que claramente disse, *pereça o pensamento!*

"E Lucy não pode. O médico fez ela prometer. E. . ." -Ela fez uma pausa, e Violet gostava simplesmente de observar o rosto dela. Era tão divertido assistir seus filhos pensarem. Ninguém nunca te diz, quando você se torna mãe, como é divertido ver seus filhos fazer as coisas mais corriqueiras.

Dormir e pensar. Ela podia ver sua progenitura fazer essas coisas para sempre. Mesmo agora, quando sete dos oito já tinham passado da idade de quarenta.

"Você está certa", Daphne finalmente concluiu. "Eu acho que nós já demos o que tínhamos que dar."

"Salvo surpresas", acrescentou Violet, porque, na verdade, ela não se importaria se um de seus filhos conseguisse produzir um último neto.

"Bem, sim", disse Daphne, com um suspiro triste, "Eu sei tudo sobre isso."

Violet riu. "E você não mudaria nada se pudesse, não é?"

Daphne sorriu. "Não."

"Ele simplesmente caiu de uma árvore", disse Violet, apontando para o gramado.

"Uma árvore?"

"De propósito" Violet assegurou.

"Disso eu não tenho nenhuma dúvida. Eu juro que aquele garoto seja meio macaco." Daphne olhou

para o gramado, seus olhos se movendo rapidamente de um lado para outro, em busca de Edward, seu filho 272

mais novo. "Estou tão feliz que estamos aqui. Ele precisa de irmãos, pobrezinho. Os outros quatro quase não contam; eles são muito mais velhos."

Violet esticou o pescoço. "Ele parece ter entrado em uma briga com Anthony e Ben."

"Ele está ganhando?"

Violet estreitou os olhos um pouco. "Acho que ele e Anthony estão trabalhando juntos. . . Oh, espere, venha aqui Daphne! Pequena

Daphne ", acrescentou ela, como se fosse necessário.

"Isso deve resolver as coisas", disse Daphne, sorrindo, enquanto observava sua homônima dar um soco em seu filho.

Violet sorriu e soltou um bocejo.

"Cansada, mamãe?"

" Um pouco" Violet odiava admitir essas coisas; seus filhos sempre foram tão rápidos em se preocupar com ela. Eles nunca pareciam

entender que uma mulher de setenta e cinco anos de idade, pode gostar de cochilos por nenhuma outra razão além do que por toda a sua vida ela tinha gostado.

Daphne não pressionou no assunto, elas descansavam em suas chaises em silêncio sociável, até que, de forma completamente inesperada, Daphne perguntou: "Você está realmente feliz, mamãe?"

"Claro." Violet olhou para ela com surpresa. "Por que você pergunta uma coisa dessas?"

"É apenas. . . bem. . . você está sozinha. "

Violet riu. "Difícilmente estou sozinha, Daphne."

"Você sabe o que eu quero dizer. Papa se foi há quase 40 anos, e você nunca. . . "

Com diversão considerável, Violet esperou que ela terminasse a frase.

Quando ficou claro que Daphne não teve coragem de fazê-lo, Violet teve pena dela e perguntou: "Você está tentando perguntar se eu já tive um amante?"

"Não!" Daphne respondeu apressadamente, mesmo que Violet tivesse certeza de que ela se perguntava isso. "Bem, eu não tenho", disse Violet respondendo a questão com naturalidade. "Se você quer saber."

"Aparentemente eu preciso saber," Daphne resmungou.

"Eu nunca quis um", disse Violet.

"Nunca?"

Violet deu de ombros. "Eu não quis fazer um voto, ou qualquer coisa assim formal. Suponho que, se a oportunidade surgisse, e o homem certo tivesse aparecido, eu poderia ter- "

"Se casado com ele," Daphne terminou para ela.

Violet lhe deu um olhar de soslaio. "Você realmente é uma puritana, Daphne."

Daphne estava boquiaberta. Oh, isso foi divertido.

"Oh, muito bem", disse Violet, tendo piedade dela. "Se eu tivesse encontrado o homem certo, eu provavelmente teria me casado com ele, mesmo que apenas para poupar você de ter um choque por causa de um caso ilícito."

"Posso lembrar que foi você quem não conseguiu falar comigo sobre o que acontece no leito nupcial na noite antes do meu casamento?"

Violet agitou as mãos. "Já se passou muito tempo desde que tive esse constrangimento, eu lhe garanto. Por que, com Hyacinth- "

Eu não quero saber ", disse Daphne, com firmeza.

"Bem, sim, provavelmente não", admitiu Violet. "Nada é comum com Hyacinth."

Daphne não disse nada, então Violet estendeu a mão e pegou a mão dela. "Sim, Daphne", disse ela com muita sinceridade: "Eu sou feliz."

"Eu não posso nem imaginar se Simon-"

"Eu não poderia imaginar isso, tampouco," Violet a interrompeu ". No entanto, isso aconteceu. Eu pensei que morreria de dor. "

Daphne engoliu à seco.

"Mas eu não morri. E você também não morreria. E a verdade é que, com o passar do tempo, se torna mais fácil. E você até acha que talvez possa encontrar a felicidade com outra pessoa. "

"Francesca encontrou", Daphne murmurou.

"Sim, ela encontrou." Violet fechou os olhos por um momento, lembrando quão terrivelmente preocupada ela tinha ficado pela sua terceira filha durante esses anos de sua viuvez. Ela estava tão terrivelmente só, não desprezando a sua família precisamente, mas não tentou se aproximar deles, também. E ao contrário de Violet, ela não tinha filhos para ajudá-la a encontrar sua força novamente.

"Ela é a prova de que se pode ser feliz duas vezes", disse Violet, "com dois amores diferentes. Mas, você sabe, não é a mesma coisa o que ela teve com John e o que teve com Michael. Eu não coloco como se um é maior que o outro; Isso não é o tipo de coisa que se possa medir. Mas é diferente. "

Ela olhou para a frente. Ela sempre era mais filosófica quando seus olhos estavam no horizonte. "Eu não estava esperando o mesmo tipo de felicidade que eu tive com o seu pai, mas eu não iria me contentar com menos. E eu nunca encontrei. "

Ela se virou para olhar para Daphne, em seguida, estendeu a mão e pegou a mão dela. "E, de fato, eu não precisei."

"Oh, mamãe", Daphne disse, com os olhos cheios de lágrimas.

"A vida nem sempre foi fácil pra mim, sem o seu pai", disse Violet, "mas ela sempre valeu a pena."

Sempre.

Fim